



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

**GRAMATICALIZAÇÃO E AUXILIARIDADE: UM
ESTUDO PANCRÔNICO DO VERBO *CHEGAR***

Ediene Pena Ferreira

Fortaleza-CE
2007

EDIENE PENA FERREIRA

**GRAMATICALIZAÇÃO E AUXILIARIDADE: UM ESTUDO
PANCRÔNICO DO VERBO *CHEGAR***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora:

Prof^a Dr^a Márcia Teixeira Nogueira

**Fortaleza-CE
2007**

"Lecturis salutem"

**Ficha Catalográfica elaborada por
Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593
tregina@ufc.br
Biblioteca de Ciências Humanas – UFC**

F44g Ferreira, Ediene Pena.
 Gramaticalização e auxiliaridade [manuscrito] : um estudo pancrônico do verbo chegar / por
Ediene Pena Ferreira . – 2007.
 272 f. : il. ; 31 cm.
 Cópia de computador (printout(s)).
 Tese(Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de
Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza(CE),
04/12/2007.
 Orientação: Prof^a. Dr^a. Márcia Teixeira Nogueira.
 Inclui bibliografia.

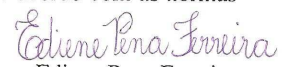
1-VERBO CHEGAR. 2-GRAMÁTICA COMPARADA E GERAL – GRAMATICALIZAÇÃO.
3-LÍNGUA PORTUGUESA – VERBOS – SÉC. XIII-XX. I- Nogueira, Márcia Teixeira, orientador. II-
Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Linguística.
III- Título.

CDD(22ª ed.) 469.56

15/08

Esta tese foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Lingüística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e se encontra à disposição dos interessados na Biblioteca de Ciências Humanas da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho da tese é permitida, desde que seja feita de acordo com as normas científicas.

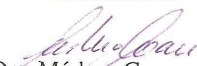

Ediene Pena Ferreira

BANCA EXAMINADORA

Dra. Márcia Teixeira Nogueira
Universidade Federal do Ceará (UFC)
Orientadora


Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão
Universidade Federal de Goiás (UFG)
1ª Examinadora


Dra. Maria Alice Tavares
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
2ª Examinadora


Dra. Márluce Coan
Universidade Federal do Ceará (UFC)
3ª Examinadora


Dra. Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo
Universidade Federal do Ceará (UFC)
4ª Examinadora

Dra. Emília Maria Peixoto Farias
Universidade Federal do Ceará (UFC)
Suplente

Tese de Doutorado aprovada em 4 de dezembro de 2007.

Dedico esta tese a três pessoas muito importantes para mim:

Ana Pena Ferreira, minha mãe! Minha primeira professora!
Meu exemplo de amor e de ternura.

Azamor Teixeira Ferreira (*in memoriam*), meu pai! De todas as lembranças que tenho, uma das mais fortes é a de quando ele chegava do trabalho e me entregava um embrulho rústico: lápis de giz! Um gesto que aos outros parecia simples, a mim, simbólico!

Joana de Siqueira Penna – a dona Janoca (*in memoriam*), minha avó materna! Na sua simplicidade de mulher da roça, viúva e analfabeta, teve a sabedoria de deixar, por meio de suor e de lágrimas, a educação como herança aos seus filhos, traçando uma nova história de vida a seus netos.

AGRADECIMENTOS

À professora Doutora Márcia Teixeira Nogueira: à orientadora, pela sábia e segura orientação; à professora, pelas preciosas contribuições e pelo entusiasmo contagiante com que trata as questões relativas à linguagem; à amiga, pelos momentos descontraídos e pelo apoio durante minha estada em Fortaleza.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, pela bolsa de estudo recebida durante o curso.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior, CAPES, pela bolsa de estudo para a realização do Estágio de Doutorado no Exterior.

À professora Doutora Anabela Gonçalves, pela orientação competente e pelo sorriso amigo durante meu Estágio de Doutorado na Universidade de Lisboa.

Ao professor Doutor Luiz Carlos Travaglia, pela atenção imediata, pelas sugestões e pelo envio de seus trabalhos sobre gramaticalização.

À professora Doutora Maria Alice Tavares, pela disponibilidade e preocupação sempre manifestadas e pelas indicações bibliográficas.

Ao professor Mestre Roberto Bertucci, pela generosidade nas indicações bibliográficas.

Ao professor Doutor Lucas Campos, pelas primeiras discussões sobre gramaticalização, quando esta tese ainda era um projeto embrionário.

À professora Mestre Nadja Paulino, pela ajuda no uso do pacote computacional *varbrul*.

A José Roberto Alves Barbosa, pela amizade sincera e pelo auxílio, sempre oportuno e generoso, nas traduções.

Ao Grupo de Estudos em Funcionalismo – GEF, pela oportunidade de crescimento acadêmico.

À Universidade Federal do Pará, especialmente aos colegas do *Campus* de Santarém, pela liberação de minhas atividades de ensino, para que eu realizasse o curso de Doutorado.

Ao professor Especialista Leonel Mota, por despertar em mim o fascínio pelo estudo da linguagem. Foi esse fascínio que motivou meu percurso acadêmico que culmina, por ora, neste presente trabalho.

Aos amigos d'além-mar, Eugênio, Glauco, Wagner, Domingas, Armanda e Marcos, por tornarem a minha estada em Portugal bem mais divertida.

Aos amigos, Eliane Machado e Júlio César Dinoá, por compartilharem comigo, desde a época do Mestrado, o amor pela lingüística, os risos e as lágrimas, as montanhas e os vales.

A todos os amigos, de perto e de longe, pelos sorrisos e palavras de incentivo.

À família Pena Ferreira, em especial à minha mãe, Ana, e aos meus irmãos, Fátima, Raimundo, Cristovam, Francisca, Ana, Salete e Margarida, pelo amor, carinho, incentivo e pelo saudável ambiente familiar, que moldaram o meu caráter e o meu perfil acadêmico.

A **DEUS**, Senhor de todo conhecimento, por sua graça, bondade e misericórdia de ter-me escolhido por sua filha.

Muito Obrigada!!!

PENA-FERREIRA, Ediene. *Gramaticalização e auxiliaridade: um estudo pancrônico do verbo chegar*. Fortaleza, 2007. 272 p. Tese (Doutorado em Lingüística) – Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Federal do Ceará.

RESUMO

Esta pesquisa, apoiada nos pressupostos teóricos do funcionalismo lingüístico de vertente norte-americana (Hopper, 1991; Hopper e Traugott, 1991; Bybee, 1994, 2003; Givón, 1995), investiga construções com o verbo *chegar*, sob a perspectiva do processo de mudança lingüística conhecido por *gramaticalização*. Por meio de um estudo de natureza pancrônica, o objetivo desta investigação é flagrar os diferentes usos de *chegar* e sua ampliação funcional, observando, entre outras coisas, como se manifesta o processo de auxiliarização na mudança de seu estatuto categorial, de modo a identificar em que medida esse item pode ser considerado auxiliar. Com esse propósito, este trabalho utilizou o *Corpus* Mínimo de Textos Escritos da Língua Portuguesa – COMTELPO (Figueiredo-Gomes e Pena-Ferreira, 2006), constituído por diferentes gêneros mais freqüentemente usados na sociedade em diferentes épocas – em Portugal, desde o século XIII, e no Brasil, do século XIX ao XX. Os gêneros que compõem este *corpus* foram agrupados da seguinte forma: Gêneros da ordem do narrar (GON), gêneros da ordem do relatar (GOR), gêneros da ordem do argumentar (GOA), gêneros da ordem do expor (GOE) e gêneros da ordem do instruir ou prescrever (GOP). Como *corpus* de apoio foram utilizadas amostras de fala do projeto NURC. Embora o objeto desse estudo não se caracterize como um fenômeno variável, na acepção clássica da teoria da variação lingüística, foram utilizados como instrumental estatístico dois programas do pacote *varbrul*. Assume-se que necessidades comunicativas e cognitivas intervêm nos diferentes usos de *chegar*, que se caracterizam por um percurso de abstratização crescente. A hipótese de que *chegar* está em processo de gramaticalização foi confirmada pelos resultados obtidos, e, depois de aplicados critérios de identificação de auxiliares, revelou-se o comportamento híbrido de *chegar*, o que o faz ser considerado, nesta pesquisa, um verbo semi-auxiliar. Não sendo auxiliar prototípico, *chegar* não expressa funções gramaticais prototípicas, como Tempo, Aspecto e Modo, mas, sim, funções gramaticais ligadas à construção textual-discursiva, como a de marcar mudança temporal na narração de eventos, limite, contra-expectativa e consequência.

Palavras-chave: gramaticalização, auxiliaridade, pancronia, verbo *chegar*.

PENA-FERREIRA, Ediene. Grammaticalization and auxiliarity: a panchronical study of the verb **chegar**. Fortaleza, 2007. 272 p. Thesis (Doctorate in Linguistics) - Post-Graduation Program in Linguistics, Federal University of Ceará.

ABSTRACT

This research, based on theoretical presuppositions of linguistic functionalism (Hopper, 1991; Hopper e Traugott, 1991; Bybee, 1994, 2003; Givón, 1995) investigates constructions with the verb *chegar*, in a processual perspective of linguistic change in grammaticalization. Through a study of panchronical character, the aim of this investigation is to identify different uses of the verb *chegar* and its functional amplitude, observing, in particular, how the auxiliarity process is manifested in categorial status change and in which manner this item can be considered an auxiliary verb. With that purpose in view, this work has used the Minimal Corpus of Portuguese Written Texts (By Figueiredo-Gomes and Pena-Ferreira, 2006), collected from the most frequent and different genres used in society in different centuries – in Portugal, since the 18th Century, and in Brazil, since 19th and 20th Centuries. The genres that compose this *corpus* were grouped in the following manner: narrating genres, reporting genres, arguing genres, exposing genres and instruction and prescribing genres. As supporting *corpus*, some speech samples from project NURC were also used. Although the object of this study is not characterized as a variable phenomenon, in the classic linguistic variation theoretical perspective, two Varbrul programs were used as statistical instruments. It is assumed that communicative and cognitive necessities intervene in the different uses of the verb *chegar*, which are characterized by an ongoing abstract continuum. The hypothesis that the verb *chegar* is in grammaticalization process was confirmed by the results obtained. The criteria applied to auxiliary verb identification, revealed a hybrid behavior of the verb *chegar*, this finding signals to the possibility of considering it a semi-auxiliary verb. As a non-prototypical auxiliary, the verb *chegar* does not express grammatical function such as Tense, Aspect and Mode, but a textual and discursive one in order to mark temporal changing in narration of events, limits, contra-expectations and consequences.

Keywords: grammaticalization, auxiliarity, panchrony, verb *to arrive*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 01: Fase de gramaticalização	52
Quadro 02: Parâmetros de gramaticalização	54
Quadro 03: Quadro síntese.....	55
Quadro 04: Relação dinâmica entre monossemia, polissemia e gramaticalização	72
Tabela 01: Esquemas de eventos principais como fontes para categorias gramaticais de tempo e aspecto	88
Quadro 05: Possíveis correlações entre os diferentes tipos de mudança ao longo da cadeia <i>VERB-TO-TAM</i>	92
Figura 01: Algumas propriedades da cadeia <i>VERB-TO-TAM</i>	98
Quadro 06: Auxiliares aspectuais e valores expressos	123
Quadro 07: Auxiliares temporais.....	123
Quadro 08: Grau de gramaticalização dos auxiliares aspectuais.....	124
Quadro 09: Grau de gramaticalização dos auxiliares temporais	124
Tabela 02: Usos de <i>chegar</i> simples ao longo dos séculos	158
Gráfico 01: Frequência de usos de <i>chegar</i> ao longo dos séculos.....	159
Tabela 03: Usos de <i>chegar a + INF</i> ao longo dos séculos.....	160
Gráfico 02: Frequência de usos de <i>chegar a + INF</i> ao longo dos séculos	161
Tabela 04: Usos de <i>chegar</i> simples por século – Acepções de <i>chegar</i>	162
Tabela 05: Usos de <i>chegar a + INF</i> por século – Tipos de <i>chegar</i>	187
Figura 02: Natureza escalar da categoria verbo	191
Tabela 06: Usos de <i>chegar</i> simples por século – Classe sintático-semântica.....	193
Tabela 07: Usos de <i>chegar</i> simples por século – Traço sêmico: Deslocamento.....	196
Tabela 08: Usos de <i>chegar</i> simples por século – Traço sêmico: Direção	196
Tabela 09: Usos de <i>chegar</i> simples por século – Realização de A1.....	197
Tabela 10: Usos de <i>chegar</i> simples por século – Propriedades léxico-semânticas de A1	198
Tabela 11: Usos de <i>chegar</i> simples por século – Realização de A2	199
Tabela 12: Usos de <i>chegar</i> simples por século – Propriedades léxico-semântica de A2	201
Tabela 13: Usos de <i>chegar</i> simples por século – Tempo Verbal	204
Tabela 14: Usos de <i>chegar</i> simples por século – Modo Verbal	207
Tabela 15: Usos de <i>chegar</i> simples por século – Pessoa Verbal	209
Tabela 16: Usos de <i>chegar</i> simples por século – Tipos de Gêneros	210
Tabela 17: Usos de <i>chegar</i> simples por século – Propriedades sintáticas de A1	211
Tabela 18: Usos de <i>chegar</i> simples por século – Propriedades sintáticas de A2	213
Tabela 19: Usos de <i>chegar a + INF</i> por século – Realização do A1	215
Tabela 20: Usos de <i>chegar a + INF</i> por século – Propriedades léxico-semânticas de A1	217
Tabela 21: Usos de <i>chegar a + INF</i> por século – Realização do A2	218
Tabela 22: Usos de <i>chegar a + INF</i> por século – Propriedades léxico-semânticas de A2	219
Tabela 23: Usos de <i>chegar a + INF</i> por século – Classe sintático-semântica	220
Tabela 24: Usos de <i>chegar a + INF</i> por século – Tempo Verbal	221
Tabela 25: Usos de <i>chegar a + INF</i> por século – Modo Verbal	222
Tabela 26: Usos de <i>chegar a + INF</i> por século – Pessoa Verbal	223
Tabela 27: Usos de <i>chegar a + INF</i> por século – Tipos de Gêneros	224
Tabela 28: Usos de <i>chegar a + INF</i> por século – Propriedades sintáticas de A1	225

Tabela 29: Usos de <i>chegar a + INF</i> por século – Propriedades sintáticas de A2	226
Tabela 30: Teste de auxiliaridade de <i>chegar</i> – Existência de material entre <i>chegar</i> e verbo no infinitivo	229
Tabela 31: Teste de auxiliaridade de <i>chegar</i> – Tipo de material existente entre <i>chegar</i> e verbo no infinitivo	230
Tabela 32: Teste de auxiliaridade de <i>chegar</i> – Ocorrência de negação só no infinitivo.....	231
Tabela 33: Teste de auxiliaridade de <i>chegar</i> – <i>corpus</i> oral: Ocorrência de negação só no infinitivo	232
Quadro 10: Grau de auxiliaridade de <i>chegar</i>	241
Figura 03: Cadeia de auxiliaridade	245
Figura 04: Cadeia de auxiliaridade de <i>chegar</i>	245
Quadro 11: Estágios de gramaticalização de <i>chegar</i>	248

LISTA DE ABREVIATURAS

- AE:** BRAGA, V. *Teatro completo com peças inéditas*. Introdução de Duarte Ivo Cruz. Lisboa: IN-CM, 1999.
- AG:** DIÁRIO DE LISBOA, Abril: Lisboa, 1922.
- AH:** DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Ano 110 nº 38.837, Lisboa, 1974.
- AI:** DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Ano 135 nº 47769. Lisboa, 1974.
- AJ:** DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Ano 56 nº 19.443. Lisboa, 1920.
- AK:** FONSECA, B. *O barão e outros contos*. 3ª ed. Livros de bolso – Publicações Europa-América, 1972.
- AM:** LUIS, A. B. *Santo António*. Lisboa: Guimarães Editores, 1973.
- AO:** MONTEIRO, L.C. *Felizmente há luar* – peça em 2 actos. Lisboa: Ática, 1971.
- AT:** QUADROS, A (org.) *Escritos íntimos, cartas e páginas autobiográficas – obra em prosa de Fernando Pessoa*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1987.
- AZ:** RODRIGUES, U. T. *As aves da madrugada – novelas*. Lisboa: Bertrand, 1970.
- BA:** SARAIVA, A. J. *Crônicas – entrevistas, críticas e outros escritos de António José Saraiva*. Lisboa: Quidnovi, 2004.
- BB:** SARAMAGO, J. *O memorial do convento*. Lisboa: Caminho, 1982.
- BE:** ANRADE, C. D. *A lição do amigo – cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.
- BF:** ANDRADE, M. *O besouro e a Rosa*. In: *Os contos de Belazarte*. 4ª ed. São Paulo: Livraria Martins, 1956.
- BI:** BOCCANERA JR., S. *Um artista brasileiro (in memoriam)*. Bahia: Cincinato Melchhiades, 1913.
- BJ:** BRAGA, R. *Os trovões de antigamente*. Rio de Janeiro: Livros do Brasil, 197-.
- BL:** CAMARA JR., J. M. *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.
- CA:** LIMA, J. *Anchieta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.
- CB:** LIMA, J. *Poesia completa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, vol II, 1980.
- CE:** MARTINS, C. *O príncipe da vila*. Porto Alegre: Movimento, 1987.
- CF:** MINAS GERAIS. Suplemento Literário, 1 OUT, 1996.
- CH:** PEREIRA, F. *Grammatica pratica*. Curitiba: Plácido & Silva Ltda, 1924.
- CK:** REGO, J. L. *Fogo morto*. In: *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar S. A., vol. II, 1976.
- CL:** REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro. Vol, 152: Suplemento, 1991.
- CM:** REVISTA ÉPOCA. São Paulo: Editora Globo S. A., 24 de Maio, 1991/1999.
- CNS:** *Corpus* não sistematizado.
- CO:** ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- CP:** VILLAÇA, A.C. *Manuel Bandeira – prosa*. São Paulo: Livraria Agir Editora, 1983.
- CQ:** VITOR, N. *Obra crítica de Nestor Vitor*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, vol I, 1969.
- DA:** ALVES MENDES. *Herculano – discursos no templo de Belém (transladação das cinzas do grande historiador)*. Porto: Livraria Gutemberg, 1888.
- DI:** DIAS, A. C. *Discursos sobre a liberdade de imprensa no primeiro parlamento português (1821)*. Lisboa Portugália Editora, 1966.

DS: ABREU E LIMA, J. I. *Compêndio da história do Brasil*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1843.

DU: ALENCAR, J. de. *Alfarrábios*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 19--.

EC: CAMINHA, A. *O bom crioulo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1956.

EG: FERREIRA, J. *Noções de vida doméstica*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Livraria de Francisco Alves, 1900.

EJ: JARDIM, A. S. *A propaganda republicana (1888-1898)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1978.;

ER: MORAES FILHO, M. *Prosadores brasileiros contemporâneos*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 19--.

EU: O PÃO DA PADARIA ESPIRITUAL. Anno I, nº 1. Fortaleza, 10 JUN, 1892.

FB: SOUSA, I. de. *O cacaulista*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973.

FE: AIRES, M. *Reflexões sobre a vaidade dos homens e carta sobre a fortuna*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

FJ: SILVA, A. J. *Vida do grande D. Quixote de la Mancha, e do gordo Sancho Pança*. Edição fac-símile de 1733, com prefácio de J. Mendes dos Remédios. Lisboa: Alcala, 2005.

FN: SERRÃO, J. (ed.) *Epanaphoras de Varia Historia Portugueza – anno 1420 – epanaphora amorosa terceira* de D. Francisco Manuel de Melo escrita a hum amigo, de 1660 – Edição fac-similada. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997.

GD: MAGNE, A.(ed). *O livro de Vita Christi em linguoagem português – Ludolfo Cartusiano*. Edição fac-símile e crítica do incunábulo de 1495. Rio de Janeiro, Brasil: Casa de Rui Barbosa, 1957.

GN: NUNES, I. F. (ed.). *A demanda do Santo Graal*. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

GQ: GALVÃO, E. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Ita; Amazonas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954.

OAA: NURC/RJ – DID: Tema – A família, ciclo de vida

OSB: NURC/Recife – DID: Tema – A casa, o terreno, vegetais, agricultura, gado.

PSA: NURC/SP – D2: Tema – Tempo cronológico, instituição, ensino, profissões.

PSB: NURC/SP – D2: Tema – Transportes e viagens, cinema, televisão, rádio e teatro.

RIS – CNS: Revista Istoé Gente, março/2007 – *Corpus* não-sistematizado.

RV – CNS: Revista Veja, janeiro/1996 – *Corpus* não-sistematizado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. O PARADIGMA FUNCIONALISTA.....	21
1.1. O Paradigma Funcionalista: principais pressupostos	21
1.2. Gramática e cognição	35
Síntese Conclusiva	41
2. GRAMATICALIZAÇÃO	42
2.1. O Termo <i>Gramaticalização</i>	42
2.2. Breve histórico dos estudos sobre gramaticalização	44
2.3. Etapas de Gramaticalização.....	51
2.4. Princípios de Gramaticalização.....	53
2.4.1. O Princípio da Unidirecionalidade	63
2.5. Processos Cognitivos de Gramaticalização: Metáfora e Metonímia.....	65
2.6. Polissemia e Gramaticalização	70
Síntese Conclusiva	73
3. AUXILIARIDADE: ASPECTOS CONCEITUAIS.....	75
3.1. A auxiliaridade: alguns conceitos.....	75
3.1.1. Perífrase verbal.....	79
3.1.2. O estatuto de auxiliaridade segundo Heine (1993).....	84
3.2. Estudos sobre auxiliaridade em língua portuguesa.....	99
3.2.1. Pontes(1973).....	100
3.2.2. Lobato (1975).....	102
3.2.3. Gonçalves (1995) e Gonçalves e Costa (2002): auxiliaridade no português europeu.....	111
3.2.4. Longo e Campos (2002): auxiliaridade no português brasileiro	122
3.2.5. Outros estudos	125
Síntese Conclusiva	128
4. DELIMITAÇÃO DO OBJETO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	132
4.1. O item <i>chegar</i> : uma primeira aproximação.....	132
4.2. Alguns usos de <i>chegar</i>	133
4.3. Procedimentos metodológicos	141
4.3.1. Seleção, constituição e delimitação dos <i>corpora</i>	141
4.3.2. Procedimentos de análise.....	144
4.3.3. Categorias de análise	145

4.3.3.1. Para análise de <i>chegar</i> como predicado simples.....	146
4.3.3.2. Para análise de <i>chegar a + inf</i>	152
5. USOS DE CHEGAR AO LONGO DOS SÉCULOS XIII A XX	157
5.1. A freqüência dos diferentes usos de <i>chegar</i>	157
5.2. Os diferentes usos de <i>chegar</i> ao longo dos séculos XIII a XX.....	161
5.2.1. Os usos de <i>chegar</i> em predicado simples	161
5.2.1.1. Ampliação funcional de <i>chegar</i> simples	166
5.2.2. Os usos de <i>chegar a + INF</i>	174
5.2.2.1. <i>Chegar</i> como Marcador Temporal.....	175
5.2.2.2. <i>Chegar</i> como Marcador de Limite	176
5.2.2.3. <i>Chegar</i> como Marcador de Contra-Expectativa Restritiva.....	178
5.2.2.4. <i>Chegar</i> como Marcador de Contra-Expectativa Ampliativa.....	181
5.2.2.5. <i>Chegar</i> como Marcador de Consequência.....	184
Síntese Conclusiva	188
6. A MANIFESTAÇÃO DO PROCESSO DE AUXILIARIDADE DE CHEGAR.....	190
6.1. Análise dos usos de <i>chegar</i> como predicado simples.....	192
6.2. Análise dos usos de <i>chegar a + INF</i>	214
Síntese Conclusiva	227
7. O ESTATUTO DE AUXILIARIDADE E GRAMATICALIZAÇÃO DE CHEGAR.....	228
7.1. Avaliação dos testes de auxiliaridade	228
7.2. Estágios de auxiliaridade e gramaticalização de <i>chegar</i>	242
Síntese Conclusiva.....	253
CONCLUSÕES	254
REFERÊNCIAS	261

INTRODUÇÃO

Subsidiados pela proposta teórica do Funcionalismo Lingüístico de vertente norte-americana, que prioriza o estudo da língua em situação comunicativa e descreve os fenômenos lingüísticos conjugando componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos, investigamos, nesta tese, construções com o verbo *chegar*, sob a perspectiva do processo de mudança chamado *Gramaticalização*.

Em linhas gerais, consideramos gramaticalização o processo de mudança lingüística pelo qual itens e construções lexicais tornam-se gramaticais, ou itens e construções já gramaticais tornam-se ainda mais gramaticais.

Embora os estudos sobre a origem das formas gramaticais não sejam recentes, remontam a Humboldt (1822) e Meillet (1912), nos últimos anos notamos uma crescente preocupação com o tema. O interesse em estudar a interação entre sintaxe e discurso impulsionou muitos trabalhos. No Brasil, merecem destaque Gonçalves (1987), Martelota, Votre e Cesário (1996), Castilho (1997), Galvão (1999, 2001), Naro e Braga (2000), Nogueira (2001), Gonçalves (2003) entre outros.

Esses estudos encontram-se abrigados no paradigma do Funcionalismo, que concebe os padrões sintáticos como resultado do uso da língua; em outras palavras, as regularidades da língua são determinadas pelas necessidades comunicativas. É à luz do funcionalismo lingüístico que buscamos subsídios para a análise de diferentes usos de *chegar*. Consideramos que esse item sofre alterações semânticas a ponto de apresentar mudança categorial.

Assim, na pesquisa aqui desenvolvida, o objetivo central é rastrear, mediante uma investigação de natureza pancrônica, propriedades e/ou condicionamentos envolvidos no processo de gramaticalização de *chegar*, nos diferentes usos deste item no português arcaico, moderno e contemporâneo de Portugal e do Brasil. Além desse objetivo, outros, mais específicos, norteiam nosso trabalho, tais como:

- a) identificar os diferentes usos de *chegar* no português arcaico, moderno e contemporâneo de Portugal e do Brasil e, dentre esses usos, uma forma fonte, a partir da verificação da frequência e das propriedades postuladas nas escalas de gramaticalização;

- b) investigar como se manifesta o processo de auxiliarização na mudança de estatuto categorial de *chegar* e, considerando os estágios de auxiliaridade propostos por Heine (1993), observar até que estágio se estende tal processo;
- c) pesquisar como se caracterizam os diferentes usos de *chegar*, observando os mecanismos cognitivos e comunicativos que atuam no processo de gramaticalização desse item;
- d) avaliar os critérios de auxiliaridade, discutidos e propostos nesta tese, para avaliar o estatuto de auxiliaridade de *chegar*;
- e) investigar que funções gramaticais e/ou textual-discursivas são expressas pela construção *chegar a* seguida de verbo infinitivo (*chegar a + INF*).

Para atingirmos nossos objetivos, formulamos a hipótese de que as propriedades e/ou condicionamentos de ordem morfológica, sintática, textual-discursiva e cognitiva estão envolvidos no processo de gramaticalização de *chegar*.

De acordo com os postulados funcionalistas, a gramaticalização é um processo de mudança unidirecional, por meio do qual elementos lexicais e construções passam a desempenhar funções gramaticais. Mas essa mudança não se dá abruptamente, o que implica o caráter gradual da gramaticalização. Dessa forma, podemos dizer que há uma cadeia de mudança representada por uma linha virtual. No ponto mais à esquerda dessa cadeia, alocam-se os itens lexicais e, no ponto mais à direita, alocam-se os itens gramaticais. Os itens localizados mais à esquerda originam os itens da direita, servindo-lhes de forma fonte, cujas características são as propriedades lexicais plenas, peculiares à classe a que pertencem. De acordo com os postulados teóricos dos estudos de gramaticalização, dentre diferentes usos de *chegar*, a forma fonte constitui o uso mais concreto, com valor auto-semântico, que está situado num ponto mais à esquerda da escala de mudança, com variabilidade verbal plena¹ e com o traço [+Movimento], isto é, deslocamento no espaço de um ponto X para um ponto Y.

Os verbos, em geral, expressam conceitos lexicais, pertencem a um inventário aberto e, do ponto de vista nocional, representam ações, estados ou processos (BORBA, 2003, p.61). São considerados plenos quando constituem predicados das orações, ou seja, “designam as

¹ Consideramos variabilidade verbal plena a propriedade de o verbo flexionar-se em todos os tempos, modos, números e pessoas.

propriedades relacionais que estão na base das predicções² que formam quando eles se constroem com os seus argumentos e demais elementos do enunciado” (NEVES, 2000, p.25). Os verbos plenos, então, têm propriedades sintáticas e semânticas, como o número de argumentos implicados, a categoria morfossintática, e a função semântica desses argumentos, além das restrições de seleção para a sua realização lexical. Quando um verbo perde algumas dessas características lexicais e passa a expressar conceitos gramaticais, esse verbo pode estar em processo de gramaticalização e, em consequência, de verbo pleno passa a verbo auxiliar. Esse processo é conhecido na literatura como *auxiliarização*. De acordo com Longo e Campos (2002), trata-se de uma relação de complementação entre duas formas verbais; o auxiliar cujo complemento será o verbo base; e a perífrase que forma um complexo unitário com o verbo e uma das formas nominais do verbo.

De acordo com as bases teóricas sobre gramaticalização e auxiliaridade apresentadas nos capítulos subseqüentes, entendemos que os verbos se gramaticalizam para expressar categorias gramaticais, como Tempo, Aspecto e Modo. Em observância aos usos de *chegar*, formulamos a hipótese de que esse verbo, ao sofrer o processo de gramaticalização, não expressa funções gramaticais prototípicas, mas é usado com funções textual-discursivas, como a de marcar mudança temporal na narração de eventos, limite, contra-expectativa e consequência.

Para atingirmos os nossos objetivos e confirmarmos ou refutarmos nossas hipóteses, optamos por realizar um estudo pancrônico, por considerarmos que o processo de gramaticalização é um fenômeno tanto diacrônico quanto sincrônico. Utilizamos como *corpora* amostras de textos do *Corpus Mínimo de Textos Escritos da Língua Portuguesa – COMTELPO*³, organizado por Figueiredo-Gomes e Pena-Ferreira (2006). Da coletânea, que possui textos de diferentes gêneros do século XII ao século XX, selecionamos um total de 2.000 páginas, a partir das quais atingimos uma soma de 795 (setecentas e noventa e cinco) ocorrências de *chegar*.⁴

Como material de apoio, decidimos analisar uma amostra de fala, para verificar se os diferentes usos de *chegar* ocorrem, indistintamente, na língua oral e na língua escrita. Para este fim, utilizamos amostras do português brasileiro, do século XX, pertencentes ao Projeto NURC.

² A predicção é o resultado da aplicação de um certo número de termos (que designam entidades) a um predicado (que designa propriedades ou relações) (Dik, 1997).

³ O COMTELPO foi constituído durante o estágio de doutoramento dos organizadores na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, devido à necessidade de um material mais homogêneo e metodologicamente organizado que servisse ao nosso propósito.

⁴ A apresentação detalhada da metodologia será feita no capítulo 4.

Cada ocorrência registrada em nossos *corpora* foi analisada considerando os critérios morfossintáticos, semânticos e pragmáticos que constituem nossas categorias de análise, descritas no capítulo 4. Para a análise quantitativa, utilizamos o pacote computacional Varbrul, fizemos uso do programa Make3000, para apurar a frequência. Vale ressaltar que esse procedimento foi utilizado pela possibilidade de manipular grande volume textual, mas nosso objeto de estudo não é um fenômeno lingüístico variável nos termos clássicos da teoria variacionista.

Este trabalho conta com capítulos de ordem teórica, voltados para a discussão sobre Lingüística Funcionalista, o processo de Gramaticalização e Auxiliaridade, e de capítulos destinados à descrição e à análise das construções em que figuram nosso objeto de investigação: o verbo *chegar*.

No capítulo 1, intitulado *O Paradigma Funcionalista*, apresentamos o quadro teórico geral que norteia nossa pesquisa, e tecemos comentários sobre a concepção funcionalista de linguagem, e sobre a relação entre gramática, discurso e cognição.

No capítulo 2, cujo título é *A Gramaticalização*, apresentamos um breve histórico desse processo de mudança lingüística, suas características, princípios e discussões que possibilitam a compreensão desse fenômeno, e nos auxiliam na análise do processo de mudança que envolve *chegar*.

No capítulo 3, intitulado *Auxiliaridade: Aspectos Conceituais*, fizemos uma exposição de discussões teóricas e de alguns conceitos sobre auxiliaridade. Como nosso propósito é aplicar testes que revelem em que medida *chegar* apresenta características de auxiliar, resenhamos alguns trabalhos que utilizam critérios e estágios de auxiliaridade, de modo a nos posicionarmos acerca desses critérios, para fazermos uma descrição mais rigorosa do nosso objeto de estudo. Ao final do capítulo, elegemos alguns critérios para a análise da auxiliaridade de verbos.

No capítulo 4, *Delimitação do Objeto e Procedimentos Metodológicos*, descrevemos características de *chegar*, identificamos alguns usos e apresentamos a seleção, a constituição e a delimitação dos *corpora* escolhidos para a análise dos diferentes usos de *chegar*. Apresentamos, ainda, os procedimentos de análise e as categorias que nos auxiliam na investigação dos aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e discursivos que influenciam o processo de mudança lingüística do verbo *chegar*.

Usos de Chegar ao Longo dos Séculos é o título dado ao capítulo 5, em que discutimos a frequência de usos de *chegar* ao longo dos séculos e os tipos de *chegar* encontrados em

predicado simples e na construção *chegar a + INF*. Merecem destaque, nesse capítulo, as diferentes acepções e a ampliação funcional de *chegar*.

No capítulo 6, *A Manifestação do Processo de Auxiliaridade de Chegar*, fazemos uma análise da construção *chegar a + INF*, com o propósito de testar nossa hipótese do estatuto de auxiliaridade e, portanto, de gramaticalização, do item *chegar* na construção.

No último capítulo de análise, cujo título é *O estatuto de auxiliaridade e gramaticalização de chegar*, discutimos os resultados dos testes de auxiliaridade, que nos permitiram esboçar algumas conclusões referentes a que estágio de auxiliaridade *chegar* se encontra, e ao grau de gramaticalização do nosso objeto de estudo.

Por fim, apresentamos as principais *Conclusões* a que chegamos por meio das discussões teóricas e da análise das ocorrências registradas em nossos *corpora*. Pelos resultados obtidos, confirmamos nossa hipótese de que *chegar* está em processo de gramaticalização.

1. O PARADIGMA FUNCIONALISTA

“It is functional in the sense that it is designed to account for how the language is used” (HALLIDAY, 1985)⁵

Considerando que esta pesquisa procura integrar componentes de ordem morfossintática, semântica e pragmática na investigação do comportamento do verbo *chegar*, optamos pelo modelo de descrição gramatical do Funcionalismo Lingüístico, que concebe gramática como algo dinâmico e considera que as formas lingüísticas acomodam-se às necessidades comunicativas dos falantes. Neste capítulo, apresentamos o modo funcionalista de conceber a linguagem e a gramática e fazemos uma alusão breve aos principais modelos funcionalistas⁶, e a relação entre gramática, discurso e cognição.

1.1. O PARADIGMA FUNCIONALISTA: principais pressupostos

A concepção de linguagem como interação, vista não como um fenômeno isolado, mas a serviço de uma variedade de propósitos, encontra abrigo na abordagem teórica funcionalista, que entende a língua como um instrumento de interação social, reconhece na linguagem a manifestação do dinamismo das relações sociais, e considera, além dos aspectos sintático-semânticos, aspectos pragmáticos.

A abordagem funcionalista, como uma teoria pragmática de linguagem que tem na interação verbal seu objeto de análise, ocupa-se dos fins a que servem as unidades lingüísticas, ou, em outras palavras, das funções dos meios lingüísticos de expressão; e busca, no contexto

⁵Trecho extraído de Halliday (1985): “It is functional in the sense that it is designed to account for how the language is used”. Tradução nossa: “[a gramática] é funcional no sentido de que está designada para descrever como a língua é usada” (Halliday, 1985)

⁶Embora apresentemos as diversas vertentes funcionalistas, o guia teórico dessa pesquisa é o norte-americano. Fazemos usos dos demais funcionalismos como suporte para a análise de alguns grupos de fatores, como o modo verbal (ver capítulo 6).

discursivo, motivações para os fatos da língua. Dessa forma, a linguagem é vista como ferramenta cuja forma adapta-se às funções que exerce, sendo explicitada somente com base nessas funções, que são, em última análise, comunicativas e cognitivas.

Nos estudos lingüísticos modernos, essa abordagem pode parecer recente, mas não o é. Na verdade, os princípios funcionalistas, segundo DeLancey (2001), representam um retorno à concepção de lingüistas como Whitney (1897), von der Gabelentz (1891) e Hermann Paul (1886).

Esses estudiosos, já no final do século XIX, consideravam, para explicação de fatos lingüísticos, fenômenos sincrônicos e diacrônicos, e tentavam explicar a estrutura lingüística por meio de imperativos psicológicos, cognitivos e funcionais. Os homens, por meio de certa instrumentalidade que a linguagem pressupõe, representam, consciente e intencionalmente, seus pensamentos, com a finalidade de torná-los conhecidos de outros homens; tem-se a expressão para se ter a comunicação (WHITNEY, 1897 *apud* DELANCEY, 2001, p.2).

A preocupação com a interação verbal, com usos, funções e com o dinamismo da linguagem liga, historicamente, o funcionalismo com os princípios da Escola Lingüística de Praga, que rejeitava a distinção entre competência e desempenho, incluía os fenômenos da fala e estilística entre os objetos legítimos de análise e considerava a língua como um sistema funcional, que une o estrutural (sistêmico) e o funcional, no sentido de que a língua é utilizada para um fim determinado.

Ao enfatizar a importância dos contextos verbal e não-verbal e o conhecimento recíproco dos interlocutores para que as unidades lingüísticas sejam interpretadas, a Escola de Praga desenvolveu uma lingüística da fala, superando, assim, a concepção saussuriana de comunicação. Os praguenses analisavam orações efetivamente realizadas – não apenas as que serviam como exemplo de boa formação sintática – pois, para eles, a oração tanto estabelece um elo com a situação de fala ou com o texto anterior, quanto veicula informações novas (ILARI, 1992, p.25).

Os praguenses hipotetizavam: (i) a língua como um sistema de sistemas; (ii) a comunicação como dinamismo; (iii) a existência de um nível de análise autônomo chamado *Functional Sentence Perspective* (FSP). Daněš (1987) aponta que, pelo uso do termo *função*, o atributo funcional parece ser um traço característico e distintivo da lingüística estrutural de Praga, que tem sua abordagem caracterizada como “estruturalismo funcional”.

Convém lembrar que o termo *função* é polissêmico⁷, pode referir-se a significado, a motivações que subjazem no discurso e à própria finalidade de cada discurso, mas todos os sentidos parecem relacionar-se: (i) à dependência de um elemento estrutural com elementos de outra ordem e (ii) ao papel desempenhado por um elemento estrutural no processo comunicativo. A Escola de Praga, embora tenha usado o termo *função* com significado indicial, como traço distintivo, expressivo, caracterizou-se por adotar, sobretudo, a noção teleológica de função, ou seja, o termo *função* (e *funcional*) era usado com a acepção finalista de meio, fim.

Roman Jakobson, um dos representantes da Escola de Praga, ampliou a noção de função da linguagem ao considerar como funções aquelas que destacam o papel dos participantes da interação, como é o caso das funções emotiva, conativa e fática; e as que destacam os outros elementos da comunicação, como é o caso da função poética, que valoriza a mensagem, e a função metalingüística, com foco o código. Por isso, Jakobson, que ampliou as funções propostas por Bühler⁸, é visto como um funcionalista pioneiro⁹.

Com o funcionalismo de Praga, a sentença passa a ser analisada não apenas formalmente, mas de acordo com a distribuição da informação em *tema* e *rema*. A noção de tema está associada à informação já conhecida pelos interlocutores (informação dada), e a de rema está associada à informação nova, ao que é dito sobre o tema. Pelo enfoque dado à articulação tema/rema, estudos sobre a progressão temática, marcaram esse período.

A visão dos estudos de Praga de que os elementos lingüísticos estão a serviço da comunicação eficiente entre os homens, e que são as necessidades expressivas dos indivíduos que orientam as funções dos meios lingüísticos é pressuposto dos estudos funcionalistas que se seguiram até os modelos mais recentes.

Funcionalista, portanto, é todo estudo que compreende que a língua é usada para satisfazer propósitos comunicativos, cuja estrutura deve ser explicada considerando-se o uso real, e que as regularidades existentes na língua devem ser explicadas de acordo com as circunstâncias que envolvem falante, ouvinte e situação comunicativa.

⁷ Nichols (1984) identifica cinco sentidos de “função” que, com frequência, são usados em estudos funcionalistas, e acrescenta que alguns estudiosos utilizam o termo em mais de um sentido ao mesmo tempo.

⁸ Bühler, por considerar que um elemento essencial na linguagem é a função, foi descrito por Fontaine (1978) como “o avalista filosófico do aspecto funcionalista do estruturalismo praguense”.

⁹ Cf. Pezatti, 2004, p. 166-7.

Para resumir os principais postulados funcionalistas, apresentamos alguns pressupostos da orientação funcional¹⁰:

- A linguagem não é um fenômeno isolado, mas, pelo contrário, serve a uma variedade de propósitos (PRIDEAUX, 1987).
- A língua (e a gramática) não pode ser descrita nem explicitada como um sistema autônomo (GIVÓN, 1995).
- As formas da língua são meios para um fim, não um fim em si mesmas (HALLIDAY, 1985; DIK, 1997).
- Na gramática estão integrados os componentes sintático, semântico e pragmático (DIK, 1985, 1997; GIVÓN, 1984; HENGEVELD, 1997).
- A gramática inclui o embasamento cognitivo das unidades lingüísticas no conhecimento que a comunidade tem a respeito da organização dos eventos e de seus participantes (BEAUGRANDE, 1993).
- Existe uma relação não-arbitrária entre a instrumentalidade do uso da língua (o funcional) e a sistematicidade da estrutura da língua (o gramatical) (MACKENZIE, 1992).
- O falante procede a escolhas, e a gramática organiza as opções em alguns conjuntos dentro dos quais o falante faz seleções simultâneas (HALLIDAY, 1973, 1985).
- A gramática é susceptível às pressões do uso (DU BOIS, 1993), ou seja, às determinações do discurso (GIVÓN, 1979).
- A gramática resolve-se no equilíbrio entre forças internas e forças externas ao sistema (DU BOIS, 1985).
- O objeto da gramática funcional é a competência comunicativa (MARTINET, 1994).

Devido à concepção de linguagem que preconiza e à maneira de realizar análises lingüísticas, o funcionalismo, para o qual a forma está a serviço da função, opõe-se ao formalismo, outro pólo de investigação lingüística, que não trata a forma como dependente da função. As principais diferenças entre essas duas abordagens – que vêm gerando discussões e controvérsias no campo dos estudos lingüísticos, são apenas duas perspectivas diferentes, necessárias e enriquecedoras de investigação do fenômeno da linguagem.

¹⁰ Cf. Neves, 2006, p.16.

As teorias funcionalistas¹¹ – representadas na Escola de Praga (FONTAINE, 1978), bem como nos modelos de gramática funcional Halliday (1985), Dik (1989), Hengeveld (2000), dentre outros, opõem-se à abordagem formalista, por conceberem que todos os textos ocorrem em algum contexto de uso, que deve ser considerado na análise lingüística.

Enquanto no paradigma formal¹² uma língua natural é vista como um sistema abstrato autônomo em relação aos modos de uso, o que significa dizer que a língua é estudada em si e por si mesma (SAUSSURE, 1972, p.271); no paradigma funcional, a língua é considerada como produto de interlocução em que as expressões verbais não são objetos funcionais arbitrários, mas têm propriedades sensíveis ao uso, logo co-determinadas pragmaticamente.

Assim, para as teorias funcionalistas, existe uma relação não-arbitrária entre forma e função, ou entre código e mensagem na linguagem humana, sendo o signo lingüístico motivado e não arbitrário, como se acreditava. A pragmática, no funcionalismo, estaria intimamente relacionada com a semântica e a sintaxe, englobando-as; a sintaxe refletiria o pragmático, via o componente semântico, caminho esse inverso ao seguido pelo formalismo.

Contrariando o princípio da *arbitrariedade* do signo, defendido pelos formalistas, segundo o qual o signo lingüístico se estabelece exclusivamente no interior do sistema, em relações de oposição no paradigma, o funcionalismo faz investimentos no princípio da *iconicidade*. Este princípio tornou-se foco de atenção dos lingüistas, em especial a partir da década de 80, embora o termo *icônico* já fizesse parte de debates filosóficos na Grécia antiga entre analogistas e anomalistas (FURTADO DA CUNHA, 2000, p.58). Analogistas acreditavam haver uma relação necessária entre a palavra e seu referente, enquanto os anomalistas acreditavam que essa relação era arbitrária. Tal discussão foi retomada na lingüística moderna.

¹¹ O termo *funcionalismo* não designa um campo de pesquisa unificado, antes pode ser tomado como “um grupo de seitas em conflito que concordam somente na rejeição da autoridade do papa” (BATES, 1987, *apud* NEVES, 2001, 55).

¹² Leech (1983, p.46) resume os pontos de vista do Formalismo e do Funcionalismo de maneira clara: a) *Formalists (e.g. Chomsky) tend to regard language primarily as a mental phenomenon. Functionalists (e.g. Halliday) tend to regard it primarily as a societal phenomenon;* b) *Formalists tend to explain linguistic universals as deriving from a common genetic linguistic inheritance of the human species. Functionalists tend to explain them as deriving from the universality of the uses to which language is put in human societies;* c) *Formalists are inclined to explain children’s acquisition of language in terms of a built-in human capacity to learn language. Functionalists are inclined to explain it in terms of the development of the child’s communicative needs and abilities in society;* d) *Above all, formalists study language as an autonomous system, whereas functionalists study it in relation to its social function.*

O funcionalismo considera, portanto, a existência de uma motivação icônica para a forma lingüística, o que implica considerar, por exemplo, que a extensão e a complexidade dos elementos constitutivos de uma representação lingüística refletiriam a extensão e a complexidade de natureza conceptual, numa relação clara entre cognição e gramática. Em outras palavras, existiria uma simetria entre *a relação das partes da estrutura lingüística e a relação das partes da estrutura de significação* (NEVES, 2006).

Considerando a existência dessa motivação icônica da linguagem, Givón (1979, p. 84) entende que a iconicidade é regida por alguns princípios – o da quantidade, o da proximidade e o da ordenação linear – e são esses princípios que governam as correlações entre forma e função.

O *princípio da quantidade* diz que quanto mais previsível e relevante for a informação a ser veiculada, maior será a quantidade de forma utilizada para codificá-la. Já o *princípio da proximidade* prevê que quanto mais próximos cognitivamente estiverem os conteúdos, mais integrados morfossintaticamente estarão. O *princípio da ordenação linear*, por sua vez, sugere que, quanto mais importante for a informação, mais facilmente tenderá a aparecer em primeiro lugar na cadeia sintática.

O princípio da iconicidade, portanto, permite um estudo mais profundo da estrutura morfossintática de uma língua, e essa estrutura se manifesta pelas necessidades do uso. Assim, para Givón (1979, p. 84), a forma da língua resulta de regularidades das situações de fala; por isso, é no discurso que tais regularidades devem ser procuradas.

Não podemos, entretanto, pensar em isomorfismo¹³, ou relação biunívoca entre forma e função, pois contextos comunicativos há em que a codificação morfossintática é opaca em sua função, ou, ainda, há uma forma para várias funções ou uma função relacionada a várias formas. Daí dizer que a língua é motivada, mas não isomórfica. Haiman (1980; 1985) apresenta isomorfismo e motivação como os dois modos diferentes pelos quais a estrutura conceptual se reflete na estrutura lingüística. Enquanto a motivação é a correspondência da relação entre as partes, o isomorfismo é a correspondência das próprias partes.

O aceite do princípio da iconicidade demonstra que a língua, para os funcionalistas, não existe como um construto pré-definido, pré-estabelecido, não é um produto, como acreditam os

¹³ Bolinger (1977) defendia um isomorfismo radical ao postular que a língua, em sua condição natural, preserva uma forma para um sentido, e um sentido para uma forma.

formalistas, mas sim um processo, que só existe de fato no momento da interlocução, e assim a definem como uma estrutura maleável, sujeita às pressões do uso e constituída de um código não totalmente arbitrário.

Outro ponto que difere funcionalistas de formalistas é o fato de os primeiros darem relevo ao discurso individual, concebendo-o como um fator importante para organizar o sistema lingüístico, ao passo que os últimos, além de dicotomizarem língua e fala, dão prioridade ao estudo da língua, vista como um sistema que pode ser investigado sem dependência com o contexto de uso.

Seguindo essa mesma linha, formalistas compreendem sincronia e diacronia como eixos separados e não intercambiáveis; cada um teria seu próprio domínio de aplicação, sem confundir-se com o outro. Os funcionalistas revêem esse princípio sobretudo a partir dos trabalhos sobre o processo de gramaticalização, pois percebem que, ao lado de fenômenos que mudam com o tempo, existem aspectos que se mantêm na trajetória de desenvolvimento da língua.

Dessa forma, grande parte dos funcionalistas adota a concepção pancrônica de mudança, pois entendem que o estudo lingüístico está intrinsecamente ligado ao diacrônico, e que o estado sincrônico de uma construção pode ser o resultado do desenvolvimento do passado que continua no presente. A abordagem pancrônica é mais completa, pois, ao aliar informações sincrônicas e diacrônicas, oferece uma descrição mais densa do fenômeno em estudo, descrevendo não só a função de uma dada construção, mas como essa construção adquiriu essa função.

Concebendo que uma língua funciona por meio de motivações em competição, Du Bois (1985, p.344) vê que o grande diferencial entre o formalismo e o funcionalismo é que este último considera que, na produção de enunciados, forças internas – fonológicas, sintáticas, semânticas – e forças externas interagem, entram em competição. Assim, numa análise funcional, não se abstrai o contexto global do discurso, pois é dentro dele que há a correlação forma e sentido.

Por conta disso, Du Bois (1985, p.343) diz que a língua não pode ser vista como independente das forças externas e propõe que as gramáticas sejam tratadas como *sistemas adaptáveis*. Seriam sistemas, por serem parcialmente autônomos; e seriam adaptáveis, por serem sensíveis a pressões externas. A gramática, para Du Bois (1985, p. 343), é, portanto, sensível, ajustável, passível de acomodação sob pressões de ordem comunicativa. Segundo essa concepção

de gramática, certos fenômenos lingüísticos podem ser, ao mesmo tempo, não motivados, sob o ponto de vista sincrônico, e motivados, sob o ponto de vista metagramatical.

A língua natural é vista, também por Dik (1989, p.4), como um instrumento de interação social, usada com certos propósitos nas interações sociais entre os humanos, não existindo por si mesma e em si mesma como uma estrutura arbitrária. A forma, portanto, é vista como derivada do uso e só pode ser explicada levando-se em conta a comunicação.

A partir dessa concepção de língua, entendemos que as expressões lingüísticas devem ser analisadas em termos das necessidades comunicativas dos falantes, observando seus propósitos, seus planos, suas metas, empreendidos em suas interlocuções, e consideramos que uma expressão lingüística tem a propriedade de representar conteúdo dos fatos de linguagem e o modo como se processa o relacionamento do falante com seu interlocutor e com o mundo.

Evidenciamos, então, que o funcionalismo lingüístico tem, na concepção de língua e no interesse de investigação lingüística, o grande diferencial com relação ao paradigma formal. Os funcionalistas concebem a língua como um meio de interação social, contrapondo a concepção de língua como sistema com função puramente informativa, defendida pelos formalistas. No paradigma funcional, a investigação lingüística vai além da estrutura gramatical, porquanto há a preocupação de se buscar a explicação para os fatos de língua na situação comunicativa e nos propósitos interlocutivos dos falantes, o que não é considerado no paradigma formal. Formalismo e funcionalismo são, em suma, dois olhares diferentes para o mesmo objeto – a linguagem.

Sabemos que, não há uma única teoria funcionalista, mas sim teorias funcionalistas representadas, por exemplo, nos modelos de gramática funcional, tais como a de Halliday, (1985), Givón (1984), Dik (1989), Hengeveld (2000), e vários estudos que se tornaram célebres (HOPPER e THOMPSON, 1980, 1984).

Halliday (1985) idealizou a gramática sistêmico-funcional. Para ele, uma teoria sistêmica é uma teoria de significado como escolha, na qual a língua é interpretada como uma rede de opções. Assim, a gramática é sistêmica porque os enunciados são construídos por meio das escolhas que os falantes fazem, considerando o objetivo da interlocução. E é funcional, porque procura explicitar como a língua é usada.

Diz Halliday (1967, p.37) que à interpretação funcionalista da lingüística se agrega uma descrição sistêmica, em que a gramática toma forma de uma série de estruturas sistêmicas, e que cada uma delas representa as escolhas associadas com um dado tipo de constituinte.

As línguas, segundo esse ponto de vista, são desenvolvidas para satisfazer as necessidades humanas; e a maneira como se organiza é funcional em relação a essas necessidades – essa organização não é, portanto, arbitrária: *são os usos da língua que moldam o sistema*. Por essa perspectiva, Halliday (1985) diz ainda que a linguagem – cuja propriedade principal é a capacidade que os seres humanos têm de construir uma representação mental da realidade, para entender suas experiências exteriores e interiores – responde a certas necessidades expressivas, de modo que sua forma é em parte determinada por essas necessidades. Vemos que, para Halliday (1985), a linguagem é funcional à medida que se estrutura de maneira a responder às necessidades ditadas por suas funções comunicativas.

Uma gramática funcional, para Halliday (1985, p. 13), é essencialmente uma gramática natural, no sentido de que tudo pode ser explicado em relação à maneira como a língua é usada; assim sendo, uma gramática funcional é aquela que constrói todas as unidades de uma língua como configurações orgânicas de funções; em outras palavras, cada parte é interpretada como funcional em relação ao todo.

Para Halliday (1970, 1973, 1977), o sistema lingüístico codifica opções relacionadas a uma função. *Função* é o papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos. Para ele, a organização interna da língua é um reflexo da multiplicidade funcional, e a estrutura lingüística é o elemento revelador das necessidades a que a língua serve. Assim, Halliday acredita que os dois objetivos que dão suporte aos usos da linguagem são *entender o ambiente* e *influir sobre os outros*, por isso afirma que as línguas são organizadas em torno de duas grandes metafunções: a ideacional (significado reflexivo) e a interpessoal (significado ativo).

É por meio da função *ideacional* que falantes e ouvintes experienciam fenômenos do mundo interno da própria consciência, organizam e imprimem na língua suas experiências de mundo, suas reações, seus conhecimentos e percepções. Essa função corresponde à expressão do conteúdo, que, para o funcionalista, é a necessidade primeira a que serve a linguagem. Segundo o autor, a função ideacional se subdivide em experiencial e lógica.

A função *interpessoal* constitui um componente da linguagem responsável pela organização e expressão dos mundos interno e externo. Por meio dela, a linguagem é usada pelo falante com o propósito de participar do evento de fala e, dessa forma, expressar suas impressões pessoais e agir sobre o ouvinte, além de estabelecer papéis comunicativos.

Além dessas metafunções, Halliday, por entender que interagimos e representamos o mundo por meio de textos, apresenta ainda a função *textual*, que está ligada à contextualização das unidades lingüísticas, à relação interna da frase ao seu significado e às relações entre as frases. Essa função possibilita o surgimento do discurso no sentido de que tanto o falante é capaz de produzir um texto, quanto o ouvinte é capaz de interpretá-lo.

A cada uma dessas funções, ligam-se redes sistêmicas que codificam significados diferentes. À função ideacional, liga-se o sistema da transitividade, que codifica a representação do mundo, ao especificar os papéis dos elementos da oração (ator, meta, recipiente etc); à função interpessoal, liga-se o sistema de modo, que codifica a troca, ao especificar os papéis da fala (sujeito, complemento etc); e à função textual, ligam-se os sistemas de tema e de informação, que codificam a mensagem, ao especificarem relações internas ao enunciado e entre o enunciado e a situação. Na função textual, está presente a noção de *coesão*, compreendida como relações semânticas responsáveis pela dependência entre os elementos do texto.

A teoria das metafunções completa o modelo funcionalista de Halliday, iniciado com “*a scale-and-category theory*”, e que, segundo Neves (1997, p.58-59), é de inspiração firthiana da tradição etnográfica de Boas-Sapir-Whorf, e tem, em sua base, o funcionalismo etnográfico e o contextualismo desenvolvido por Malinowski.

Um outro modelo de gramática funcional é o de Simon Dik (1989), representante do funcionalismo holandês. Podemos dizer que, devido ao cuidado de formalizar uma gramática, há em Dik uma inspiração gerativista. A grande diferença é que, na gramática gerativa, o componente mais importante é o sintático, enquanto, na gramática funcional de Dik, cujo modelo é de uma arquitetura semântica, os componentes mais importantes são o pragmático e o semântico.

A gramática funcional de Dik é, na verdade, uma teoria de componentes integrados. Podemos destacar, em linhas gerais, algumas características da gramática de Dik. São elas:

- a consideração de que usuário tem as capacidades lingüística, epistêmica, lógica, perceptual e social;
- o enfoque dado à interação verbal;
- o pressuposto de que o usuário da língua assume papel central na abordagem funcionalista;
- a expressão lingüística vista somente como uma mediação entre a intenção do falante e a interpretação do ouvinte;
- a oração apresenta-se em forma de camadas que organizam a estrutura subjacente.

Para Dik (1989), a expressão lingüística medeia a interação entre falante e ouvinte, mas há competências várias, que incluem intenções, informação pragmática, percepção do ambiente etc, também determinantes na eficácia comunicativa. Por isso, Dik (1989, p.1) compreende que uma gramática funcional encampa não só a capacidade lingüística dos usuários de uma língua natural, mas também as capacidades epistêmica, lógica, perceptual e social, que interagem umas com as outras.

- a) capacidade lingüística: o usuário da língua é capaz de produzir e interpretar corretamente expressões lingüísticas de grande variedade e complexidade estrutural em diferentes situações comunicativas;
- b) capacidade epistêmica: o usuário da língua é capaz de construir, manter e explorar uma base de conhecimento organizado; ele pode derivar conhecimento de expressões lingüísticas, arquivar esse conhecimento de forma apropriada e recuperá-la e utilizá-la interpretando expressões lingüísticas futuras;
- c) capacidade lógica: o usuário da língua, possuindo determinadas parcelas de conhecimento, é capaz de deduzir outras parcelas de conhecimento por meio de regras de raciocínio, com princípios da lógica dedutiva e probabilística;
- d) capacidade perceptual: o usuário da língua é capaz de perceber seu ambiente, derivar conhecimento de suas percepções e usar esse conhecimento perceptualmente adquirido tanto para produzir como para interpretar expressões lingüísticas;
- e) capacidade social: o usuário além de saber o que dizer, sabe também como dizer a um parceiro comunicativo particular, numa situação particular, para atingir objetivos comunicativos particulares.

Concebendo a língua como um instrumento de interação social entre os homens, Dik (1989, p.3) focaliza seu modelo de gramática na interação verbal – a interação social por meio da linguagem – que, para ele, é uma forma de atividade cooperativa e estruturada, por ser governada por regras, normas e convenções.

O lingüista defende a existência de dois sistemas de regras que sustentam a análise lingüística sob o enfoque funcional. Por um lado, está o sistema de regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas, que gera a constituição das expressões lingüísticas; por outro, está o sistema de regras pragmáticas, que gera os padrões de interação verbal nos quais as expressões lingüísticas são usadas.

Sendo uma teoria de componentes integrados, a Gramática Funcional de Dik procura explicitar as funções pragmáticas dos constituintes oracionais relacionados à situação comunicativa em que ocorrem. As funções pragmáticas são definidas por meio dos parâmetros de topicalidade (tópico) e focalidade (foco)¹⁴.

Para a descrição das expressões lingüísticas, Dik considera diferentes níveis, ou camadas, de análise que partem da predicação para a proposição e a cláusula. A expressão lingüística seria originada, então, com a construção de uma predicação subjacente. Essa predicação, que designa um Estado de Coisas¹⁵, seria construída dentro de uma estrutura maior, a proposição, que designa um conteúdo proposicional ou, em outras palavras, um fato possível. Já a cláusula seria o último nível de análise, pois corresponde à realização de uma ato de fala.

É necessário explicitar que a noção de camada não está relacionada à noção de constituência; as camadas não são de constituintes imediatos, e representam uma organização semântica e formal. Semântica, por serem instâncias de opções significativas; e formal porque dizem respeito não ao uso em si, mas a uma abstração, um modelo, uma formalização das expressões em uso.

O modelo de Gramática Funcional de Dik, em resumo, é caracterizado pelo enfoque dado na interação verbal, pela preocupação em saber como falantes e ouvintes são bem-sucedidos ao

¹⁴ *Topicalidade* e *Focalidade* são os principais parâmetros nos quais funções pragmáticas internas à oração podem ser distinguidas. *Topicalidade* refere-se às coisas sobre as quais nós estamos falando; e *Focalidade*: refere-se às partes mais importantes ou salientes do que nós dizemos sobre o que é tópico. (DIK, 1997)

¹⁵ Para Simon Dik (1985, 1989), um Estado de Coisas (EC) não tem realidade extramental, mas antes constitui uma concepção, uma interpretação de algo em algum mundo (cf. NOGUEIRA, 2006).

comunicarem-se por meio da expressão lingüística, e por uma descrição lingüística que considere os papéis dos interlocutores e a situação de interação.

Por esse modelo, podemos postular que uma gramática funcional seria, então, uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se a uma teoria global de interação social, o que reflete o caráter dinâmico da linguagem, dada a relação instável entre estrutura e função.

Cumpre considerar também o modelo de Gramática Funcional de K. Hengeveld (2000). O holandês propõe a ampliação do modelo de Dik para uma Gramática Funcional orientada para Discurso (GFD). A abordagem da estratificação descendente e a modular integram este modelo de gramática. Para Hengeveld (2000), o modelo de produção do discurso é descendente no sentido de que as decisões comunicativas do falante, ao construir um enunciado, é que descrevem como as estruturas subjacentes são geradas.

A proposta de Hengeveld distingue-se da de Dik, porque, na GFD, há três níveis que se apresentam, separadamente, numa ordem hierárquica, e que interagem com os componentes cognitivo e comunicativo. Os níveis são o interpessoal, o representacional e o da expressão. Os dois primeiros níveis são ligados por regras de mapeamento, quando intenções comunicativas são transmitidas pelo conteúdo semântico. Esses dois primeiros níveis são ligados ao da expressão por meio de regras de expressão. Quando só o conteúdo pragmático deve ser transmitido, as regras de expressão ligam diretamente os níveis interpessoal e de expressão.

Em cada um dos três níveis, o falante utiliza o componente cognitivo e o componente comunicativo. O primeiro representa o conhecimento do falante, com suas competências comunicativa e lingüística e o seu conhecimento de mundo. O segundo representa tanto a informação lingüística derivável de um discurso anterior, como a informação perpectual não lingüística derivável da situação de fala¹⁶.

O modelo de gramática proposto por Hengeveld capta as estruturas lingüísticas em relação ao mundo que essas estruturas descrevem e às intenções comunicativas que condicionam a sua produção. Hengeveld (2000) reconhece que as questões apresentadas em seu modelo não

¹⁶ Hengeveld chama ao componente cognitivo de conhecimento de longo-termo (*long-term*), e ao componente comunicativo de conhecimento de curto-termo (*short-term*) (HENGEVELD, 2000, p.4)

são novas para a Gramática Funcional, mas espera que seus questionamentos contribuam para uma abordagem integrada na teoria lingüística.

Givón (1984) não apresenta um modelo de gramática funcional, mas seus estudos são exemplos importantes de uma investigação funcionalista. Givón concebe a língua como um sistema não-autônomo, pois é a referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultural, mudança e variação, aquisição e evolução, que nos faz entender a gramática. O lingüista considera que a estrutura interna da gramática funciona como um organismo que integra a sintaxe, a semântica e a pragmática, e focaliza o caráter icônico da gramática, ao considerar que certas condições governam o uso dos recursos de codificação morfossintática da língua.

Givón (1979; 1995) sustenta que a função determina a sintaxe, defende uma lingüística baseada no uso, com o propósito de examinar a língua tanto do ponto de vista do contexto lingüístico, quanto da situação extralingüística. Seria, portanto, a língua em uso que nos auxiliaria a entender o fenômeno sintático, visto ser a gramática constituída em contextos discursivos específicos.

Suas pesquisas enriqueceram os estudos funcionalistas ao apresentarem discussões fecundas sobre os princípios de iconicidade, marcação e sobre o fenômeno da gramaticalização. Segundo Givón (1995), a marcação é um fenômeno dependente do contexto, pois uma mesma estrutura pode ser marcada em um contexto e não-marcada em outro, e que as explicações para isso devem ser procuradas em fatores comunicativos, socioculturais, cognitivos e biológicos. Para ele, a marcação está intimamente relacionada à frequência, pois quanto menos freqüente no texto, mais marcada é a categoria.

Givón (1995, p. 9) dá valiosa contribuição ao resumir alguns princípios que caracterizam a concepção funcionalista de linguagem, são eles:

- a) a linguagem é uma atividade sócio-cultural;
- b) a estrutura serve a uma função cognitiva ou comunicativa;
- c) a estrutura é não-arbitrária, motivada, icônica;
- d) a mudança e a variação estão sempre presentes;
- e) o sentido é contextualmente dependente e não-atômico;
- f) as categorias não são discretas;
- g) a estrutura é maleável e não-rígida;

- h) as gramáticas são emergentes;
- i) as regras de gramática permitem algumas exceções.

Em sua versão branda, Givón (2001) critica o conceito de gramática emergente e, embora considere a gramática como um instrumento discretizante, categorizador, lembra que não consegue ter 100% de dominância de uma regra, uma vez que, para ele, a flexibilidade residual, a gradualidade e a variabilidade da gramática são motivadas de maneira adaptativa.

Ao considerar a existência de uma relação estreita entre os aspectos funcionais, tipológicos e diacrônicos da gramática, Givón (2001) postula que a tipologia gramatical é o estudo de diferentes estruturas que podem servir a um mesmo tipo de função, e que os universais não são necessariamente absolutos, mas que dependem, de alguma forma, de subsistemas cognitivo, comunicativo e gramatical.

É nesse contexto funcionalista que alguns relevantes estudos sobre a linguagem encontram abrigo. Estudos sobre o processo de gramaticalização, por exemplo, acomodam-se no funcionalismo por refletirem o equilíbrio entre motivações internas e motivações externas ao sistema. A competição entre as forças externas e internas permite a existência da gramática (Du Bois, 1985).

1.2. GRAMÁTICA E COGNIÇÃO

Nos estudos funcionalistas recentes sobre gramática e discurso (GIVÓN 1991; HEINE et alii, 1991; BYBEE, 2003a, 2003b, 2005), encontramos a relação entre gramática e cognição. Para Givón (1991), embora as línguas codifiquem, diferentemente, um mesmo evento, existe uma relação icônica entre o empacotamento cognitivo e o empacotamento gramatical. Há, portanto, no fenômeno lingüístico, um componente cognitivo que está por trás do componente gramatical e que representa o conhecimento do falante, como suas competências comunicativa e lingüística, e seu conhecimento de mundo (cf. HENGVELD, 2000, p. 4).

Como a gramática está constantemente sendo criada por força do uso, é comum que morfemas e estruturas gramaticais desapareçam e que outros sejam criados. Na constante formação da gramática, atuam processos cognitivos básicos. Para entendermos como atuam esses processos, precisamos, inicialmente, compreender que os itens lexicais, fonte de itens

gramaticais, representam aspectos concretos e básicos das relações do homem com seu ambiente, com forte ênfase ao ambiente espacial e às partes do corpo.

A relação espacial entre um objeto e outro é expressa, com frequência, em termos da relação de uma parte do corpo e o restante dele. Segundo Lakoff e Johnson (1980), o pensamento tem base corporal, por isso é comum utilizarmos o corpo para descrevermos nossas experiências. A palavra “cabeça”, por exemplo, envolve o significado de termos, como *acima*, *em cima*, *no topo*.

Os conceitos mais abstratos, portanto, estão ligados aos mais concretos. Dessa forma, podemos encontrar as origens das noções gramaticais mais abstratas em conceitos mais concretos, físicos, que envolvem movimento e orientação do corpo humano no espaço. As construções gramaticais que expressam noções abstratas, como Tempo, relações de caso, definitude etc, podem ter sido originadas por aspectos básicos da experiência humana.

A importância de fatores cognitivos na formação da gramática pode ser mais bem compreendida se considerarmos a gramaticalização, processo pelo qual um item lexical ou uma sequência de itens torna-se gramatical (cf. capítulo 2), como um processo de *automatização* de sequências de elementos lingüísticos que ocorrem frequentemente. Bybee (2003a) argumenta que os princípios de automatização, aplicados a todas as atividades motoras, podem também ser aplicados à gramaticalização.

Dessa forma, as construções gramaticais são rotinas motoras automatizadas que podem ser organizadas para que o discurso se torne mais fluente. Essa automatização ocorre devido à repetição, por meio da qual sequências de unidades, anteriormente independentes, tornam-se uma só.

A repetição constante leva à *habituação* e à *emancipação*. Segundo Bybee (2003a, p.154), habituação é o processo pelo qual um organismo não mais responde a estímulos repetidos, perdendo, assim, sua força semântica; e emancipação é o processo pelo qual a função instrumental original assume uma função simbólica inferida do contexto no qual ocorre¹⁷.

Um bom exemplo, bastante utilizado na literatura da área, de como a repetição frequente influencia na formação da gramática é da construção do inglês *be going to*. Originalmente, a

¹⁷ [...] *habituation*, the process by which an organism ceases to respond at the same level to a repeated stimulus. (...). [...] *the process of emancipation*, by which the original instrumental function of the practice take on a symbolic function inferred from the context in which it occurs. (BYBEE, 2003a, p. 154)

construção *be going to*¹⁸ tinha o significado literal de *movimento no espaço em direção a um objetivo*. Com o tempo, o valor informacional da construção passou a ser menos de movimento e mais de propósito, de forma que a nova função de expressar objetivo ou intenção, gradualmente, tornou-se a função principal dessa construção.

O uso de *be going to* para expressar intenção mostra que a habilidade do falante de fazer inferências é uma característica importante no processo comunicativo. Para Bybee (2003a), quando o mesmo padrão de inferências ocorre freqüentemente com uma construção particular, a inferência passa a fazer parte do significado da construção. Se *be going to* é usado para falar sobre intenções, então intenção passa a fazer parte de seu significado¹⁹. Podemos, então, afirmar que os significados abstratos de construções gramaticais são originados por padrões de inferência.

A repetição freqüente, como vimos, é responsável pela habituação, o que faz com que morfemas gramaticais percam seu significado lexical de origem e tornem-se mais gerais. Tornando-se mais geral, o item ou construção pode ser usado em um maior número de contextos. Um verbo, por exemplo, perdendo conteúdo lexical, pode ter um uso mais generalizado e, dessa forma, a possibilidade combinatória de sujeito é expandida.

Quando um verbo seleciona o sujeito, o faz considerando um conjunto de traços definidos semanticamente. Por exemplo, um verbo de ação, como *correr*, tende a selecionar sujeitos com o traço *agente*. Essa escolha é feita com base em uma categorização. A categorização é um processo mental de classificação, cujo produto são as categorias cognitivas, ou seja, conceitos mentais armazenados em nossos cérebros (cf. CUENCA; HILFERTY, 1999, p. 32).

Vista como um mecanismo que organiza a informação obtida a partir da apreensão da realidade, a categorização é um fator importante para a dinâmica das línguas. Segundo Bybee, as categorias lingüísticas têm uma estrutura prototípica, não podem ser definidas como uma série de condições necessárias e suficientes, mas caracterizadas em termos de membros mais centrais e mais periféricos. O fato de ser possível a entrada de novos membros em uma categoria permite maior produtividade no uso da língua.

O membro que apresenta o maior número de propriedades que caracterizam uma categoria é chamado de protótipo. Produto de nossas representações do mundo, de nossos modelos

¹⁸ Cf. capítulo 2, seção 2.5 e capítulo 3, seção 3.1.2.

¹⁹ *When the same pattern of inferences occurs frequently with a particular grammatical construction, those inferences can become part of the meaning of the construction. If 'be going to' is frequently used to talk about intentions, it begins to have intention as part of its meaning.* (BYBEE, 2003a, p. 156)

cognitivos idealizados, o protótipo é o responsável pela classificação de outros membros dessa categoria, considerando o grau de semelhança que tenham com ele.

O conceito de protótipo reforça a relação entre gramática e cognição, pois entidades e categorias gramaticais são explicadas levando-se em conta a noção de categorização. Como as capacidades gerais do cérebro humano permitem, ao indivíduo, categorizar, estabelecer identidade, similaridade e diferenças, lingüistas que não dissociam a estrutura da língua de seu uso consideram gramática como *a representação cognitiva da experiência de um indivíduo com a língua* (cf. BYBEE, 2005, p. 711).

A gramática, como uma mediação da experiência do indivíduo com a língua, é criada por meio de rotinização, que estabelece construções neuromotoras. No fazer-se da gramática, a repetição, como vimos apresentando, é um dos fatores mais importantes. Bybee e Thompson (1997) apresentam dois principais efeitos da frequência: o efeito redução e o efeito conservação.

A redução tem efeito na fonética, com a perda de material fônico; na sintaxe, com a perda de constituinte interna; e na semântica, com a perda de conteúdo semântico. Palavras de alta frequência tendem a mudar mais rapidamente que palavras de baixa frequência. A construção *be going to*, para citar novamente o exemplo, ilustra o caso de redução fonética, pois é reduzida para [‘gɒn].

Por outro lado, a repetição também produz o efeito conservador, expressões de alta frequência são fixadas em nossas mentes, sendo mais facilmente acessadas e, assim, tornam-se mais difíceis de serem substituídas por outras expressões. Isso ocorre porque a frequência fortalece as representações da memória de palavras ou frases, tornando-as menos sujeitas à reformulação analógica. Bybee e Thompson (1997) citam, como exemplo do efeito conservador da frequência, os verbos regulares do inglês que, por serem mais utilizados, resistem a mudanças, em comparação aos irregulares que, vez por outra, são conjugados analogamente ao padrão regular.

Dessa forma, podemos dizer que as construções gramaticais são modificadas ou mantidas por meio do mesmo mecanismo, a repetição, atendendo às necessidades cognitivas e comunicativas do falante.

Para dar conta dessas necessidades, as gramáticas das línguas naturais não podem ser concebidas como estáticas e acabadas. O seu aspecto não-estável manifesta-se por meio da variação e da mudança. Assim, dizemos que a gramática está em um contínuo processo e que sua

estrutura lingüística apresenta uma relativa estabilidade, pois, sincronicamente, a gramática exibe, de modo simultâneo, padrões regulares, rígidos, e padrões que não são completamente fixos, mas fluidos.

Em outras palavras, podemos dizer que, ao lado de padrões relativamente fixos e resistentes a alterações, há, na gramática, formas que tendem a assumir novas funções, padrões novos que se estabilizam, resultando numa reformulação da gramática. Isso ocorre porque as gramáticas adaptam-se às necessidades de expressão dos usuários. É a situação comunicativa que motiva, em parte, a estrutura da gramática.

Considerando a maleabilidade da gramática, Hopper (1987), expoente do funcionalismo norte-americano, cunhou, não sem críticas, a expressão “*gramática emergente*”. Para o lingüista, a noção de gramática emergente é usada para sugerir que a estrutura – ou regularidade – vem do discurso e é formada pelo discurso.

Essa visão de gramática implica uma mudança na compreensão de signo lingüístico, visto como uma unidade que liga uma forma lingüística com um significado ou função. Segundo essa visão, os signos são equipados antes do ato de comunicação com todas as informações necessárias para o uso comunicativo bem-sucedido. Assim, para Hopper (1998, p.156)

uma língua é um inventário de tais signos com suas combinações de regras; e os discursos (...) são arrumados “sintaticamente” de acordo com essas regras. Tanto a gramática quanto o léxico existem em um nível abstrato antes de qualquer uso que é feito deles no discurso.²⁰

A gramática seria, então, emergente, por ter as mesmas propriedades provisórias e dependentes do contexto que o signo. O termo *emergente* é concebido como um movimento contínuo em direção à estrutura, visto como sempre provisória e sempre negociável.

Em outras palavras, a gramática é vista como uma atividade em tempo real, *on-line*, que emerge cotidianamente no discurso e que nunca está completa. Dessa forma, a gramática é apenas o nome para certas categorias de repetições observadas no discurso; suas formas não seriam fixas, mas emergiriam na interação face a face, refletindo a experiência do falante e sua avaliação do contexto presente. Essas repetições são responsáveis, como vimos, pela rotinização

²⁰ A language is an inventory of such signs, together with their combinatorial rules; and discourses are strings of form-meaning dyads arranged “syntactically” according to these rules. Both grammar and lexicon exist at an abstract level prior to any use that is made of them in discourse (...). (HOPPER, 1998, p.156)

de palavras e expressões usadas no discurso, e reorganizadas para atender aos nossos propósitos a cada situação comunicativa.

Para explicitar a rotinização de uma expressão, DeLancey (2000) evoca a imagem de uma tarefa realizada freqüentemente. Devido à freqüência com que essa atividade é realizada, aos poucos, o esforço mental para sua realização diminui, a ponto de se tornar automatizada, ou seja, rotinizada. É o que ocorre com vocábulos e construções em uma língua. Segundo DeLancey (2001, p.15)

(...) sabemos que há um conjunto de mudanças estruturais que tipicamente acompanham este tipo de rotinização, é o caso de construções verbais que ao se tornarem rotinizadas em um tipo de função, perdem seu comportamento tipicamente verbal (por exemplo, a marcação de concordância, de tempo e aspecto), tornando-se instrumentos para designar propósitos específicos²¹.

DeLancey (2001), ao discorrer sobre motivação, apresenta a linguagem como sendo instrumento que os falantes usam para organizar e comunicar representações mentais, e cuja forma só pode ser compreendida em relação a sua função. Mas, como qualquer artefato, a forma não é completamente determinada por sua função. DeLancey quer enfatizar que, na língua, alguns fatos sintáticos são claramente motivados funcionalmente, e outros carecem de motivação funcional evidente.

Em relação a muitas expressões, já não é possível encontrar motivação sincrônica para o uso. Em casos como esse, dizemos que atua uma outra importante força para compreendermos a organização da gramática, a opacidade. DeLancey (2001), ao estudar o uso de *from* e de *of*, no inglês, conclui que há casos em que mudanças diacrônicas apagam a motivação original de um aspecto particular de uma construção.

O que se observa é que determinadas formas que inicialmente eram criativas e expressivas tornam-se, devido à freqüência, habituais e fixas, sendo necessária a criação de outras formas. Em outras palavras, se uma determinada forma já não cumpre tão bem sua função no discurso, é descartada pelo falante que já segue em busca de outra forma mais expressiva. É por isso que se afirma que a gramática está sempre em movimento, pois, não sendo estável, fechada ou autocontida, é um eterno fazer-se.

²¹ "(...) we know that there is a set of structural changes which typically accompany this kind of routinization – as a verbal construction becomes routinized in this kind of function, it tends to lose its typically verbal behaviors (e.g. agreement, tense/aspect marking and other specifically verbal morphology), turning into a more streamlined tool, more precisely designed for its specific purpose" (DELANCEY, 2001, p.15)

Assim, a gramática vai sendo construída pelas pressões de uso das quais resultam as regularidades. Os propósitos comunicativos do falante em ser expressivo e informativo e a existência de lacunas nos paradigmas gramaticais ou no universo de conceitos abstratos são os interesses que motivam o eterno fazer-se da gramática.

Para Hopper & Thompson (1994), a gramática é modelada por uma gama de fatores cognitivos, sociais e interacionais envolvidos no uso real da linguagem. Para eles as regularidades da gramática surgem devido a certas estratégias utilizadas pelos falantes no momento da interlocução.

Nesse sentido, a gramática é um sistema adaptativo em que forças motivadoras dos fenômenos externos, i.e., discursivas, penetram no domínio da língua e passam a interagir com forças organizadoras internas (estruturais), competindo e conciliando-se sistematicamente com elas (DU BOIS, 1985).

A concepção de gramática emergente recebeu inúmeras críticas, de modo que preferimos conceber gramática, de forma mais equilibrada, entre estabilidade e fluidez. Givón (1995) sugere que as categorias lingüísticas são categorias de protótipos que exibem estabilidade no centro e fluidez nas margens. Assim, nem tudo seria fixo e nem tudo seria variável; ou, para sermos mais explícitos, na língua, há elementos fixos e há elementos variáveis.

SÍNTESE CONCLUSIVA

Abordamos, neste capítulo, os principais pressupostos do paradigma funcionalista, modelo segundo o qual a língua é um instrumento de interação e serve a uma gama de propósitos. Oposto ao paradigma formal, o funcionalismo apregoa que os textos ocorrem em algum contexto de uso, e que a estrutura do material lingüístico é flexível e em continua transformação.

Relacionamos gramática e cognição, por compreendermos que processos cognitivos atuam na construção das estruturas gramaticais, sendo a repetição um fator importante na criação da gramática. A gramática é, assim, concebida como em constante mudança devido às pressões do próprio sistema e às pressões contextuais.

Essa visão de gramática como estrutura não-discreta, suscetível a mudanças e deveras afetada pelo uso que lhe é atribuído pelo falante, nos conduz a um outro importante conceito, o de “gramaticalização”. É sobre este conceito que discorreremos no capítulo seguinte.

2. GRAMATICALIZAÇÃO

“grammaticalization occurs spontaneously and in the same form at all documented time periods and in the all languages” (BYBEE,2003)²².

Com o propósito de embasar a análise dos diferentes usos de *chegar*, que, segundo nossa hipótese, evidenciam um caso de gramaticalização, apresentamos, neste capítulo, uma abordagem sobre o processo de gramaticalização e as principais discussões em torno deste tema. Inicialmente, tecemos algumas considerações sobre o termo *gramaticalização*, para em seguida fazermos uma incursão histórica nos estudos sobre esse processo de mudança lingüística, e discutirmos suas etapas e seus princípios. Compreendendo que a gramaticalização é motivada por processos cognitivos, apresentamos metáfora e metonímia como motivadores de mudança lingüística. Por considerarmos que um item em gramaticalização pode assumir vários significados, finalizamos este capítulo discutindo o fenômeno da polissemia.

2.1. O termo *Gramaticalização*

O termo *Gramaticalização* começou a ser usado na China, no século X, mas foi somente no século XX que Meillet (1912) o definiu como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma”. A partir de então, vários lingüistas ocuparam-se desse fenômeno, e Givón, na década de 70, ao estudar as formas verbais africanas e descobrir que os afixos de hoje remontam a arranjos de pronomes com verbos independentes, lançou o slogan “*A morfologia de hoje é a sintaxe de ontem*”, para mostrar que as línguas seguem um ciclo, que pode ser assim descrito:

DISCURSO > SINTAXE > MORFOLOGIA

Para Lehmann (1982, p.9), o padrão derivacional ao qual pertence a palavra “gramaticalização” sugere que ela significa um processo pelo qual alguma palavra lexical se

²² Trecho extraído de Bybee (2003b, p.147): *grammaticalization occurs spontaneously and in the same form at all documented time periods and in all languages*. Tradução nossa: “a gramaticalização ocorre espontaneamente e da mesma forma em todos tempos e em todas as línguas”.

torna gramatical. Várias críticas são feitas a essa afirmação de Lehmann. Primeiro, porque o termo *gramatical* tem diversos significados. Um deles prevê que gramatical é tudo que pertence à gramática, oposto, dessa forma, a lexical, estilístico e discursivo. Além disso, gramatical também está relacionado à correção, ou seja, gramatical é o que está compatível com regras gramaticais. Outra crítica diz respeito ao fato de que a gramaticalização pode ser entendida também como o processo pelo qual uma palavra já gramatical se torna mais gramatical, existindo, portanto, graus de gramaticalidade.

O termo *gramaticalização* tende a variar de acordo com os diferentes estudos que abordam o tema. Traugott e Heine (1991), por exemplo, consideram gramaticalização como parte da teoria da linguagem que estuda a intrínseca relação entre *langue* e *parole*, entre o categorial e menos categorial, entre o que é fixo e o que fluido na língua.

A variação não está apenas no conceito, mas na própria palavra gramaticalização. Bolinger (1978) usou o termo *gramaticização* em vez de *gramaticalização*. Parece-nos que, na literatura da área, o primeiro termo, *gramaticização*, trata o fenômeno de mudança contínua de categorias e significados, a partir de uma sincronia; ao passo que o termo *gramaticalização* estaria ligado à perspectiva histórica.

Lehmann (1982) informa que outros termos já foram utilizados como referência ao fenômeno gramaticalização. Li e Thompson (1974), Givón (1979) e Brettscheider (1980) utilizaram o termo *condensação*; Langaker (1977) usou o termo *redução*, e Martinet, *morfematização*. Na verdade, todos esses termos são limitados, pois dizem respeito a apenas um aspecto da gramaticalização. Condensação, por exemplo, é tida como uma fase específica da gramaticalização, a saber, a redução de uma oração a uma palavra.

O processo de gramaticalização é também motivo de controvérsia. Vamos considerar aqui, seguindo as idéias de Lehmann (1982), citando Kurylowicz, gramaticalização não só como o processo pelo qual palavras lexicais tornam-se gramaticais, mas o processo pelo qual itens já gramaticais tornam-se cada vez mais gramaticais. É preciso definir, entretanto, o que é gramatical e o que não é gramatical. Para Lyons (1977), “x é gramaticalizado na língua L somente se x é uma categoria semântica que é representada por uma categoria gramatical em L”. Quais os critérios, então, para que uma categoria possa ser considerada gramatical? Para Jakobson (1959), o critério essencial seria a obrigatoriedade, mas esse critério não deve ser considerado categórico,

pois o que é obrigatório em um dado contexto pode ser opcional em outro, ou, até mesmo, impossível em um terceiro. Por exemplo, em língua portuguesa, a distinção de número *singular x plural* é obrigatória nos nomes; já no turco, não o é.

Heine *et alii* (1991), discutindo sobre o que alçaria o estatuto de gramatical, apresentam algumas características dos conceitos gramaticais. Para os autores, conceitos gramaticais são mais abstratos do que conceitos lexicais. Enquanto conceitos lexicais são autosemânticos, ou seja, têm uma semântica própria; conceitos gramaticais têm sido descritos como essencialmente relacionais, pois adquirem sentido por combinação com outros conceitos.

Em geral, podemos dizer que conceitos mais concretos, mais lexicais são elementos que se referem à representação lingüística dos objetos que constituem o mundo da realidade tanto exterior quanto interior, materiais ou imateriais, reais ou ideais, concretos ou abstratos. Designam dados do universo biossocial, entidades, ações, qualidades. Assim, podemos citar os substantivos, os verbos, os adjetivos e os advérbios de modo, como representação lingüística de conceitos lexicais.

Já os conceitos gramaticais, ou vocábulos de significação interna, são os elementos gramaticais, estruturais, vocábulos-morfemas, instrumentos gramaticais, relacionais. Traduzem situações e conceitos puramente lingüísticos, organizam os itens do léxico no discurso, ligam partes do texto, identificam partes do texto já mencionadas ou por mencionar, marcam estratégias interativas, expressam noções gramaticais como tempo, aspecto, modo, gênero, número e pessoa.

2.2. Breve histórico dos estudos sobre gramaticalização

Faremos, agora, um breve histórico dos estudos sobre de gramaticalização. Segundo Lehmann (1982), foi Antoine Meillet, já no século XX, quem primeiro usou o termo *gramaticalização* no sentido em que é conhecido hoje. O termo, porém, é bem mais antigo, pois a idéia de que formas gramaticais evoluem de formas lexicais, isto é, que formas presas evoluem de formas livres, já tinha sido exposta pelo filósofo francês Condillac, em 1746. Em 1786, John Horne Tooke asseverou que preposições são derivadas de nomes e verbos. Mas foi Wilhelm von Humboldt, em 1822, que chegou a conclusões mais precisas sobre o assunto, e propôs quatro estágios para explicar a origem das formas gramaticais.

Para Humboldt (1822), a significação das formas gramaticais sofre uma mudança de quatro estágios:

1. as categorias gramaticais estão completamente escondidas em lexemas e nas configurações semântico-sintáticas de expressões idiomáticas. É o que ocorre com as línguas isolantes;
2. as palavras passam a ter uma ordem fixa, e algumas formas vacilam entre palavras plenas de conteúdo e palavras esvaziadas, atuando apenas com funções gramaticais. É o que também ocorre com as línguas isolantes;
3. estágios de aglutinação: as palavras vacilantes são aglutinadas e sufixos “grudam-se” a palavras plenas. É o que ocorre com as línguas aglutinantes;
4. estágio de flexão: palavras gramaticais ligam-se a raízes, com alteração do esquema acentual, apagamento dos limites entre as palavras e criação de regras de ligação. É o que ocorre com as línguas flexionais.

Resumindo o que foi dito acima, esses quatro estágios propostos por Humboldt correspondem aos tipos morfológicos da tipologia lingüística de seu tempo: os estágios 1 e 2 correspondem ao tipo isolante; o estágio 3 corresponde ao tipo aglutinante; e o estágio 4, ao tipo flexional.

A teoria de Humboldt ficou conhecida como a *teoria da aglutinação* e foi seguida por Franz Bopp, Karl Brugmann, Georg von Gabelentz e por August Schleicher.

Para Gabelentz, a gramaticalização começa a ser vista como o resultado de duas forças: a tendência à articulação e a tendência à diferenciação. A evolução não é linear, é basicamente clítica. Por esse motivo, é designada pela “metáfora do espiral”.

Em 1912, Meillet publica o artigo “L’evolution des formes grammaticales”. Mas Meillet não se interessou por gramaticalização pelas implicações tipológicas, mas pela explicação de certos fatos da história das línguas indo-européias. O lingüista considera a existência de três tipos de classes de palavras: palavras principais, palavras acessórias e palavras gramaticais. Entre elas, propõe uma transição gradual, com o enfraquecimento de sentido e de forma das palavras principais e das palavras acessórias²³.

²³ “L’affaiblissement du sens et l’affaiblissement de la for des mot accessoires vont de pair; quand l’un et l’autre sont assez avancés, le mot acessoire peut finir par ne plus être qu’un élément prive de sens propre, joint à um mot principal pour em marquer le role gramatical. Le changemet d’un mot en élément gramatical est accompli”. (MEILLET, 1912, p.139)

Meillet acrescenta que as línguas seguem uma espécie de desenvolvimento, de evolução em espiral: surgem palavras novas para novas idéias; algumas palavras perdem força, pelo uso, se desgastam, tornando-se instrumentos gramaticais; podem surgir novas palavras para expressar novos sentidos; elas perdem força novamente e o ciclo se repete indefinidamente²⁴.

Meillet menciona dois importantes fatores responsáveis pelas mudanças na língua – a expressividade e o uso; e cita, primeiramente, o termo “gramaticalização”, como a “atribuição de característica gramatical a uma palavra anteriormente autônoma”. Depois retoma o termo para opô-lo à *analogia*. Gramaticalização e analogia são, para Meillet, os dois mais importantes processos de mudança lingüística.

A analogia, nas palavras do autor, consiste em fazer uma forma tomando o modelo de outra, ou seja, as formas que surgem na língua seguem modelos já existentes, considerando o sistema gramatical da língua em que são criadas, sempre que houver necessidade.

Gonçalves (1994) nos informa que Vendryès, ao falar sobre “as transformações morfológicas”, enumera duas tendências gerais que dominam essas transformações: a analogia e a transformação de palavras plenas em palavras vazias. O esvaziamento, que corresponde ao processo de gramaticalização, pode ser exemplificado, na língua francesa, por meio do substantivo *homme* que se tornou instrumento gramatical (*homme* > *on*) em *on dit* (diz-se). Em inglês, os verbos *to do*, *to will* podem ter seu significado fonte esvaziado²⁵ ao se tornarem verbos auxiliares, como em *Do you see?*, *I will go*. Outro exemplo é o substantivo latino *mente* que, hoje, serve de sufixo formador de advérbio de modo.

Ao contrário de Meillet, Karl Vossler não acredita serem apenas a analogia e a gramaticalização os componentes do sistema gramatical e apresenta seis processos de mudança: a analogia, a gramaticalização, a contaminação (considerados uniformizadores); e a mudança fonética, a mudança semântica e a diferenciação (considerados diferenciadores).

Para Vossler²⁶, a gramaticalização é um esvaziamento do significado de palavras plenas. Ocorre o processo sempre que as palavras independentes, por conta do uso, tornam-se meros

²⁴ “*Lês langues suivent ainsi une sorte de développement en spirale; elles ajoutent de mots accessoires pour obtenir une expression intense; ces mots s'affaiblissent, se dégradent et tombent au niveau de simples outils grammaticaux; on ajoute de nouveaux mots ou des mots différents en vue de l'expression; l'affaiblissement recommence, et ainsi sans fin*” (MEILLET, 1912, p.139)

²⁵ do inglês *bleaching*.

²⁶ *Apud* Gonçalves (1994)

elementos formais, sufixos ou prefixos. É o caso dos comparativos sintéticos latinos. O sufixo – *ior* (de *facilior*) foi perdendo a idéia comparativa, e o falante passou a utilizar formas com *magis* ou *plus facilis*. Os demonstrativos latinos *ille*, *iste* evoluíram para simples artigos, e o verbo *habere* perdeu seu significado de *ter*, *possuir*, para se transformar em morfema indicador de tempo.

Seguindo a tradição humboldtiana, Edward Sapir se interessou por gramaticalização – mesmo sem usar o termo – apenas para estabelecer um contínuo de diferentes tipos de conceitos lingüísticos como uma base para a tipologia sincrônica.

Durante o primado do Estruturalismo, questões sobre gramaticalização ficaram adormecidas. Fora do estruturalismo, entretanto, a tradição indo-europeísta dos estudos sobre gramaticalização permanece ininterrupta. Os principais representantes da época são Kurylowicz e Benveniste. Kurylowicz definiu gramaticalização, no artigo “The evolution of grammatical categories” (1965), como a transformação de um item gramatical em um morfema, ou de uma forma já gramatical em uma mais gramatical.

Já na década de 70, a concepção de evolução tipológica é revista por Carleton T. Hodge e Talmy Givón. Hodge distingue apenas dois estágios de evolução, que correspondem aos estágios 3 e 4 de Humboldt²⁷: um de sintaxe forte e morfologia fraca; e outro de sintaxe fraca e morfologia forte. Também criou o slogan “a sintaxe de ontem é a morfologia de hoje”.

Essa afirmação foi reformulada por Givón (1971), ao declarar que “a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem” (Givón, 1979). O funcionalista propôs, assim, a seguinte escala *Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > Zero*. Givón sustenta que, no processo de gramaticalização, o modo pragmático de comunicação dá lugar ao modo sintático; com isso, expressões lingüísticas com vinculação sintática fraca se transformam em expressões sintáticas fortemente ligadas.

O foco até aqui era na oposição entre o Léxico e a Gramática. No funcionalismo givoniano, a preocupação alarga-se chegando ao Discurso, considerando-o, inclusive, mais importante que a Gramática. Tal concepção gerou dois importantes desdobramentos: 1. a sintaxe icônica, que revela um grau de não arbitrariedade das estruturas com relação ao que elas significam; 2. a concepção de gramática emergente (HOPPER, 1988), que entende a gramática

²⁷ Cf. página 21.

como um conjunto de parcelas, cujo estatuto vai sendo constantemente negociado na fala, não podendo, em princípio, ser separado das estratégias de construção do discurso.

Hopper e Traugott (1993) definem gramaticalização como o processo pelo qual itens e construções lexicais passam, em determinados contextos lingüísticos, a servir a funções gramaticais. Em outras palavras, tal fenômeno é o processo pelo qual um item sai do léxico para entrar na gramática.

A Gramaticalização pode ser considerada, então, como regularidade, convencionalidade, modo de rotinização. Quando uma construção deixa de ser um meio inovador e se transforma em uma estratégia comum, então ela passou a ser considerada pela comunidade lingüística como gramatical.

No dizer de Castilho (1997:31), gramaticalização é:

O trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (=recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema.

De acordo com Heine e Rech (1984), “gramaticalização é uma evolução na qual as unidades lingüísticas perdem em complexidade semântica, liberdade sintática e em substância fonética”. Segundo Castilho (1997), esse conceito suscita as seguintes questões: (1) de quais unidades lingüísticas se está falando: lexicais, gramaticais, semânticas, discursivas? (2) de que evolução se está falando: das categorias gramaticais, no plano diacrônico ou na emergência de categorias gramaticais e discursivas, no plano sincrônico? (3) em que consiste a complexidade semântica? Castilho (1997) acrescenta: “Embora já se tenha resposta para algumas dessas questões, outras ainda se encontram em aberto”.

Convém, ainda, citar Traugott (1988), para quem “Gramaticalização se refere ao estudo de mudanças lingüísticas situadas no *continuum* que se estabelece entre unidades independentes, localizadas em construções menos ligadas, e unidades dependentes, tais como clíticos, partículas auxiliares, construções aglutinativas e flexões”. Comentando o conceito proposto por Traugott, Castilho (1997) afirma que o debate sobre gramaticalização na lingüística contemporânea envolve, principalmente, três vertentes: a da tipologia lingüística, representada por Humboldt

(1822); a da mudança lingüística, representada por Meillet (1912) e por Benveniste (1968); e a da sintaxe conversacional, representada por Hodge (1970) e Givón (1971, 1979, 1984).

Entre os representantes da primeira corrente, salientamos o nome de Humboldt (1822), para quem a significação das formas gramaticais sofre uma mudança em quatro estágios, já citados anteriormente.

A segunda corrente, a da mudança lingüística, tem como representantes Meillet (1912) que, como já dissemos, considera a gramaticalização e a analogia os dois principais processos de mudança gramatical, distingue criação e renovação gramatical e propõe a existência de três classes de palavras: as principais, as acessórias e as gramaticais. Indica que há uma transição gradual entre essas classes e denomina esse processo de “gramaticalização”, que, como já apresentamos, consiste na “atribuição de um caráter gramatical a um termo outrora autônomo” (MEILLET, 1912, p.139). A partir dessa exemplificação, deduzimos que a gramaticalização é um processo:

- diacrônico: a derivação de usos “acessórios” e “gramaticais” a partir de um uso “principal”;
- sincrônico: a convivência dos usos assim constituídos num mesmo recorte de tempo.

Preferimos, portanto, investigar o processo de gramaticalização a partir de uma perspectiva pancrônica.

Ainda segundo Meillet (1912), o processo de agregação de um demonstrativo a um nome é extremamente produtivo, mas não conduz à gramaticalização. Trata-se da criação de um item lexical, o que não traz interesse ao estudo sobre gramaticalização.

Na vertente da mudança lingüística, Castilho situa também Kurylowicz (1965), que definiu a gramaticalização como ampliação dos limites de um morfema que avança do léxico para a gramática ou de um nível menos gramatical para um outro mais gramatical. Ao gramaticalizar-se, o item perde substância semântica e fonológica, passando a se comportar como um morfema: dependente (os auxiliares) ou preso (os afixos derivados de um morfema livre).

Por outro lado, o gerativista Roberts (1933) vê a gramaticalização como a mudança de uma categoria lexical para uma categoria funcional, associada à perda do conteúdo lexical. Ele apresenta os seguintes estágios para os verbos:

Verbo pleno > construção predicativa > forma perifrástica > aglutinação

Para os formalistas, como Robert, a gramaticalização é um fenômeno diacrônico que consiste no desenvolvimento de núcleos lexicais em núcleos funcionais. Esse desenvolvimento estaria encaixado na teoria da marcação, de caráter mais amplo, no aprendizado da língua e na mudança lingüística em geral, sendo essa última essencialmente randômica do ponto de vista da Gramática Universal. Uma consequência é que a irreversibilidade dos fenômenos tratados como gramaticalização seria apenas aparente. Outra consequência é que as propriedades da gramaticalização depreendidas por Lehmann (1985) (cf. sessão 2.4) decorreriam do caráter imanente de um primitivo da Gramática Universal: a existência de categorias funcionais, que, por definição, não possuem estrutura argumental nem outras propriedades semânticas, sendo por isso resultantes, diacronicamente, de categorias lexicais empobrecidas fonética e semanticamente (ROBERTS & ROUSSOU, 1999, p.23).

Como é de se esperar, a abordagem formalista da gramaticalização entra em conflito com a abordagem funcionalista quanto a questões basilares. Aqueles criticam os funcionalistas por sua insistência em relação à continuidade e direcionalidade da mudança tratada como gramaticalização. Já os funcionalistas criticam os formalistas por ignorarem o desafio que os dados do contexto de gramaticalização parecem colocar aos modelos que assumem a descontinuidade.

Para os funcionalistas, a premissa de que a estrutura da língua é independente do uso deve ser rejeitada. Segundo Bybee & Hopper (2001:1-3), alguns lingüistas começaram a pensar a estrutura da língua (a gramática) como uma resposta a necessidades do discurso, e a considerar seriamente a hipótese de que a gramática vem através da repetida adaptação de formas do discurso vivo. Situam-se nesta perspectiva Hopper (1979), Givón (1979, 1983), Hopper e Thompson (1980, 1984), Du Bois (1985), entre outros.

Um conceito central seria o de emergência (Hopper 1987, 1988, 1993), entendido como processo de estruturação em andamento. A noção de emergência constitui uma ruptura com as idéias padrão sobre gramática, na medida em que concebe a estrutura, como uma resposta em andamento a pressões do discurso e não como uma matriz pré-existente. Para dar conta da estrutura gramatical e fonológica é necessário ter em conta o modo pelo qual a frequência e a repetição afetam e, em última instância, contribuem para a forma da língua (Bybee, 1985).

Portanto, para os funcionalistas, a rejeição das noções de categoria e estrutura como primitivos, a atribuição de um papel central ao uso e, conseqüentemente, à frequência seriam as balizas do debate sobre gramaticalização. É no interior dessas discussões que situamos nosso objeto de estudo, pois os diferentes usos de *chegar* indiciam estágios do processo de gramaticalização.

2.3. Etapas de Gramaticalização

Lembrando o esquema proposto por Givón: *discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero*, Castilho (1997) entende

gramaticalização como o trajeto empreendido por um item lexical ao longo do qual ele muda de categoria sintática, recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como conseqüência de uma cristalização extrema (CASTILHO, 1997, p.31).

A gramaticalização é a codificação de categorias cognitivas em formas lingüísticas, aí incluídas a percepção de mundo pelas diferentes culturas, o processamento de informação etc.

Alguns autores restringem a noção de gramaticalização à passagem de uma construção analítica a uma construção sintética, numa espécie de aglutinação. Lehmann (1982) considera essa aglutinação apenas uma fase da gramaticalização. Para mostrar as possíveis fases desse processo e tentar responder a questões como onde começa e onde termina a gramaticalização, o autor organizou o seguinte quadro, considerado por ele mesmo incompleto e simplificado, por representar somente dois importantes processos: o da condensação e o da coalescência²⁸.

Convém lembrar que esse quadro é apenas uma descrição bastante simplificada do complexo processo de gramaticalização. Tanto o começo do processo, quanto o final são extremamente difíceis de serem identificados; além disso, como se trata de um fenômeno que envolve o discurso, muitos outros fatores devem ser considerados.

²⁸ Ver seção 2.4 sobre Princípios de Gramaticalização.

QUADRO 01: As fases da gramaticalização (adaptação do esquema de Lehmann, 1982, p.13)

Nível	Discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero
Técnica	Isolante > analítico > sintético-aglutinante > sintético-flexional >
Fase	↑ Sintatização ↑ morfologização ↑ desmorfemização
Processo	GRAMATICALIZAÇÃO

A leitura do quadro nos permite dizer que o primeiro ponto do processo, mais à esquerda da escala, é o discurso, onde todas as mudanças começam a ocorrer. Pois é a necessidade de ser expressivo, comunicativo, informativo que leva o falante a, não só criar novas palavras, mas, também, atribuir novas funções a palavras já existentes.

Observamos que a fase correspondente ao nível do discurso é a sintatização, processo por meio do qual um lexema passa a assumir funções gramaticais, embora, nessa fase, a construção ainda seja analítica. Os casos mais interessantes de sintatização são o da transformação de um verbo pleno em verbo auxiliar ou em complementizador, e o de nomes em preposições.

Castilho (1997), ao falar da sintatização das formas verbais, apresenta o esquema abaixo para representar que os verbos plenos tendem a evoluir até chegar a afixo.

Verbo pleno > verbo funcional > verbo auxiliar > clítico > afixo

Um exemplo citado por Castilho (1997, p. 97) é o do futuro latino *amabo*, fruto da afixação do verbo IDE, que concorreu com a perífrase *amare habeo*, codificando o modo verbal. Essas duas formas entraram em competição, lembrando o que Du Bois (1985, 1987) chamou de *motivações em competição*. A perífrase gerou novas formas, como a do português *amarei*, que é um exemplo de forma gramaticalizada do verbo latino *habere*, que se morfologizou no sufixo modo temporal *-(r)ei*.

Em relação à sintatização dos nomes, Castilho sugere a seguinte formulação: verbo > nome [substantivo > adjetivo, e adjetivo > substantivo]. Em relação aos pronomes, estes se gramaticalizam quando perdem seu caráter dêitico, abstratizando-se. Os pronomes demonstrativos do latim *ille* transformaram-se em artigo, cliticizando-se. Como no exemplo: *illu homine* (lat.) > o homem (port.).

A segunda fase é a morfologização, na qual as construções analíticas são reduzidas a sintéticas, para que os formativos gramaticais transformem-se em afixos aglutinantes. Em outras palavras, podemos dizer que a morfologização consiste na criação de formas presas, sejam afixos flexionais, sejam afixos derivacionais. Os afixos de pessoa, por exemplo, nas línguas indo-européias, derivaram-se de pronomes pessoais, já os morfemas de tempo parecem proceder de verbos auxiliares.

Um caso interessante de gramaticalização foi a morfologização do nome latino *mente*, que significava *modo*, *maneira*. Posposto a adjetivo, essa forma gerou advérbios de modo, como *feliz + mente*.

Conforme o quadro 01, a próxima fase é a desmorfologização. Nessa fase, ocorre a transição do nível da morfologia para o da morfofonêmica, quando as formas livres fundem-se com outras formas livres, transformando-se em outras formas presas e gramaticalizando-se como afixos. Um exemplo é a forma trissilábica *habeo* que se reduziu ao morfema *ei*. É a frequência do uso que causa esse desgaste, também chamado *redução fonológica*.

Na última fase, as expressões e os conteúdos da categoria, desgastados pelo uso, tornam-se zero. É o momento máximo de exaustão de uma estrutura, a fase final da gramaticalização de um morfema, que pode desaparecer, retomando-se o processo inicial, por meio do qual uma expressão perifrástica poderá o fazer surgir novamente.

2.4. Princípios da Gramaticalização

Ainda não há uma espécie de “acordo” entre os lingüistas em torno da teorização sobre gramaticalização, pelo menos no tocante a uma nomenclatura unificada para os princípios de tal processo. Apresentaremos, a seguir, os princípios mais recorrentes na literatura da área, a saber, os propostos por Lehmann (1982), Hopper (1991) e Castilho (1997).

De acordo com Lehmann (1982), a gramaticalização apresenta cinco princípios. São eles:

a) paradigmatização: uma forma gramaticalizada passa a pertencer a um novo paradigma; em outras palavras, de acordo com este princípio, construções sintáticas integram-se como

formas perifrásticas em paradigmas morfológicos, o que conduz a paradigmas pequenos e homogêneos;

b) obrigatoriedade: a nova forma obedece às regras e aos princípios do paradigma em que se insere; a escolha entre seus membros sujeita-se a regras gramaticais. O conjunto categorial representado pelo paradigma torna-se progressivamente obrigatório nas sentenças da língua.

c) condensação: ocorre uma simplificação das formas gramaticalizadas e dos constituintes com os quais elas se relacionam; quanto mais um signo se gramaticaliza, tanto menos complexos se tornam os constituintes com os quais ele pode combinar-se.

d) coalescência: este princípio se manifesta pela justaposição (via cliticização, aglutinação e fusão) para uma alternância simbólica;

e) fixação: o signo gramaticalizado tende a ocupar uma posição fixa inicialmente na sintaxe, e depois na morfologia, tornando-se um preenchedor de espaços gramaticais.

Esses princípios estão relacionados a aspectos apontados por Lehmann (1982) para medir o grau de gramaticalidade de um item. Para Lehmann, a gramaticalização está relacionada à autonomia do signo. Quanto maior a autonomia, menor será seu grau de gramaticalização, e, inversamente, quanto menor autonomia, mais gramaticalizado o signo estará. O autor apresenta três aspectos para medir esse grau de gramaticalização: o peso – conjunto de propriedades que distinguem um signo de outro; a coesão – propriedade de um signo relacionar-se com outros; e a variabilidade.

A diminuição do peso e da variabilidade configura, juntamente com o aumento da coesão, os aspectos da gramaticalização. Esses aspectos relacionam-se à combinação – aspecto paradigmático – e à seleção – aspecto sintagmático – do signo lingüístico. Para ilustrar, Lehmann apresenta o seguinte quadro:

QUADRO 02: Parâmetros de gramaticalização (LEHMANN, 1982, p. 123)

	Paradigmático	Sintagmático
Peso	Integridade	Escopo
Coesão	Paradigmaticidade	Conexidade
Variabilidade	Variabilidade Paradigmática	Variabilidade Sintagmática

A leitura do quadro permite dizer que o peso paradigmático de um item é sua integridade, ou seja, o conjunto de traços que garantem sua identidade; e o peso sintagmático é seu escopo, ou seja, a complexidade estrutural da construção que o item gramaticalizado ajuda a formar.

A coesão paradigmática de um signo é a *paradigmaticidade*, isto é, seu grau de integração formal e semântico no paradigma; a coesão sintagmática é *conexidade*, isto é, seu grau de adesão a outros signos.

A variabilidade paradigmática é a liberdade que o falante tem de escolher que signo usar; e a variabilidade sintagmática é a possibilidade que o falante tem de mudar, na construção, a posição de um item.

Para mostrar a interação entre esses parâmetros e relacionar os princípios de gramaticalização apontados acima num processo que vai de um grau menor a maior de gramaticalização, apresentamos o quadro síntese proposto por Lehmann (1982, p. 164):

QUADRO 03: Quadro síntese

Parâmetro	Gramaticalização fraca →	Processo →	Gramaticalização forte
Integridade	Conjunto de propriedades semânticas; possivelmente polissilábico →	Desgaste →	Poucas propriedades semânticas; monossegmental
Paradigmaticidade	O item participa muito pouco no campo semântico →	Paradigmatização →	Fortemente integrado no paradigma
Variabilidade Paradigmática	Livre escolha dos itens, de acordo com as intenções comunicativas →	Obrigatoriedade →	Escolha sistematicamente restrita, uso amplamente obrigatório.
Escopo	O item se relaciona com constituintes de complexidade arbitrária →	Condensação →	O item modifica palavra ou raiz
Coesão	O item é justaposto independentemente →	Coalescência →	O item é afixo ou suporte de traço fonológico
Variabilidade sintagmática	O item pode mover-se livremente nas estruturas →	Fixação →	O item ocupa lugares gramaticais fixos

Argumentando que os princípios de Lehmann dão conta apenas de estágios mais avançados do processo de gramaticalização, Hopper (1991) propõe os seguintes princípios que dizem respeito a estágios iniciais do processo.

a) Estratificação (*layering*): dentro de um domínio funcional, novas formas estão constantemente emergindo, mas isto não significa que as formas antigas desaparecem; elas coexistem com as emergentes. Uma palavra passa a ter vários usos, cada uso corresponde a uma camada num domínio funcional. Hopper (1991) entende por *domínio funcional* algumas áreas gerais como tempo, aspecto, modalidade, caso, referência. Essas camadas podem ser representadas por itens lexicais, classes particulares de construções ou registros sociolingüísticos; podem ser expressas por significados diferentes ou por alternativas estilísticas. Em alguns casos, a estratificação pode ser a mudança de um estágio técnico para outro. Por exemplo, alterações fonológicas, afixação, perífrases com auxiliares, para expressar tempo e aspecto, podem ser exemplos de diferentes graus atingidos por camadas diferentes.

Hopper diz que o tempo e o aspecto em inglês são bons exemplos do princípio de estratificação. Na representação do tempo passado, é possível distinguir uma camada arcaica com alteração vocálica nos verbos *drive/drove*, *take/took*. Tais formações coexistem com formas ditas regulares como em *notice/noticed*, *walk/walked*.

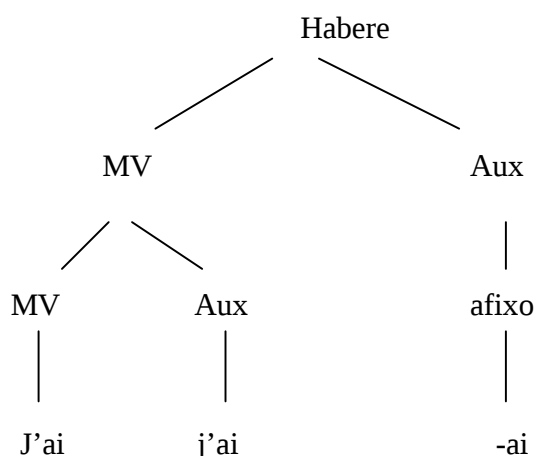
Para mostrar estágios cronológicos diferentes, Hopper apresenta estruturas caracterizadas como *ablaut*, afixação e perífrases. *Ablaut* e afixação representam camadas mais antigas, ao passo que o uso de perífrases representa camadas recentes de formas gramaticalizadas.

1. Perífrases: *We have used it* ‘Nós o temos usado’ (camada mais recente)
2. Afixação: *I admired it* ‘Eu o admirei’ (camada antiga)
3. *Ablaut*: *They sang* ‘Eles cantavam’ (camada mais antiga)

b) Divergência: este princípio refere-se ao fato de uma forma lexical sofrer gramaticalização (por exemplo, transformar-se em um auxiliar, um clítico ou um afixo), mas ainda permanecer no sistema como forma gramatical, ou seja, dá-se a permanência da forma lexical original como um elemento autônomo que pode sofrer as mesmas mudanças que um item lexical comum. Segundo o princípio da divergência pode haver várias formas etimologicamente comuns, mas funcionalmente diferentes. A forma gramaticalizada pode ser idêntica fonologicamente à forma lexical que permanece autônoma; é o caso do francês *pas* “partícula

negativa” e do substantivo *pas* “passo”; ou pode ser distinta, com completa opacidade, como o artigo indefinido, no inglês, *a(n)* e o numeral *one*.

Para Hopper, a divergência pode ser considerada um tipo especial de estratificação. A diferença é que a estratificação envolve graus de gramaticalidade em um domínio funcional similar, enquanto a divergência envolve itens lexicais que se gramaticalizam em um contexto, mas não se gramaticalizam em outros. Um exemplo de divergência é o caso do verbo latino *habere* que se gramaticalizou em morfema modo-temporal, mas permanece como verbo principal e auxiliar. Veja, a seguir, o esquema de Hopper, que ilustra a transição do *habere* latino para o francês moderno:



Habere transformou-se em *avoir* (ter), que pode ser usado como verbo lexical, portanto, não gramaticalizado, *j'ai* (eu tenho); como verbo auxiliar de tempo e aspecto, portanto, gramaticalizado, *j'ai chanté* (eu tenho cantado); e como sufixo, marcador de tempo e aspecto, portanto, mais gramaticalizado *je chanterAI* (eu cantarei).

c) Especialização: este princípio corresponde, de modo atenuado, ao da obrigatoriedade de Lehmann. A construção emergente deixa de ser uma escolha a mais na língua, para ser uma forma progressivamente obrigatória. Hopper apresenta um exemplo bem conhecido de especialização: a negação em francês moderno: *Il ne boit pas de vin* “Ele não bebe vinho”. Nas sentenças negativas, o verbo é acompanhado por dois elementos de negação, *ne* precedendo o verbo e *pas* seguindo-o. Historicamente, o elemento responsável pela negação era *ne*, e nomes como *pas* “passo” serviam para reforçar a negação. Pode-se assumir que o nome reforçador se uniu ao verbo, os verbos de ação passaram a ser utilizados com *pas*, verbos que indicavam o ato de beber e comer eram acompanhados de *mie* “migalha de pão”, e assim por diante. Com o

tempo, tal reforço deixou de ser uma opção para se tornar a marca obrigatória de negação, competindo, inclusive, com a partícula *ne* no francês coloquial.

d) Persistência: este princípio relaciona significado e função de uma forma gramatical a sua história como uma forma lexical. Em uma fase mais avançada de gramaticalização, como a morfologização²⁹, a relação entre formas gramatical e lexical é opaca, mas, em fases intermediárias, a opacidade pode não ser registrada. A pertinência, então, diz respeito à permanência de traços do significado da forma original; por mais que a forma mude, que esta forma assuma novos significados, permanecem alguns vestígios de um uso anterior.

Hopper cita o trabalho de Bybee e Pagliuca (1986), que, ao estudarem o futuro em inglês, mostraram que os diferentes usos do marcador de futuro *will* são continuações de seu significado lexical original. Já no inglês antigo, *will* denotava intenção e volição, significados que ainda persistem no inglês atual.

Inglês atual:

Marcador de futuro: *I think the bulk of this year's students will go into industry*

‘Eu acho que a maioria dos alunos deste ano irão à indústria.’

Volição: *Give them the name of someone who will sign for it and take it in if you are not at home*

‘Dê-lhes o nome de alguém que poderá assinar e recebê-lo, caso você não esteja em casa’

Intenção: *I'll put them in the post today*

‘Eu os colocarei no correio hoje’

Inglês antigo

Volição: *Gif he us geunnan wile pæt we hine swa godne gretan moton (if he will grant that we should greet him who is so generous)*

‘Se ele doar isso, nós deveremos agradecer-lhe, porque é tão generoso’

Intenção: *Wen ic pæt he wille, gif he wealdon mot, pæ gup-sele Geata leode etan unforhte (I believe that he will, if he should prevail, devour the people of the Geats without fear)*

‘Eu acredito que ele o fará, se ele puder prevalecer, destruir os povos dos Geats sem medo’

²⁹ Cf. Etapas de Gramaticalização, neste capítulo.

Hopper cita, ainda como exemplo do princípio da persistência, a forma de tratamento *mrs*, para mulheres adultas, que reflete a história do nome *mistress*, como forma de tratamento para a classe média. Dessa forma, originou-se o nome *miss* para distinguir mulheres jovens ou solteiras.

e) Descategorização: Este princípio refere-se à diminuição ou perda do estatuto categorial dos itens gramaticalizados. Por exemplo, um verbo, quando lexical, tem propriedades sintáticas e semânticas, como o número de argumentos implicados, a categoria morfossintática e a função semântica desses argumentos, além das restrições de seleção para sua realização lexical. Quando se gramaticalizam, os verbos assumem atributos das categorias secundárias e perdem a propriedade de, por exemplo, selecionar argumentos com os quais vão se combinar.

Hopper cita o caso dos nomes *miss*, *mrs* e *ms* que se descategorizaram, pois já não recebem acessórios morfossintáticos, próprios dos nomes, como a presença do artigo, pronomes demonstrativos e possessivos; e não podem, sozinhos, fazer referência a um participante do discurso.

Por se tratarem de princípios que dão conta dos estágios iniciais de gramaticalização, e conferem aos elementos analisados o grau de mais ou menos gramaticalizados, tentaremos aplicar os princípios de Hopper (1991) aos casos de *chegar* (cf. capítulo 7).

A partir da vasta literatura sobre gramaticalização, Castilho (1997), por sua vez, apresenta quatro princípios que dão conta dos estágios desse processo:

a) Analogia: Para Castilho, a analogia é uma aproximação entre categorias no eixo paradigmático, contrastando com a reanálise que aproxima categorias no eixo sintagmático. A analogia não dá surgimento a expressões ou estruturas novas, ela simplesmente estende regras a itens ainda não atingidos, “uniformizando”, por assim dizer, as formas da língua.

Castilho aponta como exemplo de analogia o pretérito de *estar*, *estive*, do português atual, que é análogo ao português arcaico de *ser*, *sive*. A passagem de uma forma para outra foi permitida pelo uso Locativo dos verbos, o pretérito etimológico arcaico de *estar* era *estede*, mas essa forma desapareceu dando lugar a *estive* por analogia a *sive*.

b) Reanálise: Esse princípio consiste em uma nova interpretação feita pelos falantes em relação a antigas formas, baseados em inferências a partir de conhecimentos prévios. É a abdução (ou inferência) que produz essa mudança de percepção. Segundo Pierce, a abdução,

embora seja um tipo fraco de raciocínio, é a base da percepção humana, sendo as novas idéias originadas por esse tipo de raciocínio.

Castilho apresenta como casos de reanálise a formação do futuro nas línguas românicas e no inglês, o clítico *o* no português e o surgimento do pretérito perfeito composto nas línguas românicas. Sobre esse último caso, apresentamos as palavras de Castilho (1997, p.54)

A expressão *habeo litteras scriptas*, “tenho cartas escritas”, em que o constituinte *litteras* era analisado como objeto direto de *habeo*, e *scriptas* como predicativo desse objeto, foi reanalisada como [*habeo scriptum*] *litteras*, em que *habeo* perdeu o sentido de posse, passando a assinalar o resultado presente de uma posse no passado, *scriptum* se deslocou no sintagma em direção a *habeo*, tornando-se invariável e passando a constituir o núcleo da predicação, tomando ambas essas formas o constituinte *litteras* como seu objeto.

c) Continuidade e gradualismo: Por meio desse princípio, a gramaticalização é concebida como um processo contínuo e gradual, estando as estruturas das línguas em contínua inovação. Dado esse caráter contínuo, o processo de gramaticalização é recorrente e interminável, sendo arbitrária qualquer tentativa de segmentá-lo em unidades discretas.

d) Unidirecionalidade: O princípio da Unidirecionalidade considera a gramaticalização como um processo que ocorre sempre no mesmo sentido e sem possibilidade de retrocesso³⁰.

Lamiroy (1999) reorganiza os princípios de gramaticalização e os relaciona de acordo com sua natureza, apontando, assim, para quatro parâmetros de natureza semântica, morfossintática, morfofonológica e fonética. Considerando o parâmetro semântico, Lamiroy enfatiza que a gramaticalização é compreendida por implicar uma dessemantização (*semantic bleaching*, ou *desgaste semântico*, nos termos de Lehmann, 1982). Isso significa que um elemento lexical, progressivamente, se esvazia de seu sentido pleno, para adquirir um sentido funcional, gramatical.

Dois importantes considerações devem ser feitas ao nos referirmos à noção de dessemantização. Primeiro, o empobrecimento semântico não deve ser visto apenas como uma perda. De fato, um item perde em conteúdo conceptual, ao passar de um sentido mais referencial para um menos referencial, mais abstrato; mas ganha em conteúdo gramatical, pois na mudança a língua adquire novos meios de expressão de tempo, aspecto, modalidade, entre outras noções.

³⁰ Devido às várias discussões que esse princípio tem suscitado, abriremos uma seção específica para discutirmos o tema.

Segundo, a dessemantização de um elemento lingüístico acarreta uma mudança do ponto de vista da distribuição, que pode ser considerada mais um alargamento que um empobrecimento. Se a dessemantização implica um esvaziamento semântico, na medida em que há perdas das características semânticas originais, esse parâmetro implica também um enriquecimento, pois o elemento lingüístico que se gramaticaliza pode ser utilizado em vários contextos, pois suas restrições distribucionais diminuem. Quando a proeminência distribucional diminui, os elementos gramaticais passam a remeter a situações, podendo especificar, por exemplo, a relação com o momento da enunciação (tempo), os limites inicial e final, a duração (aspecto), ou, ainda, a forma como a realidade é encarada (modalidade).

Ao se referir ao parâmetro semântico, Lamiroy (1999, p.35) especifica que quando o estágio “fonte” é um verbo lexical e o estágio “alvo” é um verbo TAM (ou seja, uma expressão do tipo Tempo-Aspecto-Modo), haverá entre essas três categorias uma certa ordem na cadeia de gramaticalização: o Tempo estará mais próximo do alvo que o Aspecto; os modais ocupam posição intermediária. Distinguem-se, nestes últimos, os epistêmicos que se aproximam do estágio alvo e os deônticos, que se aproximam do estágio fonte. Lamiroy apresenta essa escala:

Verbo lexical > aspecto > m. deôntico > m. epistêmico > tempo > afixo

Em relação ao parâmetro morfossintático, a gramaticalização consiste em uma decategorização³¹. Se um verbo se situa em uma cadeia de gramaticalização, tende a neutralizar ou a perder suas características sintáticas de categoria lexical maior (Nome e Verbo), para adotar um comportamento que se assemelha às categorias lexicais secundárias (Adjetivo, Preposição, Advérbio). Assim, o verbo perde sua capacidade de seleção; sua valência ou seu poder de subcategorizar diminui ou desaparece. Por exemplo, se um verbo seleciona como sujeito um argumento com o traço [+ Humano], quando inicia o processo de gramaticalização, esse mesmo verbo pode admitir sujeito com o traço [–Animado], pois ele não mais seleciona argumentos.

Mas não é apenas o enfraquecimento da capacidade de selecionar argumentos que caracteriza a decategorização. Lamiroy (1999) adverte que as propriedades tidas como essenciais na categoria verbo tendem a desaparecer gradualmente, tais como a capacidade de receber negação, a utilização do imperativo e da passiva. Ou ainda, podem perder suas flexões, como aconteceu com os auxiliares *may* e *must* do inglês.

³¹ Cf. os princípios de Hopper.

Essa noção de Lamiroy (1999) sobre as características da decategorização vai ao encontro de nossa análise sobre a gramaticalização de *chegar*. As categorias de análise que apresentamos, tais como: propriedades sintáticas e léxico-semânticas dos argumentos, ocorrência de negação e outras (cf. capítulo 4), visam investigar a decategorização, como característica do processo de mudança.

O parâmetro morfofonológico³² refere-se ao fato de um elemento que se gramaticaliza poder transformar-se em um operador. A coesão sintática entre os elementos pode ser tão forte a ponto de um morfema livre converter-se a um afixo. Como apontamos, nas línguas românicas, são inúmeros os exemplos, como a formação de advérbios em *-mente* e a formação do futuro sintético, como *cantarei*, resultado da estrutura perifrástica *cantareo habeo*.

Convém lembrar que a gramaticalização também muda construções do tipo sintético para o analítico. Na passagem do latim para as línguas românicas, a flexão de caso foi substituída por construções analíticas, e hoje o falante tem a opção de formar determinados tempos verbais, não apenas pelo mecanismo flexional, mas também pelo uso perifrástico, com ajuda de auxiliares. É o caso, em português, do futuro: *cantarei* > *vou cantar*; e do pretérito mais que perfeito: *cantara* > *tinha cantado*.

Por fim, o parâmetro fonético refere-se à erosão fonética (Lehmann, ao apresentar o parâmetro da integridade, fala em *desgaste fonético*). Ocorre quando o item perde corpo fonético, chegando a desaparecer. No inglês, temos os seguintes casos de erosão fonética: *gonna* < *going to*; *I'll* < *I will*.

A exemplo de Lehmann (1982), Lamiroy (1999) procura integrar os parâmetros, e relaciona este último aos anteriores, ao afirmar que, quanto mais um verbo se dessemantiza, mais seu valor informativo diminui, o que significa dizer que este verbo pode ser empregado em um número maior de contextos, aumentando, dessa forma, sua frequência. Considerando existir, por um lado, correlação entre o valor informativo e a frequência e, por outro lado, correlação entre frequência de uso e volume fonético, Lamiroy (1991) atenta para o fato de os marcadores gramaticais serem empregados mais frequentemente que os lexemas plenos, e de as palavras mais frequentes serem as mais curtas. Frequência e erosão caminham juntas, portanto.

³² Cf. a fase de morfologização apontada por Lehmann, 1982.

2.4.1. O Princípio da Unidirecionalidade

Uma das questões que geram controvérsias no debate sobre gramaticalização é o princípio da unidirecionalidade³³. Dada a importância dessa discussão para os estudos sobre o processo de gramaticalização, faz-se necessário tecer aqui alguns comentários, expondo, de forma sucinta, o que a literatura da área apresenta sobre o assunto.

Ao observarmos as etapas de gramaticalização bem como os exemplos desse processo apresentados na literatura, percebemos que as formas candidatas à gramaticalização seguem uma trajetória cíclica, cuja direção é da esquerda para a direita. Esse deslocamento de uma direção à outra sem possibilidade de reversão constitui uma das características da gramaticalização: o princípio da unidirecionalidade.

Esse princípio é defendido por Hopper e Traugott (1993), que assumem que há uma relação entre dois estágios A e B, de forma tal que o estágio A é sempre seguido pelo estágio B, mas o contrário não se verifica, o que implica dizer que não haveria “desgramaticalização”.

Heine, Claudi, Hünnemeyer (1991) também sustentam a unidirecionalidade ao apresentarem a trajetória do concreto para o abstrato. Para os autores, compreendemos o mundo das idéias em função do mundo concreto; em outras palavras, o nosso pensamento inicialmente trabalha com conceitos adquiridos pelo contato com o mundo concreto para depois expressar conceitos mais abstratos. O ponto de partida é o ser humano e as etapas do processo seguem uma escala de abstratização crescente:

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

Os que advogam a favor do princípio da unidirecionalidade afirmam não ser possível a ocorrência de casos de reversão. Assim, as categorias maiores, mais concretas, portanto, originariam as categorias menores, mais abstratas, mas uma categoria menor não poderia ser a responsável pelo aparecimento de uma classe maior, pois, para isso, teria que seguir uma direção inversa de mudança. Lembremos a escala de mudança de Givón:

Discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero

³³ Hopper e Traugott (1993) usam a expressão *hipótese da unidirecionalidade*.

Hopper, Heine *et alii* e todos que defendem o ‘cline canônico’ entendem a unidirecionalidade como uma condição necessária para se identificar o processo de gramaticalização, e dizem serem raros os casos de não-unidirecionalidade.

Mas há quem considere a unidirecionalidade como “algo secundário para o processo e que pode ser afetado por mudanças locais, por idiossincrasias e por fatores sociolinguísticos” (GALVÃO, 2001). Em alguns trabalhos como o de Poggio (1999, 2000), encontramos alguns fatos que sugerem a não-unidirecionalidade. Mattos e Silva (2002) ao se referir ao trabalho de L. Vitral e J. Ramos (1999), diz ser clara a não-unidirecionalidade do *você*, expletivo. Diz a autora:

A trajetória *Vossa mercê* > *você* > *ocê* > *cê* permitiu a J. Ramos defender o caráter clítico de *cê*. Mas no artigo de 1999, detectou que não é o *cê* que é o expletivo, mas *você*. Expletivo não é mais gramaticalizado que o clítico? (VITRAL E RAMOS, 1999,55)

Campbell (2001)³⁴ afirma haver contra-exemplos à unidirecionalidade, o que implica não ser esta uma propriedade definidora da gramaticalização. A direção que seguem as mudanças gramaticais é explicada por outros tipos de mudança fonológica, semântica e a reanálise que ocorrem nas línguas.

Não negamos os contra-exemplos, mas julgamos que esses contra-exemplos, registrados em poucos números, não invalidam o processo de unidirecionalidade, cujas evidências podem ser observadas nos planos fonológico, morfológico e sintático. Além disso, entendemos, conforme já mencionamos nesta tese, que as mudanças ocorrem de categorias cognitivas mais concretas, mais próximas ao indivíduo, para categorias cognitivas mais abstratas, mais distantes do indivíduo, e não ao contrário, o que implica que as mudanças são unidirecionais.

Sobre o assunto, Castilho (2002, p. 01) propõe a substituição do “princípio da unidirecionalidade pelo da multidirecionalidade”. O lingüista apresenta, inicialmente, os argumentos dos defensores da unidirecionalidade e argumenta em favor de uma “teoria dinâmica da língua”, ou seja, a tese de que as línguas são multissistemas que podem ser representados em forma radial.

Castilho (1997, p. 57) argumenta que há poucos exemplos de desgramaticalização, mas apresenta alguns. Ei-los:

(1) A nominalização de alguns sufixos configuraria um caso de desgramaticalização: uma forma presa torna-se livre, como Port. “*os ismos da ciência tal*”, em que o morfema derivacional {-ismo} se transforma num Nome, com o sentido de “tendência, direção”, Inglês/Espanhol, bus “ônibus” que resultou da nominalização do morfema

³⁴ *Apud* Galvão (2001;52)

flexional latino{-bus}, destacado da palavra *omnibus*, “para todos”, passando a designar o veículo de uso coletivo.

(2) A perda da “gramaticalidade” de constituintes de palavras, obrigando o usuário a duplicá-los, seria outro caso de desgramaticalização. Exemplos disto foram dados anteriormente, a propósito da repetição da mesma Prep. numa perífrase preposicional. No Port., é bem conhecido o caso da forma medieval *migo*, que já continha a preposição com (cf. Lat. *mecum*, de *cum* + *me* > Port. *migo*), e que passou de novo a admiti-la na forma atual comigo. Parece bem evidente que a perda do poder relacional das Preps. E conseqüente repetição do item seria melhor descrita como uma *regramaticalização*.

Entendemos que, por concebermos a gramática como emergente e em constante movimento, é possível um elemento em processo de gramaticalização ou já gramaticalizado originar mais de uma cadeia de mudança. Mas, em cada uma dessas cadeias, poderíamos flagrar as mudanças unidirecionalmente.

Resumindo o que foi exposto sobre gramaticalização, entre conceitos, etapas e princípios, podemos concluir que, ao estudar tal fenômeno, devemos dar ênfase ao discurso, pois, na visão de Hopper, é nos contextos discursivos e por meio de motivações interacionais que podemos identificar possíveis tendências de gramaticalização.

A esta visão de Hopper, soma-se a de outros lingüistas também preocupados com o mesmo processo de mudança lingüística, tal como Heine (1993), para quem a organização da língua é o resultado de processos cognitivos, nos quais estão envolvidos alguns importantes mecanismos.

Por considerarmos que tantos processos cognitivos quanto comunicativos subjazem ao uso da língua, adotaremos, nesta pesquisa, a combinação das duas visões expostas acima.

A seguir, discorreremos, brevemente, sobre dois dos processos cognitivos envolvidos na gramaticalização: a Metáfora e a Metonímia.

2.5. Processos Cognitivos de Gramaticalização: Metáfora e Metonímia

No momento da interação, falante e ouvinte assumem um acordo tácito para que a comunicação seja eficiente, com máximo de inteligibilidade. Dessa forma, o significado do que é dito e ouvido é negociado pelos usuários da língua nas diversas situações comunicativas. Tanto o falante busca meios para que seu interlocutor compreenda a mensagem, quanto o ouvinte busca meios de interpretá-la.

Essa necessidade comunicativa de ser expressivo e eficiente é responsável pela criação de novas expressões, mas, como não seria viável, do ponto de vista cognitivo, ter uma forma para cada função, é comum que o falante, em vez de criar novas formas, atribua novas funções³⁵ a formas já existentes, utilizando essas formas com propósitos diferentes e novas significações. Essas novas significações podem implicar em mudança na gramática, atuando, portanto, no processo de gramaticalização.

Operando em favor da necessidade comunicativa, os processos cognitivos também têm um papel importante, a ponto de Bybee (1985) afirmar que o desenvolvimento da morfologia é resultado de processos espontâneos por meio de funções semânticas, e que esses processos espontâneos são cognitivos.

Acreditamos que a necessidade comunicativa, que são condições externas à língua e relacionadas às situações de troca lingüística, motivam os processos cognitivos que atuam de maneira precípua no processo de gramaticalização, pois sendo este um tipo especial de mudança lingüística, por meio do qual o falante não só cria novas palavras, como estende a função de palavras já existentes, é fácil aceitar que essa extensão de sentido dá-se por meio de mecanismos de mudança diversos, destacando-se aqui a metáfora e a metonímia.

A metáfora é um dos processos amplamente reconhecidos na mudança de significado. Os processos metafóricos são processos de inferência por meio de limites conceituais, e tipicamente referidos em termos de *mapping* ou saltos associativos de um domínio para outro. O *mapping* não é aleatório, mas motivado por analogia e relações icônicas (HOPPER e TRAUGOTT, 1993). Em geral, a metáfora opera como uma transferência de um conceito básico, concreto, para outro mais abstrato.

A linguagem, portanto, é essencialmente metafórica, uma vez que estendemos significados para formas já existentes na língua, por conta de um grau de semelhança entre a coisa e a palavra que a designa. É por isso que se considera a metáfora como uma motivação icônica.

É interessante perceber que as formas em processo de gramaticalização apresentam uma abstratização do significado. Isso ocorre pela força metafórica. A explicação para esta força metafórica está no fato de que o pensamento inicialmente trabalha com conceitos adquiridos pelo contato com o mundo concreto. O sistema conceptual que emerge dessa experiência serve de base

³⁵ Utilizamos aqui o termo *função* como sinônimo de significado.

para a compreensão de uma realidade mais abstrata que constitui o mundo das idéias (VOTRE, 1996). É a metáfora que nos permite compreender o mundo das idéias em função do mundo concreto, obedecendo à trajetória do [+ Concreto] para o [- Concreto].

Enquanto para muitas pessoas a metáfora é um ornamento retórico, para Lakoff e Johnson (1980), a metáfora não é vista como uma característica restrita à linguagem, uma questão mais de palavras do que de pensamento ou ação. Mais do que isso, os autores asseguram que nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza.

Concebendo a metáfora como um processo cognitivo importante para a compreensão do processamento da linguagem e construção do sistema gramatical, Heine; Claudi e Hünemeyer (1991) entendem o processo metafórico como unidirecional, que se faz de acordo com a seguinte escala de abstratização crescente:

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

Todos os elementos dessa escala constituem domínios de conceptualização importantes para expressar as nossas experiências em termos cognitivos. Há, entre eles, uma relação metafórica; qualquer elemento mais à esquerda pode mapear outro a sua direita.

Muitos exemplos de processos metafóricos advêm do desenvolvimento de termos espaço-temporais. Heine *et alii* (1991) apresentam metáforas como ESPAÇO É UM OBJETO, TEMPO É ESPAÇO. Os autores exemplificam com o verbo *go to*, em (01):

(01) *The rain is going to come* ‘A chuva vai chegar’

O exemplo é de uma metáfora, pois *go to*, que denota movimento espacial – concreto – está sendo usado para referir o domínio mais abstrato de tempo dêitico, uma noção gramatical, portanto.

Hopper e Traugott (1993, p. 79) exemplificam o processo metafórico com BEHIND, que pode ser derivado metaforicamente de uma parte do corpo.

(02) *We are behind in paying our bills*

‘Nós estamos atrasados no pagamento das contas’

Nas construções acima, observamos a transferência de um sentido *A* para um sentido *B*, por haver alguma similaridade entre eles.

A metonímia, por sua vez, é uma transferência semântica por meio de relação de contigüidade e indexação; aponta para relações no contexto e opera nos constituintes morfossintaticamente independentes.

Assim, a metáfora e a metonímia são mecanismos que influenciam no processo de gramaticalização. Para Traugott e König (1991), a metáfora é responsável pelas marcas de tempo, aspecto, caso; enquanto a metonímia é responsável pela pressão de informação, e pelo surgimento de conectivos.

O que difere um mecanismo do outro é que a metáfora, como vimos, é um processo de abstratização crescente, pelo qual conceitos pertencentes a domínios mais próximos de experiência humana são utilizados para expressar aquilo que se encontra em domínios mais abstratos, e conseqüentemente, mais difíceis de serem definidos. Já a metonímia é um processo de mudança por contigüidade, pelo contato, pela proximidade imediata, no sentido que é gerado pelo contexto sintático.

Para Jakobson e Halle (1956), a metáfora é uma escolha e, por isso, funciona no eixo paradigmático, ao passo que a metonímia é uma associação, seqüência que funciona no eixo sintagmático, caracterizado por uma reorganização da estrutura do enunciado, e uma reinterpretação dos elementos que o compõem, chamado *reanálise*.

O termo *metonímia* tem sido utilizado para designar a mudança que sofre uma determinada forma em função do contexto lingüístico e pragmático em que está sendo utilizada (cf. MARTELOTTA *et al*, 1996). A contigüidade é posicional ou sintática, pois a mudança ocorre na expressão como um todo.

Como exemplo de metonímia, que é a mudança de sentido desencadeada por itens associados sintaticamente, Castilho (1997) cita o advérbio de inclusão *magis* > conj. adversativa *mas*, em que este item passa a codificar a contrajunção, derivada do uso de *mas* em contextos negativos.

Outro exemplo sobre metonímia é o uso de *be going to* (cf. HEINE, CLAUDI E HÜNNEMEYER, 1991, p.46), já apresentado nesta tese³⁶. Nos usos abaixo percebemos um contínuo entre a ação verbal e a marca de futuro, o que sugere que o processo cognitivo que direciona itens lexicais a gramaticais possui uma perspectiva pragmática e dependente do contexto, metonímica, portanto.

(03) *Henry is going to town.* ‘Henry está indo para a cidade’

(04) *Are you going to the library?* ‘Você está indo à biblioteca’

(05) *No, I am going to eat.* ‘Não, eu estou indo comer’

(06) *I am going to do my very best to make you happy.* ‘Eu vou fazer meu melhor para fazer-te feliz’

(07) *The rain is going to come.* ‘A chuva está vindo’

É importante esclarecer que os processos metafóricos e metonímios não se excluem, são, antes, “processos complementares de nível pragmático que resultam de mecanismos duais de reanálise, ligado ao processo cognitivo de metonímia, e analogia, ligado ao processo cognitivo da metáfora” (HOPPER e TRAUGOTT, 1993, p. 87).³⁷

Convém lembrar que a abstratização do uso metafórico e metonímico qualifica um item para a gramaticalização, mas nem sempre essa abstratização acarreta gramaticalização. Há inúmeros casos, na língua, em que um domínio mais abstrato não conduz a esse processo, apenas atribui, metaforicamente, um ou vários significados a uma palavra. É o caso, entre inúmeros, da palavra *cabeça*, que pode ser usada, além do sentido literal – parte do corpo, com outros sentidos polissêmicos mais abstratos, como: *o cabeça da turma; papo cabeça*. Ocorreu uma abstração do significado, mas não gramaticalização da palavra. A palavra tornou-se polissêmica, isto é, foram adicionados outros significados a uma única forma, mas esses significados não são de natureza gramatical.

Considerando que um termo candidato à gramaticalização, pode, em um determinado estágio, ganhar um significado mais abstrato, ou ainda ganhar vários significados, tornando-se polissêmico, faremos um breve comentário sobre o fenômeno da polissemia.

³⁶ Cf. capítulo 1, seção 1.2.

³⁷ *In summary, metonymic and metaphorical inferencing are complementary, not mutually exclusive, processes at the pragmatic level that result from the dual mechanisms of reanalysis linked with the cognitive process of metonymy, and analogy linked to the cognitive process of metaphor.* (HOPPER, P.; TRAUGOTT, E.. 1993, P. 87)

2.6. Polissemia e Gramaticalização

Nos estudos sobre gramaticalização, é importante dar enfoque a um fenômeno de importante interesse teórico: a polissemia. Os estudos sobre polissemia, ou multiplicidade de significados, são antigos e remontam aos estóicos, que já observavam a complexa relação entre o significado e as palavras. Foram os estóicos que chamaram a atenção para o fato de que um único conceito pode ser expresso por diferentes palavras e que, inversamente, uma palavra pode conter diferentes significados.

A visão tradicional qualifica de polissêmicas as unidades lexicais que fazem parte de uma mesma categoria sintática. Para lingüistas como Brugman (1983 *apud* SHYLDKROT, 1999) e Traugott (1986), ao contrário, a polissemia é muito mais o resultado da organização conceptual lingüística, não coincidindo, necessariamente, com uma categorização sintática. Assim, a polissemia não está limitada aos itens lexicais pertencentes a uma mesma categoria sintática. Brugman (1983) sugere que os processos sincrônicos que determinam a polissemia podem esclarecer os processos diacrônicos. Já Traugott considera que a polissemia independe de uma categorização formal e deve ser introduzida em uma teoria semântica, o que permitiria uma reconstrução semântica interna.

Seguindo a mesma abordagem, Fuchs (1991), ao estudar a polissemia do verbo *pouvoir* (poder), chega à conclusão de que a polissemia de uma unidade gramatical não deve ser descrita somente em termos de uma pluralidade de significações separadas. Fuchs acredita ser possível encontrar, nas diversas significações de uma unidade gramatical, uma cadeia, na qual se percebem sentidos deriváveis de outro. No inglês, estudos sobre o mesmo verbo detectaram que o sentido epistêmico se desenvolve a partir do sentido deôntico.

Ravin e Leacock (2002) explicitam que testes lógico, lingüístico e definicional são usados para identificar se uma palavra é ou não polissêmica, e que diferentes abordagens se propõem estudar esse fenômeno lingüístico, a saber: a abordagem clássica, a abordagem prototípica, a abordagem relacional e a abordagem computacional. Teceremos breves comentários apenas sobre as duas primeiras, considerando que nosso objetivo é apenas relacionar polissemia e gramaticalização.

A abordagem clássica tem suas bases na Lógica e na Filosofia e caracteriza-se por relacionar o significado a condições de verdade, mundos possíveis e estados de coisa. Por essa

abordagem, a polissemia é vista como uma similaridade na representação de dois ou mais sentidos de uma palavra, sendo governada por processos produtivos, como a transferência metonímica e a relação sistemática.

A transferência metonímica é a responsável pela criação de sentidos como o de *pé* em *pé da montanha*; e a relação sistemática é exemplificada por Ravin e Leacock (2002) como a relação que há entre palavras que denotam recipientes e a quantidade que esse recipiente suporta, como *colher* – utensílio – e *colher* – colherada, em *uma colher de açúcar*.

Na abordagem prototípica, a polissemia é um caso especial de categorização, onde os sentidos de uma palavra são exemplos de uma categoria. Desde os trabalhos de Brugman (1983) sobre a preposição inglesa *over* (*sobre, em cima de*) que a polissemia despertou interesse dos cognitivistas. Essa abordagem difere da clássica por sua visão psicológica e por enfatizar o significado como parte de um amplo sistema cognitivo e relacioná-lo a representações mentais, modelos cognitivos e experiências corpóreas.

Lakoff (1987), sem usar o termo *polissemia*, discutiu o conjunto de significados que uma palavra pode ter como resultado do processo de extensão de significado. Tomando como exemplo a palavra *mother*, Lakoff (1987) usou o termo *radial*, para expressar a existência de uma categoria central a qual se relacionam várias categorias marginais. Essa extensão de significados de conceitos radiais é governada por princípios gerais, a metáfora e a metonímia³⁸.

Por essa visão, as palavras polissêmicas são categorias complexas ou radiais, pois possuem uma estrutura interna que inclui uma constelação de sentidos com diferentes graus de representatividade. Isso leva Cuenca e Hilferty (1999) a dizer que, em semântica léxica, a polissemia representa a regra e não a exceção, e que a monossemia e a homonímia representam pontos finais de dois contínuos que se entrelaçam com a polissemia.

Assim, a monossemia não é tão corrente como imaginamos, pois é difícil encontrar uma palavra que tenha apenas um significado. Cuenca e Hilferty (1999, p. 128) apresentam o caso da palavra *hamster* que parece ter só um significado – pequeno roedor – mas é possível uma construção do tipo *Mamãe é um verdadeiro hamster*, formada pela extensão semântica motivada pela metáfora ‘PESSOAS SÃO ANIMAIS’.

Outro fenômeno lingüístico que se confunde com a polissemia é a homonímia. A diferença entre elas reside na inter-relação de significados. A inter-relação está presente na

³⁸ Ver seção 2.2.4

polissemia, mas não na homonímia. Esse último caso implica a existência de dois lexemas que compartilham a mesma forma fonológica, mas não há entre eles nenhum tipo de relação. O exemplo clássico é a palavra *banco*, cujos significados “entidade financeira” e “assento” não compartilham nenhuma relação semântica. O que há em comum é apenas a forma fonológica. A polissemia, ao contrário, é recurso lingüístico no qual se percebe uma relação intrínseca entre os significados de uma palavra.

Para Cuenca e Hilferty (1999, p. 174), a polissemia está relacionada à gramaticalização, em virtude de que esta, sendo um processo complexo, dinâmico e ativo, manifesta relações entre:

- a. os diferentes significados de uma palavra, tanto se estão codificados (polissemia), como se não estão ou não estão ainda tão diferenciados para que sejam identificados separadamente (ambigüidade pragmática);
- b. os diferentes estágios que percorre uma palavra, expressão ou construção no devir histórico (mudança lingüística).

A relação entre polissemia, ambigüidade pragmática e mudança lingüística, mas especificamente a gramaticalização, é mais bem explicada, de um ponto de vista diacrônico, no quadro, proposto por Cuenca e Hilferty (1994), apresentado a seguir:

QUADRO 04: Relação dinâmica entre monossemia, polissemia e gramaticalização

Monossemia (uma forma – um significado)
Ambigüidade pragmática (polissemia inferida: uma forma – dois significados)
Mudança semântica (polissemia codificada: uma forma – dois significados)
Mudança sintática (gramaticalização: duas formas – dois significados)
monossemia duas formas – dois significados uma forma – um significado

O quadro mostra que o processo inicia com uma correspondência monossêmica, uma forma para um significado, que se desdobra para vários significados. O novo significado pode ser apenas um produto de uma inferência discursiva, que se convencionaliza e dá lugar a uma

polissemia (sincrônica). O processo pode parar nesse ponto ou pode continuar. Se continuar, uma das formas se altera, e teremos duas formas e dois significados, chegando a um ponto de mudança não apenas de significado, mas também de mudança sintática. É nesse caso que observa o processo de gramaticalização.

É importante enfatizar que nem toda monossemia se transforma em polissemia, e nem toda polissemia implica uma mudança de categoria, ou seja, gramaticalização. O que queremos deixar claro é que há fenômenos que favorecem, que qualificam um item para a gramaticalização, mas não necessariamente acarretam a gramaticalização.

Se considerarmos o nosso objeto de estudo, o verbo *chegar*, observaremos usos polissêmicos³⁹, que o tornam candidato à gramaticalização, mas esses usos não implicam sua gramaticalização, pois assumimos que só ocorre gramaticalização quando há mudança categorial. Como percebemos que, em alguns contextos, o verbo *chegar* deixa de ser núcleo da predicação e passa a comportar-se como auxiliar, hipotetizamos que o verbo em causa está sofrendo um processo de gramaticalização.

SÍNTESE CONCLUSIVA

O processo de gramaticalização é compreendido como o processo por meio do qual alguns elementos que possuem conteúdo lexical sofrem modificações, ao longo do tempo, até se tornarem elementos gramaticais. Para melhor entendimento do tema gramaticalização, fizemos um breve histórico sobre os estudos desse processo, discutimos os principais conceitos, características, princípios e motivações que distinguem esse tipo especial de mudança linguística. Levando em consideração o nosso objeto de estudo, discutimos, ainda, a relação entre polissemia e gramaticalização.

Diferentes usos atuais do verbo *chegar* levaram-nos a formular a hipótese de que o este verbo está passando por algumas mudanças que sugerem gramaticalização, pois, em alguns contextos, *chegar* parece funcionar com estatuto de verbo auxiliar. Para avaliarmos a nossa hipótese, discutiremos, a seguir, conceitos e critérios de auxiliaridade.

³⁹ Cf. Capítulo 5.

Nosso objetivo, no capítulo seguinte, é, portanto, discorrer sobre os critérios de auxiliaridade apresentados por diferentes autores, para, a seguir, destacar aqueles que julgamos mais relevantes e aplicá-los nos diferentes usos de *chegar* recolhidos nos *corpora* e, assim, identificar o grau de auxiliaridade que *chegar* apresenta e o estágio de gramaticalização em que se encontra esse verbo.

3. AUXILIARIDADE: ASPECTOS CONCEITUAIS

Este método de poner dos verbos en lugar de uno solo... sería una prolijidad inútil, si la perífrasis no dijera más que la expresión simple (DIEZ, F., 1871)⁴⁰

O propósito deste capítulo é fazer uma revisão da literatura sobre auxiliaridade. Nosso objetivo é situar o leitor no panorama geral que acolhe esse tema. Abordaremos os trabalhos mais relevantes, as principais idéias dos autores, bem como discutiremos os critérios utilizados por cada um deles na identificação de verbos auxiliares. Depois desse percurso, definiremos o nosso posicionamento em relação ao tema, e elencaremos os critérios de auxiliaridade que, para este trabalho, consideramos relevante, levando em conta nosso objeto de estudo – o verbo *chegar*.

3.1. A AUXILIARIDADE: alguns conceitos

Embora a noção de auxiliaridade seja familiar nas línguas ocidentais, não podemos dizer que há consenso na literatura lingüística quando se tenta conceituar tal fenômeno e definir suas características. Os problemas surgem já no momento de se definir o termo *auxiliar*. Muitos estudiosos discordam quanto à definição do termo *auxiliar*, quanto a entidades que poderiam ser assim rotuladas e, ainda, quanto à necessidade dessa categoria. Como explicar o estatuto de um auxiliar? Como identificar os domínios nocionais da auxiliaridade? Como fazer o inventário de tais verbos? Ou ainda, é possível identificá-los como pertencentes à categoria verbo? Quais os critérios para sua identificação?

Muitos trabalhos já foram realizados sobre os auxiliares na tentativa de responder aos questionamentos acima. Nesses estudos, podemos perceber uma grande diversidade de opiniões. Em todas as pesquisas feitas sobre o tema, percebemos que a existência de duas grandes classes de verbos – os auxiliares e os principais (ou auxiliados) – é uma distinção comumente aceita, mas

⁴⁰ Trecho de *Diez* (*apud* Dietrich, 1973). Tradução nossa: “Este método de usar dois verbos em lugar de um só... seria uma prolixidade inútil, se a perífrase não dissesse mais do que a expressão simples”.

não o é a delimitação dos membros de cada classe, sendo difícil concluir que entidades pertencem a cada uma delas.

Para muitos autores, como Heine (1993), o termo *auxiliar* está associado a uma variedade limitada de domínios nocionais, a saber, domínios de tempo, aspecto e modalidade. Para outros, como Capell (1976), ao contrário, o termo está associado a uma variedade ampla de fenômenos lexicais e/ou gramaticais que incluem expressões derivativas, pro-verbo e adposição, flexões, conjunções, certos tipos de numerais, dependendo da língua a ser analisada⁴¹.

A diversidade conceitual e terminológica caracteriza as discussões em torno da noção de auxiliaridade. Some-se a isso a distinção entre *auxiliar* e AUX, categoria introduzida por Chomsky (1957). Em alguns casos, esses termos co-ocorrem, em outros, não. A diferença entre eles é sutil e dá-se por meio de algumas características enumeradas por Heine (1993, p.5)⁴² e transcritas aqui:

1. “AUX” representa uma categoria ou nó sintático, enquanto “auxiliar” refere-se a uma “classe livre” de elementos;
2. “AUX” representa uma categoria gramatical e “auxiliar” representa os membros desta categoria;
3. “AUX” é usado em expressões formulaicas e “auxiliar” é usado no texto corrente;
4. Enquanto “auxiliar” refere-se a um termo que denota distinções de tempo, aspecto e modalidade, “AUX” é uma unidade que inclui informações e/ou elementos, sobre tempo, aspecto, modalidade, concordância/marcação do sujeito, concordância/marcação do objeto, negação etc.

Akajian *et al* (1979) definem “AUX” como categoria distinta em seu comportamento sintático do comportamento de outras categorias sintáticas incluindo elementos que expressam as

⁴¹ Heine (1993, p.8) aponta o caso do marcador de infinitivo do inglês *to*, “um item altamente idiossincrático”, que é considerado por autores como um verbo auxiliar não finito.

⁴² 1. “AUX” stands for a syntactic category or node, while “auxiliary” refers to a “loose class” of elements – however that class is to be defined.

2. “AUX” stands for a grammatical category and “auxiliary” for the members of that category.

3. “AUX” is used in formulaic expressions and “auxiliary” in running text.

4. While “auxiliary” refers to an item typically denoting distinctions of tense, aspect and/or modality, “AUX” is a more comprehensive unit that includes information on, and/or elements for, tense, aspect, modality, subject agreement/marking, object agreement/marking, negation, etc., or any combination thereof. (HEINE, 1993, p. 5)

categorias nocionais de Tempo e/ou Modalidade. Mas não estabelecem distinção entre “AUX” e “auxiliar”.

As discussões a respeito do assunto parecem sempre conduzir à existência ou não da distinção entre duas classes, a dos auxiliares e a dos verbos principais. Há os que defendem a *Hipótese da Autonomia (Autonomy Hypothesis)*, segundo a qual auxiliar é uma categoria distinta, e até universal. É o caso de autores como Steele (1978), que sugere que esta categoria localiza a situação descrita em um certo tempo (Tempo), atribui um contorno temporal (Aspecto) e avalia a realidade (Modalidade); Palmer (1979), para quem as propriedades sintáticas dos auxiliares do inglês não podem ser conciliadas com aquelas exibidas pelos verbos principais; e Matthews (1981), que distingue os auxiliares, por estarem no campo da gramática, dos verbos plenos, que estão no léxico.

Por outro lado, há os que defendem a *Hipótese do verbo principal (main-verb hypothesis)*, que considera auxiliares os verbos que exibem alguns comportamentos “desviantes” (cf. Heine, 1993, p.8). É o caso de Ross (1969) para quem os auxiliares do inglês e os verbos são membros de uma mesma categoria lexical, possuidores do traço [+V]. Entretanto, Ross (1969) distingue *have* (ter/haver) e *be* (ser/estar), que possuem o traço [+Aux], de *eat* (comer) e *sing* (cantar), por possuírem o traço [-Aux].

No inglês, a categoria Verbo, para Pullum e Wilson (1997, *apud* HEINE, 1977), inclui os auxiliares, considerados como um subconjunto especial, apesar de haver critérios que distinguem auxiliares e modais dos verbos principais.

Há, porém, uma outra posição defendida por autores como Givón (1975, 1979, 1984, 1989), Garcia (1967) e Bolinger (1980), segundo a qual não há um limite que separe auxiliar de verbos principais, mas os verbos devem ser vistos como pertencentes a uma cadeia contínua ou gradiente.

Além disso, esses autores chamam a atenção para o fato de a natureza dos auxiliares ser descrita por perspectiva tanto sincrônica quanto diacrônica. Bolinger (1980, p. 297) afirma que os fatos históricos precisam ser vistos dentro de sua organização sincrônica; as formas estão em transição e exibem todas as refrações de seu destino incerto.

De acordo com Heine (1993), para entendermos a categoria auxiliar, precisamos reconhecer que forças cognitivas são responsáveis pela gênese e pelo desenvolvimento desta

categoria relacionada aos domínios de Tempo, Aspecto e Modalidade, bem como atentarmos para os efeitos dessas forças sobre as construções auxiliares consideradas canônicas.

A *hipótese da autonomia* recebe muitas críticas, sobretudo por defender o caráter universal da categoria auxiliar. Mesmo os que são favoráveis a essa hipótese argumentam que os auxiliares são unidades relevantes de categorização lingüística em algumas línguas, mas não em todas. Heine (1993) cita Abraham (1990), que listou o *latim*, o *grego*, o *gótico* e o *antigo alemão* como línguas que não possuíam auxiliares. Na verdade, são os critérios adotados por diversos autores que definem se uma língua apresenta a categoria auxiliar e, se apresentando, quais verbos podem receber esse rótulo.

Guillaume (1938) foi um dos primeiros lingüistas a se preocupar com o estudo dos auxiliares, especialmente com a propriedade que torna um verbo, entre tantos, apto a exercer a função de auxiliar. A esta propriedade, Guillaume chamou *subductividade*, e assim definiu verbos auxiliares:

os verbos auxiliares são verbos cuja gênese formal, interrompida por uma conclusão mais rápida, fica em suspenso, não se completa e pede, conseqüentemente, um complemento de matéria que – estando encerrada a ontogênese da palavra – só pode vir do exterior: de uma outra palavra.

(GUILLAUME, 1938 *apud* BENVENISTE, 1989)

Segundo Guillaume (1938), o fenômeno lingüístico da auxiliaridade, também chamado “complexo de auxiliação” consiste na junção sintagmática de uma forma auxiliar e uma forma auxiliada, de ordem invariável, cujos elementos podem ser dissociados por uma inserção. Esse complexo é uma forma marcada que se opõe a uma forma verbal simples.

Entendemos que a auxiliaridade é o resultado de um processo de mudança lingüística, chamado gramaticalização⁴³. É por meio desse processo que encontramos a origem de verbos auxiliares, uma vez que estes são resultados de mudanças pelas quais passaram verbos plenos. Os verbos plenos, também chamados *lexicais* e *conceituais*, portanto, derivam os verbos auxiliares, que sustentam verbos principais nominalizados e expressam categorias gramaticais, como Tempo, Aspecto, Voz, Modo.

Para Pottier (1976), auxiliar é todo verbo que é incidente de outro verbo em um mesmo sintagma verbal. Essa incidência pode ser direta, se não houver entre o verbo auxiliar e o principal – ou modificante e modificado, nas palavras do autor – a presença de uma preposição; e

⁴³ Cf. capítulo 1

indireta se houver entre tais verbos uma preposição. Para o autor, deve-se considerar um verdadeiro complexo de auxiliaridade o sintagma que não pode se transformar em grupo disjuntivo sem que se altere sua significação: “está dizendo” não equivale a “está” e “diz”; no entanto, o significado de “fala dormindo” não se altera se o decompuermos em “fala” e “dorme” ou “fala enquanto dorme”.

Foi L. Tesnière (1959), ao estudar a estrutura dos tempos compostos do francês, o primeiro a utilizar o termo *auxiliado* (*auxilié*) para designar o componente modificado de uma construção perifrástica e, dessa forma, a designar mais exatamente a relação entre os elementos do sintagma: “As características gramaticais passam para o auxiliar, a raiz verbal passa para o auxiliado”⁴⁴.

Benveniste (1989, p.181) definiu o verbo auxiliar como uma forma lingüística unitária que se realiza por meio de paradigmas inteiros, por meio de dois elementos; cada um dos quais assume uma parte das funções gramaticais, sendo esses elementos ao mesmo tempo ligados e autônomos, distintos e complementares.

Longo e Campos (2002), ao estudarem a auxiliaridade, definiram-na como uma relação de complementação entre duas formas verbais; o auxiliar cujo complemento será o verbo base; e a perífrase verbal que forma um complexo unitário com o verbo e uma das formas nominais do verbo.

3.1.1. Perífrase verbal

O conjunto formado pelos verbos auxiliar e auxiliado, ou verbos auxiliar e principal, recebe o nome de *perífrase verbal*. A perífrase, também conhecida como *forma composta*, *forma circunscrita*, *forma analítica*, *construção perifrástica*, é entendida como uma combinação de pelo menos duas expressões lingüísticas autônomas que formam uma unidade. Essa unidade se forma, não por capricho do falante, mas com um propósito específico. Coseriu (1978), ao explicar a expressão perifrástica do aspecto nas línguas românicas, esclareceu que, se houver necessidade de expressar valores que até então não eram realizados e para os quais as formas verbais

⁴⁴ « les caractéristique grammaticales passent dans l’auxiliaire, la racine verbale dans l’auxilié ». (TÈSNIERE, 1959)

sintéticas já não são suficientes, as línguas recorrem a outras estruturas formais para expressar essas funções que estão apenas latentes no nível mais abstrato da hierarquização lingüística.

Na definição de H. Olbertz (1989), perífrases verbais são construções verbais analíticas formadas por meio de um verbo finito auxiliarizado e um verbo principal em uma forma não-finita. O primeiro funciona como um elemento que modifica o verbo principal e que perde, parcial ou inteiramente, o seu significado lexical, embora seu significado de origem, em alguns casos, possa conservar-se na maneira como o verbo auxiliar modifica o principal.

Para ilustrar a persistência do significado original em itens que hoje são gramaticais, Comrie (1976, p.102) diz que o significado progressivo pode ser explicado pelo uso de um verbo auxiliar cuja função é primeiramente locativa, e que é possível encontrar evidências diacrônicas na relação entre verbos etimologicamente Locativos e auxiliares progressivos. Cita, como exemplo, a cópula *estar*, que, mesmo sendo item gramatical, ainda preserva o caráter Locativo de sua base latina e é utilizada como uma metáfora locativa em construções perifrásticas.

Em qualquer estudo sobre expressões perifrásticas, há de se considerar que as perífrases verbais são formadas para suprir a deficiência das formas verbais simples no que se refere à expressão de certas modalidades do verbo português, em particular, e do verbo românico, em geral. Dessa forma, o chamado *verbo auxiliar* tem por função acomodar os morfemas de tempo, modo, número e pessoa, funcionando como um todo morfemático com o verbo principal graças ao processo de gramaticalização a que foi ou está sendo submetido, e, junto com o verbo principal, que aparece em uma das formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio), é responsável por expressar noções temporais, modais e aspectuais.

Para explicarmos como as perífrases são criadas, cumpre lembrar que, na literatura sobre gramaticalização, como discutimos no capítulo 2, a gramaticalização é definida como o processo pelo qual um item lexical torna-se um item gramatical, mas, conforme Bybee (2003a), oportunamente, ressalta, o processo ocorre em um contexto de uma construção particular. Assim sendo, podemos dizer que a gramaticalização é da construção, não do item.

No processo de gramaticalização que origina as perífrases verbais, podemos distinguir algumas fases importantes, a saber (BARROSO, 1994, p.66): 1) simples coordenação de duas ou mais formas verbais: a primeira marcada pela flexão, a segunda desprovida dessa marca, cada uma das formas conservando seu valor lexical; 2) marcação de uma intencionalidade, sem que o verbo dito *auxiliar* perca seu significado objetivo; 3) perda parcial ou total dos semas

caracterizadores; 4) verbos cópula absolutamente gramaticalizados e 5) transformação de um categorema, isto é, um lexema gramaticalizado, em morfema.

Encontram-se registradas tanto no âmbito sincrônico quanto diacrônico, as quatro primeiras fases. A última fase só está documentada diacronicamente. A exemplo do que ocorreu com as perífrases latinas *amare habeo* que, nas línguas românicas, transformaram-se em *amarei* (português), *amaré* (espanhol), *j'aimerai* (francês), as formas analíticas atuais podem, desde que todas as condições necessárias sejam criadas, transformar-se em formas sintéticas.

Barroso (1994), em relação às fases da gramaticalização que origina perífrases verbais, esclarece que a primeira e a última fase não representam perífrases verbais propriamente ditas. Na última fase, não temos mais uma perífrase, pois a forma resultante é sintética, como mostrado no parágrafo anterior (*amarei* < *amare habeo*). Na primeira fase, não se trata de perífrase, pois o que ocorre é a presença de dois predicados, ou nos termos de Dietrich (1973), um predicado e um complemento.

Isso significa que a existência de verbos justapostos não implica a presença de uma construção perifrástica. As construções perifrásticas diferem de outras construções analíticas, especialmente, porque estas últimas têm seu significado originado pela soma do significado de seus constituintes, ao passo que as primeiras formam uma nova unidade e, por isso, um novo significado.

Podemos dizer que as perífrases caracterizam-se pela autonomia, que, segundo Bybee (1985, 2003a, 2005), é resultado da alta frequência e refere-se ao fato de que formas complexas morfologicamente podem perder sua estrutura interna, tornando-se autônomas.

Diferente das perífrases, os verbos justapostos podem enunciar cada qual um ato concreto. Em

(09) *Ele quer sair.*

temos dois verbos contíguos que expressam dois estados de coisa: *querer* algo e *sair*. O verbo *querer* é pleno, núcleo de uma oração, cujo complemento, neste caso, é preenchido por uma outra oração *sair*. A construção poderia ser desdobrada com o verbo em sua forma finita

(09) *Ele quer que ele saia.*

Como temos sujeitos idênticos, reduz-se a oração para

(10) *Ele quer sair.*

Percebemos, no exemplo acima, que os dois verbos conservaram sua significação, não há, portanto, uma perífrase, pois, para a existência desta, um dos verbos deveria enfraquecer-se ou esvaziar o seu sentido, assumindo, assim, a função de auxiliar; e o outro deveria perder seu caráter complementar e encerrar em si a idéia principal da perífrase.

Pelo contrário, em frases como:

(11) O João tem lido pouco ultimamente

Os dois verbos não têm a mesma natureza. Neste caso, em particular, o sujeito é selecionado não pelo verbo *ter*, mas antes pelo verbo *ler*. A alteração do sujeito em função das suas propriedades semânticas produz resultados distintos do que se apresenta em (11); assim, um sujeito com o traço [- Humano] produzirá sempre um resultado agramatical:

(11a) * A cadela do João tem lido pouco ultimamente.

(11b) * A casa do João tem lido pouco ultimamente.

Note-se que o contraste de gramaticalidade entre (12) e (12a) e (12b) se mantém se o verbo *ter* for omitido:

(12) O João leu pouco ultimamente

(12a) * A cadela do João leu pouco ultimamente

(12b) * A casa do João leu pouco ultimamente

Estes dados revelam que, na seqüência em (12) apenas o verbo *ler* tem capacidade predicativa, o mesmo não acontecendo com o verbo *ter*, que não é relevante para a escolha do sujeito da frase, já que esse sujeito não é por ele selecionado.

Dietrich (1973, p.53) separa os verbos que formam perífrases daqueles que ele chamou de *verba adiecta*, ou seja, verbos que ocorrem somente com referência implícita ou explícita a outros verbos. Importa ressaltar que *verba adiecta* não têm estrutura argumental própria. Os argumentos que ocorrem na predicação são determinados pelo verbo não finito.

Estudando a perífrase aspectual no espanhol, Olbertz (1989) considera os verbos *empezar* e *comenzar* (ambos = começar) como *adiecta* e não auxiliares, não sendo, portanto, perífrase a construção em que tais verbos figuram. A exclusão de *empezar* e *comenzar* da categoria de

verbos auxiliares, dá-se, segundo a autora, devido ao fato de o caráter incoativo desses verbos dever-se ao significado deles mesmos e não de um novo significado resultante da construção como um todo.

Os elementos da construção analítica podem ser separados sem que o resultado seja agramatical, como em (13). Essa característica os diferencia dos verbos auxiliares:

(13) - ¿Estudias? (Estudas?)

- Sí, empiezo ahora. (Sim, começo agora) (Olbertz, 1989, p.3)

Para mostrar que *empezar* e *comenzar* são *adiecta* e que, por isso, não têm estrutura argumental própria, Olbertz (1989) considera as seguintes ocorrências:

(14) Empezaba a oscurecer cuando Otelo comenzó a mover las orejas.

‘Começava a escurecer quando Otelo começou a mexer as orelhas’

(15) (...) el capital norteamericano principió a llegar en la última década del siglo pasado a El Salvador.

‘(...) o capital norteamericano começou a chegar na última década do século passado a El Salvador’

Nas ocorrências acima, os verbos *empezar* (iniciar), *comenzar* (começar) e *principiar* (principiar) podem ser intercambiáveis. *Empezar* acompanha o verbo *oscurecer* (escurecer), que não implica a existência de argumentos; *comenzar* acompanha um verbo bivalente – o primeiro argumento tem função semântica de agente (*Otelo*) e o segundo argumento tem função semântica de objetivo (*las orejas* ‘as orelhas’); *principiar* acompanha um verbo com dois argumentos – o primeiro com função de processado (*el capital norteamericano*) e direção (*la última década*). Nesses exemplos, os verbos *empezar*, *comenzar* e *principiar* não apresentam uma estrutura específica de seleção de argumentos, ou seja, não fazem restrição na seleção dos argumentos. Esse traço os aproxima dos chamados verbos auxiliares.

Os verbos em questão, portanto, têm traços de verbos auxiliares, como demonstrado em (14) e (15), e traços de verbos plenos, como vimos em (13). Esse comportamento os faz receber o nome de verbos *semi-auxiliares*, isto é, verbos que têm algumas, mas não todas, propriedades da

classe de auxiliares⁴⁵ (CRYSTAL, 1985, p.28) ou, nos termos de Bolinger, verbos *quase-auxiliares*, caracterizados por terem um comportamento de verbo pleno, mas assumirem funções gramaticais.

O reconhecimento de um verbo auxiliar, como já nos referimos, não é ponto pacífico entre os estudiosos do assunto⁴⁶, nem tampouco os domínios nocionais expressos por esses verbos. Para Steele (1978) e Ramat (1987), por exemplo, os auxiliares expressam Tempo, Aspecto e Modalidade; mas para Conrad (1988, *apud* HEINE, 1993) e Bußmann (1990, *apud* HEINE, 1993), os domínios expressos são apenas tempo e aspecto; e para Akmajian (1990) e Steele *et al* (1981), apenas Tempo e Modalidade são expressos por auxiliares.

Além do domínio nocional dos auxiliares, as discussões também tentam responder se auxiliares podem, de fato, ser considerados verbos, ou apenas um subconjunto da classe verbo. Sabemos que a definição de auxiliar e os critérios de auxiliaridade dependem do modelo teórico adotado pelos autores. A seguir, apresentaremos o ponto de vista de Bernd Heine (1993), que produziu um importante trabalho sobre o processo de gramaticalização de verbos, enfatizando a auxiliaridade.

3.1.2. O estatuto de auxiliaridade segundo Heine (1993)

Heine (1993) dá uma importante contribuição para esta pesquisa ao estudar os verbos auxiliares como produtos de forças cognitivas, metafóricas e metonímicas, que atuam no processo de gramaticalização. Para o lingüista, os verbos auxiliares, que constituem uma categoria prototipicamente estruturada, apresentam uma natureza “anfíbia”, porque muitos deles são usados ora como verbos plenos, ora como marcadores gramaticais, e são definidos como itens lingüísticos que cobrem alguns usos ao longo da cadeia contínua de gramaticalização, que parte

⁴⁵ “Semi auxiliaries are verbs which display some but not all of the properties of the auxiliary class” (CRYSTAL, 1985, p. 28)

⁴⁶ Na língua portuguesa, encontramos divergências quanto à esta classificação desses verbos inclusive em obras diferentes de um mesmo autor. Said Ali, por exemplo, na obra *Dificuldades da língua portuguesa*, de 1908, considerava auxiliares os verbos *poder, saber, dever, haver de, ter de, querer, ter, haver, mandar, deixar, fazer, começar (a), costumar, estar (a), continuar (a), acabar de, cessar de, ir, tornar a, ousar, desejar, gostar de, vir*. Em *Gramática secundária da língua portuguesa*, de 1927, considerou apenas os verbos *ter, haver, ter de, haver de, ser, estar*. E em 1931, na obra *Gramática histórica da língua portuguesa*, apresentou os seguintes verbos como auxiliares: *ser, estar, parecer, ficar, andar, vir, ir, tornar a, haver, haver de*.

de uma entidade lexical para uma gramatical, marcando Tempo (T), Aspecto (A) e Modalidade (M)⁴⁷.

Como vimos nas seções precedentes, são inúmeras as discussões sobre a natureza e as propriedades dos auxiliares. Com base em estudos anteriores, Heine (1993, p.22) enumerou algumas propriedades dos auxiliares, comumente encontradas nos trabalhos cujo propósito é discutir e/ou caracterizar a natureza do fenômeno auxiliaridade⁴⁸:

- a) auxiliares tendem a expressar domínios nocionais como Tempo, Aspecto e Modalidade, negação e voz;
- b) formam um conjunto fechado de unidades lingüísticas;
- c) não são unidades claramente lexicais nem claramente gramaticais;
- d) também ocorrem como verbo principal;
- e) expressam função gramatical, mas exibem uma morfossintaxe verbal e, em muitos trabalhos, são definidos como um subconjunto de verbos;

⁴⁷ “a linguistic item covering some range of uses along the Verb-to-TAM chain” (HEINE, 1993, p70)

⁴⁸ a) Auxiliaries tend to provide expressions for a small range of notional domains, especially for the domains of tense, aspect and modality. This, however, does not exhaust the range of possible domains; other domain exhibiting “auxiliarylike” properties in a number of languages are negation and voice.

b) They form a closed set of linguistic units.

c) They are neither clearly lexical nor clearly grammatical units.

d) They also occur as main verbs (Lewandowski, 1973:259; Conrad, 1988:92); for some authors, this “twin role” (Abraham, 1990:201) in fact constitutes one of the definitional properties of auxiliaries.

e) They express grammatical functions but exhibit, at least to some extent, a verbal morphosyntax. In a number of works they are defined as a subset of verbs (Crystal, 1980:38; Bußmann, 1990:186; Conrad, 1988:92-93).

f) While having some verbal properties, they also show a reduced verbal behavior, having, for example, “highly defective paradigms” (McCawley, 1975:597). Typically, they may associate only with a restricted spectrum of tense/aspect distinctions and/or verbal inflections, may not be passivized, and do not have imperative forms, and some authors have pointed out that auxiliaries may not be independently negated (eg. Park, 1992:17).

g) They may not be the (semantic) “main predicate” of the clause (Marchese, 1986:82).

h) They may have two “free variants”, where one is the full form (e.g., I will go) and the other one a reduced form (I’ll go), or one is a clitic and the other an affix (cf. Hartmann & Stork, 1972:24).

i) They tend to be unstressed or unable to receive contrastive stress (Akmajian et al. 1979:53).

j) They tend to be cliticizable or necessarily clitic (Steele, 1978:35)

k) They carry all morphological information relating to a predicate, such as marking distinctions of person, number, tense/aspect/modality, negation, etc.

l) Subject agreement also tends to be marked on the auxiliary rather than the main verb (Steele, 1978:32)

m) While auxiliaries are an obligatory part of finite clauses in certain languages, this is not necessarily so in nonfinite or imperative clauses (cf. Jelinek, 1983).

n) Auxiliaries may not themselves be governed by other auxiliaries, or only by a limited number of auxiliaries.

o) They do not have a meaning of their own. (...) Tucker and Mpaayei (1955:96), for example, state in their Maasai grammar that auxiliaries are “verbs whose function is to indicate the situation in which the main verb operates”.

p) They tend to occur separately from the main verb (Steele, 1978:13,21).

q) They may be bound to some adjacent element (Steele et al. 1981:142-43).

r) Unlike verbs, they may not be nominalized or occur in compounds (Marchese, 1986:81). (Heine, 1993, p. 22)

- f) embora possuam algumas propriedades verbais, os auxiliares também mostram um comportamento verbal reduzido, tendo, por exemplo, um “paradigma altamente defectivo”, não podem sofrer transformação passiva, não têm forma no imperativo e não podem ser negados separadamente;
- g) não podem ser o núcleo (semântico) do predicado;
- h) podem ter duas variantes livres; uma é a forma plena e a outra é a forma reduzida, ou um clítico ou um afixo;
- i) não têm acento;
- j) tendem a ser cliticizáveis;
- k) carregam toda a informação morfológica relacionada ao predicado, tais como os marcadores de pessoa, número, Tempo/Aspecto/Modalidade, negação;
- l) a concordância do sujeito é marcada no auxiliar e não no verbo principal;
- m) são parte obrigatória de sentenças finitas em certas línguas;
- n) não podem ser governados por outros auxiliares, ou somente por um número limitado de auxiliares;
- o) não têm significado em si mesmo; nas palavras de Tucker e Mpaayei (1955), auxiliares são verbos cuja função é indicar a situação na qual o verbo principal opera;
- p) tendem a ocorrer separadamente do verbo principal;
- q) podem estar limitados a alguns elementos adjacentes;
- r) ao contrário dos verbos, não podem ser nominalizados ou ocorrer em compostos.

As propriedades expostas acima são encontradas nos auxiliares ingleses observados por Heine (1993, p.28), que, para compreender melhor o fenômeno auxiliaridade, assume a posição defendida por Steele (1978), de que auxiliares expressam conceitos gramaticais relacionados a estado temporal (Tempo), contorno temporal (Aspecto) e tipo de realidade (Modalidade), e Heine (1993) sustenta que as expressões lingüísticas desses conceitos são derivadas de entidades concretas que descrevem noções gerais como⁴⁹:

⁴⁹ a) Location: “be at”, “stay at”, “live at”, “remain (at)”, etc. b) Motion: “go”, “come”, “move” “pass”, etc., c) Activity: “do”, “take”, “continue”, “begin”, “finish”, “seize”, “put”, “keep”, etc., d) Desire: “want”, “wish”, etc. e) Posture: “sit”, “stand”, “lie”, etc. f) Relation: “be (like)”, “be (part of)”, “be accompanied by”, “be with”, etc. or g) Possession: “get”, “own”, “have”, etc.. (HEINE, 1993, p. 28)

- a. Locação: expressa lingüisticamente por *be at* (estar em), *stay at* (ficar em), *live at* (morar em), *remain (at)* (permanecer em) etc;
- b. Movimento: expresso por *go* (ir), *come* (vir), *move* (movimentar-se), *pass* (passar), etc;
- c. Atividade: expressa lingüisticamente por *do* (fazer), *take* (tomar), *continue* (continuar), *begin* (começar), *finish* (terminar), *seize* (pegar), *put* (colocar), *keep* (guardar), etc;
- d. Desejo: expresso lingüisticamente por *want* (querer), *wish* (desejar), etc;
- e. Postura: expressa por *sit* (sentar), *stand* (levantar), *lie* (deitar);
- f. Relação: expressa por *be (like)* (ser igual a), *be (part of)* (ser parte de), *be accompanied by* (estar acompanhado de), *be with* (estar com), etc;
- g. Posse: *get* (conseguir), *own* (possuir), *have* (ter), etc.

Heine (1993) acrescenta que esses verbos fazem parte de um conceito mais complexo chamado *esquemas de evento* (*event schemas*), e que o comportamento de auxiliares só pode ser descrito em relação a esses esquemas.

Como a auxiliaridade é resultado do processo de gramaticalização, é importante notar que os tipos de verbos que são gramaticalizados como auxiliares parecem estar relacionados à estrutura de domínios semânticos. Heine (1993) cita o estudo feito sobre a língua Zulu, na qual Mkhathswa (1991, *apud* Heine, 1993) definiu um domínio espacial caracterizado pelos traços [+ Movimento] e [+ Direção], realizados pelos verbos *-za* “*come* (vir)”, e *-ya* “*go* (ir)”, *- ngena* “*come in* (entrar)”, *- sondela* “*come near*”, e *-dilika* “*come down* (descer)”. Os verbos *-za* e *-ya* foram gramaticalizados como marcadores de tempo; o primeiro marca futuro imediato e o segundo marca futuro remoto.

Haveria, então, uma espécie de domínio fonte que desencadearia a auxiliação. Para Heine (1993), a seleção desse domínio estaria relacionada ao que Givón (1992) chamou de *marcadores cognitivos*. Heine acrescenta que esquemas de evento funcionam como forma fonte para categorias gramaticais de tempo e aspecto, e são importantes para entender o comportamento das construções auxiliares, como exposto na tabela 01. Os primeiros esquemas (locação, movimento

e ação) representam os esquemas de evento de conceptualização humana mais básicos e relevantes:

TABELA 01: Esquemas de eventos principais como fontes para categorias gramaticais de Tempo e Aspecto (HEINE, 1993, p.31)

forma conceptual	rótulo proposto
a. “X está em Y”	locação
b. “X move-se para Y”	movimento
c. “X faz Y”	ação
d. “X quer Y”	volição
e. “X transforma-se em Y”	mudança de estado
f. “X é (igual a) Y”	equação
g. “X está com Y”	acompanhamento
h. “X tem Y”	posse
i. “X fica em Y”	maneira

Os esquemas de evento ou conceitos concretos, considerados aqui domínios fonte, dão origem, por meio de um processo contínuo, aos conceitos gramaticais, considerados domínios alvo. Citando Marchese (1986), Heine (1993) acrescenta que a transferência da fonte para o alvo pode gerar ambigüidade, pois uma mesma expressão pode referir-se, alternativamente, a dois diferentes conceitos. A expressão usada para exemplificar essa ambigüidade é *is going to*, nas seguintes construções:

16. a. *John is going to town soon.*
 ‘John está indo ao centro’
 b. *John is going to work soon.*
 ‘John está indo trabalhar / ao trabalho’
 c. *John is going to get sick soon.*
 ‘John está ficando doente’

Em 16.a, a expressão *is going to* tem um significado verbal fonte, sendo exemplo do esquema de evento movimento (“X move-se para Y”); em 16.b., a construção é ambígua, pois, se considerarmos *work* um nome, *is going to*, assim como 16.a., expressa movimento; se considerarmos *work* uma forma verbal, *is going to* tem significado gramatical e funciona como

marcador de tempo futuro. Em 16.c, a expressão *is going to* é exclusivamente um marcador gramatical. Em termos de esquema de evento, ocorre a transição de [X move-se para Y] para [X – conceito gramatical – verbo principal].

A transferência da forma fonte para a forma alvo, ou do conceito concreto para o gramatical, é realizada por meio de uma série de mudanças lingüísticas. Como a auxiliaridade resulta do processo de gramaticalização, Heine apresenta um tipo de cadeia de gramaticalização, a cadeia *Verb-to-TAM*, ou seja, a cadeia em que um verbo se transfere para operador de Tempo, Aspecto e Modo. Essa transferência é feita por meio de quatro paradigmas de naturezas semântica (dessemantização), morfossintática (decatégorização), morfofonológica (cliticização) e fonética (erosão)⁵⁰.

Conforme já mencionamos no capítulo precedente, a dessemantização refere-se ao processo pelo qual itens lexicais, em alguns contextos, esvaziam-se de seu conteúdo lexical e adquirem funções gramaticais. No que se refere à cadeia *Verb-to-TAM*, a dessemantização atua nos esquemas de evento, pois estes perdem seu conteúdo concreto e passam a expressar conceitos gramaticais. Heine (1993, p.54) descreve o desenvolvimento dessa mudança por meio dos seguintes estágios⁵¹:

- I. o sujeito é tipicamente humano, o verbo expressa um conceito lexical, e o complemento um objeto concreto ou Locativo;
- II. o complemento passa a expressar uma situação dinâmica;
- III. o sujeito não está associado a referentes humanos, e o verbo adquire uma função gramatical.

Os processos cognitivos atuam também na estrutura morfossintática, gerando o que Hopper e Thompson (1984) chamaram decatégorização, que consiste na perda ou na neutralização dos marcadores morfológicos e sintáticos que caracterizam as categorias maiores como Verbo e Nome, para receber características de categorias consideradas menores, como o Adjetivo, Preposição etc. Como resultado da decatégorização, a estrutura [sujeito – verbo –

⁵⁰ Cf. Capítulo 2.

⁵¹ [...] *this development can be described in terms of the following stages:*

- I. *The subject is typically human, the verb expresses a lexical concept, and the complement a concrete object or location.*
- II. *The complement comes to express a dynamic situation.*
- III. *The subject is no longer associated with willful/human referens, and the verb acquires a grammatical function. (HEINE, 1993, p.54)*

complemento] transforma-se em [sujeito – marcador gramatical – verbo principal]. Heine (1993, p.55)⁵² apresenta os estágios presentes nesse desenvolvimento:

- I. o verbo exibe uma morfossintaxe verbal plena e o núcleo de seu complemento é um sintagma nominal ou um sintagma adverbial;
- II. o nome deixa de ser núcleo do complemento; este passa a ser expresso por um verbo não finito ou nominalizado;
- III. o verbo perde suas propriedades verbais, como a possibilidade de ser conjugado no imperativo, de ser nominalizado, de ser submetido à transformação passiva e não mais tem um nome como seu núcleo;
- IV. o verbo perde propriedades verbais como a possibilidade de ser negado separadamente e ocorrer em outra posição na sentença, e o complemento perde em propriedades nominais;
- V. o verbo perde virtualmente suas propriedades verbais e o complemento adquire a morfossintaxe de um verbo principal.

Ao perder seu conteúdo lexical, o verbo pode transformar-se em um operador, em uma espécie de apêndice de seu complemento, que alça *status* de verbo principal. A essa mudança dá-se o nome de cliticização, cujos estágios são os que seguem⁵³:

- I. o verbo constitui uma palavra independente. Nesse estágio, o verbo e seu complemento são constituintes distintos, embora possam desenvolver-se numa

⁵² Heine (1993, p.55):

I. The verbs exhibits a fully verbal morphosyntax and the complement has a noun phrase or an adverbial phrase as it nucleus.

II. Instead of a noun, the complement nucleus consist of a nominalized/nonfinite verb.

III. The verb loses in verbal properties such as the ability to form imperatives, to be nominalized, to passivize, and it may no longer a noun as its complement nucleus.

IV. The verb loses further verbal properties such as it ability to be negated separately an to occur in other positions in the clause, and the complement loses in nominal (and adverbial) properties, such as its nominalizing and/or adverbial morphology.

V. The verb loses virtually all remaining verbal properties, and the complement acquires the morphosyntax of main verb, although it may retain some relics of a nominalizing and/or adverbial morphology.

⁵³ *I. The verb forms an independent word. At this stage, the verb and its complement are clearly distinct constituents. They may, however, develop into a tight syntactic unit, and they can be described as what Palmer (1974:5-18, 166-211) and Brinton (1988:70) call a complex phrase, where expressions of tense, negation, etc. may still be marked simultaneously on both, for example, We can't not go with them.*

II. The verb loses its status as a separate word and develops into a clitic. The verb and its complements are now likely to form a simple phrase, which permits only one expression of tense, negation, passivization, etc.

III. The verb develops into an affix. The verb and its complements merge into a single word unit, where the erstwhile verb constitutes an affix and the erstwhile complement the main verb stem. (HEINE, 1993, p. 55-6)

forte unidade sintática, gerando, assim, um sintagma complexo (*complex phrase*), mas as expressões de tempo, negação, etc, podem, ainda, ser marcadas nos dois verbos simultaneamente;

- II. o verbo perde seu *status* de palavra independente. Nesse estágio, verbo e complemento formam um sintagma simples (*simple phrase*), com uma única expressão de tempo, negação, passivação etc;
- III. o verbo transforma-se em um afixo. Verbo e complemento fundem-se em uma única palavra.

As mudanças não afetam apenas o conteúdo ou a estrutura morfossintática do verbo. Ocorrem, também, mudanças de natureza fonética. É o que Heine chama de erosão, cujos estágios são apresentados a seguir⁵⁴:

- I. o verbo tem sua forma fonológica plena;
- II. a substância fonológica do verbo tende a ser erodida;
- III. o verbo perde sua capacidade de carregar tons e acentos distintivos.

A apresentação desses estágios não implica sua obrigatoriedade de ocorrência em todos os casos de auxiliação. As mudanças ocorrem de acordo com as características de cada verbo candidato à auxiliação. Um verbo, por exemplo, não pode perder a capacidade de formar imperativo, se a sua fonte lexical não possuía essa capacidade. Heine (1993) cita o caso dos modais ingleses *may*, *can*, *must*, *will* que não perderam seu marcador *to*, porque historicamente nunca tiveram. Além do mais, a caracterização desses diferentes estágios é feita mais por conveniência descritiva, visto ser contínua a natureza da cadeia de gramaticalização.

Heine (1993) procura relacionar as mudanças apresentadas acima (dessemantização, decategorização, cliticização e erosão) por meio de sete diferentes estágios (ver quadro abaixo), mas adianta que a mudança de um conteúdo lexical para o gramatical é anterior a todas as outras mudanças, por isso a cliticização e a erosão tendem a aparecer depois de todas as outras mudanças.

⁵⁴ Heine (1993, p. 56) apresenta os estágios da erosão:

- I. *The verb has its full phonological form.*
- II. *The phonological substance of the verb tends to be eroded.*
- III. *The verb loses its ability to carry distinctive tone or stress.*

QUADRO 05: Possíveis correlações entre os diferentes tipos de mudança ao longo da cadeia *Verb-to-TAM* (HEINE, 1993, p.58)

Estágio Geral	Estágios						
	A	B	C	D	E	F	G
Dessemanticização	I	II	III				
Decategorização	I		II	III	IV	V	
Cliticização	I				II		III
Erosão	I				II		III

Considerando a cadeia *Verb-to-TAM* conforme o quadro 05, Heine apresenta sete estágios de gramaticalização de verbos. Esses estágios flagram o comportamento de um verbo desde a sua forma lexical até o comportamento mais gramatical, quando o item já apresenta características de afixo. Interessam-nos os estágios intermediários nos quais encontramos os verbos semi-auxiliares e auxiliares propriamente ditos. Por isso utilizaremos essa cadeia para analisar as ocorrências do verbo *chegar* quando este se encontra em perífrase verbal e, dessa forma, identificar em que estágio *chegar* encontra-se na cadeia de auxiliaridade.

É interessante ressaltar que devido à gradiência que acreditamos caracterizar o processo de gramaticalização, esses estágios não podem e nem devem ser vistos nem como estanques, uma vez que um mesmo item pode apresentar características de mais de um estágio; nem como obrigatórios, uma vez que um item pode não cumprir todos os estágios.

São esses os estágios, de acordo com Heine (1993, p. 59-65)⁵⁵:

⁵⁵ **Stage A:** Stage A is the situation of concrete source schemas, where the verb has its full lexical meaning and the complement typically refers to a concrete object.

Stage B: This is stage where, to use Bolinger's (1989:297) wording, a "verb stars down the road of auxiliariness". What distinguishes Stage B items from those of Stage A is that the complement refers to a dynamic situation rather than to an objectlike entity. At this stage, items are in a group together with other items that are unambiguously classified as verbs, English *avoid* or factive verbs like *regret ignore*, etc. Stage B items typically have the following characteristics: (a) while taking nominal complements, they are also associated with nonfinite verbs as complements. (b) subject reference identity between verb and complement is not a requirement. (c) The verbal complement need not be confined to one kind of constructions; rather there may be functionally different but competing constructions such a gerundial, participial, or infinitival complements. (d) the complements may also consist of a clausal construction rather than a nonfinite verb.

Stage C: At this stage, the subject NP is no longer confined to willful/human referents; that is, selectional restrictions relating to the subject tend to be eliminated and the verb comes to express some "formulaic" function such as notion of tense, aspect, or modality. (...)

Most commonly the "formulaic" functions of Stage C items relate to the duration, the speed, or the boundary characteristics of events, and these items to be associated with characteristic such as the following:

- The verb is now associated strongly with a nonfinite verb as its complements nucleus. Even if the complement is still a noun, it is likely to refer to a concept of the category ACTIVITY; that is, rather than an object, it denotes an event (Fred, 1979), something that "occurs" or "take place".
- Subject identity between verb and complement now becomes a requirement.

Estágio A: Nessa primeira fase, o verbo apresenta sua significação lexical plena, e o complemento verbal designa, tipicamente, um objeto concreto.

Estágio B: Essa é a fase na qual o verbo “começa a trilhar o caminho dos auxiliares”. O complemento passa a designar uma situação dinâmica, e é expresso ou por uma forma nominal do verbo (infinitivo, gerúndio, particípio) ou por uma completiva. Algumas características dos itens, nesse estágio, são relevantes:

- a) embora nominais, os complementos estão associados com formas não finitas;
- b) a identidade do sujeito entre o verbo e o complemento não é uma exigência;
- c) o complemento verbal pode ser expresso por uma das formas nominais;
- d) o complemento verbal pode ser expresso por uma oração completiva.

Estágio C: Nessa fase, as restrições de seleção do sujeito tendem a desaparecer, ou seja, o sintagma nominal sujeito não está mais restrito a referentes humanos, e o verbo passa a marcar algumas funções esquemáticas, como as noções de Tempo, Aspecto ou Modalidade. É nesta fase que são incluídos os quase-auxiliares, semi-auxiliares ou catenativos. É a “fase em botão” da gramaticalização. O verbo que se encontra nesse estágio apresenta as seguintes características:

- a) o verbo passa a combinar-se com um verbo não finito como complemento, que agora designa atividade ou evento
- b) a identidade de sujeito entre verbo e complemento agora se torna uma exigência;

c) The verb and its complement refer to the same time.

d) The verb may not take clausal complement.

e) The ability of the verb to express the whole range of TAM distinctions is reduced in some way, even if only for reasons of semantic or morphological compatibility.

In accordance with the terminology introduced by Mathews (1978), we may call C the “budding stage” in grammaticalization.

Stage D: Stage D items are not seldom referred to by grammarians as “defective” verbs: (a) the verb tends to lose its ability to form imperatives, to be nominalized, or to passivize, and (b) it is no longer associated with nouns as its complement nucleus; (c) items are associated with only one kind of nonfinite verb form.

Stage E: Stage E items are decategorized to the extent that they tend to be perceived by grammarians as belonging to a category other than that of verbs. The verb loses its ability to be separately negated and to occur in other positions in the clause.

Stage F: At this stage, the verb loses virtually all remaining verb properties and becomes firmly established morphologically and syntactically as a grammatical element and the complement is reinterpreted as the main verb.

Stage G: This is the final stage where the verb is now purely a grammatical marker reduced typically to a monosyllable affix unable to carry distinctive tone or stress, and the complement has lost all traces of nominalizing or adverbial morphology, being a full-fledged main verb in every respect. One might wish to call this the “orphaning stage”, to use a term proposed by Mathews (1978:3).

- c) o verbo e seu complemento referem ao mesmo tempo;
- d) o complemento verbal é expresso por uma forma nominal, infinitivo, gerúndio ou particípio, podendo não admitir mais uma completiva.
- e) o verbo perde a capacidade de expressar as distinções TAM.

Estágio D: Nessa fase, o verbo *decategoria-se*, ou seja, apresenta características como:

- a) o verbo tende a perder suas características sintáticas, como a capacidade de formar frases de tipo imperativo, a nominalização, a apassivação;
- b) o verbo deixa de ter complementos nominais;
- c) o verbo associa-se a apenas uma forma nominal não finita.

Estágio E: O verbo perdeu muito das suas propriedades verbais, a ponto de ser percebido como uma outra categoria, que não a verbal. Não é negado separadamente e ocorre em outras posições na sentença. Por possuir ainda algumas propriedades verbais e, por isso, combinar características de verbo e de marcador gramatical, é considerado um “híbrido lingüístico”. Durante esse estágio, os processos de cliticização e erosão começam a desencadear-se.

Estágio F: Nesse estágio, o verbo perde completamente todas as suas propriedades verbais e torna-se morfológica e sintaticamente um elemento gramatical, e o seu complemento é reinterpretado como sendo um verbo principal. O verbo muda de clítico para afixo. É possível, por meio de traços morfossintáticos remanescentes, reconhecer a estrutura esquemática original.

Estágio G: É o estágio final, em que o verbo passa a ser um verdadeiro marcador gramatical reduzido a um afixo monossilábico, incapaz de receber tom ou acento distintivo, e o seu complemento perde todos os traços morfológicos adverbiais ou de nominalização, tornando-se um verdadeiro verbo principal.

Esses estágios podem ser relacionados a noções tradicionais. Assim, podemos dizer que, nos estágios **A** e **B**, temos ainda um verbo pleno; no estágio **C**, o verbo passa a comportar-se como um “semi-auxiliar” ou “quase-auxiliar”; nos estágios **D** e **E**, encontramos a noção de auxiliar propriamente dita, pois é nesses estágios que o complexo auxiliar-auxiliado constitui uma verdadeira perífrase verbal; no estágio **F**, temos um auxiliar e um afixo; e, no último estágio **G**, temos um afixo ou uma desinência flexional.

É necessário novamente ressaltar que a cadeia de gramaticalização é contínua; um item lexical transforma-se em item gramatical e, depois, uma função gramatical origina novas funções gramaticais mais abstratas, o que impede a existência de um ponto final na cadeia de

gramaticalização. Todavia, por conveniência descritiva, a cadeia *Verb-to-TAM* pode ser quebrada em unidades focais.

Heine (1993, p.67-8) enfatiza que o desenvolvimento da cadeia *Verb-to-TAM*, ou seja, de conceitos lexicais para conceitos gramaticais de Tempo, Aspecto e Modalidade, é unidirecional e envolve os seguintes processos⁵⁶:

- a) um progressivo tende a desenvolver-se, em um contínuo, em um imperfectivo e em um marcador de tempo presente;
- b) um marcador completivo ou resultativo pode desenvolver-se em um marcador perfectivo;
- c) um perfectivo tende a desenvolver-se em um marcador perfectivo ou de passado, e um marcador perfectivo pode tornar-se um marcador de passado;
- d) um marcador de passado tende a desenvolver-se em um marcador *irrealis*;
- e) um marcador de modalidade deôntica pode desenvolver-se em marcador de futuro;
- f) marcadores de aspecto prospectivo provavelmente se desenvolverão em marcadores de tempo futuro;
- g) um marcador de futuro tende a assumir a função de marcador de modalidade epistêmica;
- h) um marcador de futuro também tende a assumir a função de um marcador de modalidade orientada para o falante;
- i) um marcador modal de capacidade tende a originar um marcador de possibilidade, que pode desenvolver-se em marcador de possibilidade epistêmica.

De acordo com essas generalizações, uma construção auxiliar, em vez de referir-se a uma função gramatical específica, designa uma cadeia de funções:

1. completivo/resultativo > perfeito > perfectivo > passado > *irrealis*
2. progressivo > contínuo > imperfectivo > presente

⁵⁶ a) a progressive tends to develop into a continuous, an imperfective, and a present tense marker.

b) a completive or resultative marker may develop into a perfective marker.

c) a perfective tends to develop into a perfective or past marker.

d) a past marker tends to develop into an *irrealis* or nonactually marker.

e) a marker of agent-oriented (deontic) modality may develop into a future marker.

f) prospective aspect markers are likely to develop into future tenses.

g) a future marker tends to assume the functions of an epistemic modality marker.

h) a future marker also tends to assume the function of a speaker-oriented modality marker.

i) a modal marker of ability tends to give rise to a marker of root possibility, which again is likely to develop into a marker of epistemic possibility.

3. modalidade deôntica > prospectivo > futuro > modalidade epistêmica

Além disso, essas generalizações sugerem que os domínios Tempo, Aspecto e Modalidade estão inter-relacionados, podendo ser descritos em referência à seguinte escala que constitui uma possível cadeia de gramaticalização:

4. aspecto / modalidade deôntica > tempo > modalidade epistêmica.

Depois de focar as discussões sobre a natureza dos auxiliares, e de apresentar os estágios pelos quais um candidato a auxiliar pode passar, Heine (1993) propõe uma definição de verbos auxiliares: *um auxiliar é um item lingüístico que envolve alguma variedade de usos ao longo da cadeia verb-to-TAM*⁵⁷.

Para Heine (1993), a cadeia *verb-to-TAM* está presente em todas as línguas, mas exibe uma série de variações de uma língua para outra e dentro de uma mesma língua, assim como a própria noção de auxiliar e o grau de gramaticalização de um item auxiliarizado varia de acordo com quem os analisa. Por exemplo, o verbo inglês *have* comporta-se, para algumas pessoas, como verbo principal; como auxiliar para outras, e como verbo principal e auxiliar, para muitas outras. Alguns autores apontam que os auxiliares do inglês são diferentes dos de outras línguas, como o alemão, holandês e francês. Os auxiliares nas línguas românicas, por exemplo, são vistos como mais próximos da categoria verbo que os auxiliares ingleses.

Um bom expediente para descrever a estrutura dos auxiliares é observar como esses verbos se comportam ao longo da cadeia *verb-to-TAM*, caracterizada também por apresentar duas dimensões, a sincrônica e a diacrônica. Por exemplo, auxiliares que historicamente se desenvolveram de um verbo transitivo sofrem mudanças que todos os verbos verdadeiramente plenos sofrem ao se transformarem em marcador gramatical.

As mudanças sincrônicas e diacrônicas são necessárias para entendermos as transformações pelas quais passam os auxiliares. A abordagem pancrônica ou metacrônica⁵⁸, segundo Heine (1993, p.76), é a abordagem mais adequada para descrever a estrutura dos auxiliares, primeiro, porque é mais econômica, precisando de apenas um conjunto de declarações descritivas em vez de dois; segundo, porque adiciona um parâmetro explanatório ao estudo de auxiliares que ajuda a entender porque os processos de gramaticalização são, por natureza,

⁵⁷ *An auxiliary is a linguistic item covering some range of uses along the Verb-to-TAM chain* (HEINE, 1993, p.70)

⁵⁸ Para Heine, o termo *metacrônico* refere-se a uma entidade que não é nem exclusivamente diacrônica nem exclusivamente sincrônica, mas apresenta as duas dimensões (HEINE, 1993, p.76).

simultaneamente diacrônicos e sincrônicos, ou, em outras palavras, há manifestações tanto diacrônicas quanto sincrônicas.

Quem observou a importância da diacronia para o estudo dos auxiliares foi Ramat (1987), que propôs quatro estágios diacrônicos no processo de auxiliação:

- I. *Verbos plenos*. Neste estágio, os verbos têm seu significado semântico pleno, o sujeito do verbo finito pode ser diferente do sujeito do verbo não finito, e o complemento da sentença é nominal, o que significa que o verbo não finito não é obrigatoriamente um constituinte da sentença;
- II. *Construções predicativas*. O verbo não finito é um constituinte obrigatório da sentença;
- III. *Formas perifrásticas*. O verbo finito/auxiliar não tem conteúdo semântico autônomo; funciona agora como marcador de Tempo, Aspecto e modo;
- IV. *Aglutinação*. É o estágio final, quando o auxiliar se desenvolve em um afixo, em uma forma reduzida, que não mais se flexiona em pessoa.

Esses estágios propostos por Ramat (1987) assemelham-se, de acordo com Heine (1993), às propriedades características do processo de gramaticalização dos auxiliares, e são importantes, primeiro porque descrevem um processo diacrônico do estágio I ao IV, e isso é importante na compreensão da estrutura sincrônica da língua. Segundo, porque os estágios apresentados não são vistos como categorias discretas; ao contrário, “representam exemplos focais do processo entre dois pólos – um processo que é contínuo, sem rupturas”. Terceiro, porque Ramat levanta problemas em relação à definição de auxiliares, tais como: Qual a parte ao longo desse contínuo que corresponde à noção de auxiliar? Onde está a linha divisória entre verbos plenos e auxiliares ou entre auxiliares e afixos flexionais de tempo e aspecto?

As críticas recebidas pela proposta de Ramat (1987) devem-se ao fato de Ramat não questionar as motivações do processo de auxiliação. Além disso, o estágio I é caracterizado por propriedades semânticas e sintáticas; o estágio II, por propriedades sintáticas; o estágio III, por propriedades semânticas; e o estágio IV é caracterizado por propriedades morfológicas e fonéticas. A questão que se coloca é como se processou a mudança semântica do estágio I, em que os verbos possuem seus traços semânticos plenos, ao estágio III, em que os verbos já perderam seu conteúdo auto-semântico? Para autores, como Abraham (1990, *apud* Heine, 1993),

deveria haver pelo menos um estágio entre os estágios II e III, para se explicar melhor a mudança semântica.

Como conclusão, Heine considera os auxiliares como um resultado particular de processos cognitivos por meio dos quais conteúdos concretos são empregados para expressar conceitos gramaticais abstratos. O maior resultado lingüístico desse processo pode ser visto na emergência da cadeia *verb-to-TAM*, em cujo início encontramos uma estrutura lexical, concreta; e, em cujo fim, encontramos estruturas gramaticalizadas. A figura, a seguir, ilustra essa cadeia:

Figura 1: algumas propriedades da cadeia *verb-to-TAM* (HEINE, 1993, p.87)

Domínio	Ponto inicial	Ponto final
Semântica	Significado verbal pleno	Função gramatical
Sintaxe	Alto grau de variabilidade	Posição fixa
Morfologia	Flexionado para TAM, pessoa, número, negação, etc. Palavra livre	Elemento invariável Afixo
Fonologia	Forma plena	Forma reduzida (monossílabo)

Essa figura é bastante elucidativa para entendermos a natureza dos auxiliares. Estes não são nem verbos plenos nem flexões gramaticais; eles exibem características de um estágio intermediário entre verbo principal e forma flexional, conforme Heine (1993, p.86)⁵⁹:

⁵⁹ [...] *an auxiliary is:*

- a) *it is part of a closed set of entities used to express notions such as tense, aspect, modality etc.*
- b) *while having a grammar function, its morphosyntax is verbal to some extent;*
- c) *since it is historically the main verb while the actual main verb is historically its complement, it may be marked for person, number, negation, etc;*
- d) *as a result of decategorization, it occupies a fixed place in the clause and exhibits a reduced verbal behavior; for example, it may only associate with a restricted spectrum of verbal inflections, and it may lack the ability to occur in nonfinite forms, to be passivized, or to form imperative;*
- e) *in view of its erstwhile main verb status, it also exhibits the word order characteristics described by Greenberg (1963:67) and Steele (1978), in the it occupies that position in the clause that was normally assigned to main verb at time when the grammaticalization process started;*
- f) *as a result of erosion, it may have a phonologically reduced form and it may be unable to carry distinctive stress or tone;*
- g) *being derived from a propositional structure, it may be part of a discontinuous marker that also includes elements that can be traced back to a nominalizing and/or adverbial morphology.*
- h) *It has at least two different uses, one of which is a lexical and the other a grammatical one, or one shows a full and the other a phonologically reduced form, etc., and that*

- a) o auxiliar é parte de um conjunto fechado de entidades usadas para expressar noções como Tempo, Aspecto, Modalidade, Voz, Negação;
- b) embora o auxiliar tenha uma função gramatical, sua morfologia é verbal até certo ponto;
- c) historicamente, o auxiliar é o verbo principal, enquanto que o verbo principal verdadeiro é historicamente seu complemento;
- d) como resultado de decategorização, o auxiliar ocupa uma posição fixa na sentença e exibe um comportamento verbal reduzido;
- e) o auxiliar ocupa, na sentença, uma posição que normalmente era destinada ao verbo principal quando o processo de gramaticalização começou;
- f) como resultado de erosão, o auxiliar pode ter uma forma fonologicamente reduzida, sem acento ou tom;
- g) sendo derivado de uma estrutura proposicional, o auxiliar pode ser parte de um marcador descontínuo;
- h) o auxiliar tem, no mínimo, dois usos diferentes, um lexical e outro gramatical, ou um em que mostra sua forma verbal plena e outro, a forma verbal reduzida;
- i) pode estar associado a dois significados diferentes correspondendo a uma forma, ou duas formas diferentes expressando um ou o mesmo significado.

Heine (1993) aponta estas duas últimas propriedades como reveladoras da “natureza anfíbia” dos auxiliares. Com base nessas características apresentadas por Heine para os auxiliares, selecionaremos categorias de análise de modo a testar a natureza auxiliar de *chegar*.

3.2. Estudos sobre auxiliaridade em língua portuguesa

Na descrição e análise do português, alguns importantes estudos sobre auxiliares foram realizados, como os de Pontes (1973), Lobato (1975), Gonçalves (1995); Gonçalves e Costa (2002), Longo e Campos (2002), Neves (2000) e Travaglia (2003). Esses estudos, que serão resenhados a seguir, deram-nos importante contribuição para concebermos o processo de auxiliaridade e para sistematizarmos critérios de identificação de verbos auxiliares, que usaremos em nossa análise do verbo *chegar*, quando este verbo figura na construção *chegar a + INF*.

i) *It may be associated with two different meanings corresponding to one form, or two different forms expressing one and the same meaning.*

3.2.1. Pontes (1973)

Ao estudar os verbos auxiliares em português, Pontes (1973) analisa a estrutura na qual eles aparecem. Tal como tradicionalmente se reconhece, o complexo é formado por um primeiro elemento que terá de vir flexionado, sendo este o marcador de tempo e aspecto. O segundo elemento da seqüência aparece em uma das formas nominais: gerúndio, particípio e infinitivo. A seleção das formas nominais dependerá do verbo antecedente, pois há uma interdependência entre o verbo antecedente e a forma nominal. Há verbos, em menor número, que só se combinam com o particípio, são eles: *ter*, *haver*, *ser* e *estar*. Outros que só se combinam com gerúndio: *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, *ficar*, *permanecer*, *continuar*, etc. Em maior quantidade, encontram-se os verbos que se deixam combinar com infinitivo: *ir*, *dever*, *poder*, *costumar*, *começar*, *continuar*, etc.

Pontes (1973) observou uma grande divergência entre os gramáticos portugueses no que se refere à classificação de verbos auxiliares. Aplicou, então, alguns testes com os verbos que comumente figuram na lista de auxiliares e concluiu que os verbos assim considerados apresentam algumas características da auxiliaridade, mas isso não é suficiente para atribuir-lhes o caráter auxiliar. Dessa forma, Pontes (1993) reduziu, consideravelmente, a lista de auxiliares no português.

O verbo *ter*, seguido da forma nominal particípio, é citado por Pontes (1973) como o verbo que mais parece encaixar-se na classe dos auxiliares⁶⁰. A autora justifica essa afirmação apresentando algumas características que fazem desse verbo o protótipo dos auxiliares. Retomaremos aqui essas características, porque as utilizaremos nos testes para o reconhecimento da auxiliaridade de *chegar*. São elas:

- a) Posição fixa na seqüência verbal: o verbo *ter* pode preceder *estar-ndo*, mas não pode segui-lo; deve seguir o modal, mas não pode precedê-lo, caso contrário, as seqüências tornam-se agramaticais, como as apresentadas, a seguir:

(17) a. * está tendo comprado

b. * tem devido comprar

- b) Invariabilidade do particípio com o qual se combina, não concordando com o sujeito.

⁶⁰ Pontes (1973, p.50) considera o verbo *haver* uma variante estilística de *ter*, própria da linguagem literária. *Ter* e *haver* são considerados formas alternantes, variantes estilísticas.

(18) a. Os meninos têm estudado.

b. * Os meninos têm estudados.

c) Em caso de transformação de uma oração ativa em passiva, o verbo continua na mesma posição, entre o modal e o progressivo:

(19) a. João tem comprado flores

b. Flores têm sido compradas por João.

(20) a. João pode ter estado comprando flores.

b. Flores podem ter estado sendo compradas por João.

d) O complexo ter + particípio funciona como uma unidade, em relação a Tempo, de forma que se houver, na oração, um adjunto temporal, este deve incidir sobre toda a seqüência, de tal modo que o sentido geral da construção não se altere se houver mudança na posição desse adjunto:

(21) João tem estudado habitualmente.

(22) Habitualmente, João tem estudado.

(23) João, habitualmente, tem estudado.

(24) João tem, habitualmente, estudado.

Por ser uma unidade, não é qualquer adjunto temporal que pode combinar-se com ter + particípio:

(25) João tem estudado * ontem / * amanhã / * agora (neste momento)/

antigamente / proximamente

e) O escopo da negação recai sobre a seqüência como um todo:

(26) a. João não tem estudado.

b.* João tem não estudado.

f) A restrição de seleção do sujeito é feita pelo verbo principal e não pelo verbo *ter*:

(27) a. A pedra quebrou.

b. A pedra tinha quebrado.

c. *A pedra tinha lido.

f) Combinação irrestrita com qualquer verbo:

- (28) a. Tinha chovido.
b. Tinha havido aula.

Além dessas características, Pontes (1973) indica, no comportamento especial do verbo *ter*, o fato de não haver identificação de *ter*, com sentido de possuir, com *ter* que se constrói com particípio; por isso, para a autora, o verbo *ter* é o auxiliar prototípico.

3.2.2. Lobato (1975)

Lobato (1975) também observou divergências entre autores de gramáticas do português em relação ao inventário dos verbos auxiliares em nossa língua. Após a análise dessas gramáticas, Lobato (1975) propôs duas possibilidades de classificação dos auxiliares. A primeira considera o auxiliar em sentido estrito e a segunda, em sentido amplo. No segundo caso, Lobato (1975) não fala em verbo auxiliar, mas utiliza os termos usados por Pottier e Harris, respectivamente, *auxiliante* e *verbos operacionais*. Apresenta os principais critérios utilizados para a caracterização de verbos auxiliares:

1. *Perda sêmica*: consiste na perda do significado lexical a todo auxiliar. É o que ocorre em *eu vou ficar aqui*. O verbo *ir* perdeu seu sema /espacial/ presente em *eu vou à Bahia*. É durante o processo de gramaticalização que essa perda ocorre; quanto mais traços sêmicos o verbo perde, mais gramaticalizado ele se encontra. Há, portanto, vários graus de enfraquecimento semântico. A perda pode ser total, parcial, ou ainda, pode haver a conservação de todos os semas.

+ REDUÇÃO			- REDUÇÃO
			>
SER + PP	TER + PP	TORNAR A + INF	QUERER + INF
	HVER + PP	VOLTAR A + INF	CONTINUAR + GER

Por essa escala apresentada por Lobato, o verbo *ser* perdeu seu significado lexical e está completamente gramaticalizado, localizando-se à esquerda da escala. Os verbos *ter* e *haver* conservam o sema /concluso/; *tornar a* e *voltar a* perdem os semas /movimento/ e /repetição/. *Querer* e *continuar*, ao contrário, conservam seus traços semânticos, localizando-se à direita da escala.

Lobato (1975) critica esse critério, por não ser aplicável a todos os verbos que possam ser seguidos das formas nominais, e acrescenta que, não havendo como saber onde parar no eixo da desmaterialização, fica evidente o caráter subjetivo de sua utilização.

2. *Unidade significativa*: auxiliar e auxiliado formam um grupo coeso, o auxiliar, sendo vazio de conteúdo, intervém como elemento gramatical, ao passo que o auxiliado intervém como elemento lexical.

3. *Um só sujeito*: se realmente se dá na língua o processo de auxiliação no sentido estrito da palavra, será verdade que os dois verbos terão um só sujeito. Se auxiliar e auxiliado formam um conjunto coeso, a identidade referencial de sujeitos é tida como necessária, pois, quando um verbo torna-se auxiliar, ocorre um desligamento semântico entre esse verbo e o sujeito gramatical da frase.

4. *Variação flexional*: um sintagma verbal numa relação de auxiliação é composto de uma forma flexionada seguida de uma forma infinitiva, gerundiva ou participial. Esse critério, entretanto, não pode ser usado isoladamente; não é, portanto, suficiente para a identificação de auxiliares, pois nem toda forma verbal seguida por uma dessas formas nominais está em processo de auxiliação. A referência a outros critérios ajuda a estabelecer a diferença entre (35) e (36):

(29) Empalideceu vendo aquela cena

(30) Estava vendo aquela cena.

5. *Restrições paradigmáticas*: segundo esse critério, todo auxiliar é defectivo. Faltar-lhes-iam o particípio passado e o imperativo. Para Lobato (1975), poderíamos ver a ausência do particípio passado e do imperativo como uma característica identificadora dos verbos auxiliares, mas, acrescenta a autora, uma análise mais profunda mostra que a falta do imperativo é propriedade de uma vasta classe de verbos, mais abrangentes que a dos auxiliares, que incluiria *ser, estar, ter, haver, conter, possuir, necessitar, precisar, carecer, conhecer* etc. Por outro lado, alguns verbos que, em algumas gramáticas, aparecem como auxiliares permitem o uso imperativo, é o caso dos *causativos* e os *dicendi*, como demonstra Lobato (1975):

(31) Mande-o embora já!

(32) Faça vir o jantar!

(33) Deixe-me escrever!

(34) Diga logo o que sabe!

A ausência do particípio passado parece não ser suficiente na identificação de auxiliar; o verbo *ser*, por exemplo, tido como auxiliar admite ser revestido dessa forma:

(35) O professor acabou a aula sem a matéria ter sido dada.

6. *Ordem dos termos*: na seqüência linear do texto, o auxiliar precede imediatamente o verbo principal.

7. *Inseparabilidade*: auxiliar e auxiliado, como grupo verbal semanticamente uno e formando um todo funcional, seriam inseparáveis. São elas:

Além desses critérios que, para Lobato (1975, p.36) são os que estão sempre presentes em todas as gramáticas, a autora apresenta, criticamente, outras possibilidades que são utilizadas para identificar os verbos auxiliares.

8. *Impossibilidade de construções completivas*: com este critério, restringem-se os auxiliares a um pequeno grupo, pois se determina não ser possível a existência de construções completivas com tais verbos. Dessa forma, Lobato exclui os verbos sensitivos, os causativos, os *dicendi* e os de suposição.

(36) Vi // que ele vinha chegando.

(37) Mandou // que eu fizesse isso.

(38) Disse // que eu não deveria fazer isso.

(39) Parece // que vai chover.

9. *Critério prosódico*: por esse critério, o conjunto auxiliar + auxiliado forma um só grupo fonético ou grupo acentual, em que o auxiliar é uma forma átona e proclítica. Assim, os vocábulos formais *deve estar* representam um só vocábulo fonológico [devIš tah]. Para Lobato, esse critério é falho por dois motivos. Primeiro, pode haver, entre as duas formas verbais, a inserção de um terceiro elemento, desfazendo, portanto, o grupo acentual; segundo, nem todo vocábulo fonológico é composto por um verbo auxiliar e outro que é auxiliado. Há grupo fonético formado por verbo + adjetivo, determinante + nome, etc.

10. *Frequência da ocorrência*: esse critério surge dado o fato de que os elementos gramaticais têm uma frequência média muito alta em relação aos elementos lexicais, cuja frequência média é bem mais baixa.

11. *Formação de um único constituinte, o sintagma verbal*: considerar a existência de um verbo auxiliar implica considerar a existência de um só constituinte, formado pelo auxiliar e verbo principal. Em *Pedro está lendo*, *Pedro* é o sintagma nominal sujeito e *está lendo* é o sintagma verbal predicado.

É necessário, porém, observar se, em todos os complexos formados por um auxiliar e um verbo principal, o grau de ligação é o mesmo, ou se é possível determinar níveis de ligação entre eles. Com esse propósito, Lobato (1975) aplica, aos verbos portugueses, o teste da incidência de circunstância de tempo, usado por Pottier (1962) aos verbos franceses.

Por meio desse teste, é possível observar o nível de integração do complexo verbal, pois, se colocássemos um elemento temporal na construção, observaríamos onde recairia sua incidência. Se, independente de sua posição na oração, o marcador temporal incidisse sobre o grupo verbal, o grau de ligação entre auxiliar e auxiliado seria forte; se a incidência variar dependendo da posição do elemento temporal, o grau de ligação entre auxiliante e auxiliado é fraco.

No francês, Pottier concluiu que *Hier, il a mangé* ('ontem, ele comeu') é semanticamente idêntica a *Il a mangé hier* (ele comeu ontem), a incidência de *hier* recai, nos dois casos, no grupo *a mangé*. Já em *Demain, il veut partir* ('amanhã, ele quer partir') não tem a mesma identidade semântica de *Il veut partir demain* (ele quer partir amanhã). No primeiro caso, *demain* incide sobre *veut* e, no último, sobre *partir*.

No português, aplicando esse mesmo teste, Lobato (1975) encontra os seguintes complexos ligados:

I.a. *ser, tornar-se, fazer-se, estar, aparecer, sair, ir, vir, achar-se, apresentar-se, encontrar-se*, etc. seguidos de particípio passado.

I.b. *ter, haver* seguidos de particípio passado.

II. *estar, andar, viver, continuar, ficar, ir, vir, acabar*, etc. seguidos de gerúndio.

III. *ir, estar para, escapar de* seguidos de infinitivo.

A autora faz, porém, as seguintes ressalvas:

com relação aos verbos seguidos de particípio é preciso observar que a subclasse delimitada pode ser tanto seguida de particípio, quanto de adjetivo, não permitindo a incidência temporal distinguir as construções passivas das descritivas e atributivas. Em segundo lugar, essa classe delimitada pelo teste da incidência de um elemento temporal é evidentemente heterogênea, abrangendo elementos mais ou menos gramaticalizados (cf.: haver/ ter + pp, ser + pp /vs/ apresentar-se + pp, encontrar-se + pp, ir + inf /vs/ escapar de + inf). (LOBATO, 1975, p. 42)

O teste serviu também para se identificar os complexos menos ligados. Lobato (1975) cita nesse grupo os modais seguidos de infinitivo, formados por verbos sensitivos, causativos, *dicendi*, de suposição, de aparência e volitivos. Exemplifica a autora:

(40) Ontem, me mandaram ir embora.

↑_____↑

(41) Me mandaram ir embora hoje.

↑_____↑

(42) Ontem, ela me disse ter estado doente.

↑_____↑

(43) Ela me disse ter estado doente ontem.

↑_____↑

12. *Apassivação*: por esse critério, reconheceríamos um verbo auxiliar se este fosse suscetível de co-ocorrer com um verbo apassivável, havendo relação de paráfrase entre as formas ativa e passiva. A forma ativa (44) corresponde à forma passiva (45), o que indica, indubitavelmente, que o verbo *ter* pertence à classe de auxiliares.

(44) João tinha lido o livro

(45) O livro tinha sido lido por João.

Para analisar o comportamento dos auxiliares sob a apassivação, Lobato (1975) limita-se ao estudo dos modais e dos verbos aos quais ela chama de *verbos de desenvolvimento*. Para ela, um verbo de desenvolvimento, ou um modal, não admite a apassivação, mas pode ter uma

incidência sobre a passiva, limitada, porém, a uma certa classe desses verbos. Cita o verbo *chegar* como pertencente à classe dos auxiliares, ao mostrar ser possível ter a co-ocorrência da passiva com os seguintes verbos temporais e de desenvolvimento – aos quais a autora rotula de *aspectual + passiva*: *ter, haver, estar, andar, viver, continuar, ir, vir, acabar, terminar, haver de, voltar a, tornar a, volver a, acabar de, vir de, cansar(se) de, afastar-se de, chegar a, vir a, escapar de, deixar de, estar para* etc. Lobato (1975, p.46-7) exemplifica o uso de cada um deles tomando como base a oração *eles enganar você*. Utilizaremos aqui apenas alguns exemplos de Lobato.

(46) Você tem sido enganado por eles.

(47) Você havia sido enganado por eles.

(48) Você está sendo enganado por eles.

(49) Você anda sendo enganado por eles.

Correspondente aos enunciados ativos:

(50) Eles têm enganado você.

(51) Eles haviam enganado você.

(52) Eles estão enganando você.

(53) Eles andam enganando você, etc.

Há, porém, alguns verbos aspectuais que ou não admitem a passiva, ou a passiva não corresponde semanticamente à ativa. São eles: *estar por, recomeçar, pegar a, ameaçar, faltar, habituar-se, acostumar-se a, cessar de, largar de, não se cansar de, entrar a, pôr-se a, meter-se a, precipitar-se a (em)*, etc. Dessa forma, Lobato (1975), considerando a apassivação uma condição necessária, mas não suficiente para determinar os auxiliares, exclui dessa classe todos os verbos aspectuais, assim como modais dos tipos *volição, suposição e dicendi*.

13. *Liberdade de escolha*: a possibilidade de escolhas e a liberdade de se comutar determinados usos diferenciariam categorias lexicais de categorias gramaticais. Estas últimas, por serem obrigatórias nas línguas, não deixam possibilidades de escolhas ao falante, contrastando com a liberdade de escolha no campo lexical. Lobato (1975) exemplifica essa afirmação

colocando os auxiliares em um eixo que vai da menor à maior lexicalização. Quanto maior a possibilidade de escolha, mais lexicalizada será a unidade (p.51):

→

SER	IR	TER	PODER...	COMEÇAR A...	QUERER...	DIZER
(pass.)	(fut.)	HAVER	DEVER	PÔR-SE A	DESEJAR	FALAR
				METER-SE	INTENTAR	EXPLICAR
				etc.	BUSCAR	JURAR
					ANELAR	PROMETER
					etc.	etc.

Entretanto o fato de a integração entre auxiliante e auxiliado ser uma questão de grau sobre um eixo contínuo e a ausência de dados objetivos que permitam identificar onde há maiores ou menores possibilidades de escolhas fazem com que esse critério não seja considerado por Lobato na depreensão de auxiliares.

14. *Extensão de possibilidades combinatórias*: pertenceria ao grupo de auxiliares, o verbo que pudesse se combinar com qualquer tipo de sujeito ou de auxiliado. Analisando a restrição quanto ao tipo de sujeito, Lobato (1975) considera auxiliares os seguintes verbos: *ter/haver + particípio passado*; *ser + particípio passado (passiva)*; *estar + gerúndio*; *ir + infinitivo*; *dever + infinitivo*; *poder + infinitivo*; *chegar a + infinitivo* e *parecer + infinitivo*, pela possibilidade que tais verbos têm de combinar-se com qualquer sujeito. Os outros verbos obedeceriam a restrições de determinada classe de sujeito, com traços [+Animado], [+Humano] etc. Em relação às restrições combinatórias do tipo de auxiliado, Lobato exclui os verbos *ir* e *vir + gerúndio*, *chegar a + infinitivo*, e *ser + particípio passado*, por não se poderem combinar com auxiliados do tipo:

(54)* Ele há de aniversariar amanhã.

(55)* Ele vai / vem aniversariando.

(56)* Ele chegou a aniversariar hoje.

(57)* É havido guerra.

(58)* É podido fazer isso.

(59)* Ele não é gostado.

Por exclusão, restariam os verbos *ter/haver* + *particípio passado*, *andar* + *gerúndio*, *ir/dever/poder/parecer* + *infinitivo*. Mesmo assim, ainda lhes é possível aplicar algumas restrições, uma vez que (a) não pode haver incompatibilidade entre o tempo verbal e o advérbio:

(60) *Eu tinha/havia falado amanhã;

e (b) nem todo verbo pode combinar-se com as construções *ter* + *pp*, *haver* + *pp*, *estar* / *andar* + *gerúndio*, *ir* + *infinitivo*:

(61) *Você tinha/havia devido ir à cidade comigo;

(62) *Você está/anda devendo ir à cidade comigo;

(63) *Você vai dever ir à cidade comigo.

Esse critério, portanto, por criar alguns problemas de análise, visto que ora inclui, ora exclui os mesmos verbos da classe de auxiliar, não é suficiente para a identificação dos verbos auxiliares em língua portuguesa.

15. *Negativização*: segundo esse critério, uma seqüência em auxiliação não pode ser separada por uma negação. Assim, não seriam auxiliares verbos como *poder*, *ter de*, *costumar*, *saber*, *querer*, *pensar*, *ir*, *andar*, *haver de*, *dever* etc (cf. LOBATO, 1975, p.55-7).

(64) Maria pode vir → Maria não pode vir; Maria pode não vir;

(65) E por que tenho de me pronunciar? → E por que tenho de não me pronunciar?

(66) Ele costuma ligar para essas coisas → Ele costuma não ligar para essas coisas.

(67) Ele sabe ouvir os outros → Ele sabe não ouvir os outros.

(68) Maria quer vir → Maria quer não vir.

(69) Maria pensa ser João o culpado → Maria pensa não ser João o culpado.

(70) Ele vai parar de falar → Ele vai parar não de falar.

(71) Ele vem me ajudando há dias → Ele vem não me ajudando há dias.

(72) Você anda trabalhando muito → Você anda não trabalhando muito.

(73) Ele há de te ajudar → Ele há de não te ajudar.

(74) Maria deve ir → Maria deve não ir.

Pela possibilidade da negação, esse grupo forma um complexo menos ligado, podendo mesmo dizer-se que constituem sintagmas diferentes. Podemos considerar os verbos que formam esse grupo, nos termos de Bolinger, como semi-auxiliares. O contrário ocorre com os verbos *ter* + *particípio*, *haver* + *particípio*, *ser* + *particípio* (*forma de anterioridade*), *estar* + *gerúndio* e *ser* + *particípio* (*forma da passiva*) que, por não admitirem a negação, constituem um complexo extremamente coeso, e são, prototipicamente, auxiliares.

(75) João tem dormido muito → *João tem não dormido muito.

(76) Sonhei que ele havia chegado → *Sonhei que ele havia não chegado.

(77) Naquele tempo eu era nascido → *Naquele tempo eu era não nascido.

(78) João é respeitado por todos → *João é não respeitado por todos.

A negação, quando ocorre, incide sobre todo o grupo e não só sobre um dos verbos. Lobato (1975), contudo, encontrou enunciados contendo antítese, o que evidencia que tais complexos não são tão ligados:

(79) João tem, não trabalhado, mas se esgotado no trabalho.

(80) João havia, não saído, mas ficado em casa todo o dia.

(81) João é, não amado, mas odiado.

(82) Ele estava, não dormindo, mas cochilando.

Pelo critério da negativização, Lobato incluiria na classe dos auxiliares, além dos cinco verbos apresentados, os conjuntos *estar para/ estar por / ficar por / acabar de / chegar a* + *infinitivo*. No entanto, outros critérios, como a liberdade de escolha e a extensão de possibilidades combinatórias, os eliminam.

16. *Pronominalização*: esse critério consiste em determinar se é possível substituir o verbo auxiliado por um pronome. Se for possível, os dois verbos presentes na construção seriam plenos, não havendo, portanto, auxiliaridade. Se a substituição não for possível, os dois verbos formariam uma só oração, na qual teríamos um verbo auxiliar e outro conceptual.

Lobato (1975, p.65) acrescenta que este critério teria de considerar a forma passiva como constituída de dois verbos principais, uma vez que a substituição é perfeitamente possível em casos como:

(89) Se até João é respeitado por seus alunos, eu também o serei pelos meus.

Delimitados esses critérios de identificação, Lobato (1975) concluiu que há duas classes de verbos auxiliares. Uma classe inclui os auxiliares *lato sensu* ou auxiliares, que abrange os verbos temporais (*ter*, *haver* e algumas vezes *ser*, como *em naquela época eu ainda não era nascido*), o verbo da passiva (*ser*), os verbos de desenvolvimento (*começar a*, *continuar a*, etc.) e os modais (*poder*, *dever*, *crer*, *querer* etc.) (Lobato, 1975, p. 76).

A outra classe é a dos auxiliares *stricto sensu*, que se reduz a apenas quatro verbos: *ser*, *estar*, *ter* e *haver*. Lobato (1975, p.77) assim justifica:

A classe de auxiliares do português moderno fica assim delimitada a quatro elementos que são realmente verbos em que se processou perda semântica e que apresentam com seu auxiliado unidade semântica (um só sujeito) e funcional (indissociabilidade funcional pela negação, possibilidade de combinação com qualquer tipo de sujeito e comportamento com um todo sob a incidência de um circunstante de tempo ou de um pronome clítico), pertencendo todos os quatro a uma classe gramatical (alta frequência média de ocorrência num texto dado, passagem obrigatória e número restrito de elementos na classe, sem possibilidade de criação de outros membros por parte do falante).

Os verbos que pertencem à classe dos auxiliares *stricto sensu* podem ser considerados auxiliares puros, pois obedecem a todos os critérios estabelecidos por Lobato. Aqueles que pertencem à classe dos auxiliares *lato sensu* podem ser considerados semi-auxiliares, terminologia usada na literatura para indicar os verbos que obedecem a alguns critérios, mas não todos, de auxiliaridade.

3.2.3. Gonçalves (1995) e Gonçalves e Costa (2002) e a auxiliaridade no Português Europeu

Gonçalves (1995), ao estudar os verbos auxiliares no português europeu e ao analisar manuais luso-brasileiros sobre o tema, também constatou a disparidade de resultados entre os diferentes manuais. Essa disparidade, segundo a autora, deve-se à ausência de critérios de auxiliaridade formais, nomeadamente no quadro da Gramática Tradicional. No sentido de uniformizar a análise sobre auxiliares, Gonçalves (1995) e Gonçalves e Costa (2002) propuseram alguns critérios de auxiliaridade para dar conta dos verbos no português europeu, mas que, em parte, também podem ser aplicados ao português brasileiro.

1. *Impossibilidade de co-ocorrência com uma oração completiva finita*: os verbos auxiliares não subcategorizam domínios frásicos, como orações completivas finitas, ou seja, não é possível o desdobramento da forma não-flexionada em uma oração com o verbo na forma finita. O critério de desdobramento da oração está, freqüentemente, relacionado com o da existência de sujeito único, pois há entre o auxiliar e o principal um tal vínculo de subordinação que os faz funcionar como uma unidade, tendo, portanto um só argumento externo.

Para Gonçalves e Costa (2002, p.19), os verbos tradicionalmente classificados como auxiliares dividem-se em dois grupos:

Grupo I: verbos que podem co-ocorrer com completivas finitas

(83) a. O professor quer corrigir os trabalhos rapidamente.

b. Os alunos querem [que o professor corrija os trabalhos rapidamente].

(84) a. O professor mandou trabalhar os alunos.

b. O professor mandou [que os alunos trabalhassem].

Grupo II: verbos que não podem co-ocorrer com completiva finita

(85) a. O João tem ido ao cinema ultimamente.

b. * O João *tem* [que a Maria vá ao cinema ultimamente].

(86) a. O João está a ler os livros do Garcia Márquez.

b. *O João está [a que (a Maria) leia os livros do Garcia Márquez].

A agramaticalidade de (85b) explica-se (i) pela introdução de um sujeito lexical no domínio encaixado (cf. que a Maria vá ao cinema) e (ii) pelo uso de uma construção finita no contexto em que existe uma forte relação de subordinação entre o verbo principal e o auxiliar, não cabendo, portanto, tal expediente (cf. O João tem [que a Maria vá cinema]). Os verbos *ter* e *ir* integram o mesmo sintagma verbal; pelo contrário, *querer* e *corrigir*, em (83), integram sintagmas verbais distintos. O mesmo expediente explica a agramaticalidade de (85b) e (86b).

Considerando apenas esse critério, Gonçalves e Costa (2002) afirmam que serão incluídos na classe de auxiliares os seguintes verbos do português europeu:

➤ *costumar, dever, haver, ir, ousar, poder, ser, ter, vir*;

- *acabar (de), andar (a), cessar (de), chegar (a)*⁶¹, *começar (a), continuar (a), deixar (de), estar (a), estar (para), estar (por), ficar (a), ficar (por), haver (de), ir (a), parar (de), ter (de), tornar (a), vir (a).*

Observamos que, pelo critério *impossibilidade de co-ocorrência com uma oração completiva finita*, Gonçalves e Costa (2002) incluem *chegar* na classe dos auxiliares.

2. *Impossibilidade de substituição do verbo principal e seus argumentos por uma forma pronominal demonstrativa*: o domínio que inclui a forma verbal não finita não é de natureza frásica, por isso é impossível substituí-lo pelo pronome demonstrativo *o*. Isso ocorre porque o clítico *o* não é compatível com as propriedades de subcategorização do verbo auxiliar, que exige um complemento verbal, cujo núcleo é o verbo principal.

Atentando a esse critério, Gonçalves e Costa (2002, p. 23) observaram que os verbos tradicionalmente classificados como auxiliares, apresentam comportamentos distintos, constituindo, assim dois grupos:

Grupo I: Verbos cujo complemento não pode ser retomado pela forma átona do pronome demonstrativo

(87) *O João tem [resolvido todos os exercícios propostos pelo professor], mas a Ana não o tem.

(88) *O Miguel pode [comprar tudo o que lhe apetece], mas a Ana não o pode⁶².

Grupo II: Verbos cujo complemento pode ser retomado pela forma átona do pronome demonstrativo.

(89) A Ana conseguiu [resolver todos os problemas do teste], mas o Marco não o conseguiu.

(90) A Ana quer [passar férias em Timor], mas Pedro não o quer.

⁶¹ Grifo nosso.

⁶² Gonçalves & Costa (2002) informam que seqüências como (87) e (88) seriam gramaticais se for introduzido o verbo *fazer*, que recupera o conteúdo do domínio não finito: (i) O João tem resolvido todos os exercícios propostos pelo professor, mas a Ana não o tem feito; (ii) O Miguel pode comprar tudo o que lhe apetece, mas a Ana não o pode fazer.

O que diferencia os dois grupos é o fato de os verbos do grupo I não poderem subcategorizar completivas finitas e complementos nominais, ao passo que, com os verbos do grupo II, isso é possível.

(91) a. *O João pôde [que o inscrevessem nessa turma]

b. *O João pôde [uma vaga nessa turma].

(92) a. O João conseguiu [que o inscrevessem nessa turma]

b. O João conseguiu [uma vaga nessa turma].

Tendo em vista esse critério, Gonçalves e Costa (2002) apresentam os seguintes verbos auxiliares:

- *costumar, deixar, dever, fazer, haver, ir, mandar, ousar, parecer, poder, ter;*
- *acabar (de), andar (a), cessar (de), **chegar (a⁶³)**, começar (a), continuar (a), deixar (de), estar (a), estar (para), estar (por), ficar (a), ficar (por), gostar (de), haver (de), ir (a), parar (de), precisar (de), ter (de), tornar (a), vir (a).*

3. *Impossibilidade de co-ocorrência de duas posições de Sujeito*: no contexto em que ocorrem verbos auxiliares, existe apenas um domínio frásico e apenas um domínio predicativo, dessa forma, a perífrase verbal funciona como uma unidade sintagmática, havendo apenas um sujeito, tanto para o verbo auxiliar quanto para o verbo principal, evidenciando, assim, uma forte coesão sintática. Essa propriedade explica a gramaticalidade de (93) e a agramaticalidade de (94), em que há sujeitos distintos para verbo principal e para verbo auxiliar.

(93) O João tinha comprado o jornal.

(94) *O João tinha a Maria comprado o jornal.

Esse critério pode, entretanto, levar-nos a classificar o verbo *querer* como auxiliar, visto que este verbo também não admite a ocorrência de um sujeito lexical no domínio infinitivo.

(95) a. Os jornalistas querem [entrevistar o Ministro]

b. *Os jornalistas querem [o Miguel entrevistar o Ministro]

⁶³ Grifo nosso.

Para evitar tal equívoco, Gonçalves e Costa (2002) esclarecem que em (95), ao contrário do que ocorre em (93) e (94), estão envolvidas duas posições de sujeito correferentes, uma lexical e outra pronominal e isso explica a diferença entre (96a) e (96b).

(96) a. Os jornalistas querem entrevistar eles o Ministro.

b. *O João tinha comprado ele o jornal.

Dessa forma, Gonçalves e Costa (2002) constituem, novamente, dois grupos:

Grupo I: verbos que ocorrem em estruturas em que existe uma única posição de sujeito: ver (93) em oposição a (96b);

Grupo II: verbos que ocorrem em estruturas em que estão envolvidas duas posições de sujeito, ainda que exista um referente único: ver (95a) e (96a).

São considerados auxiliares apenas os verbos que se enquadram no grupo I:

- *costumar, dever, haver, ir, ser, ter, parecer, poder;*
- *acabar (de), andar (a), cessar (de), **chegar (a)**⁶⁴, começar (a), continuar (a), deixar (de), estar (a), estar (para), estar (por), ficar (a), ficar (por), haver (de), ir (a), parar (de), ter (de), tornar (a), vir (a).*

O verbo *chegar* encontra-se referido nesse grupo, o que indica que Gonçalves e Costa (2000) o consideram auxiliar pela aplicação do critério *impossibilidade de co-ocorrência de duas posições de sujeito*.

4. *Passivas encaixadas sem alteração do significado básico da ativa correspondente*: a transformação passiva é um processo sintático que ocorre em um mesmo domínio frásico; se extrairmos um constituinte desse domínio, o resultado será uma alteração do significado da ativa correspondente. Considerando que auxiliar e principal, coesos sintaticamente, pertencem a um mesmo domínio, a transformação passiva não altera o significado da ativa (cf. 97a e 97b), o contrário se verifica em (98), evidenciando que *preferir* e *ler* pertencem a domínios frásicos distintos.

(97) a. O João tinha lido o livro.

⁶⁴ Grifo nosso.

b. *O livro tinha sido lido por João.

(98) a. O João prefere ler o livro.

b. O livro prefere ser lido por João.

A exemplo do que acontece nas seções anteriores, Gonçalves e Costa (2002) apresentam dois grupos de verbos, com o propósito de observar o comportamento dos verbos classificados como auxiliares pela tradição gramatical:

Grupo I: casos em que se verifica alteração do significado da ativa:

(99) a. O próprio diretor tem entrevistado os candidatos.

b. Os candidatos têm sido entrevistados pelo próprio diretor.

Grupo II: casos em que se verifica alteração do significado da ativa:

(100) a. O próprio diretor quer entrevistar os candidatos.

b. Os candidatos querem ser entrevistados pelo próprio diretor.

Por esse ponto de vista, os verbos auxiliares integrariam o grupo I, que seria constituído pelos verbos:

- *costumar, dever, haver, ir, parecer, poder, ter, vir;*
- *acabar (de), andar (a), cessar (de), **chegar (a)**⁶⁵, começar (a), continuar (a), deixar (de), estar (a), estar (para), ficar (a), haver (de), ir (a), parar (de), ter (de), tornar (a), vir (a).*

A exemplo do que vem ocorrendo na apresentação dos verbos considerados da classe dos auxiliares, *chegar*, pelo critério apresentado, integra o grupo dessa classe.

5. *Impossibilidade de ocorrência do operador de negação frásica no domínio não finito:* conforme apresentamos ao mostrarmos os critérios para a identificação de auxiliares de Pontes (1973) e Lobato (1975), as seqüências em auxiliação podem também ser identificadas pela estratégia da negação. Em frases com auxiliares só pode ocorrer uma negação frásica, precedendo o auxiliar (cf. 103); caso contrário, o resultado será uma seqüência agramatical

⁶⁵ Grifo nosso.

(cf.104). Se o escopo da negação recair sobre o segundo verbo da seqüência e o resultado for uma construção gramatical, como em (102), não estamos diante de um caso de auxiliaridade.

(101) O João não prefere sair esta noite.

(102) O João prefere não sair esta noite.

(103) O João não tem visto a Maria.

(104) * O João tem não visto a Maria.

Ao considerar os verbos tradicionalmente incluídos na classe dos auxiliares, Gonçalves e Costa (2002, p.31) observam seu comportamento distinto e os dividem em dois grupos:

Grupo I: impossibilidade de ocorrência do operador de negação frásica no domínio não finito

(105) a. A Maria não tem visto a Ana.

b. *A Maria tem não visto a Ana

c. *A Maria não tem não visto a Ana.

Grupo II: possibilidade de ocorrência do operador de negação frásica no domínio não finito

(106) a. A Ana não conseguiu apresentar a sua proposta aos colegas.

b. A Ana conseguiu não apresentar a sua proposta aos colegas.

c. A Ana não conseguiu não apresentar a sua proposta aos colegas.

Levando em conta apenas esse critério, Gonçalves e Costa (2002) apontam os seguintes verbos auxiliares, que fariam parte do grupo I:

- *deixar, fazer, haver, ir, mandar, ouvir, sentir, ser, ter, ver, vir;*
- *cessar (de), deixar (de), estar (por), ficar (por), haver (de), parar (de).*

6. *Obrigatoriedade de subida do clítico para uma posição de adjacência à esquerda do auxiliar, em condições que determinam a ordem cl-V⁶⁶*: os clíticos, no PE, ocorrem sempre em adjacência ao verbo auxiliar e não à forma nominal, da qual dependem. O deslocamento do

⁶⁶ Este critério diz respeito apenas ao uso do português europeu.

clítico produz enunciados agramaticais (108b); se não o produzir, então o complexo verbal ao qual o clítico se liga, não está em auxílio.

(107) a. A Maria o prefere ver feliz.

b. A Maria prefere vê-lo feliz.

(108) a. A Maria o tem visto com frequência.

b. * A Maria tem visto-o com frequência.

De acordo com esse critério, os verbos candidatos a auxiliares são divididos por Gonçalves e Costa (2002, p.34) em três grupos:

Grupo I: os clíticos ocorrem obrigatoriamente em adjacência à forma verbal finita

(109) a. O João tem-nos apresentado os resultados de sua investigação.

b. *O João tem apresentado-nos os resultados da sua investigação.

(110) a. Os testes foram-me entregues depois de muita discussão.

b. *Os testes foram entregues-me depois de muita discussão.

Grupo II: os clíticos ocorrem obrigatoriamente adjacentes à forma verbal não finita

(111) a. Os meninos ousaram desafiá-los na presença de toda a gente.

b. *Os meninos ousaram-nos desafiar na presença de toda a gente.

(112) a. Quanto aos Trovante, os meninos parecem apreciá-los.

b. *Quanto aos Trovante, os meninos parecem-nos apreciar.

Grupo III: os clíticos podem ocorrer adjacentes ou à forma verbal não finita ou à forma verbal finita⁶⁷

(113) a. Os meninos querem apresentar-nos os resultados da sua investigação.

b. Os meninos querem-nos apresentar os resultados da sua investigação.

(114) a. Os meninos estão a desafiar-nos para entrarmos no concurso.

b. Os meninos estão-nos a desafiar para entrarmos no concurso.

⁶⁷ Neste último caso, Gonçalves (1995) chama a essa construção SUBIDA DE CLÍTICO.

Gonçalves e Costa (2002) consideram apenas os verbos pertencentes ao grupo I como auxiliares, são eles:

➤ *deixar, fazer, haver, mandar, ouvir, sentir, ser, ter, ver.*

7. *Impossibilidade de restrições de natureza semântica sobre o sujeito*: uma das características dos verbos auxiliares mais apontadas pela literatura da área consiste no seu esvaziamento semântico. Essa perda semântica impede os auxiliares de selecionarem semanticamente o sujeito da construção; ou seja, o verbo auxiliar não impõe restrições quanto aos traços semânticos desse argumento ([+Animado], [+Humano], etc.), cabendo ao verbo principal essa propriedade.

(115) a. A Maria tem bebido muito leite.

b. O gato tem bebido muito leite.

c. * A árvore tem bebido muito leite.

(116) a. A Maria tem lido muitos livros de Lingüística.

b. * O gato tem lido muitos livros de Lingüística.

c. * A árvore tem lido muitos livros de Lingüística.

Como podemos notar, em (115) e (116), não é o auxiliar *ter* que seleciona o sujeito, mas sim o verbo principal. A agramaticalidade de (115c) e (116b-c) é explicada porque o verbo *beber* seleciona, obrigatoriamente, sujeito com o traço [+Animado] e o verbo *ler* seleciona, obrigatoriamente, sujeito com o traço [+Humano].

Quanto à propriedade de seleção semântica, Gonçalves e Costa (2002, p.40) dividem os verbos considerados tradicionalmente como auxiliares, em:

Grupo I: verbos que não selecionam o sujeito:

Grupo II: verbos que selecionam o sujeito:

Assim, são considerados auxiliares, os verbos:

➤ *costumar, dever, haver, ir, parecer, ser, ter, vir;*

- *acabar (de), andar (a), cessar (de), **chegar (a)**⁶⁸, começar (a), continuar (a), deixar (de), estar (a), estar (para), estar (por), ficar (a), ficar (por), haver (de), ir (a), parar (de), ter (de), tornar (a), vir (a).*

Observamos, novamente, a inclusão de *chegar* na classe de auxiliares.

8. *Impossibilidade de restrições de natureza semântica sobre o verbo principal*: se o verbo auxiliar não impõe restrições na seleção do sujeito, tampouco o faz na seleção do verbo principal. Um verbo auxiliar, por excelência, é aquele que se combina com qualquer classe aspectual de predicados verbais: estados, atividades, processos culminados, culminações.

- (117) O João tem *estado doente*. (estados)
 (118) Os atletas do Benfica têm *corrido*. (atividades)
 (119) Os assaltantes têm *destruído a cidade*. (processos culminados)
 (120) Quando se deu a guerra, o João já tinha *nascido*. (culminações).

Analisando os verbos ditos auxiliares, Gonçalves e Costa (2002) constituem dois grupos:

Grupo I: verbos que não impõem restrições ao predicado encaixado: ver (117) – (120)

Grupo II: verbos que impõem restrições ao predicado encaixado:

- (121) O João deixou de *gostar de Lingüística* (estados)
 (122) Os atletas do Benfica deixaram *de correr* (atividades)
 (123) *Quando se deu a guerra, o João deixou *de nascer* (culminações)

Por esse critério, seriam auxiliares, portanto, os verbos:

- *costumar, dever, haver, ir, poder, ter*
 ➤ *acabar (de), **chegar (a)**⁶⁹, estar (a), haver (de), ter (de).*

9. *Impossibilidade de ocorrência de modificadores temporais que afetem apenas a interpretação do domínio não finito*: o complexo verbal formado pelo auxiliar e verbo principal exibe um forte grau de coesão, de sorte que qualquer modificador temporal deve sempre incidir sobre toda a sentença.

⁶⁸ Grifo nosso.

⁶⁹ Grifo nosso.

Novamente, Gonçalves e Costa (2002, p.43) dividem os verbos em dois grupos:

Grupo I: o advérbio afeta a interpretação da frase na sua totalidade:

(124) a. Ontem, o João já tinha saído, quando eu lhe telefonei.

b. O João já tinha saído ontem, quando eu lhe telefonei.

(125) a. Ontem, o João esteve a falar com os amigos.

b. O João esteve a falar com os amigos ontem.

Grupo II: o advérbio afeta a interpretação do domínio não finito apenas

(126) a. O João soube que tinha acabado o curso e quis fazer uma festa no dia seguinte.

b. O João soube que tinha acabado o curso e, no dia seguinte, quis fazer uma festa.

Tendo em conta esses critérios, são considerados auxiliares os verbos:

- *costumar, dever, haver, ir, ouvir, parecer, poder, sentir, ser, ter, ver, vir;*
- *acabar (de), andar (a), cessar (de), chegar (a), começar (a), continuar (a), deixar (de), estar (a), estar (para), estar (por), ficar (a), haver (de), ir (a), parar (de), ter (de), tornar (a), vir (a).*

De acordo com os critérios apresentados e o comportamento dos verbos descritos, Gonçalves e Costa (2002, p.47) incluem na classe dos verdadeiros auxiliares apenas os verbos *ter* e *haver*. Os verbos *conseguir, deixar, desejar, fazer, gostar (de), parecer, pretender, querer* são excluídos dessa classe, e os demais verbos, como *ser* passivo, os modais (como *poder*), temporais (como *ir*) e aspectuais (como *estar a*), por apresentarem algumas características distintas das apresentadas pelos verbos auxiliares prototípicos, são reconhecidos como semi-auxiliares. O verbo *chegar* não é apresentado na conclusão do trabalho de Gonçalves e Costa (2002) como verbo semi-auxiliar, mas em Gonçalves (1995), *chegar* figura na lista de verbos que apresentam alguns traços de auxiliaridade, o que nos leva a concluir que Gonçalves considera *chegar* como um verbo que apresenta um comportamento tanto de verbo pleno quanto de verbo auxiliar.

3. 2.4. Longo e Campos (2002): a auxiliaridade no português brasileiro

Com o objetivo de investigar os valores semânticos e o grau de gramaticalização das perífrases temporais e aspectuais no português brasileiro, Longo e Campos (2002) realizaram um estudo sobre auxiliaridade, definida como uma relação de complementação entre duas formas verbais; o auxiliar como forma relacional que toma por complemento um verbo-base; e a perífrase ou locução verbal, como um complexo unitário que reúne um verbo e uma forma de infinitivo, gerúndio ou particípio numa só predicação (LONGO; CAMPOS, 2002, p. 447).

Os critérios considerados, por Longo e Campos (2002), para identificação de um verbo auxiliar assemelham-se aos critérios propostos por Pontes (1973), Lobato (1975), Gonçalves (1995) e Gonçalves e Costa (2000). São os seguintes: o da impossibilidade de desdobramento da oração, o da existência do sujeito único e o da detematização. Os dois primeiros critérios encontram-se inter-relacionados. Os verbos auxiliares formam um grupo indissociável, não podendo, portanto, ser desmembrados em dois núcleos oracionais. Se isso ocorrer e se o resultado for gramatical, não estamos diante de um caso de auxiliaridade. Para testar esses critérios, Longo e Campos apresentam os seguintes exemplos:

- (127) a. Júlia sonhava comprar uma Ferrari
- b. Júlia sonhava que compraria uma Ferrari.
- (128) a. Júlia acabava de comprar uma Ferrari.
- *b. Júlia acabava de que comprava uma Ferrari.

Por esse teste, Longo e Campos (2002) consideram auxiliar, por exemplo, o verbo *acabar de*, sendo perifrástico o complexo ao qual ele pertence. A presença de um único argumento externo corrobora com a classificação de auxiliar, pois, se forem atribuídos sujeitos diferentes para dois verbos, não há auxiliaridade. É o que ocorre em (129), pois o sujeito de *mandar* não é o mesmo de *descascar*.

- (129) O chefe mandou-o descascar as batatas

O critério da detematização está relacionado com a perda, sofrida pelo verbo ao se tornar auxiliar, da propriedade de atribuir papéis semânticos ou temáticos aos elementos nominais com que se combina. Dizemos, portanto, que um verbo se detematiza quando ele perde a restrição de selecionar seus argumentos. O verbo *ir*, por exemplo, quando lexical, seleciona como sujeito um agente, argumento, portanto, com o traço [+ Animado]; e, com dois complementos, seleciona um

de *origem* e outro de *meta*. Quando funciona como auxiliar, o verbo *ir* não seleciona mais os argumentos, e o sujeito é selecionado por outro verbo, aquele que lhe serve de base.

(130) *Fomos de São Paulo ao Rio pela ponte aérea.*

(131) *O balão foi caindo lentamente.*

É sabido que os auxiliares apresentam determinados valores se tomados isoladamente, ao formarem perífrases, eles podem manter esses valores ou adquirir novos. Em (131), o verbo *ir* conservou o traço [+ Movimento]. A persistência de traços vai depender dos elementos com os quais os auxiliares se combinam na construção da frase.

Seguindo os critérios acima referidos, Longo e Campos (2002), com base nos dados analisados, consideram auxiliares os seguintes verbos no português brasileiro contemporâneo:

QUADRO 6: Auxiliares aspectuais e valores expressos

Valor/Forma Nominal	Infinitivo	Gerúndio	Particípio
Inceptivo	Começar a; ir		
Ingressivo	Passar a; ficar		
Cursivo	Continuar a; estar a	Estar; ir, vir	
Progressivo		Estar; ir; vir	
Permansivo	Permanecer a; custar a	Ficar; permanecer	
Habitual	Viver a; costumar	Viver	
Iterativo	Andar a; tornar a	Andar	
Cessativo	Acabar de; deixar de		
Resultativo	Acabar por; vir (a)	Acabar; terminar	
Perfectivo			Ter; haver

QUADRO 7: Auxiliares temporais

	Infinitivo	Particípio
Perfeito	Acabar de + presente Vir de + presente	Ter + presente
Mais-que-perfeito	Acabar de + imperfeito Vir de + imperfeito	Haver + imperfeito Ter + imperfeito
Futuro do presente	Estar para + presente Haver de + presente Ir + presente	Ter + futuro do presente
Futuro do pretérito	Estar para + imperfeito Haver de + imperfeito Ir + imperfeito	Ter + futuro do pretérito

Como um dos objetivos do estudo de Longo e Campos (2002, p.472) era observar o grau de gramaticalidade das perífrases verbais, as autoras selecionaram alguns critérios. São eles:

- Inseparabilidade: se houver itens entre os elementos que formam a perífrase, o grau de fusão é baixo, o que implica baixo grau de gramaticalidade.
- Irreversibilidade: se houver mudança de ordem do auxiliar em relação ao verbo base, o grau de gramaticalidade é baixo.
- Esvaziamento semântico (*semantic bleaching*): se persistirem, na perífrase verbal, traços semânticos do verbo auxiliar, o grau de fusão é baixo.
- Recursividade: se o verbo auxiliar for idêntico ao verbo base, o grau de gramaticalidade é alto, pois isso mostra que o falante não os identifica como sinônimos.
- Perda de características sintáticas: se o verbo deixa de restringir argumentos, perde seu caráter de núcleo da predicação e assume estatuto de categoria funcional.

Esses critérios foram testados nas perífrases verbais mais recorrentes. *Ir* e *estar* + *gerúndio* formam perífrases aspectuais mais frequentes; enquanto *ir*, *ter* e *haver* formam as perífrases temporais com maior frequência. O resultado foi o seguinte:

QUADRO 8 : Grau de gramaticalização dos auxiliares aspectuais

	Ir	Estar
Inseparabilidade	0	0
Irreversibilidade	1	1
Esvaziamento	0	1
Recursividade	1	0
Complementação	1	1
Grau de gramaticalização	3	3

QUADRO 9: Grau de gramaticalização dos auxiliares temporais

	Ir	Ter	Haver
Modalização	1	0	0
Inseparabilidade	0	0	1
Irreversibilidade	1	1	1
Esvaziamento	0	1	1
Recursividade	0	1	0
Complementação	1	1	1
Grau de gramaticalização	3	4	4

Longo e Campos (2002) concluem seu estudo mostrando que todos os tipos de auxiliares parecem estar passando pelo processo de gramaticalização, mas que os temporais, sobretudo *ter* e *haver*, conforme quadro acima, encontram-se em estágio mais avançado. As autoras afirmam:

Evidências que comprovam esse avanço são a redução da variedade de perífrases, a ampliação das possibilidades combinatórias, a recursividade (*ir* aspectual e *ter* temporal), esvaziamento semântico, aquisição de valores modais derivados do futuro (*ir* temporal), fixação da ordem e decategorização sintática, que em maior ou menor grau puderam ser observadas nas perífrases estudadas (LONGO; CAMPOS, 2002, p.474)

Pretendemos observar se, nas perífrases verbais formadas por *chegar a + infinitivo*, essas mesmas evidências podem ser encontradas, de modo a medir o grau de gramaticalização de *chegar*.

3.2.5. Outros estudos

Sem apresentar critérios de identificação de auxiliares, diversos outros trabalhos já foram realizados abordando o tema. Merecem destaque os estudos de Neves (2000) e Travaglia (2003a, 2003b).

Neves (2000, p. 61-5) apresenta os verbos auxiliares de tempo e de voz, ao lado dos verbos modalizadores e aspectuais, ao discutir verbos que não constituem predicados. Para a autora, são operadores gramaticais, e não predicados, os verbos que indicam Modalidade, Aspecto, Tempo e Voz.

Os verbos modalizadores são aqueles que se constroem com outros verbos, com objetivo de modalizar os enunciados. Esses verbos indicam necessidade epistêmica; possibilidade epistêmica; necessidade deôntica (obrigatoriedade) e possibilidade deôntica (permissão)⁷⁰.

Ao abordar os verbos aspectuais, Neves apresenta os seguintes valores aspectuais: a) início do evento (aspecto inceptivo); b) desenvolvimento do evento (aspecto cursivo, neste incluso os aspecto habitual e progressivo); c) término ou cessação de evento (aspecto terminativo ou cessativo); d) resultado de evento (aspecto resultativo); e) repetição de evento; f) consecução; g) intensificação e h) aquisição de estado.

⁷⁰ A modalidade epistêmica está ligada ao conhecimento, e a modalidade deôntica está ligada ao dever.

Essa classificação de Neves para os verbos aspectuais contempla o verbo *chegar*, considerado, para a autora, aspectual de consecução. Sobre as classificações e os diversos usos de *chegar*, discutiremos no capítulo seguinte.

Para Neves, assim como para a maioria dos autores, os auxiliares de tempo são os verbos *ter* e *haver* seguidos de particípio, que formam tempos compostos do passado; e o verbo *ir* seguido de infinitivo, que indica futuridade. O verbo *ser* seguido de particípio é considerado auxiliar de voz, pois forma a locução verbal da voz passiva.

Travaglia (2003b, p.109), ao estudar verbos em gramaticalização, amplia o conceito de verbos auxiliares por considerar auxiliar “qualquer verbo que acompanhe outro que indica a situação e está em forma nominal”. Devido a essa visão mais ampla, Travaglia (2003b) considera auxiliares os verbos carregadores de categorias com a situação indicada pelo nome.

Cumpramos lembrar que verbos *carregadores de categoria* são, segundo o autor, verbos que apresentam, simultaneamente, várias funções, tais como: i) expressar categorias gramaticais; ii) expressar certos significados mais gerais e abstratos; iii) exercer funções próprias de outras categorias em que se transformou ou está se transformando. Esses verbos, entretanto, não indicam a situação, expressa por:

- a) um nome, deverbal ou não, que pode ser o sujeito, o objeto ou o predicativo.
- b) um outro verbo, por exemplo, o principal de uma construção perifrástica. Neste caso, o carregador de categoria é um verbo auxiliar ou semi-auxiliar;
- c) um verbo que constitui uma oração subordinada. Neste caso, o carregador de categoria é uma oração principal que marca uma categoria geral para o verbo de sua subordinada.

Travaglia, ancorado nos trabalhos sobre auxiliares, como os já apresentados aqui (Pontes, 1973; Lobato, 1975 e Heine, 1993), apresenta os seguintes auxiliares classificados pelas categorias que marcam:

- 1) os auxiliares modais: são os verbos que indicam modalidades diversas, como:
 - 1.1) obrigação: *ter* + *de/que* + infinitivo; *obrigar* + *a* + infinitivo;
 - 1.2) necessidade: *precisar* + infinitivo; *dever* + infinitivo;
 - 1.3) volição: *querer/desear/pretender* + infinitivo
 - 1.4) possibilidade: *poder/dever* + infinitivo;
 - 1.5) permissão: *deixar/permitir* + infinitivo

- 2) os auxiliares temporais: são os verbos que indicam tempo. Travaglia, a exemplo de outros lingüistas, considera o verbo *ir* + infinitivo um indicador exclusivo de tempo. Outros verbos considerados temporais marcam outras categorias e nuances de significado, é o caso de:
- 2.1) *ter* (presente do indicativo) + particípio: marca o passado até o presente e o aspecto iterativo;
 - 2.2) *vir* + gerúndio: marca desenvolvimento gradual, progressivo da situação e tempo passado até o presente ou até outro ponto indicado no passado;
 - 2.3) *estar* + gerúndio: marca o presente e o aspecto durativo;
 - 2.4) *acabar* + *de* + infinitivo: marca passado recente.
- 3) os auxiliares aspectuais: são verbos que indicam aspecto, tais como:
- 3.1) *ter* ou *haver* + particípio: marca, no presente do indicativo, o aspecto iterativo; nas demais flexões, marca o perfectivo e acabado;
 - 3.2) *estar* + *por* + infinitivo: marca o aspecto não-começado;
 - 3.3) *estar* + gerúndio: marca o aspecto durativo e outros, conforme a flexão verbal;
 - 3.4) *andar* + gerúndio: aspecto iterativo
 - 3.5) *viver* + particípio/gerúndio: aspecto habitual
 - 3.6) *continuar* + gerúndio/ + *a* + infinitivo / particípio: aspecto começado
 - 3.7) *terminar* / *acabar* + *de* + infinitivo: marca os aspectos terminativo e acabado de acordo a flexão verbal.
 - 3.8) *começar* / *passar* + *a* + infinitivo: marca o aspecto inceptivo de acordo com a flexão verbal.
- 4) o auxiliar de voz: é o verbo *ser* + particípio

Além desses verbos, Travaglia (2003, p. 110) apresenta os *auxiliares semânticos*, que correspondem aos *semi-auxiliares*, termo já apresentado aqui. São considerados auxiliares semânticos, os verbos que acrescentam uma série de noções semânticas mais gerais, abstratas e relacionais ao verbo que acompanham. Esses verbos são candidatos à gramaticalização, pois perdem conteúdo semântico ou trocam por outros mais abstratos ou gramaticais.

Algumas dessas noções mais abstratas são apresentadas, a seguir, juntamente com os verbos que a expressam:

- a) repetição: *voltar* / *tornar* + *a* + infinitivo;

- b) comparação: *equivaler* / *corresponder* + *a* + infinitivo;
 - c) progressividade: *vir* / *ir* (-se) + gerúndio;
 - d) resultado: *chegar* / *vir* + *a* + infinitivo; *acabar* + gerúndio; *acabar* + *por* + infinitivo;
 - e) limitação: *limitar-se* + *a* + infinitivo
 - f) aparência: *parecer* + infinitivo.
- Etc.

Notamos que Travaglia considera *chegar a* + infinitivo como auxiliar semântico, pois, além de “carregar” as categorias verbais, expressa a noção semântica de *resultado*, candidato, portanto, a processo de gramaticalização.

SÍNTESE CONCLUSIVA

Conforme indicado no início deste capítulo, nosso propósito foi fazer uma revisão da literatura sobre auxiliaridade. Nosso objetivo, ao abordar os trabalhos mais relevantes, as principais idéias dos autores, bem como os critérios utilizados por cada um deles na identificação de verbos auxiliares, foi apresentar o panorama geral que acolhe esse tema, para, a partir disso, estabelecer as categorias de análise dos aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos envolvidos nos usos do *chegar* identificados nos *corpora* desta pesquisa.

Pelos trabalhos expostos, percebemos que a concepção de auxiliaridade depende muito da abordagem escolhida para embasar os diferentes estudos, embora haja um compartilhamento em torno de algumas propriedades apontadas. Notamos que os trabalhos de inspiração gerativista, como os de Pontes (1973), Lobato (1975), Gonçalves (1995) e Gonçalves e Costa (2002), dão conta de testes para identificação do estatuto de auxiliaridade, enquanto os trabalhos de base cognitivista, como o de Heine (1993), e funcionalista, como os de Neves (2000), Longo e Campos (2002) e Travaglia (2003b), buscam os condicionamentos cognitivos e comunicativos para explicar o processo de auxiliaridade.

Nesta tese, concebemos a auxiliaridade como resultado de um processo contínuo de gramaticalização, por meio do qual verbos expressam domínios gramaticais, como Tempo, Aspecto e Modalidade. Concordamos com Givón (1975, 1979, 1984, 1989), Garcia (1967) e

Bolinger (1980) em que não há limites que demarcam a separação entre verbos principais e auxiliares, mas que os verbos pertencem a uma classe contínua. O que ocorre é que a categoria verbo é de natureza escalar. À esquerda da escala, encontram-se os usos plenos, conceituais, lexicais da forma verbal; e, à direita da escala, encontram-se usos gramaticais originados de usos plenos que se localizam no início da escala. Entre um uso e outro, há inúmeras mudanças que, aos poucos, vão transformando os usos mais concretos em usos mais abstratos.

Os chamados *verbos auxiliares* encontram-se em posição intermediária nessa escala, pois não apresentam todas as características de verbos plenos, presentes nos itens à esquerda da escala, mas ainda não se configuram como morfemas gramaticais, como os itens à direita da escala.

Os estudos feitos sobre auxiliares portugueses mostram muita discordância em relação à classificação de verbos auxiliares. Por um lado, a tradição gramatical tem se preocupado em fornecer uma listagem de verbos rotulados como auxiliares, mas, entre os gramáticos, não há uma classificação uniforme. Por outro lado, os estudos lingüísticos apresentam critérios mais rigorosos, objetivando identificar limites conceituais mais precisos para a identificação dos auxiliares. A aplicação desses critérios, que também não são uniformes, exclui muitos verbos considerados auxiliares pela tradição gramatical. Pontes (1973), por exemplo, ao aplicar certos critérios, considera o verbo *ter* o auxiliar prototípico, e exclui os demais por não apresentarem todas as características típicas dos auxiliares⁷¹.

Lobato (1975), por sua vez, acredita na existência de duas classes de verbos auxiliares. Uma *lato sensu*, que inclui os temporais (*ter*, *haver* e *ser*), os de desenvolvimento (*começar a*, *continuar a* etc), os modais (*poder*, *dever*, *crer*, *querer* etc) e o verbo da passiva (*ser*); e outra classe de auxiliares *stricto sensu*, que inclui apenas os verbos *ser*, *estar*, *ter* e *haver*. Esses últimos seriam, portanto, os auxiliares propriamente ditos.

Gonçalves e Costa (2002) também reduzem a lista de auxiliares. Para elas, apenas os verbos *ter* e *haver* podem ser considerados auxiliares verdadeiros. O verbo *ser* passivo, os temporais (como *ir*), os modais (*poder*) e aspectuais (*estar a*) são considerados semi-auxiliares.

Devido a essas divergências e à natureza escalar da categoria verbo, entendemos que os verbos considerados auxiliares verdadeiros (como é o caso de *ter*, unanimemente aceito em todos os trabalhos) são aqueles que atingiram um nível maior de gramaticalização, ou, nos termos de

⁷¹ Cf. Seção 3.2.1 deste capítulo.

Heine (1993), “um estágio mais avançado na cadeia *Verb-to-TAM*”, e posicionam-se mais à direita da escala. Os verbos chamados *semi-auxiliares* ou *quase-auxiliares* apresentam um nível menor de gramaticalidade, estão em um estágio menos avançado do processo de gramaticalização e, por isso, tendem a posicionar-se mais à esquerda da escala.

Esse posicionamento dos verbos na cadeia escalar estaria diretamente relacionado às propriedades apresentadas por esses verbos no que diz respeito às características de auxiliaridade. Quanto mais características de auxiliaridade esse verbo apresentar, mais ocorre seu deslocamento para a direita da escala.

Como os critérios para se testar a natureza auxiliar dos verbos variam de autor para autor, baseando-nos em trabalhos expostos neste capítulo, posicionamo-nos acerca de alguns critérios que julgamos mais relevantes para uma descrição que se pretenda mais rigorosa e mais completa, levando em conta que nosso propósito no presente trabalho é descrever o comportamento do verbo *chegar* em relação a seu possível caráter auxiliar, como parece ser seu uso em (132) e (133).

(132) Alceu Amoroso *chegou a comentar* comigo a perfeição desse comentário difícil, que Manuel Bandeira soube tornar fácil, agradável, atraente e gracioso. (BH)

(133) A primeira das faculdades em questão corresponde a uma aspiração de reforma da vida portuguesa, por meio de uma elite de investigadores e cientistas: é o órgão de uma função que se não *chegou a criar*. A falta da função prejudica o órgão. (BA)

Pautando-nos nos critérios que apresentaremos a seguir, pretendemos, considerando a cadeia *Verb-to-TAM*, proposta por Heine (1993), testar o grau de auxiliaridade do verbo em questão, bem como identificar o estágio de gramaticalização de *chegar*, visto que, quanto mais avançado na escala de auxiliaridade o verbo estiver, mais gramaticalizado ele estará. Dividimos os critérios de acordo com as propriedades semânticas e sintáticas que percebemos existir nos verbos auxiliares, assim temos:

- **Critérios Semânticos:**

- 1) *Perda sêmica*: Lobato (1975);
- 2) *Detematização*: Gonçalves (1995) e Gonçalves e Costa (2002); Longo e Campos (2002);
- 3) *Coesão semântica*: Lobato (1975).

- **CrITÉRIOS SintÁticos:**

- 4) *Impossibilidade de inserção de um argumento nominal entre auxiliar e verbo principal:* Lobato (1975);
- 5) *Impossibilidade de negação frásica do domínio finito:* Lobato (1975); Gonçalves (1995); Gonçalves e Costa (2002);
- 6) *Correferencialidade de sujeito:* Lobato (1975); Longo e Campos (2002).
- 7) *Impossibilidade de substituição do infinitivo pelos pronomes **isso** ou **tanto**:* Gonçalves (1995); Gonçalves e Costa (2002);
- 8) *Impossibilidade de ocorrência de complemento oracional finito:* Lobato (1975), Gonçalves (1995); Gonçalves e Costa (2002); Longo e Campos (2002);
- 9) *Correspondência semântica entre ativa e passiva:* Lobato (1975), Gonçalves (1995); Gonçalves e Costa (2002);
- 10) *Integridade sintática:* Lobato (1975);
- 11) *Recursividade:* Longo e Campos (2002).

Em conformidade com os critérios acima, os usos de *chegar*, retirados do *Corpus Mínimo de Textos Escritos da Língua Portuguesa – COMTELPO*, e do Projeto NURC/SP, serão analisados nos capítulos 5, 6 e 7 desta tese.

De acordo com a concepção de auxiliaridade apresentada neste capítulo, os verbos que se auxiliam assim o fazem para expressar categorias gramaticais, como tempo, aspecto, voz e modo. Observando as ocorrências de *chegar* seguido de verbo no infinitivo, como as (132) e (133) apresentadas anteriormente, pretendemos examinar em que medida o verbo em análise pode ser considerado verbo auxiliar; e se, neste uso, *chegar* percorre os mesmos estágios previstos no processo de gramaticalização, sendo utilizado para expressar funções típicas de verbos auxiliares, como Tempo, Modo ou Aspecto, ou se *chegar* não adquire essas funções, exercendo, no contexto, função pragmática. Cumpre lembrar que, no modelo funcionalista adotado, funções pragmáticas também fazem parte da gramática. Os itens e construções com funções textual-discursivas têm uma gramática no sentido de esboçarem comportamento rotinizado. São funções gramaticais ligadas à construção textual-discursiva.

4. DELIMITAÇÃO DO OBJETO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nosso propósito, com este capítulo, é descrever o objeto de estudo – *chegar*, apresentar os *corpora* utilizados para a análise e os procedimentos metodológicos que nos auxiliaram na pesquisa. Os usos de *chegar*, apresentados neste capítulo, resultam de pesquisas realizadas em gramáticas e dicionários da língua portuguesa, bem como da observação da linguagem prosaica e dos discursos veiculados pela mídia⁷².

4.1. O ITEM *CHEGAR*: UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO

Motivados pela observação dos fenômenos de variação e mudança que caracterizam a dinâmica das línguas, e apoiados na Linguística Funcionalista Contemporânea, nosso objetivo, nesta tese, é investigar construções com o verbo *chegar*, observando o fenômeno da gramaticalização. Os diversos empregos deste verbo despertaram nosso interesse em fazer uma pesquisa na qual se identifiquem os usos desse item verbal e na qual se correlacionem esses usos com aspectos sintáticos, semânticos, pragmáticos e cognitivos, de forma a desvendar como se manifesta nele o processo de gramaticalização. Já foram realizados alguns estudos sobre gramaticalização de verbos de movimento, como o feito por Silva (2000) sobre o verbo *ir*, e por Travaglia (2003a, 2003b), que estudou a gramaticalização de verbos aspectuais, como *acabar*, *começar*, *continuar*, *deixar* e *terminar*. Poderemos, portanto, a partir deles, comparar resultados e observar se, de fato, o traço [+Movimento] associado a esses verbos, bem como ao *chegar*, condiciona o processo de mudança.

A abordagem funcionalista apregoa não ser a língua um sistema acabado, mas em constante transformação. Um exemplo desse dinamismo é a emergência de novas funções para formas já existentes na língua. Podemos ilustrar essa afirmação com diferentes usos do verbo *chegar*. Tais usos nos levaram a tentar compreender o porquê da coexistência de vários sentidos associados a estatutos diferentes para esse verbo.

⁷² Flagramos diversos usos de *chegar* em jornais, revistas e nos programas de televisão.

Cuenca e Hilferty (1999, p.154), ao discutirem sobre o processo de gramaticalização, citam verbos de movimento que, quando passam de plenos a auxiliares, deixam de expressar a idéia de deslocamento no espaço para expressar deslocamento no tempo. Os autores chamam a atenção para o verbo *ir* e seus sinônimos que, em diferentes línguas, é utilizado como auxiliar indicando a categoria gramatical de tempo. No inglês (*to go*), francês (*aller*) e português (*ir*), o verbo é utilizado como auxiliar de futuro e em catalão como auxiliar de passado, sugerindo, então, uma tendência dos verbos de movimento tornarem-se auxiliares. Dizem os autores (1999, p.154):

Dichas “coincidencias” nos pueden llevar a suponer que hay una tendencia a convertir ciertos verbos de movimiento (en el espacio) en auxiliares que indican movimiento en el tiempo (hacia el futuro, generalmente, pero también hacia el pasado, como en catalán), idea que viene avalada por el hecho de que otros verbos de movimiento forman perífrasis tempoaspectuales, como *venir* en francés (je viens de faire un gâteau ‘acabo de hacer un pastel’).

As “coincidências” referidas por Cuenca e Hilferty (1999) instigam-nos a estudar o verbo *chegar*, que é um verbo de movimento, para identificar se características existentes entre verbos com o mesmo traço, já investigados em outros trabalhos, motivam diferentes usos e os conduzem a uma trajetória de gramaticalização.

4.2. ALGUNS USOS DE *CHEGAR*

Abalizados pela concepção de gramática como um sistema em constante movimento, e considerando gramaticalização como um tipo especial de mudança lingüística motivada por processos comunicativos e cognitivos, investigamos os diferentes usos do verbo *chegar* no português europeu e brasileiro. Adiante apresentaremos alguns desses usos que nos permitem identificar um possível caso de gramaticalização na língua portuguesa.

De acordo com Cunha (1992), o verbo *chegar* vem do latim *plicāre*, e significava ‘dobrar’, ‘enrolar’. Tem sua evolução semântica ligada à linguagem náutica; do sentido primitivo do latim “dobrar”, “enrolar” passou-se, metonimicamente, ao de *chegar* (ao porto, embarcação), pois, nessa ocasião, os marinheiros dobravam e enrolavam as velas.

Para uma análise sincrônica do processo de mudança desenvolvido pelo verbo *chegar*, procederemos à descrição dos tipos de *chegar* arrolados nos dicionários. Segundo o dicionário Michaelis (1998, p. 483) e o Novo Dicionário Aurélio (1986), o verbo *chegar* é uma derivação regressiva de **applicare** “abordar”, “arribar”, cuja regência permite-nos classificá-lo como intransitivo (134) e como transitivo indireto (135):

(134) A primavera chegou.

(135) Quando chegou ao clube, todos já esperavam.

Algumas gramáticas mais tradicionais o classificam apenas como intransitivo, ou seja, como um verbo que possui significado de *per si*, sem necessidade de complementação. Assim, pela análise tradicional, no exemplo (135), o segmento *ao clube* não pode ser considerado complemento verbal, nem o verbo, transitivo indireto. Tal segmento recebe a rotulação de adjunto adverbial. Já para Luft (1998), entretanto, *chegar* é denominado transitivo circunstancial, devido à necessidade de um circunstancializador, no caso em questão o sintagma preposicionado *ao clube*, no exemplo (135).

Vejamos alguns usos do verbo *chegar* que os verbetes de dicionários registram:

Chegar (lat *plicare*) vti e vintr. 1. Vir: Seu irmão acaba de chegar do Rio. Chegou o dia de acertarmos as contas. Vti e vint. 2. Aproximar-se de um ponto: Os excursionistas chegaram até Guaiúba. O pessoal acaba de chegar. 3. Vtd. Pôr ao alcance; aproximar-se: Chegue uma cadeira. Chega-te aos bons. 4. Achegetar-se: “Estendeu-lhe os braços, ela chegou-se atraída” (Coelho Neto). Vint. 5. Começar: Chegou o inverno. Vti. 6. Atingir, igualar: O maior deles não chega a esse tamanho. Vtd. 7. Adiantar-se, avançar: Até aonde chegará sua audácia? Vti. 8. Conseguir: não chegou a realizar o negócio. Vpr. 9. Atender, conformar-se: Embora tarde, chegou-se à razão. Vti e vint. 10. Ser suficiente; bastar: o seu dinheiro não chega para tanto. Chega, não cabe mais. Vti. 11. Elevar-se; orçar por: achou-se uma quantia que não chegou a dez dólares. Vint. 12. Acontecer: Uma desgraça nunca chega só. Vtd. 13. Levar (uma fêmea) à cobrição ou padreação: Chegou a égua ao pastor.

(MICHAELIS, Moderno Dicionário de Língua Portuguesa, 1998)

Chegar 1. Int ou TI: chegar (a ...) (OBS). Atingir o termo de movimento de ida ou vinda; atingir (o lugar visado): Ele chegou cedo (à escola). Chegou aqui\lá. Ele ainda não chegou. “Quem chega tarde, acha o lugar tomado” (Prov.) Aproximar-se: “Não chegues a força que não te enforçarão” (Prov.) – OBS. Verbo de ‘movimento para’, é natural reger ele preposição a diante de complemento de lugar. No Brasil, entretanto, usa-se muito a preposição em (...), como aliás também com outros verbos de movimento. (...) 2. TI: chegar a ... Alcançar; atingir: A escada não chega ao teto. Sua mente não chega a esse nível de abstração.\ Consequir: Chegaste a convence-

lo?\\Elevar-se, orçar: A dívida chega a um milhão.\\ Ir ao ponto ou extremo de: Ele chegou a esmolar.\\ Chegar a ...(em...) comparar-se; igualar-se: Ela não chega à mãe (em beleza)\\ Chegar-se em...; chegar-lhe. Bater; espancar.\\ 3. TD(I): chega-lo (a, para, de ...). Pôr-se perto, aproximar-se. TDp(1): chegar-se; chegar(-se): “Chegar a cadeira ao hóspede (ou do hóspede)” (Jucá). “Chega-se o bem para o bem e o mal para quem o tem” (Prov.). “Chega-te aos bons, serás um deles; chega-te aos maus, serás pior que eles” (id).// (...) 4. TDI: chegá-lo por... oferecer como preço de compra: Ele chegou a uma soma alta pelo terreno.// 5. Int: chegar. Ter início, começar (uma estação do ano).// Acontecer, sobrevir: “Uma desgraça nunca chega só” (Aulete). 6. Imp TI: chegar de ... bastar: Chega de reclamações.

(LUFT, Dicionário Prático de Regência Verbal, 1998)

Chegar [do latim vulgar *plicare*, ‘dobrar’, der. regressiva de *applicare*, ‘abordar’, ‘arribar’]. V. intr. 1. vir: chegou a hora da eleição. 2. atingir o termo do movimento de ida ou vinda: Depois de longa caminhada meu amigo chegou. 3. Attingir certo lugar: Chegaram aqui ontem pela manhã. 4. Ter início, começar: a primavera chega dia 21 de setembro. 5. Acontecer, suceder, sobrevir: chegou, de repente, a desgraça, quando tudo ia bem. 6. Bras. Ser suficiente; bastar: ofereci-lhe mais dinheiro, mas ele disse que aquele chegava; “viver somente de cartaz não chega” (do samba Onde estão os tamborins?, de Pedro Caetano). 7. Bras. Ir embora, retirar-se: veio ver-me à tardinha, disse que já ia chegando. T.I. 8. Elevar-se; orçar: Seus gastos chegam a 500 cruzados. 9. Attingir, alcançar: a técnica chegou, no século XX, a um grande aperfeiçoamento; não chega a última prateleira da estante. 10. Ir ao extremo de; ir ao ponto de: estava tão enfraquecido que chegou a cair; “explica que esse [Van Gogh] foi o pintor notável, mas esquisito à beca, chegou um dia a cortar a orelha direita (ou esquerda?) para mandar embrulhada num papel de presente para uma dona” (Lígia Fagundes Teles, A disciplina do amor). 11. conseguir, lograr: apesar das palavras amáveis, não cheguei a sensibilizá-lo. 12. igualar-se, comparar-se: é muito inteligente, mas não chega à irmã. 13. Ser bastante, bastar: “__ Mas isto é uma bagatela, não é uma fortuna! __ Chega-me! (José de Alencar, Lucíola, p.171). (...)”

(Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 1986)

Pelo que observamos, VIR parece ser o sentido mais usual do verbo *chegar*, pois é o que primeiro consta na lista de significados, mas não é o único. Interessa-nos, neste estudo, saber por meio de quais processos cognitivos e discursivos o verbo *chegar* passou a incorporar outros sentidos. E em que período o falante utilizou tal verbo para significar *bastar*, *atingir*, *ir embora* etc?

Elaboramos a hipótese de que *chegar* com o significado de VIR, por ser o uso mais concreto, é a forma-fonte, com idéia de deslocamento de um ponto X a um ponto Y. Neste caso, a

valência é preenchida por dois argumentos. O primeiro argumento tem o traço [+ Animado], [+Humano] e o segundo argumento apresenta o traço [+Locativo].

Duarte e Brito (2003, p.196), ao abordarem o tema da predicação e a classe de predicadores verbais, consideram o verbo *chegar* como um verbo de culminação. Por culminação entende-se uma situação dinâmica télica apresentada como tendo pouca ou nenhuma duração, e que tem como um de seus componentes um estado conseqüente. Para as autoras são tipicamente verbos de culminação predicados unários de movimento, de aparecimento e desaparecimento de cena, de mudança de estado, como *chegar, sair, nascer, morrer, falecer, murchar, enegrecer, rejuvenescer*. As autoras dão o seguinte exemplo:

(136) O Pedro chegou tarde ao emprego.

Travaglia (1994) ao se referir a esse verbo diz que ele expressa situações pontuais, cuja ocorrência implica o término de uma outra situação que é durativa, isto é, situações pontuais que são o término de uma situação durativa. Assim o significado de (137) pode ser dado por (138):

(137) Antônio chegou.

(138) Antônio terminou de vir.

Ao lermos revistas e jornais, ao assistirmos aos programas de televisão, ou mesmo ao observarmos conversas do dia-a-dia, percebemos diferentes usos do verbo *chegar*. Um exemplo é o uso muito recorrente desse verbo na indicação de limite numérico. O uso é tão freqüente que parece indiciar uma especialização deste item para expressar esse conceito:

(139) Hoje, a grife Anne Fontaine possui 70 filiais ao redor do mundo que vendem camisas brancas e acessórios femininos criados pela brasileira. Catherine Deneuve, Britney Spears, Catherine Zeta-Jones e Oprah Winfrey costumam usar peças criadas por esta carioca de 39 anos. Se o time de clientes famosos impressiona, os números também: o faturamento da marca **chega a US\$ 160 milhões** por ano. E não pára por aí. Até junho, a brasileira vai inaugurar um espaço de 700 metros quadrados na luxuosa avenida Saint Honoré, em Paris.⁷³

(140) Valor da compra da Varig pela Gol pode **chegar a US\$320 milhões**.⁷⁴

(141) Romário pode **chegar aos mil gols** hoje. Siga os estaduais ao vivo.⁷⁵

⁷³ Isto é Gente, 26 de março de 2007, p.41.

⁷⁴ site www.uol.com.br; 29 de março de 2007.

Juntam-se a esse uso, outros bastante interessantes, como os em que *chegar* combina-se com certos elementos formando com estes uma espécie de expressão cristalizada. É o caso das expressões *chegar lá*, *chegar junto*, *chega mais*, *chega pra lá* e *chega pra cá*. A expressão *chegar lá*, como apresentado em (142), denota a idéia de alcançar um objetivo, um ideal, em que *lá* pode representar esse ideal, ou mesmo um lugar facilmente retomado pelo contexto. No caso de (142), *lá* é o Palácio do Planalto, sede do Governo Federal, considerando que essa ocorrência é uma propaganda política de uma campanha presidencial.

(142) Juntos **chegaremos lá**, fé no Brasil. Com Afif, juntos, **chegaremos lá**.⁷⁶

Chegar junto, em (143), entre outras interpretações, pode expressar conquista, sedução ou um relacionamento mais íntimo, como em (144). Essa expressão pode ser considerada uma lexia, pois se tratam de duas formas – *chegar* e *junto* – que, em outros contextos, apresentam autonomia sintático-semântica, mas, no contexto de (143) e (144) formam um bloco com significado único.

(143) Alemão promete beijar Bial e “**chegar junto**” de Íris.⁷⁷

(144) O problema de Maria é que ela não me deixa **chegar junto**.⁷⁸

Outros exemplos de lexia são as expressões *chega mais*, *chega pra lá*, *chega pra cá*. A primeira denota aproximação, uma chamada para o ouvinte prestar atenção em algo que o falante quer enfatizar, como em (145).

(145) **Chega mais!** Vem conferir as ofertas das lojas Yamada.⁷⁹

Chega pra lá pode ser uma expressão substantivada, pois pode aparecer fazendo parte de uma expressão maior, como “dar um chega pra lá”, como em (146), cuja intenção do locutor é bem clara, a de demonstrar certo descontentamento; essa expressão também pode ser usada independentemente, como em (147), para expressar o desejo de distanciamento.

(146) O jogador, sem muita vontade de explicar sua reação durante a partida, **deu um chega pra lá** nos repórteres que o cercaram no final do jogo⁸⁰.

⁷⁵ site www.globo.com; 25 de março de 2007.

⁷⁶ Campanha Presidencial do candidato Guilherme Afif Domingos, em 1990.

⁷⁷ Site www.globo.com/bbb7.

⁷⁸ Ocorrência do português contemporâneo, extraída de conversa espontânea, entre dois jovens universitários da cidade de Santarém – Pa. Utilizamos um nome fictício, para preservar a fonte.

⁷⁹ Comercial das Lojas Yamada, veiculado pela televisão no estado do Pará.

(147) **Chega pra lá!** Não me incomoda mais!⁸¹

Em contraparte, encontramos também a expressão *chega pra cá*, que indica aproximação.

(148) **Chega pra cá.** Fogo no Paparazzo. Alemão tira casquinha de Siri. Veja as fotos.⁸²

Com função apresentativa, o verbo *chegar* também é encontrado, comumente, em anúncios de lançamento de produtos comerciais, como em (149); além de ser um item quase obrigatório em mensagens de protesto, substituindo o *não a* e o *abaixo a* como em (150), e aparecer com valor de interjeição como em (151).

(149) **Chegou** a listaonline.com.br. É a Editel e a Listel juntas na Internet.

(150) **Chega** de corrupção!

(151) **Chega!** Campanha da não-violência à mulher.

Outro exemplo que merece destaque foi o encontrado em uma enquete de um programa de televisão, em que se usou o verbo *chegar* em seqüência, com valores diferentes, primeiro como núcleo do predicado e depois como expressão adverbial:

(152) Você está em uma balada azarando uma gatinha, se uma mulher, não tão bonita, **chega-chegando**, qual a sua atitude?⁸³

Parece que o objetivo desse uso de *chegar* em (152) é enfatizar que “a mulher” é liberada e sedutora.

Na oralidade, é comum encontrarmos *chegar* não mais em função verbal, mas como qualificador:

(153) Ele é **chegado** a uma cerveja!

(154) Não sou **chegada** à música sertaneja!

(155) Ele era muito **chegado** a uma loirinha.

⁸⁰ <http://oglobo.globo.com>. Reportagem sobre uma partida de futebol, em que um jogador recusou-se a falar com a imprensa depois de ter agredido o adversário, por considerar ofensivas as embaixadinhas realizadas por este.

⁸¹ Ocorrência do português brasileiro contemporâneo, extraída de uma conversa espontânea entre um motorista de táxi e um flanelinha, na cidade de Fortaleza – CE.

⁸² www.globo.com. Manchete principal do site Paparazzo em abril de 2007.

⁸³ Programa O Melhor do Brasil, da Rede Record, em 17 de março de 2007.

Nesses exemplos, parece ter havido uma mudança semântica, pois o “ser chegado” assume o conteúdo lexical de “gostar”, que apenas evoca a idéia de *aproximar-se*, uma das acepções mais comuns de *chegar*.

Há ainda casos em que a qualificação é bem mais clara, como em (156), em que *cheguei* não faz referência à forma verbal *chegar*, mas funciona com função adjetiva.

- (156) _Tu viste a cor da blusa dela?
_ Não. Qual era?
_ Hum... um verde *cheguei*.⁸⁴

As ocorrências de qualificação não serão consideradas, nesta tese, por não se tratar de uso verbal.

O uso que nos chama mais a atenção é o *chegar a + INF*, em que *chegar*, acreditamos, apresenta valor de verbo auxiliar. Na maioria dos dicionários, o verbo *chegar* aparece apenas como verbo pleno, ou seja, como núcleo do predicado, mas Borba (2002) já o cita como auxiliar.

Chegar: (...) [auxiliar] [~ + a + verbo no infinitivo] indica aspecto conclusivo: o silêncio dela chegou mesmo a angustiar; alguma vez cheguei a pensar que essa vulnerabilidade poderia até ter seu charme.

Neves (2000) não rotula verbo o *chegar* como auxiliar, mas o apresenta ao falar de verbos que não constituem predicados. A esses verbos, Neves chama de operadores gramaticais cuja função é indicar Modalidade, Tempo, Aspecto e Voz. O verbo *chegar* é arrolado na classe de verbos aspectuais que indicam consecução⁸⁵, como no exemplo de Neves (2000, p.64):

- (157) Tomavam a mãozinha rechonchuda, beijavam-na, ***chegavam a tirá-la*** do carro.

Neves (2000, p. 28) também considera *chegar a* um verbo implicativo, quando classifica, tendo por base a transitividade, os verbos em quatro classes principais. 1) verbos cujo objeto sofre mudança no seu estado; 2) verbos cujo objeto não sofre mudança física, isto é, não é um paciente afetado; 3) verbos que possuem um complemento não-preposicionado e um complemento preposicionado; 4) verbos que têm complementos oracionais. Interessa-nos esta última classe, em que Neves abriga verbos de modalidade, de cognição, de manipulação e de elocução. Para a autora, essa classificação refere-se a uma relação de pressuposição ou

⁸⁴ Ocorrência do português brasileiro contemporâneo, extraída de uma conversa espontânea entre duas mulheres adultas da cidade de Santarém – PA.

⁸⁵ Cf. capítulo 3, seção 3.2.5.

implicação entre a oração completiva e a principal. Dois grupos principais de verbo são destacados: os factivos e os implicativos.

Para Neves (2000, p.32), são considerados factivos os predicados cuja propriedade é implicar, por parte do falante, a pressuposição de que o fato expresso pela oração completiva é factual, isto é, verdadeiro. Distinguem-se quatro tipos de factivos: a) epistêmico, como *saber*, *compreender*, *descobrir*, *perceber*, etc; b) de atitude sentimental, como *admirar-se*, *lamentar*, *deplorar*, *magoar-se*, *ressentir-se*, etc; c) do tipo declarativo, como *gabar-se*, *desculpar-se*; e d) do tipo avaliativo, como *relevar*, *estranhar*, *importar*.

Enquanto nos predicados factivos a atenção está voltada para a factualidade de um Estado de Coisas, nos predicados implicativos encontramos a noção de condição necessária e suficiente, que apenas determina se o Estado de Coisas descrito na oração completiva ocorre ou não. É na lista dos predicados implicativos que encontramos o verbo *chegar*.

Neves divide os predicados implicativos em afirmativos e negativos. Além de *chegar*, Neves cita como implicativos afirmativos os verbos *conseguir*, ***chegar a***, *lembrar*, *preocupar-se com*, *inquietar-se com*, *ter a desgraça de*, *aproveitar a ocasião de*, *dar-se o trabalho de*, *ocorrer*, *advir* e similares. Neves (2000, p.36) assim exemplifica:

(158) Minha situação é tão aflitiva, que ***chego*** até ***a*** fazer perguntas tolas.

Os predicados implicativos afirmativos apresentam comportamento similar aos predicados factuais, pois implicam a verdade do complemento. Assim, *chego até a fazer perguntas tolas*, em (158), implica *faço perguntas tolas*.

Os predicados implicativos negativos são representados por verbos como *esquecer-se de*, *recusar-se a*, *deixar de*, *evitar*, e os implicativos afirmativos construídos com a negação, como *não conseguir*, ***não chegar a***⁸⁶, *não lembrar-se de*, etc.

Notamos que, nesta análise, o verbo *chegar* é estudado separadamente do verbo no infinitivo, tido como seu complemento. Um dos objetivos desta tese é mostrar que *chegar a* e o verbo no infinitivo formam uma construção perifrástica, defendemos, assim, o estatuto auxiliar do verbo em questão.

⁸⁶ Grifo nosso.

4.3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.3.1. SELEÇÃO, CONSTITUIÇÃO E DELIMITAÇÃO DOS CORPORA

Como se trata de um trabalho de base funcionalista e que, portanto, prioriza a investigação da linguagem em uso, é necessário que os dados que comporão o *corpus* sejam efetivamente reais. Para investigar que propriedades e/ou condicionamentos de ordens morfológica, sintática, semântica, pragmático-discursiva e cognitiva estão envolvidos no processo de gramaticalização do verbo *chegar*, utilizaremos dados históricos e dados contemporâneos do português brasileiro e europeu.

Para termos uma visão mais ampla e resultados mais confiáveis no estudo do percurso dos diferentes usos do *chegar*, lançaremos mão de uma abordagem pancrônica. Essa abordagem é justificada por ser a gramaticalização um fenômeno tanto diacrônico quanto sincrônico. Nos estudos funcionalistas, sobretudo de Hopper (1991), Traugott e Heine (1991), Bybee et al (1994), Givón (1995), Thompson (1995), observamos uma orientação cada vez mais acentuada para a investigação diacrônica dos fatos lingüísticos associados à descrição sincrônica, pois para se chegar a uma análise mais completa, é necessário observar, além da função de uma construção, os processos que explicam como essa construção passou a assumir essa função. Segundo Hopper e Traugott (1993, p.28)

ao mesmo tempo em que uma perspectiva diacrônica pode oferecer mais que um mero comentário de interesse histórico sobre fatos sincrônicos; os fatos sincrônicos não são distinguíveis dos diacrônicos e dos processos pragmáticos discursivos que os apreendem⁸⁷.

Assim, os dados do Português Brasileiro e Europeu contemporâneo servirão para detectar os atuais empregos de *chegar*; e os dados diacrônicos, para verificar em que período da história da língua portuguesa o verbo *chegar* foi incorporando novos sentidos e começou a ser usado com valor gramatical, e para referendar as análises das alterações que distinguem e explicam os diferentes empregos atuais desse verbo.

Com o propósito de estudar os diferentes usos do verbo *chegar*, utilizaremos, para a análise da língua escrita do português, o *Corpus Mínimo de Textos Escritos da Língua*

⁸⁷ *at the same time that a diachronic perspective might offer more than merely an interesting historical comment on synchronic facts; the synchronic “facts” were indistinguishable from the diachronic and discourse pragmatic process they were caught up in.*

Portuguesa – COMTELPO, organizado por Figueiredo-Gomes e Pena-Ferreira (2006). Esta proposta de *corpus* é constituída por textos em suas variadas formas, que os autores denominam *gêneros*, no sentido de textos empíricos. Os gêneros que compõem este *corpus* são os mais freqüentemente usados na sociedade em diferentes épocas – em Portugal, desde o século XII, e, no Brasil, do século XIX ao século XX.

Dividimos os textos coletados em cinco agrupamentos de gêneros, como os propostos por Dolz e Schneuwly (1996):

- a) *Gêneros da ordem do narrar* (GON): O domínio social desse gênero é o da cultura ficcional e a capacidade de linguagem dominante é voltada à recriação da realidade, por meio da montagem de uma intriga no domínio verossímil. Como exemplos deste gênero podemos citar: fábula, conto de fada, lenda, conto, narrativa policial, narrativa de aventura, narrativa de ficção científica, gibi, crônica, cordel, romance, texto teatral, poema, letra de música, charge, novela etc.
- b) *Gêneros da ordem do relatar* (GOR): O domínio social desse gênero é o da memória e o da documentação das experiências humanas vivenciadas e a capacidade de linguagem dominante é a de representação pelo discurso de experiências vividas e situadas no tempo. Como exemplo desse gênero, podemos citar: diário, chamada jornalística, notícia, crônica jornalística, noticiário de rádio e TV, relatório etc.
- c) *Gêneros da ordem do argumentar* (GOA): O domínio social desse gênero é o da argumentação de assuntos sociais controversos, visando a um entendimento e posicionamento perante eles e as capacidades de linguagem dominantes são as que envolvem a habilidade de sustentar, refutar e negociar posições. Podemos citar como exemplo desse gênero: carta do leitor, editorial, resenha crítica, debate, texto escolar (argumentativo) etc.
- d) *Gêneros da ordem do expor* (GOE): Esse gênero veicula o conhecimento mais sistematizado transmitido culturalmente, como o conhecimento científico e afins. A capacidade de linguagem dominante é a apresentação textual de diferentes formas de saber. Podemos citar

como exemplo desse gênero: seminário, conferência, palestra, verbete, resenha, resumo, esquema, colóquio, texto escolar (dissertativo) etc.

- e) *Gêneros da ordem do instruir ou prescrever* (GOP): Tais gêneros englobam textos variados de instrução, regras e normas, e pretendem, em diferentes domínios, a prescrição ou regulamentação das ações. A capacidade de linguagem dominante é a regulação mútua de comportamentos. São exemplos desse gênero: bula, instruções de uso, regras de jogo, receita, cheque, leis, normas, testamentos, finitos etc.

De acordo com essa divisão proposta por Dolz e Schneuwly (1996), foram selecionados textos escritos – originais, fac-símiles ou transcrições com grafias preservadas ou editadas de manuscritos ou impressões originais – do século XII ao século XX. Estivemos preocupados, na feitura do *corpus*, em equiparar ou aproximar os gêneros mais representativos e o mesmo volume para a amostra de cada século.

O nosso objetivo na recolha dos diferentes gêneros é diversificar a amostra de modo a flagrar o maior espectro de valores do *chegar*, mas não apresentamos hipóteses sobre o condicionamento de cada um deles em tais usos.

Como o propósito desta tese é estudar por meio de uma abordagem pancrônica o processo de gramaticalização configurado nos diferentes usos do verbo *chegar* do português arcaico ao contemporâneo, utilizaremos, para referendação histórica, os textos selecionados de diferentes gêneros – GON, GOR, GOA, GOE e GOP – datados do século XIII ao século XVIII, do português europeu; e textos do século XIX e XX, do português europeu e brasileiro⁸⁸. De cada século, foram utilizados todos os gêneros e, de cada um deles, selecionamos, em média, cinquenta (50) páginas, para rastreamos as ocorrências de *chegar*, de modo que foram selecionadas, no total, 2000 páginas, para a pesquisa diacrônica⁸⁹. Nosso objetivo, no recorte de várias sincronias, é identificar a provável data de entrada, em uso na língua, dos tipos de *chegar*

⁸⁸ Devido ao baixo número de textos referentes ao século XII, no *corpus* em questão, documentos desse século não foram selecionados, para esta pesquisa.

⁸⁹ Como o nosso *corpus* ainda não se encontra digitalizado, tivemos, de início, dificuldade em equiparar o volume textual. Tentamos compensar essa falta, computando, em alguns casos, o número de linhas, de forma que volume textual, em cada gênero, ficasse equilibrado.

encontrados na coletânea, para então alocá-los em um *cline*⁹⁰. No total, registramos 795 (setecentos e noventa e cinco) ocorrências do verbo *chegar* em seus diferentes usos.

Com o propósito de verificarmos se os diferentes usos do verbo *chegar* ocorrem, indistintamente, nas modalidades de expressão oral e escrita, ou se há alguns usos que ocorrem, preferencialmente, em uma dessas modalidades, decidimos analisar, também, como material de apoio, uma amostra de fala. Para tanto, utilizamos ocorrências do português brasileiro, do século XX, pertencente ao *corpus* do Projeto NURC. O *corpus* NURC – Norma Urbana Culta – pertence a um projeto maior, o da Gramática do Português Falado, cujo objetivo é organizar uma gramática referencial da variante culta do português falado no Brasil, por meio do registro de amostras de fala coletadas em cinco capitais brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Porto Alegre. Computamos 444 (quatrocentos e quarenta e quatro) ocorrências de *chegar*, resultado de 1.357 minutos de gravação, assim divididos entre os três tipos de inquérito do *corpus*: 455 minutos de DID (Diálogo entre informante e documentador), 447 minutos de D2 (Diálogo entre dois informantes) e 455 minutos de EF (Elocução formal).

Embora consideremos bastante representativa nossa amostra, em alguns momentos, ao longo desta tese, utilizaremos alguns exemplos de *chegar* coletados de forma não controlada, a que denominamos *CORPUS NÃO SISTEMATIZADO - CNS*, para salientar certos usos que, mesmo não tendo sido registrados em nossos *corpora*, são amplamente identificáveis na fala cotidiana.

4.3.2. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Com o *corpus* selecionado, utilizamos os seguintes procedimentos metodológicos:

- a) Constituição de *corpora* de ocorrência de diferentes usos de *chegar* a partir de bancos de dados de amostras textuais do português arcaico ao contemporâneo;
- b) Caracterização dos diferentes usos de *chegar* por meio da aplicação das categorias de análise discutidas nos capítulos de fundamentação teórica;
- c) Análise de como os diferentes usos de *chegar* se relacionam, identificando acepções (extensões de sentido) mais próximas e menos próximas;

⁹⁰ Hopper e Traugott (1993) utilizam o terno *cline* (active/declive) para se referir a uma espécie de linha imaginária contínua na qual as formas se organizam e em cujas extremidades opostas estariam os itens lexicais e os itens gramaticais.

- d) Interpretação dos processos cognitivos e discursivos que relacionam os diferentes usos de *chegar*, com ênfase nos processos de mudança categorial relacionados ao processo de gramaticalização;
- e) Aplicação dos critérios de auxiliaridade, propostos nesta tese, às ocorrências nas quais figuram *chegar* a seguido de infinitivo;
- f) Identificação dos valores gramaticais e/ou textual-discursivos expressos pelo verbo nos diferentes usos registrados em nossos corpora.

4.3.3. Categorias de Análise

É oportuno lembrar que, conforme apresentamos na introdução, os objetivos desta tese são: flagrar diferentes usos de *chegar*, em diferentes sincronias, do português europeu e brasileiro, de maneira a identificar a forma fonte; investigar como se manifesta o processo de auxiliarização de *chegar*; pesquisar como se caracterizam os diferentes usos de *chegar*, observando mecanismos cognitivos e comunicativos; avaliar critérios de auxiliaridade e investigar funções gramaticais e/ou textual-discursivas de *chegar*.

Nossas hipóteses são de que *chegar* está passando por processo de gramaticalização, e que mecanismos de mudança, como detematização e decategorização, iniciam quando *chegar* é usado em predicado simples, como núcleo da predicação (cf. Introdução).

Utilizamos, na pesquisa sobre a gramaticalização do verbo *chegar*, critérios sintáticos, semânticos e pragmáticos como categorias de análise, para observar o comportamento de *chegar* como predicado simples e para observar o comportamento de *chegar* em construções CHEGAR A + INF, e, assim, comprovarmos nossas hipóteses.

Embora o nosso objeto de estudo não se caracterize como um fenômeno lingüístico variável, na acepção da Teoria da Variação Lingüística, utilizamos como instrumental estatístico o pacote computacional Varbrul, criado por David Sankof.

Seguimos todos os procedimentos exigidos, como a criação de um arquivo de ocorrências (*chegar.oco*), em que constam a codificação dos dados, que são lidos em concordância com um arquivo de especificação dos grupos de fatores (*chegar.esp*) e de um arquivo de condições (*chegar.con*). A partir desses arquivos, o programa Makecell forneceu um arquivo de células (*chegar.cel*). Neste arquivo, encontra-se o número de ocorrências de cada um dos subfatores (significados de *chegar*, traços sêmicos, propriedades léxico-semânticas de A1 etc) em relação

aos séculos pesquisados (século XIII ao XX). A seguir, executamos o subprograma MAKE 3000 com o objetivo de verificar o percentual de frequência dos diferentes usos de *chegar*.

Tal procedimento é apenas um recurso metodológico adotado por permitir manipular um volume grande de dados, com a garantia de que todos eles serão analisados sob a mesma óptica quantitativa.

A seguir, detalharemos cada uma das categorias.

4.3.3.1. Para análise de CHEGAR como predicado simples

Analizamos *chegar* como predicado simples quando, do ponto de vista distribucional, este for o único verbo a figurar na predicação. Utilizamos, para a análise, os seguintes critérios:

A) Significados de *chegar*

Uma das nossas motivações para a realização desse estudo diz respeito aos diferentes usos do verbo *chegar* flagrados no português atual. Quando caracterizado como um predicado simples, *chegar* apresenta diferentes significados, o que nos faz atribuir a esse verbo um caráter polissêmico⁹¹ e nos instiga a investigar tais usos, dos mais concretos aos mais abstratos, pois são estes que tornam *chegar* um candidato à gramaticalização. As diferentes acepções do verbo *chegar* como predicado simples, encontradas a partir de uma análise preliminar, são apresentadas a seguir.

São, então, categorias de análise:

- Vir, ir, atingir um determinado ponto físico;
- Surgir, aparecer, começar, iniciar;
- Atingir, conseguir, alcançar;
- Aproximar;
- Bastar, ser suficiente.

B) Classe sintático-semântica de *chegar*

Para observarmos a classe sintático-semântica do verbo *chegar*, optamos por utilizar a classificação do Dicionário de Usos do Português do Brasil (BORBA, 2002), por esta já ter sido

⁹¹ Sobre polissemia conferir a seção 1.2.2.6 do capítulo 1 desta tese.

aplicada à língua portuguesa. Borba considera os verbos como pertencentes a quatro grupos: Ação, Processo, Ação-Processo e Estado.

Para Borba (2002), os verbos de Ação caracterizam-se por expressar uma atividade associada a um sujeito que origina e controla uma atividade física ou não, ou seja, é um sujeito agente (*o galo canta*). Os verbos de Processo caracterizam-se por expressar um evento ou uma sucessão de eventos; ao contrário dos verbos de Ação, os verbos de Processo apresentam o sujeito paciente ou afetado (*o gato morreu*); experimentador (*Lina sente a morte da avó*) ou beneficiário (*Lúcia herdou da avó um gato siamês*). Já os verbos de Ação-Processo caracterizam-se, segundo Borba (2002), por expressar uma mudança de estado ou condição levada a efeito pelo sujeito agente, causativo e instrumental, atingindo um complemento que é um afetado ou efetuado (*Ana abriu a porta; o medo afugentou o rapaz*). Por fim, os verbos de Estado são aqueles cujo sujeito é apenas suporte de propriedades (*meu vizinho tem fazenda em Goiás*) ou experimentador delas (*João amava Maria*)⁹².

- Estado;
- Ação;
- Processo;
- Ação-processo.

C. Traços sêmicos de *chegar*

O verbo *chegar* é caracterizado como um verbo de movimento com deslocamento espacial. Argumentos Locativos são bastante freqüentes, tanto para indicar origem ou destino: lugar “de onde” e lugar “para onde”.

(159) Ele chegou de Manaus.

(160) Ele chegou a Manaus.

Há casos, entretanto, que o traço direcionalidade encontra-se ausente.

(161) As crianças chegaram!

⁹² Os exemplos aqui apresentados são de Borba (2002, p. VII)

Considerando usos como esses de *chegar*, apresentamos, para efeito de análise, seus principais semas:

Deslocamento	sim	não
Direção	sim	não

D) Tempo e modo verbal

Pretérito	Presente	Futuro
Indicativo	Subjuntivo	Imperativo
Forma nominal		

E) Número e pessoa verbal

1ª do singular	2ª do singular	3ª do singular
1ª do plural	2ª do plural	3ª do plural

As categorias **D** e **E** foram escolhidas pela necessidade de pesquisarmos quais os usos de *chegar* apresentam propriedades verbais plenas, isto é, apresentam variabilidade de modo, tempo e pessoa. Vale ressaltar que estamos considerando, nesta análise, a noção de tempo gramatical, não cronológica. Nosso propósito, com essas categorias, é verificar se está ocorrendo uma neutralização de marcas morfológicas ou se alguma forma está sendo preferida para expressar um determinado uso.

F) Realização do Argumento 1 (A1)

Sim	Não
-----	-----

A realização dos argumentos verbais é um indício de que o verbo apresenta valor lexical, e se localiza à esquerda da escala de gramaticalização. No uso mais concreto do verbo *chegar*, dois argumentos (1 e 2) são, na maioria das vezes, realizados.

G) Propriedades sintáticas de A1

- SN preenchido lexicalmente
- SN não preenchido lexicalmente

H) Propriedades léxico-semânticas de A1

Para análise das propriedades semânticas do A1 presente nas ocorrências com o verbo *chegar*, consideramos o nome uma entidade que pode apresentar traços ou concretos ou abstratos. Seguindo uma hierarquia de traços já amplamente conhecida, Givón (2001, p.56) explica que se, uma entidade for fêmea, por exemplo, também será humana; se for humana, também será animada; se for animada, também será concreta⁹³. A diferença básica, para o autor, entre entidades concretas e abstratas reside nos traços *Temporalidade* e *Espacialidade*. Esses traços estão presentes em entidades concretas, como *faca*, *árvore*, *casa*, *mulher*, que existem tanto no tempo quanto no espaço. Ao contrário, entidades como *liberdade*, *bondade*, não são possuidores desses traços, pois não existem nem no tempo nem no espaço. Givón chama, ainda, a atenção para as entidades que, embora existam no tempo, como *dia*, *aniversário*, *sábado*, não existem no espaço, sendo classificadas, portanto, como abstratas.

Dessa forma, temos os dois grandes traços semânticos a serem usados em nossa análise: [Concreto] e [Abstrato]. Esses dois traços subdividem-se de acordo com a natureza de cada um. Ainda citando Givón, ressaltamos que entidades que exibem o traço [Concreto] podem exibir os traços [Animado], é o caso de *mulher*, *cachorro*; ou [Não-animado], como *árvore*, *pedra*. Se a entidade exibir o traço [Animado], podemos, ainda, conferir-lhe os valores [Humano] ou [Não-humano]. Por outro lado, as entidades que apresentam o traço [Não-animado], podem exibir o traço [+Contável], como *pedra* e *árvore*; ou o traço [Não-Contável], como é o caso de *água* e *ar*, por exemplo⁹⁴.

Definimos, assim, as seguintes propriedades lexicais de A1:

Concreto	Abstrato
Contável	Não-Contável
Animado	Não-animado
Humano	Não-humano

Julgamos relevante a investigação das funções semânticas ou papéis temáticos (casos) de A1, pois consideramos que, em uso mais concreto, o A1 de *chegar* apresenta o traço [+agentivo].

⁹³ “(...) if an entity is a female, it must also be human; if human, it must also be animate, it must also be spatial (concrete); etc. But not necessarily vice versa.” (Givón, 2001, p.56)

⁹⁴ Convém dizer que, em conformidade com Heine *et alii* (1991), consideramos a distinção desses traços como escalar, gradual. Dessa forma, apesar de reconhecermos a redundância (uma vez que o traço humano implica animado, por exemplo), julgamos ser, essa especificação, relevante para flagrar os caminhos de abstratização que se estende no percurso dessas subcategorias.

Como nosso interesse é flagrar os caminhos de abstratização de nosso objeto, é interessante observar a conservação desse traço. Para tanto, baseamo-nos na tipologia de casos de Fillmore (1971), e definimos as funções:

- Agentivo: para o argumento com os traços [+concreto], [+contável], [+animado], [+humano] normalmente o instigador do processo verbal.
- Objetivo: para o argumento não-animado da ação, representado por um nome de objeto atingido pelo processo verbal.

I) Realização do Argumento 2

Sim	Não
-----	-----

J) Propriedades sintáticas de A2

A + substantivo	a + pronome
De + substantivo	de + pronome
Em + substantivo	em + pronome

K) Propriedades léxico-semânticas de A2

Concreto	Abstrato
Contável	Não-Contável
Animado	Não-animado
Humano	Não-humano

Como funções semânticas foram definidas as seguintes:

Direção	Origem	Outros
---------	--------	--------

L) Tipos de gêneros

GON; GOR; GOE; GOA; GOP

O *corpus* que nos serve de base (COMTELPO) para a análise da modalidade escrita do português dá-nos um material muito rico devido à amostragem bastante diversificada de gêneros. Resolvemos, então, considerar os tipos de gêneros como categoria de análise, por entendermos, como Bronckard (1999, p. 137), que o gênero de texto é fator determinante de revelações de atividades de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais.

M) Século:

Século XIII; Século XIV; Século XV; Século XVI; Século XVII; Século XVIII; Século XIX; Século XX.

Como nossa investigação é de natureza pancrônica, e um dos nossos objetivos, nesta tese, é rastrear os diversos usos de *chegar* no português arcaico, moderno e contemporâneo e identificar o provável século de entrada dos usos de *chegar* encontrados no *corpus*, para, então, alocá-los em um *cline*, além de verificar quando a gramaticalização e/ou os seus estágios tiveram início, a categoria de análise **Século** será importante para esse propósito.

N) Variedade do português

Português Europeu;

Português Brasileiro.

Esta tese objetiva investigar os usos do verbo *chegar* no português europeu e no brasileiro. Essa categoria, além de nos possibilitar uma visão mais ampla do nosso objeto de estudo, vai nos revelar se os diferentes usos de *chegar* ocorrem, indistintamente, tanto no português europeu quanto no brasileiro, ou se há algum uso que seja mais característico de uma ou de outra variedade. Essa categoria foi utilizada com os dados do português dos Séculos XIX e XX.

As categorias descritas foram aplicadas às ocorrências obtidas a partir de um recorte do COMTELPO. Para a análise da modalidade falada⁹⁵, excluímos as categorias **Tipos de gêneros**, **Século** e **Variedade do português**, e acrescentamos a categoria **(O) Tipos de Inquérito**, assim descrita:

- *Diálogo entre informante e documentador (DID)*: Trata-se de entrevistas de dois tipos básicos – entrevista narrativa e entrevista instrucional. A entrevista narrativa é de caráter intimista em que informante relata, em primeira pessoa, alguma experiência vivenciada; a entrevista instrucional são depoimentos impessoais sobre alguma atividade. Os DID apresentam marcas de formalidade, dada a mediação do documentador e do relacionamento assimétrico dos participantes; e de informalidade, com longos turnos do informante, em que encontramos pausas, anacolutos, marcadores conversacionais e outros caracterizadores da linguagem coloquial.

⁹⁵ A análise do *corpus* oral registrou os mesmos resultados observados no *corpus* escrito, por isso só faremos referência aos dados da língua oral, para exemplificarmos alguns testes de auxiliaridade.

- *Diálogo entre dois informantes (D2)*: Trata-se de diálogos informais entre falantes com graus diferentes de intimidade, com variações de assunto. Em virtude de não haver interferência do documentador, esse inquérito ganha em naturalidade, por isso podemos observar uma fala natural, com a presença de grande número de marcadores, anacolutos e expressões próprias do registro coloquial.

- *Elocução Formal (EF)*: Trata-se de amostras da linguagem de aulas e conferências realizadas por informantes cultos numa situação de comunicação marcadamente didática. Nesse tipo de inquérito, temos uma elaboração mais cuidadosa da linguagem, e pouca variação do assunto, em virtude da atitude formal na qual o inquérito é produzido.

Em virtude do número de categorias selecionadas para análise, e para melhor refinamento, foi necessário separar critérios semânticos e critérios sintáticos. Assim, para efeito de utilização do Pacote Varbrul, realizamos, inicialmente, seis “rodadas”:

1ª) *Corpus* escrito (Séculos XIII a XX)

a) Análise semântica: categorias **A, B, C, F, H, I, K, L, M**;

b) Análise sintática: categorias **A, D, E, G, J, L, M**.

2ª) *Corpus* escrito – PE x PB (Séculos XIX e XX)

a) Análise semântica: categorias **A, B, C, F, H, I, K, L, M, N**;

b) Análise sintática: categorias, **A, D, E, G, J, L, M, N**.

3ª) *Corpus* oral (Século XX)

a) Análise semântica: categorias **A, B, C, F, H, I, K, O**;

b) Análise sintática: categorias **A, D, E, G, J, O**.

4.3.3.2. Para análise de CHEGAR A + INF

Como dissemos, distinguimos as ocorrências de *chegar* em predicado simples das ocorrências de *chegar* seguido de preposição *a* e verbo no infinitivo. Utilizamos, para a análise de *chegar a + INF*, os seguintes critérios:

A) Funções textual-discursivas de *chegar a + INF*

Por meio de uma análise preliminar, distinguimos cinco funções⁹⁶ de *chegar* em contextos em que esse verbo aparece seguido de preposição *a* mais verbo no infinitivo:

Marcador Temporal

Marcador de Limite

Marcador de Contra-expectativa restritiva

Marcador de Contra-expectativa ampliativa

Marcador de Consequência

B) Classe semântica do verbo no infinitivo

Uma das características de um verbo auxiliar⁹⁷ é a não seleção de itens com os quais se combina. O auxiliar já não seleciona o sujeito e também não tem capacidade seletiva em relação ao verbo que ocorre sob forma não finita, podendo combinar-se, irrestritamente, com qualquer tipo de verbo. Para testarmos se *chegar* não seleciona tipo de verbo para combinar-se, optamos por utilizar a classificação de verbos utilizados no Dicionário de usos do português do Brasil (Borba, 2002):

Estado; ação; processo; ação-processo.

Interessa-nos saber se *chegar* seleciona algum tipo de verbo em especial ou se, indistintamente, ocorre com todos os tipos. Quanto mais tipos de verbo *chegar* seleciona, mais gramaticalizado o item se encontra (mais combinação, menos restrição).

C) Traços sêmicos de *chegar*

Nosso interesse, ao analisar essa categoria, é observar se, na construção *chegar a + INF*, *chegar* apresenta os mesmos traços sêmicos que apresenta como predicado simples, de forma a podermos avaliar diferenças no comportamento desse item.

Deslocamento	sim	não
--------------	-----	-----

Direção	sim	não
---------	-----	-----

D) Tempo⁹⁸ e modo verbal

Pretérito	Presente	Futuro
-----------	----------	--------

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo
------------	------------	------------

Forma nominal

⁹⁶ Essas funções serão descritas no capítulo seguinte.

⁹⁷ Cf. Capítulo 2 desta tese.

⁹⁸ Lembramos que estamos considerando o tempo gramatical, não o tempo cronológico.

E) Número e pessoa verbal

1ª do singular	2ª do singular	3ª do singular
1ª do plural	2ª do plural	3ª do plural

Por meio da análise das categorias **D** e **E**, será possível observarmos se, na construção *chegar a + INF*, a variabilidade verbal é conservada, ou se essa construção restringe alguma propriedade verbal.

F) Realização do Argumento 1

Sim	Não
-----	-----

G) Propriedades sintáticas de A1

- SN preenchido lexicalmente
- SN não preenchido lexicalmente

H) Propriedades léxico-semânticas de A1

Definimos, assim, as seguintes propriedades lexicais de A1, com as mesmas considerações feitas para o uso de *chegar* simples:

Concreto	Abstrato
Contável	Não-Contável
Animado	Não-animado
Humano	Não-humano

E como funções semânticas ou papéis temáticos (casos) foram definidos as seguintes:

Agentivo	Objetivo
----------	----------

I) Realização do Argumento 2

Sim	Não
-----	-----

J) Propriedades sintáticas de A2

A + substantivo	a + pronome
De + substantivo	de + pronome
Em + substantivo	em + pronome

K) Propriedades léxico-semânticas de A2

Concreto	Abstrato
Contável	Não-Contável
Animado	Não-amimado
Humano	Não-humano

Como funções semânticas definimos as seguintes:

Direção	Origem	Outra
---------	--------	-------

L) Tipos de gêneros

GON; GOR; GOE; GOA; GOP.

M) Século:

Século XIII; Século XIV; Século XV; Século XVI; Século XVII; Século XVIII;
Século XIX; Século XX.

N) Variedade do português

Português Europeu; Português Brasileiro.

Novamente informamos que, para a análise da modalidade falada, excluimos as categorias **Tipos de gêneros**, **Século** e **Variedades do português**, e acrescentamos a categoria **(O) Tipos de Inquérito**, assim descrita:

- Diálogo entre informante e documentador (DID)
- Diálogo entre dois informantes (D2)
- Elocução Formal (EF)

A exemplo do que fizemos na análise de *chegar* em predicado simples, com o objetivo de tornar viável a utilização do Varbrul, foram realizadas seis “rodadas”:

1ª) *Corpus* Escrito (Séculos XIII a XX)

- a) Análise semântica de *chegar a + INF*: categorias **A, B, C, F, H, I, K, L, M**;
- b) Análise sintática de *chegar a + INF*: categorias **A, D, E, G, J, L, M**;

2ª) *Corpus* escrito – PE x PB (Séculos XIX e XX)

- c) Análise semântica: categorias **A, B, C, F, H, I, K, L, M, N**;
- d) Análise sintática: categorias, **A, D, E, G, J, L, M, N**.

3ª) *Corpus Oral* (Século XX)

a) Análise semântica de *chegar a + INF*: categorias **A, B, C, F, H, I, K, O**;

b) Análise sintática de *chegar a + INF*: categorias **A, D, E, G, J, O**.

Além disso, ainda realizamos uma quinta “rodada”, para aplicar os testes de auxiliaridade, com base nos critérios de identificação de verbos auxiliares descritos no capítulo 3. Assim, utilizamos as categorias **Funções textual-discursivas de *chegar*, Tipos de gêneros, Século e Variedades do português** ou **Funções textual-discursivas de *chegar* e Tipo de inquérito**, descritas nesta seção e acrescentamos, ainda:

B) Existência de material entre *chegar* e verbo no infinitivo

Sim Não

C) Tipo de material entre *chegar* e verbo no infinitivo

Preposição Advérbio Trecho Pronome

D) Ocorrência da negação só do infinitivo

Sim Não

E) Possibilidade de ocorrência de completiva oracional finita

Sim Não

F) Correferencialidade de sujeito

Sim Não

G) Possibilidade de substituição do infinitivo por pronome “isso”, “tanto”.

Sim Não

H) Recursividade

Sim Não

Os resultados da análise serão explicitados no capítulo a seguir, no qual também discutimos nossas hipóteses.

5. USOS DE *CHEGAR* AO LONGO DOS SÉCULOS XIII A XX

Nos capítulos anteriores, discutimos o modelo funcionalista de gramática, o processo de gramaticalização e de auxiliaridade, apresentamos o objeto de estudo e os *corpora* que nos serviram de apoio para a análise. Constituem foco deste capítulo a análise e a discussão dos resultados extraídos após a leitura de todos os textos dos *corpora* e a constituição de um *corpus* com 795 (setecentos e noventa e cinco) ocorrências de construções com o verbo *chegar*.

Com o propósito de testarmos as nossas hipóteses, apresentaremos, inicialmente, a frequência de uso de *chegar* ao longo dos séculos pesquisados e os tipos de usos desse item encontrados nos *corpora*. Depois analisaremos os resultados com o objetivo de verificar em que medida podemos dizer que o verbo *chegar* está funcionando como um verbo auxiliar, encontrando-se, assim, no processo de mudança lingüística denominado de *gramaticalização*.

5.1. A FREQUÊNCIA DOS DIFERENTES USOS DE *CHEGAR*

Para investigarmos o processo de gramaticalização pelo qual, segundo nossa hipótese, o verbo *chegar* está passando, fizemos uma incursão histórica em diferentes textos desde o século XIII até o século XX, observando, assim, os diferentes usos de *chegar* ao longo desses séculos, por compreendermos, assim como Hopper e Traugott (1993), que a gramaticalização é, ao mesmo tempo, um contínuo sincrônico e um processo diacrônico.

Conforme já especificamos no capítulo anterior, utilizamos o *Corpus Mínimo de Textos Escritos da Língua Portuguesa – COMTELPO*, para investigarmos os usos de *chegar*. Como resultado, registramos 795 (setecentos e noventa e cinco) ocorrências nas quais o verbo *chegar* figura. Em 678 dessas ocorrências, *chegar* aparece em predicado simples, núcleo, portanto, da predicação, com todas as características de verbo pleno. Em 117 ocorrências, *chegar* aparece seguido da preposição *a* e de verbo no infinitivo, com características de verbo auxiliar. Esse uso, como veremos adiante, foi registrado com mais frequência nos séculos XIX e XX.

De acordo com Bybee e Hopper (2001), a frequência de uso de um item deve ser investigada nos estudos sobre gramaticalização. Isso porque os itens gramaticais tendem a apresentar uma frequência bem mais alta que os itens lexicais. A frequência seria, segundo Bybee (2003), uma contribuição primária para a identificação do processo, já que a repetição freqüente de um item exerceria um papel crucial na mudança.

Sobre a importância da frequência no processo de gramaticalização, Bybee (2003) aponta que:

- a) a alta frequência de uso favorece o enfraquecimento de forças semânticas pela habitualidade – processo segundo o qual um organismo deixa de responder eficientemente a um estímulo repetido;
- b) a alta frequência de construções gramaticalizadas e seu uso em segmentos de enunciados que contêm informação velha condicionam mudanças fonológicas de redução e de fusão de tais construções;
- c) o aumento de frequência favorece a autonomia de uma construção, pois seus componentes individuais são enfraquecidos ou se perde sua associação com outras ocorrências do mesmo item;
- d) a perda de transparência semântica que caracteriza a construção em gramaticalização e a diferencia da construção lexical permite o uso da forma em novos contextos com novas associações pragmáticas, acarretando mudança semântica;
- e) a autonomia da forma de uso frequente torna-a mais enraizada na língua e condiciona a preservação de algumas de suas características morfossintáticas obsoletas.

Considerando a importância da frequência para o processo de gramaticalização, pesquisamos como se distribui o uso do verbo *chegar*, primeiramente como predicado simples, do século XIII ao século XX. O resultado pode ser observado na tabela 02, a seguir.

Tabela 02: Uso de *chegar* simples ao longo dos séculos

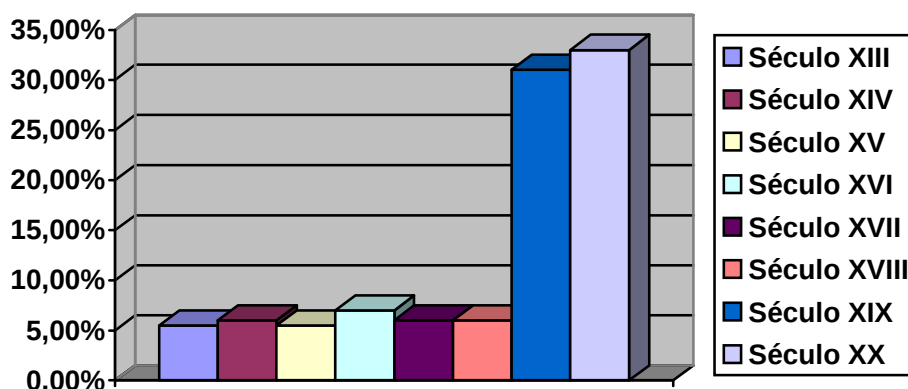
Séculos	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	Total
Nº de ocorrências	37	40	38	46	42	42	208	225	678
%	5,50%	5,90	5,60%	7%	6%	6%	31%	33%	100%

A leitura da tabela 02 nos mostra um equilíbrio na frequência de usos de *chegar* simples ao longo do século XIII a XVIII, em que eles variam, em números percentuais, de 5% a 7% do total, não ultrapassando 10%. Notamos um salto quantitativo nos usos de *chegar* durante os séculos XIX e XX. Foram registradas 208 ocorrências no século XIX, o que corresponde a 31%;

e, no século XX, verificamos um relativo aumento no uso, pois foram registradas 225 ocorrências, correspondendo a 33% do total.

Os resultados, que também podem ser visualizados no gráfico 01, apresentado a seguir, revelam a frequência de uso da forma investigada.

Gráfico 01: Frequência de uso de *chegar* ao longo dos séculos



O gráfico 01 nos chama a atenção para os usos de *chegar* nos séculos XIX e XX. Há um aumento significativo de frequência de *chegar* nesses séculos, donde concluímos, lembrando Bybee (2003), que a frequência de uso aumenta como tendência à gramaticalização. Isso significa que, mesmo em seu uso simples, *chegar* se apresenta como um candidato a esse processo de mudança. A repetição de uso favorece o desgaste semântico, o item se rotiniza, torna-se uma espécie de “curinga” e a forma acaba assumindo novas funções.

Em relação aos usos de *chegar* seguido de preposição *a* e verbo no infinitivo (doravante *chegar a + INF*), também notamos um aumento gradual da frequência ao longo dos séculos. A primeira ocorrência desse uso foi registrada no século XV, em *O livro de Vita Christi em linguagem português* – edição fac-símile e crítica do incunábulo de 1495, p.13.

(162) Avise-se pero sagesmente o fiel pecador que nunca, em qualquer stado que seja, haja fiúza em seus merecimentos; mas, assi como prove mendigo e desvestido de todo, **chegue-se a demandar** sempre a esmola de Deus minguido. Êsto fará nom com fingida humildade, escondendo seus merecimentos; mas sabendo mui certamente que nom será justo ante Deus todo vivente, e soamente dos pensamentos nossos nom poderíamos dar razom nem conto, se el quisesse entrar cõnosco em júizo.”

A presença do pronome *se* parece favorecer a interpretação de que *chegar* está sendo usado como sinônimo de *aproximar-se*, ou seja, como verbo lexical, seguido da construção *a demandar*, que poderia ser interpretada como correspondente ao gerúndio *demandando*. Indicamos a existência de uma ambigüidade na ocorrência dessa construção, em virtude da possibilidade de interpretarmos o uso de *chegar(-se) a demandar a esmola de Deus minguido*, como um limite extremo da humildade recomendada até mesmo a quem está confiante de seu merecimento. A ocorrência de ambigüidade entre uma interpretação concreta e uma mais abstrata relativa às construções em vias de gramaticalização tem sido apontada na literatura sobre o tema (BYBEE, 2005).

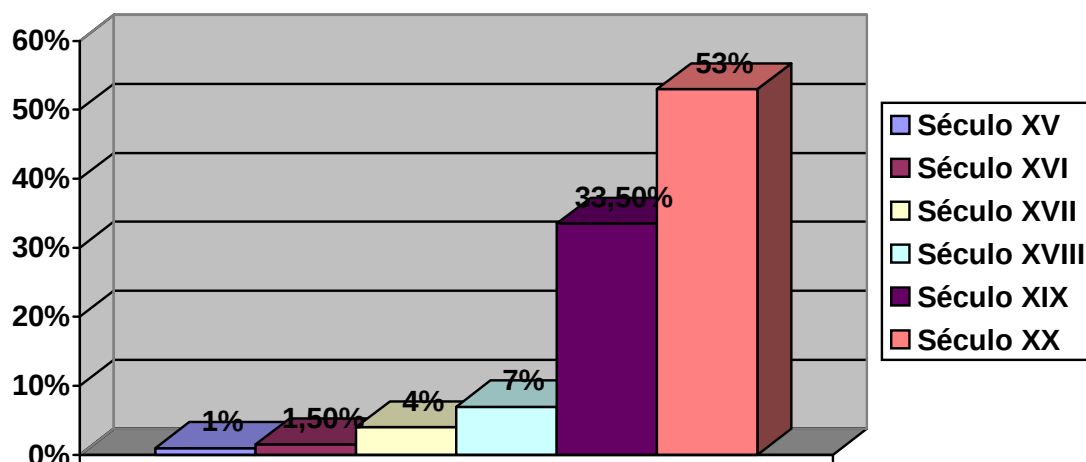
A construção *chegar a + INF* torna-se mais freqüente, a exemplo do que ocorre com o *chegar* simples, nos séculos XIX e XX. Nos textos desses séculos, flagramos, ainda, o aumento na diversificação de tipos de contextos em que essa construção é empregada, como demonstra a tabela 03, apresentada a seguir.

Tabela 03: Frequência dos usos de *chegar a + INF* ao longo dos séculos

Séculos	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	Total
Nº de ocorrências	0	0	1	2	5	8	40	61	117
%	-	-	1%	2%	4%	7%	34%	52%	100%

A tabela 03 permite-nos dizer que, do século XV ao século XVIII, a ocorrência de *chegar a + INF* varia de 1% e 7% do total. O aumento de freqüência é gradativo ao longo dos séculos pesquisados, mas, somente no século XIX, esse aumento torna-se significativo; são 40 ocorrências que representam 34% do total. No século XX, registramos mais um salto quantitativo, *chegar a + INF* aparece em 61 ocorrências, correspondendo a 52%. No Gráfico 02, verificamos, com mais clareza, esses resultados da análise dos usos de *chegar a + INF*.

Gráfico 02: Frequência de usos de *chegar a + INF* ao longo dos séculos



Conforme podemos inferir do gráfico 02, a frequência de uso da construção *chegar a + INF* é consideravelmente maior a partir do século XIX, resultado parecido com o do gráfico 01, que apresenta a frequência de uso de *chegar* simples. Esse resultado revela que, a partir do século XIX, a frequência de uso de *chegar* aumenta e se diversifica. Além de *chegar* simples ser muito recorrente, a construção *chegar a + INF* também se mostra muito produtiva, o que corrobora com o argumento dos estudos sobre gramaticalização de que um item muito repetido, muito rotinizado, assume novas funções, particularmente na codificação de conceitos gramaticais.

Vimos, nesta seção, como foi distribuída a frequência dos usos de *chegar* do século XIII ao século XX. Na seção seguinte, apresentaremos os diferentes usos de *chegar*, mostrando as diversas acepções de *chegar* simples e as funções de *chegar* na construção *chegar a + INF*.

5.2. OS DIFERENTES USOS DE *CHEGAR* AO LONGO DOS SÉCULOS XIII A XX

5.2.1. OS USOS DE *CHEGAR* EM PREDICADO SIMPLES

Considerando que um dos objetivos dessa tese é identificar os diferentes usos do verbo *chegar* em registros de português arcaico, moderno e contemporâneo, do Brasil e de Portugal, pesquisamos, para verificação histórica de nossas hipóteses, diferentes sincronias, do século XIII ao século XX, tendo por base os documentos escritos, de diferentes gêneros, presentes no *Corpus Mínimo de Textos Escritos da Língua Portuguesa – COMTELPO*. Encontramos 05 (cinco)

acepções do verbo *chegar* em predicado simples, cuja frequência pode ser observada na tabela 04, a seguir.

Tabela 04: Usos de *chegar* simples por século – Acepções de *chegar*

Séculos Paráfrase	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
Vir/ir	26 70%	30 75%	27 71%	25 54%	27 64%	21 50%	102 49%	138 61%	396 59%
Surgir	3 8%	5 12,5%	1 3%	5 11%	2 5%	10 24%	31 15%	33 15%	90 13%
Alcançar	1 3%	1 2,5%	3 8%	5 11%	6 14%	3 7%	48 23%	39 17%	106 16%
Aproximar	7 19%	4 10%	7 18%	11 24%	7 17%	7 17%	17 8%	4 2%	64 9%
Bastar	0	0	0	0	0	1 2%	10 5%	11 5%	22 3%
TOTAL	37 100%	40 100%	38 100%	46 100%	42 100%	42 100%	208 100%	225 100%	678 100%

A leitura dos diferentes textos, selecionados para nossa análise, permitiu-nos identificar 5 (cinco) acepções de do verbo *chegar* em predicado simples, informadas na tabela 04:

(a) *vir* (ir/ atingir um lugar);

(163) O Novo Embaixador do Brasil – **chegou** ontem a Lisboa um diplomata que é também um festejado poeta. (AJ)

(b) *surgir* (aparecer, começar);

(164) Mas como sempre faço, quando tenho a idéia dum poema, tomo nota em caderno (aliás não sei se lhe contei, foi uma nota dessa, tomada em 1936, descoberta agora que provocou a nascença da Lira Paulistana) tomo nota e fico esperando que a coisa venha. Posso até “forçar” que o poema **chegue**, pelos processos psicológicos e físicos existentes pra isso, mas sou incapaz de sentar e escrever coisa nenhuma (em poesia) sem já estar fatalizado pra isso. (BE)

(c) *alcançar* (atingir um ponto alvo, conseguir);

(165) _ o grande vulto Olympio da Pátria Brasileira, o genial artista, honra e orgulho de toda uma Nacionalidade, e de um continente inteiro, o sempre *sonhador*, o *simples*, o *ingênuo*, o bom Carlos Gomes – que, apesar de toda a opulência do seu talento, teve, para **chegar** ao alto do Capitólio, de atravessar, primeiramente, sombrios tunneis, abertos dentro de Golgothas. (BI)

(d) *aproximar* (ir ou induzir para perto de algo ou alguém);

(165) Os amigos de Piteira chegaram-se à porta de entrada do imponente prédio, para ler o comunicado que ali se encontrava. (AI)

(e) *bastar* (ser suficiente).

(167) Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação da alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me **chegue**. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. (CO)

Os dados da tabela 04 revelam que o uso mais freqüente é o da acepção *vir*, com 396 ocorrências das 678 encontradas nos *corpora*, correspondente a 59% do total, seguido da acepção *alcançar* com 106 ocorrências, ou seja, 16%. A menor freqüência é a da acepção *bastar*, que, em relação às outras, entra tardiamente no uso da língua, com apenas 22 ocorrências, o que representa apenas 3%.

Por meio de uma pesquisa diacrônica, na qual registramos os usos do verbo *chegar* desde o português arcaico até o português moderno, notamos que as acepções *vir*, *aparecer*, *aproximar* e *alcançar* coexistem já na sincronia referente ao século XIII, embora seja comum a noção de que mudanças semânticas se processam no eixo do tempo. A coexistência dessas acepções não nos permite, por meio da identificação de entrada em uso na língua portuguesa, precisar qual a acepção inicial, visto que em um mesmo documento, já se registram mais de uma acepção de *chegar*.

Vale ressaltar, todavia, que o fato de uma acepção ter freqüência superior em todos os séculos e, no total, ser superior a 50%, parece indicar uma resistência à mudança. Dessa forma, a acepção *vir*, cujo uso, no total, chega a 59%, conforme registrado na tabela 04, parece ser a original relativamente aos usos contemporâneos. A freqüência indicia, portanto, que o uso de *chegar* com a acepção *vir* é o uso prototípico, pois, assim como Bybee (2005), entendemos que a freqüência tem um papel crucial para a identificação do protótipo. Lembramos que, conforme discutido no capítulo 1, protótipo é o membro central de uma categoria, definido em termos de membros mais centrais e mais periféricos, e não como uma série de condições necessárias e suficientes⁹⁹.

⁹⁹ *Exemplar clusters are categories that exhibit prototype effects. They are organized in terms of members that are more or less central to the category, rather than in terms of categorical features* (Bybee, 2005, p. 717)

Atendendo ao nosso objetivo de identificar a forma fonte, consideramos, além da frequência, os traços sêmicos do verbo *chegar*. Pudemos confirmar que o uso mais concreto desse verbo, como predicado simples, é o que apresenta a acepção (a): *vir*. É a partir dessa acepção, portanto, que vamos considerar a expansão semântica do verbo *chegar*.

Consideramos, confirmando uma de nossas hipóteses, que o uso de *chegar* com acepção *vir* é o protótipo, visto ser essa acepção, como vimos, a mais freqüente e a mais identificada pelo falante. É interessante observar que ao mesmo tempo em que a alta freqüência da acepção *vir* sinaliza para uma resistência à mudança (Princípio da Persistência), é essa acepção, como protótipo, que estende propriedades centrais aos demais usos e acepções.

As ocorrências analisadas em nossos *corpora* mostram o uso polissêmico do verbo em causa¹⁰⁰, e mostram, ainda, que o contexto e a abstratização dos argumentos que acompanham o verbo contribuem para o processo de extensão do significado de *chegar*. Interessante observar que o uso de novas acepções contextuais parece não implicar abandono de outras, de forma que as acepções encontradas ainda no século XIII coexistem, convivem com outras acepções registradas em séculos posteriores e mantêm-se em uso até os dias atuais¹⁰¹.

O fato de as diferentes acepções de *chegar* coexistirem nos lembra o *princípio da divergência*, proposto por Hopper (1991), pois notamos a existência de formas de *chegar* funcionalmente divergentes. É a partir da acepção *vir*, considerada prototípica, que se desenvolvem outros significados.

A polissemia encontrada no século XIII e conservada nos séculos seguintes pode ter impulsionado a mudança sintática, responsável pela decategorização do verbo e pelos valores que *chegar* assume na construção *chegar a + INF*, como veremos adiante.

A acepção (e) *bastar* foi registrada, de acordo com os dados do COMTELPO, pela primeira vez no século XVIII, coexistindo com as demais acepções até o português contemporâneo.

Se compararmos os usos do verbo *chegar*, tomando por base suas diferenças semânticas, perceberemos a persistência de traços entre essas diferentes acepções. Tomemos

¹⁰⁰ Sobre polissemia conferir a seção 2.6 do capítulo 2 desta tese.

¹⁰¹ Conferir tabela 04 em que expusemos os tipos de *chegar* registrados ao longo dos séculos. Nessa tabela, observamos que todos os tipos de *chegar* encontrados no século XIII são mantidos em uso na língua portuguesa atual.

como exemplo as acepções (a), ilustrada pela ocorrência (168), e (d), ilustrada na ocorrência (169).

(168) A atriz Vera Fischer, 44, chegou ao Rio na noite de sábado para passar o réveillon em casa, com os filhos Rafaela e Gabriel e alguns amigos. Vera ficou 12 dias fazendo tratamento de desintoxicação em Buenos Aires. (acepção (a) *vir*) (RV - CNS)

(169) Ela sempre foi atriz de teatro, mas, por muito tempo, viveu à sombra do ex-marido, o ator Paulo Betti. Só depois dos 40 anos, Eliane Giardini chegou ao sucesso na tevê. (acepção (d) *alcançar*) (RIS – CNS)

Esses usos, além de similaridades em termos estruturais – em ambos encontramos a estrutura argumental [SN *chegar* SP] – podemos identificar semelhanças em termos de interpretação semântica, o que nos leva a crer que as extensões semânticas de *chegar* não são arbitrárias.

Em (168), fica, claramente, expresso que *chegar* é um verbo de movimento. O segundo argumento, *o Rio*, é o Locativo. Em (169), com o significado de *alcançar/atingir*, o verbo *chegar* conserva o traço [+Movimento], mas não se observa o deslocamento do sujeito a um lugar físico. O segundo argumento, em (169), é uma entidade abstrata – *o sucesso*, que podemos chamar de *Locativo Abstrato ou Locativo Virtual*. Na ocorrência (169), a noção semântica de movimento de *chegar* é mantida por meio de, nas palavras de Castilho e Ilari (*apud* Rodrigues, 2006), uma “dêixis abstratizada”, pois haveria um movimento fictício para um lugar abstrato.

Outro uso que merece destaque é o que aparece em (170), em que *chegar* apresenta o significado de *alcançar, atingir*.

(170) Quando ela [a filha do rei Hipomenes] **chegou** aa idade de XX anos foi tam entendida e tam sabedor, que todos se maravilhavam por sa sabedoria e nom lhi saberiam preguntar rem de clerezia a que ela nom respondesse compridamente. (GN)

Seu primeiro argumento conserva o traço [+Humano], representado pelo pronome *ela*; mas o segundo argumento apresenta o traço [- Animado], representado pelo sintagma preposicionado (SP) *aa idade de XX anos*, indicando os domínios tempo e qualidade. Tempo, porque há, nitidamente, uma referência temporal no uso da expressão “XX anos”; qualidade, porque, considerando o contexto sócio-cultural, entendemos que esse tempo qualifica o referente

da predicação. Pela escala de abstratização crescente, proposta por Heine (1991)¹⁰², o tempo é mais abstrato que o espaço, sendo qualidade o ponto mais abstrato dessa escala. Dessa forma, consideramos esse um dos usos abstratos de *chegar*, pois o segundo argumento que em um uso mais concreto, exibe o traço [+Locativo] indicando espaço, perde esse traço, para indicar tempo e qualidade. Esse uso mostra a extensão metafórica de *chegar*. Tal processo nos lembra o princípio da exploração de velhos meios para novas funções, citado por Werner e Kaplan (1963). Por meio desse princípio, conceitos mais concretos são usados para descrever processos mais abstratos, o que caracterizaria a gramaticalização como um processo de base metafórica.

Ressaltamos que não estamos considerando esse uso como gramaticalizado, apenas estamos mostrando que, mesmo em contextos em que *chegar* tem função lexical, ocorre perda de restrições de seleção, em que *chegar* pode combinar-se com argumentos que exibem diferentes traços subcategoriais.

É possível encontrar, portanto, um compartilhamento de traços semânticos entre um uso e outro, e apontar que a acepção (a) originou, semanticamente, a acepção (d). As acepções (b), *surgir/aparecer/começar* e (c) *aproximar(-se)* também mantêm a noção de movimento. Já a acepção (e) *bastar/ser suficiente* é a que mais se distancia semanticamente, pois não conserva essa noção. Esse distanciamento semântico parece nos dizer que *chegar*, ganhando acepções diferentes de seu sentido original (X *chegar* a/de lugar X), prepara-se para outras mudanças, não só no nível semântico, mas também no nível sintático e, assim, candidata-se a desempenhar outras funções no discurso, de acordo com os propósitos comunicativos do falante.

5. 2.1.1. Ampliação funcional de *chegar* simples

Uma das hipóteses que defendemos nesta tese é a de que, devido a necessidades comunicativas e cognitivas do falante, o verbo *chegar* está assumindo novas funções no discurso. Embora o foco desta pesquisa seja a auxiliarização de *chegar*, ou seja, a gramaticalização desse item na construção *chegar a + INF*, discutimos, nessa seção, alguns usos que atestam que *chegar* está funcionando, na língua, como um item “curinga”, assumindo novas acepções por extensão de sentido. Dessa forma, o verbo *chegar*, em predicado simples, com sua polissemia, é utilizado pelo

¹⁰² Ver Capítulo 1, seção 2.2.4.

falante para expressar certos propósitos, exercendo algumas funções no texto¹⁰³, como as que apresentamos a seguir:

a) ***Marcador de limite numérico (escala)***

Notamos, em nossa pesquisa, que o verbo *chegar* é bastante utilizado para expressar a noção semântica de limite numérico, como observamos nas ocorrências (171) e (172).

(171) Aliás, esse hábito de responder prontamente, de ir às delegacias de madrugada, de dar incerta nos hospitais deve estar ajudando a aumentar o seu crédito de confiança. Em todas as pesquisas, é surpreendente o seu índice de aprovação. Em uma delas, **chegou** a 78% de bom para ótimo, com uma rejeição absoluta de apenas 4%. (CM)

(172) Com o resultado, o Sporting **chega** a 10 pontos, em quarto lugar. (AI)

Parece que, na indicação de quantidade máxima, o uso de *chegar* indica o limite numérico mais alto. Nesses casos, *chegar* significa atingir, *alcançar*.

b) ***Marcador de coesão temporal***

Travaglia (2003a), ao estudar a gramaticalização de alguns verbos, explicita que verbos podem gramaticalizar-se para expressar noções semânticas gerais e abstratas. O autor já apresenta o verbo *chegar* como um marcador temporal, com o seguinte exemplo:

(173) “Bom, **chegô** um dia que faltô tinta...”. (p. 105)

Em nossos *corpora*, encontramos diversas ocorrências que exemplificam esse uso, registrado, pela primeira vez, nos dados do século XVII.

(174) E assim **chegou o tempo**, em que o mais acertado é pendurar as armas, não como armas vencedoras, mas sim como despojos infelizes de ua já cansada guerra [...] (FE)

Observamos que esse uso se conserva nos dados dos séculos XIX e XX, conforme ocorrências (175) e (176), respectivamente.

(175) **Chegou** afinal esse dia. Bom Crioulo estava nomeado para embarcar num velho transporte que seguia para o sul. (EC)

¹⁰³ Cumpre lembrar que não quantificamos os usos de *chegar* com cada uma dessas funções.

(176) Na sequência das acções desencadeadas na madrugada de hoje, com o objectivo de derrubar o regime que há longo tempo oprime o País, as Forças Armadas informam que de Norte a Sul dominam a situação e que em breve **chegará a hora da libertação**. (AI)

Essas ocorrências mostram a ampliação funcional de *chegar* simples, para expressar noções semânticas abstratas.

c) *Marcador de modalidade atitudinal*

Nos documentos pertencentes ao século XX, registramos o uso de *chegar* que indica idéia de desaprovação. Com esse valor, o verbo *chegar* não apresenta sujeito (A1), perde, portanto, uma de suas propriedades verbais. O segundo argumento é um sintagma preposicional (SP) sempre encabeçado pela preposição *de* e seguido, na maioria das vezes, por nomes abstratos, como em (177), ou por nomes próprios designadores de tipo, como em (178). Um detalhe importante observado é o de que, nesse tipo de uso, *chegar*, em todas as ocorrências que registramos no COMTELPO, apresenta-se na forma da 3ª pessoa do presente do indicativo, o que indica decategorização, pois o verbo perde em variabilidade.

(177) «Obrigado senhor general, mas **chega de militares e de polícia de repressão. Chega de vergonha**»
Do nosso enviado Luciano Alvarez, em Foxboro «Portugal, esperamos por vós em 1994» (AG)

(178) a custo, renascer das cinzas! Quanto não daria Acácio para saber escrever destas! Bem, **chega de Eça**; vamos ao Camilo: Este episódio ocorreu já ao princípio da noite de ontem representando uma inesperada reviravolta. (AG)

O uso de *chegar* com sugestão de cessamento parece ser uma expressão de desabafo e protesto. Nas ocorrências em que esse tipo figura, percebemos essa intenção do falante, que se vale desse recurso para manifestar sua indignação.

(179) Dizemos à boca cheia que «já **chega de sangue, de vingança e de mortes**» (AH)

(180) «Senhor engenheiro Guterres: **chega de impostos**», berrou, arrancando a maior salva de palmas da noite. (AH)

Encontramos outro uso do verbo *chegar* que também indica cessamento, apresenta ausência de sujeito, verbo em 3ª pessoa do singular do indicativo, e também aparece em contextos de protestos, mas com estrutura argumental diferente. Tal uso foi registrado em nossos *corpora* acompanhado de verbo no infinitivo; seu esquema estrutural é assim descrito: [*chegar de* + *INF*].

(181) Ainda desalentado com o jogo frente ao Benfica, em relação aos erros de António Costa, Inácio referiu que «já **chega de olhar** para as camisolas, os profissionais são todos iguais, aquilo foi demais» .

A ocorrência (182) ilustra outro caso de *chegar* como modalizador atitudinal. Desta vez, *chegar* perde todas as propriedades verbais, não apresenta nenhum argumento e parece não admitir flexão nem modo-temporal, nem número-pessoal, funcionando, portanto, como forma única: *chega!*

(182) Meu amigo lança fora, alegremente, o jornal que está lendo e diz:

— **Chega!** Houve um desastre de trem na França, um acidente de mina na Inglaterra, um surto de peste na Índia. Você acredita nisso que os jornais dizem? Será o mundo assim, uma bola confusa, onde acontecem unicamente desastres e desgraças? Não! Os jornais é que falsificam a imagem do mundo. (BJ)

Notamos, na ocorrência (182), o uso de *chegar* com valor de interjeição, com função, portanto, própria de outra categoria. Seu significado corresponde ao do verbo *bastar*, e traduz a idéia de cessamento e o efeito de sentido de desaprovação, recusa, protesto, conforme já mencionamos.

d) Marcador de encadeamento textual-discursivo

Flagramos outro uso de *chegar*, que rotulamos como *marcador de encadeamento discursivo*, porque desempenha um papel particular na situação discursiva, atuando no nível discursivo-pragmático. Esse uso, cujo esquema estrutural se forma a partir de uma seqüência de dois verbos (V1 e V2) coordenados, com a presença ou não da conjunção aditiva *e*, foi registrado já nos dados do século XIII.

Nesse tipo de construção, que recebeu a denominação de *Construção do tipo Foi e Fez* (CFFs), estudada por Rodrigues (2006), V1 pode ser preenchido pelos verbos *ir*, *chegar* e *pegar*; V2 parece poder ser ocupado livremente. A presença de complemento vai depender do tipo de

verbo que preenche a posição de V2; por isso representamos, no esquema estrutural o complemento como C entre parênteses, (C), para indicar a natureza facultativa do complemento.

Esse tipo de *chegar* é ilustrado em (183)

(183) Nem todos merecem confiança. Alguns ajudam, não reclamam, não alardeiam, vão fazendo o trabalho, se forem escolhidos, entendem. Outros não. Se a empresa não os admitir, ficam ressentidos, esperam o melhor momento pra dar o troco. **Chegam e te apunham** pelas costas. (CM)

Em nossa pesquisa, observamos que na estrutura complexa [SN V1 (E) V2 (C)], a primeira posição verbal é preenchida, obrigatoriamente, por *chegar* e a segunda é ocupada por um verbo de escolha relativamente livre, pois essa escolha dependerá do contexto em que essa construção ocorrer e do que se quer comunicar, além da compatibilidade combinatória desse verbo com *chegar*. Em nossos dados, observamos que a segunda posição verbal é, mais freqüentemente, ocupada por verbos de elocução (*dicendi*), embora outros verbos como *pegar*, *dar*, *ferir* e *bater* também se encontrem combinados com *chegar*.

Em seu estudo, Rodrigues (2006) conclui que os verbos *ir*, *chegar* e *pegar*, que formam as CFFs “percorrem os mesmos estágios iniciais previstos no processo de gramaticalização, sem que, no entanto, tenham adquirido uma função gramatical prototípica, como Tempo, Aspecto e Modo, mas sim uma função pragmática”. A função pragmática a que Rodrigues se refere é a função que as CFFs têm de dramatizar ou enfatizar os eventos descritos pelo segundo verbo da construção.

Antes de apresentarmos mais ocorrências desse uso, para análise de suas funções, convém expor algumas importantes características das CFFs:

- a) são formadas por uma seqüência de dois verbos;
- b) apresentam posição fixa de V1 e V2;
- c) os dois verbos atuam como verbo único descrevendo um único evento;
- d) os dois verbos podem vir coordenados por meio de conjunção *e* ou apenas justapostos;
- e) os dois verbos partilham a mesma flexão modo-temporal e número-pessoal, e o mesmo sujeito;
- f) a negação precede o segundo verbo, mas seu escopo é a construção inteira.

Em nossos *corpora*, encontramos algumas ocorrências que exemplificam essas construções, descrevemos como estrutura geral o esquema [SN *chegar* (E) V₂ (C)]. Vejamos algumas ocorrências:

(184) é certeza que chove sabe que geralmente mãe não erra né?... você nunca leva... entende? ... é fogo você não pode se você for se guiar... serviço de metereologia ninguém acerta... você deu nada daquilo ele **chega à noite e fala...** “frente fria (constatou)” não sei o que e deu ((ruído)) bateu voltou não vem nada daquilo então ele sempre se desculpa entende?... então nós não podemos nos guiar vai na sorte... entende? agora qualquer:: cronologicamente o que é que você faz?... leVANta... qual é a sua atividade antes de vir para a faculdade e tudo o que que você faz? (PSA)

(185) é um erro muito grande... mas muito grande mesmo... porque você vê... como:: no caso daquele filme que:: passou a Bela da Tarde... éh::: na época de apresentação do filme... você **chegava pra uma pessoa** você **falava** “você entende::? Você assistiu o filme e gostou?” “ah gostei poxa quem é que não gostou do filme? NOssa pelo amor de Deus claro que gostei todo mundo gosta...” (PSA)

(186) () um banco precisa de um diretor de um banco **chega** para ele **diz** assim “eu preciso de um diretor de banco para tal tal área para fazer isso assim assim assim”... então ele vai procurar... certo?... ou então **chega uma outra firma e diz** assim “preciso... um:: um gerente de::... de produção:: o gerente de ()” normalmente é um engenheiro isso isso isso então eu estava explicando... (PSB)

A princípio, poderíamos pensar que as seqüências “ele chega à noite e fala... ‘frente fria (constatou)’ não sei o que...” em (184); “você chegava pra uma pessoa você falava ‘você entende?’”, em (185); “um diretor de um banco chega para ele diz assim”; “então chega uma outra firma e diz assim ‘preciso... um:: um gerente de produção”, em (186); são orações coordenadas, com a presença de dois verbos, cada um deles representando um predicado, ou seja, denotando um evento. Mas, ao lermos atentamente cada ocorrência, percebemos que há uma falsa coordenação, pois cada seqüência dessas não codifica dois eventos separados, mas, sim, um único evento, descrito pelo verbo que ocupa a segunda posição, a ponto de toda a construção poder ser parafraseada pelo segundo verbo.

Constatamos que essas ocorrências apresentam as características de CFFs: descrevem um único evento e envolvem dois verbos com o mesmo sujeito e com as mesmas flexões de tempo, modo, número e pessoa. Em (184) “ele chega à noite e fala... ‘frente fria (constatou)’ não sei o

que...”, o sujeito é representado pelo pronome *ele*, elíptico no segundo verbo (ele chega, Ø fala) e os verbos estão flexionados na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. A identidade de flexão e de sujeito também é encontrada nas outras ocorrências.

Portanto, seqüências como *chegar e falar*, *chegar e dizer* apresentam, cada uma, sujeitos correferências, mesma flexão e expressam um único evento. Se é o segundo verbo da seqüência que representa o Estado de Coisas, qual a função do verbo *chegar*? Em cada ocorrência, notamos que não é intenção do falante, ao utilizar o verbo *chegar*, fazer referência a movimento ou deslocamento, o que, como vimos na seção anterior, constitui sema do verbo *chegar*. Logo, o falante não utiliza esse verbo com valor lexical, pois não podemos resgatar a idéia de que *X chega a um lugar Y* e depois realiza uma ação, como *falar*, *dizer* nos exemplos apresentados. O verbo *chegar*, então, nesses contextos, assume uma função pragmática e serve ao propósito do falante de encadear o discurso, além de projetar e enfatizar a informação seguinte. Dessa forma, percebemos a atuação de forças comunicativas e cognitivas na elaboração do discurso.

Referindo-se ao papel desempenhado por construções como essas, mas estudando o verbo *pegar*, Tavares (no prelo) que investiga o verbo *pegar* considerando as construções [(SN) *pegar* (SNj)] (E) [(SN V2 (SNj))], [(SNi) *pegar* (SNj)] (E) (SNi) V2 (SNj)] e [(SN) *pegar* (E) V2 (SN/SP)], destaca que essas estruturas podem apresentar efeitos pragmáticos, como:

- (i) Simplificação – o interlocutor processa a informação com mais facilidade, pois esta se apresenta mais bem distribuída com a divisão da sentença;
- (ii) Manutenção da atenção do interlocutor por mais tempo – o uso de dois verbos é uma interessante estratégia para aumentar o turno do falante;
- (iii) Acentuação da importância da informação – a distribuição em duas unidades prosódicas ajuda a enfatizar a informação.

Acreditamos que esses efeitos pragmáticos também são expressos por esse uso de *chegar*. Além de simplificar a informação, de manter a atenção do interlocutor e acentuar a importância da informação, o uso da construção *chegar (e) V2* auxilia no desenvolvimento da organização do texto, fazendo-o progredir. Um bom exemplo é a ocorrência (187).

(187) ele funciona do seguinte modo as firmas precisam... de um em/de um cara então ah por exemplo (ah)um:: ()
um banco precisa de um diretor de um banco **chega** para ele **diz** assim “eu preciso de um diretor de banco para tal tal

área para fazer isso assim assim assim”... então ele vai procurar... certo?... ou então **chega** uma outra firma **e diz** assim “preciso... um:: um gerente de::... de produção:: o gerente de ()” normalmente é um engenheiro isso isso isso então eu estava explicando... (PSA)

O locutor está desenvolvendo seu texto, explicando como funcionam as firmas quando precisam de um empregado. Para fazer o texto avançar, o locutor utiliza *chegar* como um recurso de progressão textual, o que demonstra que esse uso de *chegar* atua no nível textual-discursivo. Além disso, podemos identificar uma outra função de *chegar*, neste contexto. Parece que a construção com *chegar e dizer* emerge no discurso para explicar a idéia anterior e para projetar o que vem a seguir; é como se o locutor usasse *chegar* como um suporte para preparar o interlocutor para receber a mensagem.

Em uma outra ocorrência (188), observamos que *chegar* é usado para marcar um fato inesperado e dar relevância a este fato ou a uma ação que ocorre subitamente e, que, de certa forma, revela a atitude de surpresa do falante.

(188) *Em Bang Bang, seu último trabalho na tevê, a Fernanda Lima, outra atriz de novela, foi muito criticada. (...) Na sua opinião, o que deu errado?* Foi uma superconfusão entre os autores. Imagina: você é o autor e na sua cabeça moram 60 personagens e de repente **chega um outro e pega os seus personagens?** Ele não inventou, ele não tinha pensado aquilo, a cabeça dele não vai por ali! (CNS)

Essa ocorrência, a exemplo de outras encontradas em nossos *corpora*, mostra que o verbo *chegar*, nesse contexto, não apresenta valor lexical, pois (i) não pode ser o predicado principal da oração, uma vez que o evento é expresso não pelo verbo *chegar*, mas pelo segundo verbo; (ii) ocorre em posição fixa em relação ao segundo verbo, o que nos faz lembrar da cadeia geral de gramaticalização exposta por Hopper e Traugott (1993, p.95), para quem o item lexical é usado em contexto discursivo específico, então sua estrutura torna-se sintaticamente fixada, para eventualmente terminar como elemento fundido lexicalmente; (iii) sofre alteração de significado, visto que não é mais empregado como deslocamento no espaço; e (iv) perde sua transitividade, não requer mais complemento adverbial de lugar e apresenta apenas um argumento – o sujeito.

Na seção seguinte apresentaremos usos de *chegar* na construção *chegar a + INF*.

5.2.2. OS USOS DE *CHEGAR A + INF*

Conforme mencionamos, a construção *chegar a + INF* foi registrada, pela primeira vez, nos dados referentes ao século XV (cf. 162). Até então, tínhamos registrados cinco usos de *chegar* que apresentavam mudança de significado e de traços que caracterizam os argumentos deste verbo, mas em todas as ocorrências *chegar* era núcleo de uma predicação simples. Na estrutura [SN **chegar a INF**], *chegar* migra para o ponto mais abstrato no contínuo de gramaticalização. Dizemos, neste caso, que *chegar* perde suas propriedades sintáticas e semânticas, e forma com o verbo no infinitivo uma perífrase verbal.

(162) Avise-se pero sagesmente o fiel pecador que nunca, em qualquer stado que seja, haja fiúza em seus merecimentos; mas, assi como prove mendigo e desvestido de todo, **chegue-se a demandar** sempre a esmola de Deus minguido. Êsto fará nom com fingida humildade, escondendo seus merecimentos, mas sabendo mui certamente que nom será justo ante Deus todo vivente, e soamente dos pensamentos nossos nom poderíamos dar razom nem conto, se el quisesse entrar cōnosco em juízo. (GD)

Devemos ressaltar que essa foi a única ocorrência de *chegar a + INF* no *corpus* do século XV, o que pode indicar que esse uso começa a aparecer na língua portuguesa, mas que ainda apresenta baixa frequência. No século XVI, conforme apresentamos, anteriormente, na tabela 03, quando mostramos a frequência da construção *chegar a + INF*, encontramos duas ocorrências. Verificamos um aumento gradativo, mas pouco expressivo até o século XVIII (cinco ocorrências no século XVII e oito no século XVIII). Só a partir do século XIX que o uso de *chegar a + INF* se intensifica.

O registro da construção *chegar a + INF* ainda no século XV e a permanência desta nos séculos posteriores nos remete ao estudo que Chevalier (1999) fez dos verbos auxiliares franceses. De acordo com Chevalier (1999, p.29) é no século XVII que a categoria auxiliar se impõe, e que os usos dos verbos *être* e *avoir* passam a ser assim considerados. Talvez isso explique a maior emergência de *chegar a + INF* na língua portuguesa nos textos a partir do século XVII, o que demonstra que esse é um uso que passa a fazer parte das escolhas lingüísticas do falante da língua portuguesa.

Conforme vimos no capítulo 3, no qual discutimos questões relativas à auxiliaridade, o uso perifrástico é um recurso lingüístico do qual o falante se utiliza, para expressar valores que não podem ser realizados ou não podem ser realizados suficientemente pelas formas verbais

sintéticas. A perífrase formada por *chegar a + INF*, então, é utilizada para expressar valores que nem o verbo *chegar* nem o outro verbo no infinitivo poderiam expressar isoladamente.

As 117 ocorrências com a perífrase *chegar a + INF* registradas na amostra que constituímos a partir do COMTELPO revelam cinco tipos desse uso de *chegar*, com a mesma estrutura, mas com nuances de interpretação diferentes. Esses usos foram classificados de acordo com a função que identificamos. São elas:

5.2.2.1. *Chegar* como Marcador Temporal

Quando discutimos as funções de *chegar* em predicado simples, na seção 5.2.1.1, apresentamos a marcação de tempo como uma das funções atribuídas, por Travaglia (2003), ao verbo *chegar*, e atestada por nós quando da análise de nossos *corpora*, conforme exemplificamos em (189).

(189) E assim **chegou o tempo**, em que o mais acertado é pendurar as armas, não como armas vencedoras, mas sim como despojos infelizes de ua já cansada guerra [...] (FE)

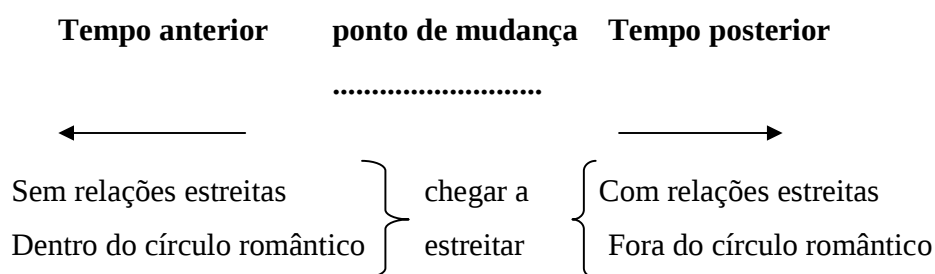
O verbo *chegar* em predicado simples, na indicação temporal, é descrito como um verbo monoargumental, com A1 preenchido por entidades abstratas de tempo. A função de marcador temporal é também exercida pela construção *chegar a + INF*, associada à conjunção *quando*, para marcar um ponto de mudança no(s) Estado(s) de Coisas narrados.

(190) Quando chegamos a estreitar nossas relações, eu já transpusera francamente o círculo romântico, vivendo por esse tempo na admiração dos tipos representativos do naturalismo e do parnasianismo, de mistura com algumas individualidades intermediárias. Mas foi Perneta quem pela primeira vez me falou de Charles Baudelaire. (CQ)

A mudança temporal é marcada em (190) pela associação da conjunção *quando* com a construção *chegar a + estreitar*. O ponto de mudança do Estado de Coisas é representado pela perífrase encabeçada pelo verbo *chegar*, e pode ser representado graficamente assim:

EC EC EC **chegar** ECECEC
 |_____ |_____ |

Utilizando os dados da ocorrência (190), diríamos que o Estado de Coisas anterior é representado pelo *não estreitamento de relações* entre o produtor do texto e Pernetá; nessa ocasião, o falante ainda se encontrava *no círculo romântico*. O Estado de Coisas posterior já mostra o estreitamento de relações entre eles e o falante, já fora do círculo romântico. O ponto de mudança de um Estado de Coisas para outro é marcado pela construção perifrástica *chegar a + INF*. Podemos assim representar:



Em todas as ocorrências em que *chegar a + INF* exerce essa função de marcador temporal, notamos a presença da conjunção *quando*.

5.2.2.2. *Chegar* como Marcador de Limite

O verbo *chegar*, quando em predicado simples, é utilizado para descrever eventos dinâmicos e pontuais. O deslocamento de X a um ponto físico ou virtual Y caracteriza o evento expresso por esse verbo; o ponto Y parece ser um ponto limite, um ponto de alcance onde se encerra tal evento. Essa noção de limite, de ponto terminal, persiste na construção *chegar a + INF*, o que sinaliza que um dos propósitos do uso dessa perífrase é expressar que a ação codificada pelo verbo no infinitivo é uma ação limite. Isso significa dizer que uma das funções do verbo *chegar* é a de marcar limite máximo atingido ou não.

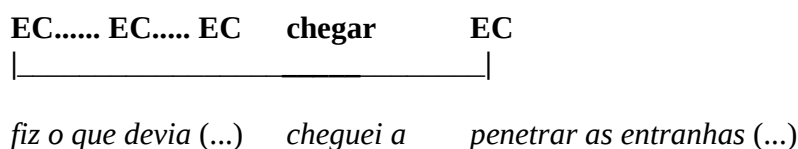
Nos diferentes usos de *chegar a + INF* que foram classificados por nós e serão apresentados a seguir, encontramos a noção de limite, mas detectamos que ora o Estado de Coisas descrito pelo verbo no infinitivo é esperado e se realiza naturalmente; ora o Estado de Coisas é esperado, mas não se realiza; e ora o Estado de Coisas não é esperado, mas se realiza. Por isso, estamos considerando *chegar* como marcador limite apenas nas construções em que o Estado de Coisas esperado se realiza naturalmente. Apesar de identificarmos semelhanças na noção de

limite nesses três usos, preferimos tratá-los separadamente em virtude das especificidades de natureza discursiva. Nos outros dois casos, atribuímos ao *chegar* outras funções que serão descritas nos pontos 5.2.2.3 e 5.2.2.4, adiante.

Dessa forma, consideramos que *chegar* em (191) é um marcador de limite.

(191) — Sancho, bem viste, que da minha parte fiz o que devia, pois destemido, e valoroso, **cheguei a penetrar** as entranhas desse abysmo; com que se nesta occasião não consegui o que desejava, em outra o conseguirei (FJ).

Em (191), a construção *cheguei a penetrar as entranhas desse abysmo* indica o ponto máximo a ser alcançado ou a ação limite a ser executada pelo falante. A idéia de limite, de ponto máximo, nos é dada pela presença de *chegar*, pois o falante não quer enfatizar apenas a ação de *penetrar as entranhas desse abysmo*, mas sim, enfocar que tal ação é o último ponto de uma escala a ser atingido. Nesse caso, dizemos que o Estado de Coisas é esperado, porque o falante, ao apresentar suas qualidades, *destemido e valoroso*, se qualifica para realizar a ação limite. Podemos descrever o evento por meio do seguinte gráfico, onde a linha contínua representa a realização natural dos eventos:



A ocorrência (192) apresentada a seguir, também exemplifica a marcação de limite.

(192) Afinal, o criado tomou seriamente a resolução de ganhar o almejado escudo, e não poucas vezes teve de recorrer a meios violentos para obrigar Buffon a deixar a cama, **chegando** um dia **a lhe arremessar** uma porção de água fria. (EG)

A ação de *arremessar uma porção de água fria* é a culminação de um evento marcado pela presença de *chegar*. Os eventos anteriores à ação limite – *tomar a resolução de ganhar o almejado escudo e recorrer a meios violentos* – qualificam o sujeito a realizar a ação limite.

Novamente o gráfico nos auxilia a entender os eventos.

EC.....	EC.....	EC		chegar		EC

tomou a resolução	chegando(...)	arremessar uma porção de água fria
recorrer a meios violentos		

Percebemos que as ações de *arremessar uma porção de água fria*, em (192) e a de *penetrar as entranhas do abismo*, em (191), representam que os sujeitos em questão atingiram o ponto máximo de uma escala, indicado pelo verbo *chegar*.

Bertucci (2007) aponta resultados semelhantes a esses, ao analisar *chegar*, sob o ponto de vista da escalaridade, tendo por orientação as idéias de Fauconnier (1975) e Ducrot (1981). Fauconnier (1975), ao estudar o emprego de superlativos, constata que eles expressam pontos mais altos e mais baixos em uma *escala pragmática*. Os pontos mais baixos acarretariam os pontos mais altos, que representam a culminação de um evento, com ênfase à informatividade.

Já na análise de Ducrot (1981, p.178), que trabalha com a noção de *escala argumentativa*, os morfemas, expressões ou termos que compõem uma frase, além do conteúdo informativo, servem para dar orientação argumentativa ao enunciado e conduzir o destinatário a uma dada direção.

Aplicadas aos usos de *chegar*, tais como em (191) e (192), as noções de escalas pragmática e argumentativa permitem-nos considerar *chegar* como operador de escala (limite), que enfatiza os eventos considerados, pelo falante, mais importantes no enunciado.

5.2.2.3 *Chegar* como Marcador de Contra-expectativa Restritiva

Vimos que, nas ocorrências apresentadas no item 5.2.2.2, o Estado de Coisas esperado se realiza naturalmente, e que a perífrase *chegar a + INF* é utilizada com a finalidade de marcar a idéia de limite. Verificamos que essa mesma perífrase pode ser usada para expressar uma contra-expectativa, tal como se pode observar na ocorrência (193):

(193) E voltando a sentar-se, bebeu mais dois golos. Eu desfalecia de fraqueza, a olhar aquele copo sempre cheio de vinho, que ora ficava esquecido sobre a mesa, ora era agarrado por uns dedos brutais. **Não chegava a embriagar-se**, mas tinha a necessidade de manter a pressão, como uma caldeira onde tem de se ir deitando, de vez em quando, um punhado de carvão. Mais um golo. Poisava o copo e continuava. (AK)

Analisando a ocorrência (193) podemos dizer que a utilização da construção *chegar a embriagar-se* tem como motivação discursiva denotar a quebra de uma expectativa, como se a ação esperada fosse excluída, não se realizasse. A ação de *beber mais golos*, que indica que o sujeito já havia bebido anteriormente; a *necessidade de manter a pressão*, a indicação de que o sujeito *poisava o copo e continuava* preparam o leitor para esperar por um Estado de Coisas que não se realiza, pois o sujeito não fica embriagado. Pelas ações expressas, espera-se que a ação seguinte seja a de o sujeito ficar embriagado, o que não ocorre, e a marca que apresenta essa quebra de expectativa é o uso do verbo *chegar* acompanhado pela expressão negativa¹⁰⁴ – *não chegava a embriagar-se*. Há, portanto, uma negação de uma expectativa natural, por isso consideramos que *chegar*, neste caso, é muito mais apropriadamente qualificado como um marcador de contra-expectativa restritiva.

Fente *et al.* (1983), que apontaram, no espanhol, três usos diferentes da perífrase *llegar a + INF*, afirmaram que, em forma negativa, o uso da perífrase significa que a ação expressa pelo infinitivo não se realiza por completo, de uma forma perfeita.

Em nossa pesquisa, representamos essa não realização do Estado de Coisas esperado por meio do gráfico a seguir:

EC EC..... EC..... **não chegar a** EC
 |_____ |

A linha contínua representa os Estados de Coisas que se realizaram e que criam a expectativa da realização de um novo evento; o espaço representa a quebra de expectativa expressa pela negação de toda a construção com o verbo *chegar*. A linha tracejada representa o Estado de Coisas que não se realizou, embora fosse esperado. Assim teríamos

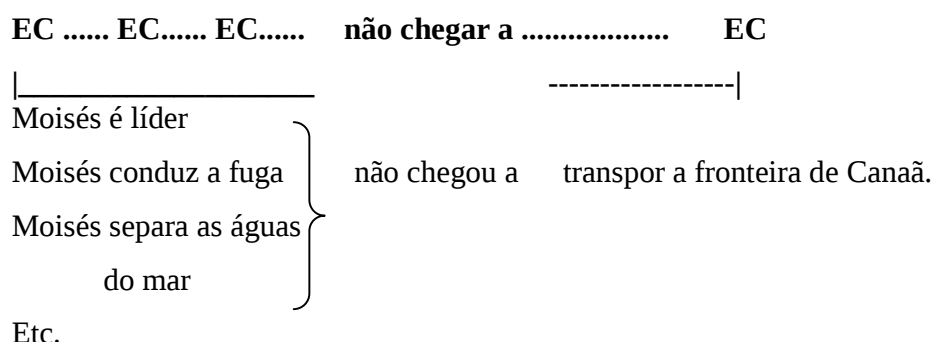
EC EC..... EC..... **não chegar a** EC
 |_____ |
 bebeu mais dois golos(...) não chegava a embriagar-se

¹⁰⁴ Notamos que a expectativa é marcada por *chegar*; a negação, representada pelo advérbio *não*, é da expectativa gerada.

As ações responsáveis pela criação de uma expectativa podem não aparecer explicitamente no texto, mas podem ser resgatadas pelo falante, pois este, segundo Dik (1997, p.1), tem a capacidade epistêmica, para arquivar um determinado conhecimento, recuperá-lo e utilizá-lo interpretando expressões lingüísticas ulteriores¹⁰⁵. Assim em (194):

(194) Tal acontece com Moisés no Monte Sinai, e verdadeiramente, a sua carreira no mundo é aí suspensa. Cessa o combate interior pela fé, cessam as pequenas diferenças emotivas entre liberdade problemática e liberdade depositária do Espírito. Moisés não chegou a transpor as fronteiras do país de Canaan, e morre solitário no cimo do Monte Nebo, donde ele pode ver a região da terra prometida. (AM)

Podemos criar a expectativa de que Moisés devesse transpor as fronteiras de Canaã, visto que as suas ações anteriores são realizadas com esse propósito: ele é o intermediário entre Deus e o povo, conduz o povo na fuga do Egito, separa o mar para a travessia, etc., espera-se, portanto, que Moisés consiga transpor as fronteira, mas isso não ocorre. Para marcar a exclusão da ação esperada, utiliza-se a negativa e a construção encabeçada pelo verbo *chegar*. Graficamente, teríamos:



Cumprir lembrar a importância da partícula negativa nessa interpretação, mas apenas o uso da partícula não daria conta da interpretação final, a de que se criou uma expectativa de uma ação que não se realiza. Observe a diferença entre as seqüências (195) e (196):

(195) Moisés não chegou a transpor as fronteiras do país de Canaan, e morre solitário no cimo do Monte Nebo, donde ele pode ver a região da terra prometida.

(196) Moisés **não transpôs** as fronteiras do país de Canaan, e morre solitário no cimo do Monte Nebo, donde ele pode ver a região da terra prometida.

¹⁰⁵ [...] he [user language] can derive knowledge from linguistic expressions, file that knowledge in appropriate form, and retrieved and utilize it in interpreting further linguistic expressions. (DIK, 1997, p.1)

A comparação entre as duas ocorrências deixa evidente que o uso perifrástico é o responsável pela interpretação de que existe uma expectativa que não é atingida. Apenas dizer que *Moisés não transpôs a fronteira* não permite a interpretação que estamos atribuindo à ocorrência, dada a ausência do marcador de contra-expectativa, no caso, o uso do verbo *chegar*, que reforça que o evento descrito ficou aquém do limite esperado.

5.2.2.4. *Chegar* como Marcador de Contra-expectativa Ampliativa

Dissemos, no item 5.2.2.2, que a noção de limite está presente na interpretação das ocorrências com *chegar a + INF*, mas que esse limite, representado por um evento, pode ser realizado naturalmente ou pode não ser realizado. Os dados de nossa pesquisa revelaram casos em que *chegar a + INF* parece indicar que um Estado de Coisas não esperado se realiza, comportando-se como um marcador de contra-expectativa ampliativa.

Como marcador de contra-expectativa restritiva, a perífrase expressa que uma ação esperada não se realiza; encontramos, ao contrário, ocorrências em que *chegar a + INF* denota a inclusão de um evento, como uma extensão de uma expectativa natural, uma contra-expectativa que excede o limite que se configura no contexto discursivo anterior à construção *chegar a + INF* e bem como nos valores sócio-culturais compartilhados. Nesses casos, é comum *chegar* vir associado com preposição *até* e com o advérbio de inclusão *mesmo*, como em (197).

(197) E, incansavelmente, foi urdindo uma teia de resistência que, segundo ele, deveria necessariamente conduzir à acção armada. Tudo fez para desmascarar a farsa da “primavera marcelista”, **chegou mesmo a vir** clandestinamente a Portugal e voltou a incompatibilizar-se com o Partido Comunista. (AH)

Em (197), há uma sucessão de ações atribuídas a alguém (... foi urdindo uma teia de resistência (...) conduzir à acção armada(...) fez tudo para desmascarar a farsa...) que culminam em uma ação não esperada, além do limite (*vir clandestinamente a Portugal*). Para melhor elaborar a explicação, sugerimos o seguinte esquema interpretativo:

EC EC..... EC..... chegar (mesmo/até) a EC
[.....]

foi urdindo uma teia (...)
Conduzir uma acção armada
Tudo fez para desmascarar
a farsa (...)

chegou mesmo a vir clandestinamente a Portugal

Conduzir uma acção armada

Tudo fez para desmascarar

a farsa (...)

A primeira linha contínua representa uma sucessão de eventos, fechada pelos colchetes, para mostrar que não se espera que outra ação limite apareça. Na linha seguinte, representamos o Estado de Coisas que não era esperado, mas que acabou se realizando, ou seja, que foi incluído com a presença de *chegar a*. No que concerne à idéia de inclusão expressa por *chegar*, convém apresentar uma outra ocorrência que tão bem exemplifica esse papel.

(198) É pelas concessões d'esta ordem, que, de grau em grau, o homem simula, exagera e **chega até a caluniar**. (DI)

Em (198), observamos que *chegar*, auxiliado pela preposição *até*, funciona como um denotador de inclusão; uma nova ação é incluída na seqüência, e essa ação, além do esperado, parece ser a informação mais importante. Há uma série de ações gradativas, e *chegar* funciona como um operador que estabelece a hierarquia de elementos e seleciona a ação de maior força argumentativa. O próprio texto sinaliza a existência de uma gradação, utiliza a expressão *de grau em grau*, e apresenta ações como em uma escala – *simula*, *exagera*, culminando com a ação mais forte, com o ponto máximo, cuja ênfase é dada pelo verbo *chegar* e reforçada pela presença da preposição *até*.

EC EC..... EC..... chegar (mesmo/até) a EC
[]

O homem simula } chega até a caluniar
O homem exagera }

O homem exagera

Poggio (2002) estudou o processo de gramaticalização de preposições e constatou que a preposição *até*, que expressava um ponto de chegada no espaço, adquiriu novas acepções e passou do uso espacial ao temporal, ao inclusivo, ao de contra-expectativa, ao de concessão, e possui ainda o uso discursivo como marcador de limite. A trajetória da preposição *até*, descrita por Poggio (2002), assemelha-se à trajetória do verbo *chegar*. Esse item também expressa um ponto de deslocamento no espaço, no tempo, mas adquiriu novas acepções e também tem uso inclusivo e de contra-expectativa.

Convém lembrar que o uso da preposição *até* contribuiu para a interpretação dada à ocorrência (198), mas, tal como mostramos a propósito da expressão negativa no item 5.2.2.3, o verbo *chegar* tem papel fundamental na interpretação, tanto que poderia sozinho, prescindindo da preposição, exprimir a mesma idéia de limite inclusivo.

(199) É pelas concessões d'esta ordem, que, de grau em grau, o homem simula, exagera e **chega a caluniar**.

Nesse caso, entendemos que o uso da preposição funciona como um reforço à idéia expressa pela perífrase encabeçada por *chegar*. Entretanto, não podemos esquecer que uma construção só com a preposição *até* é também possível:

(200) É pelas concessões d'esta ordem, que, de grau em grau, o homem simula, exagera e **até calunia**.

A explicação que pode ser dada é a de que o verbo *chegar*, em contextos como os apresentados, apresenta as mesmas características da preposição *até*. Dessa forma, *chegar* e *até* coexistem em algumas ocorrências como reforço enfático ou se excluem mutuamente, por estarem em competição.

Os usos de *chegar* como marcador de contra-expectativa lembram a classificação de Neves (2000), já apresentada nesta tese¹⁰⁶, de verbos implicativos. Os usos de *chegar* como implicativo positivo corresponderiam, grosso modo, aos usos que consideramos marcadores de contra-expectativa ampliada, pois o Estado de Coisas não esperado e apresentado por *chegar a + INF* é realizado, assim a ocorrência (200a) implica (200b):

(200a) É pelas concessões d'esta ordem, que, de grau em grau, o homem simula, exagera e **chega a caluniar**.

(200b) É pelas concessões d'esta ordem, que, de grau em grau, o homem simula, exagera e **calunia**.

¹⁰⁶ Cf. capítulo 4.

Como implicativo negativo, Neves apresenta o verbo *chegar* construído com a negação, que corresponderia ao nosso marcador de contra-expectativa restritiva. Em construções desse tipo, o Estado de Coisas designado com a negação da construção *chegar a + INF* não se realiza. A autora chama atenção para o fato de que (201a), por exemplo, não implicaria (201b):

(201a) Moisés **não chegou a transpor** as fronteiras do país de Canaan, e morre solitário no cimo do Monte Nebo, donde ele pode ver a região da terra prometida.

(201b) Moisés **transpôs** as fronteiras do país de Canaan, e morre solitário no cimo do Monte Nebo, donde ele pode ver a região da terra prometida.

Convém lembrar que Neves (2000, p.35) considera implicativos os predicados em que está envolvida a noção de condição necessária e suficiente, que apenas determina se o Estado de Coisas descrito na oração completiva ocorre ou não.

5.2.2.5. *Chegar* como Marcador de Conseqüência

Além de registrarmos usos de *chegar* como marcador temporal, marcador de limite e de contra-expectativa, constatamos que *chegar* vem sendo usado para marcar um Estado de Coisas resultante de Estados anteriores. A esse uso chamamos de *marcador de conseqüência*, e notamos que, nesses casos, *chegar* está associado à conjunção consecutiva *que*, e pode estar explicitamente presente, no contexto, o par correlato *tão, tanto/que*.

Em Neves (2000, p.64), *chegar*, na construção *chegar a + INF*, é considerado um verbo aspectual de consecução. Apresenta-se o seguinte exemplo:

(202) Tomavam a mãozinha rechonchuda, beijavam-na, **CHEGAVAM A TIRÁ-lo** do carro.

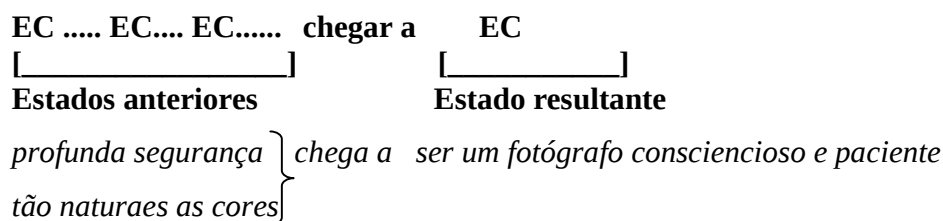
Notamos que, da mesma forma que o verbo *chegar* aparece em contextos de indicação de mudança temporal e de limite, competindo com a conjunção *quando* e com a preposição *até*, respectivamente, o verbo aparece também em contextos que explicitam conseqüência, o qual podemos representar pelo esquema seguinte:

EC	EC....	EC.....	chegar a	EC
[_____]				[_____]
(CAUSA)				(CONSEQÜÊNCIA)

Em tal esquema, *chegar* funciona como um conector, que estabelece a ligação entre dois tipos de conjuntos de argumentos, sendo o último, a *CONSEQÜÊNCIA* dos primeiros, que podem ser interpretados como *CAUSA*. Elegemos a ocorrência (203) para exemplificar o esquema.

(203) Era **tão** profunda a segurança com que pintava seus quadros, **tão** naturais as cores das perspectivas debuxadas que, às vezes, **chega a ser** quase um photographo consciencioso e paciente. (EU)

A oração iniciada pela construção *chegar a ser* é classificada, tradicionalmente, como oração consecutiva, e apresenta um estado resultante – *chega a ser quase um fotógrafo consciencioso*; conseqüência de estados anteriores – da *profunda segurança com que pintava seus quadros, tão naturais as cores(...)*. Aplicando o esquema interpretativo, teríamos:



A exemplo das interpretações dadas aos outros tipos de *chegar* apresentados anteriormente, reafirmamos a importância do uso de *chegar* para a expressão completa do que se quer comunicar. A noção semântica de conseqüência parece não ser expressa apenas pelo, já tradicional, par correlato consecutivo *tão/que*, mas também pelo verbo *chegar*, a ponto de este, na ausência do par correlato, poder expressar a idéia de conseqüência, tal como encontramos em ocorrências da oralidade:

(204) tava correndo no sol, chega tá cansado. (CNS)

(205) é muito doce, chega enjoa. (CNS)

(206) passou o dia na praia, chega ta vermelho. (CNS)

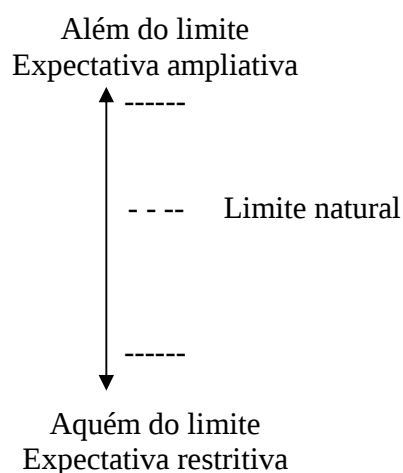
Embora sem a preposição *a*, cuja ausência é entendida como apagamento típico da oralidade, e sem o segundo verbo no infinitivo, o que entendemos como uma redução fonológica, também típica da oralidade¹⁰⁷, interpretamos as ocorrências (204) a (206) como semelhantes a (203), podendo ser aplicadas no esquema de *chegar* marcador de conseqüência.

¹⁰⁷ Entendemos que, por se tratar de textos de conversas espontâneas, *chega tá*, *chega enjoa*, são reduções fonológicas das perífrases *chega a estar* e *chega a enjoar*, por isso utilizamos tais ocorrências para exemplificar o

EC EC.... EC.....	chegar a	EC
[<u> </u>]		[<u> </u>]
Estados anteriores		Estado resultante
<i>Tava correndo no sol</i>	} <i>chegar a</i>	<i>estar cansado</i>
<i>É muito doce</i>		<i>enjoar</i>
<i>Passou o dia na praia</i>		<i>estar vermelho</i>

A exposição nos permite concluir que o verbo *chegar*, em contextos de consequência, pode coexistir com a conjunção consecutiva *que*, ou pode substituí-la, o que sugere competição entre esses dois itens e uma mudança categorial em direção a um estatuto maior de gramaticalidade desse item.

Resumindo o que expusemos sobre os tipos de *chegar a* + *INF* encontrados em nossos corpora, podemos dizer que *chegar*, em perífrase verbal, está-se especializando para desempenhar funções de marcador temporal, marcador de limite, marcador de contra-expectativa e marcador consecutivo. Como marcador de contra-expectativa, chamou-nos a atenção a noção de limite escalar expressa por *chegar*, de forma que constatamos que esse verbo apresenta a ação denotada pelo verbo no infinitivo em seu limite natural, ou de contra-expectativa, além do limite, ou acima da expectativa; e aquém do limite, ou, em outras palavras, abaixo da expectativa. Sugerimos o seguinte gráfico para explicar essa formalização.



verbo *chegar* como marcador de consequência, embora Travaglia (2003a) chame a esse uso de *chegar* de operador argumentativo.

Cumpra apresentar agora a distribuição de usos de *chegar a + INF* ao longo dos séculos. Na tabela 05, estão os resultados concernentes à distribuição desses usos.

Tabela 05: Usos de *chegar a + INF* por século – Tipos de *chegar*

Séculos Usos	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
Marcador Temporal	0	0	1 20%	2 25%	1 2,5%	2 3%	6 5%
Marcador de Limite	1 100%	0	1 20%	2 25%	9 22,5%	17 28%	30 26 %
Marcador de Contra- expectativa restritiva	0	1 50%	1 20%	0	10 25%	11 18%	23 20 %
Marcador de Contra- expectativa ampliativa	0	1 50%	0	1 12,5%	12 30%	12 20%	26 22%
Marcador de Consequência	0	0	2 40%	3 75,5%	8 20%	19 31%	32 27%
TOTAL	1 100%	2 100%	5 100%	8 100%	40 100%	61 100%	117 100%

A tabela 05 traz resultados atinentes aos usos de *chegar a + INF* dos séculos XV ao XX. Conforme leitura da tabela, o primeiro uso de *chegar*, registrado em nossos *corpora*, foi o de marcador de limite, no século XV. Este uso foi o segundo uso mais freqüente em nossos dados, *chegar* foi classificado como marcador de limite em 30 das 117 ocorrências registradas em nossa pesquisa, o que representa 26% do total. No século XVI, emergem os usos de *chegar* como marcador de contra-expectativa, com 2 ocorrências, uma explicitando a contra-expectativa restritiva, outra a ampliativa. Constatamos uma leve superioridade no uso *chegar* como marcador de contra-expectativa positiva, 26 (22%) ocorrências contra 23 (20%) ocorrências do marcador de contra-expectativa negativa. Os últimos usos de *chegar*, detectados nas amostras do século XVII, foram o de marcador temporal – uma ocorrência – e o marcador de consequência – duas ocorrências.

O marcador temporal é o uso menos freqüente; registramos apenas 6 ocorrências, que correspondem a 5% do total. O curioso é que, em predicado simples, a marcação de tempo foi a função mais produtiva de *chegar*. A baixa freqüência de *chegar a + INF* como marcador temporal, talvez, seja explicada pelo fato de essa função já ser expressa por *chegar* em predicado

simples, e pela especialização da construção para expressar o ponto de reforço ou de mudança de orientação argumentativa.

Merece destaque, em nossos dados, o uso de *chegar* como marcador de consequência, que se revelou como o mais freqüente, com 27% do total. Essa freqüência pode revelar uma especialização de *chegar a + INF* para indicar noção consecutiva, competindo, assim, com a conjunção *que*.

SÍNTESE CONCLUSIVA

Considerando que esta tese tem por objetivos identificar diferentes usos de *chegar* em diferentes sincronias, do século XIII ao século XX, em textos escritos do português do Brasil e de Portugal, e identificar o período de entrada na língua portuguesa desses diferentes usos, este capítulo apresentou os tipos de *chegar*, registrados em nossos *corpora*, em predicado simples e na perífrase *chegar a + INF*.

A análise de nossos dados mostrou que *chegar*, como verbo polissêmico, já em funcionamento como predicado simples, apresenta as acepções *vir*, *surgir*, *aproximar (se)*, *alcançar*, registradas desde o século XIII; bem como a acepção *bastar*, cuja entrada na língua ocorre, em nossos *corpora*, no século XVIII. Por meio da análise de vários usos, consideramos *chegar* com acepção *vir* o uso mais concreto, o que confirma uma de nossas hipóteses acerca da fonte no recorte que fizemos para investigação da gramaticalização desse item.

Em predicado simples, mostramos que *chegar* apresenta uma ampliação funcional, podendo ser utilizado como *marcador de limite numérico (escala)*, *marcador de coesão temporal*, *marcador de modalidade atitudinal* e *marcador de encadeamento textual-discursivo*.

Na estrutura *chegar a + INF*, que em nossos *corpora* tem entrada em português no século XV, *chegar* é utilizado pelo falante como *marcador temporal*, função que também exerce em predicado simples, *marcador de limite*, *marcador de contra-expectativa restritiva*, *marcador de contra-expectativa ampliativa* e *marcador de consequência*. Observamos que o uso de *chegar* em predicado simples e na perífrase aumenta em freqüência a partir do século XIX.

No próximo capítulo, daremos enfoque à construção *chegar a + INF*, para testarmos nossa hipótese do estatuto de auxiliaridade de *chegar* e observarmos como se manifesta o processo de auxiliaridade. Segundo nossa hipótese, do ponto de vista cognitivo, os usos de

chegar caracterizam-se por um percurso de abstratização crescente, de tal modo que o verbo detematiza-se, não atendendo às restrições de seleção de seus argumentos, quando ainda é lexical. Por isso, analisaremos, inicialmente, os usos de *chegar* em predicado simples, e, em seguida, a construção *chegar a + INF*.

6. A MANIFESTAÇÃO DO PROCESSO DE AUXILIARIDADE DE *CHEGAR*

Ao longo desta tese, vimos mostrando a diversidade de usos de *chegar*. Dentre esses diversos usos, temos particular interesse pelo *chegar* seguido de preposição *a* mais verbo no infinitivo. Reservamos, portanto, este capítulo, ao estudo da construção *chegar a + INF*, com o propósito de testar nossa hipótese do estatuto de auxiliaridade e, portanto, de gramaticalização, do item *chegar*.

Convém lembrar que a auxiliaridade é um tipo de gramaticalização, pois este processo consiste na mudança de itens/construções lexicais a gramaticais, e de itens/construções menos gramaticais a mais gramaticais. A origem de verbos auxiliares pode ser encontrada, então, em verbos lexicais, que, por meio da gramaticalização, adquiriram funções gramaticais.

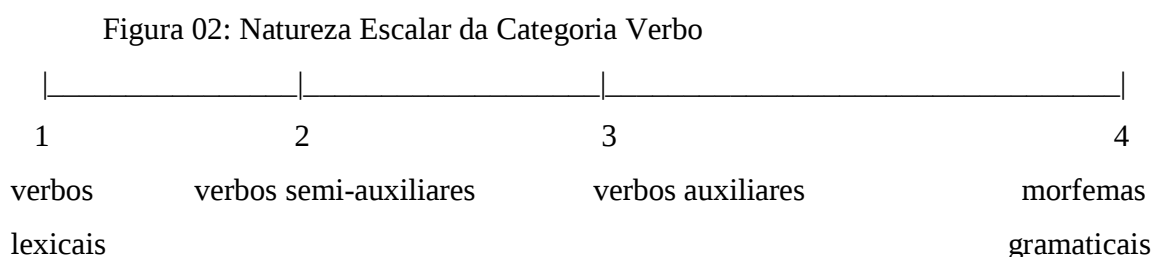
No capítulo 3, abordamos a auxiliaridade, discutindo os principais pontos relacionados a este tema, como o conceito dado por diferentes autores para verbos auxiliares e os critérios para a identificação do estatuto de auxiliaridade expostos em diferentes estudos. Mereceram destaque os trabalhos de Pontes (1973), Lobato (1975), Heine (1993), Gonçalves (1995), Neves (2000), Gonçalves e Costa (2002), Longo e Campos (2002), e Travaglia (2003a), que nos ajudaram a sistematizar os critérios de auxiliaridade que usaremos na análise de *chegar a + INF*, para testar se o verbo *chegar* está em processo de auxiliarização e, se estiver, como esse processo se manifesta.

É importante ressaltar que estamos considerando verbo uma categoria de natureza escalar. Essa natureza permite que verbos lexicais, devido a seus diferentes usos que são motivados por fatores de ordens cognitivas e comunicativas, possam vir a sofrer uma série de transformações, que os fariam mudar de categoria e atingir o ponto final da escala, migrando de item lexical para item gramatical. Nesse processo, o verbo pode seguir uma das cadeias apresentadas abaixo:

- a) Verbo pleno > construção predicativa > forma perifrástica > aglutinação (cadeia proposta por Roberts, 1993 *apud* Castilho, 1997, p. 29);
- b) Verbo pleno > verbo funcional > verbo auxiliar > clítico > afixo (cadeia proposta por Castilho, 1997, p.35)

Nessas cadeias, observamos a mudança gradual que pode ocorrer com os verbos. Sempre à esquerda da cadeia, os verbos plenos sofreriam mudanças de função e de categoria até alcançarem o último estágio.

Considerando essas cadeias, e para melhor explicar a natureza gradiente da categoria verbo, propomos a figura 02, a seguir.



Na figura 02, interessa-nos apenas quatro pontos, marcados pela numeração. Marcamos o início da escala com o número 1, ponto onde encontramos os verbos lexicais; e o fim da escala, com o número 4, ponto onde se encontram os itens mais gramaticais. Em um ponto intermediário, no ponto 3, estão os verbos auxiliares. Esses verbos encontram-se no meio da escala, não por acaso, mas por apresentarem características tanto gramaticais quanto lexicais, não chegam a ser morfemas gramaticais, mas já não são verbos plenos. A 1ª metade da escala também é dividida ao meio. Entre os verbos lexicais e os verbos auxiliares, encontramos os verbos semi-auxiliares ou quase-auxiliares, caracterizados também por sua natureza “anfíbia”, ou seja, apresentam características tanto dos verbos lexicais, quanto dos verbos auxiliares.

Devemos esclarecer que muitos outros pontos poderiam ter sido colocados nessa escala para marcar muitos outros estágios que ocorrem no processo de gramaticalização de um verbo. Optamos por destacar apenas quatro pontos porque (i) nosso interesse aqui é apenas mostrar que um verbo lexical pode chegar a um grau elevado de gramaticalização, ponto 4; (ii) nosso objetivo é investigar a auxiliaridade do verbo *chegar*, interessando-nos, portanto, somente as mudanças que conduzem a essa mudança de estatuto (de verbo lexical a auxiliar).

O fato de apresentarmos essa escala não significa que todos os verbos sejam candidatos à gramaticalização, ou seja, que todos os verbos passem por essas mudanças, que migrem nessa escala, nem significa que o verbo que começa a mudança chega até o último estágio aqui proposto.

Tendo esclarecido como entendemos a categoria verbo, vamos nos concentrar nos três primeiros pontos da escala verbal. Lembramos que um dos objetivos desta tese é responder ao questionamento sobre o estatuto de auxiliaridade do verbo *chegar* em contextos em que ele aparece seguido da preposição *a* mais verbo no infinitivo, e as características que justificariam esse seu novo estatuto.

Conforme já mencionamos em capítulo anterior, verbos lexicais possuem conteúdo nocional, indicam ações, fatos, fenômenos, eventos, estados representados no mundo biopsicofisicossocial e são caracterizados por constituírem predicados nas orações, por possuírem propriedades sintáticas, semânticas e morfológicas plenas, além de selecionarem os argumentos com os quais se combinam. Devido a certas necessidades comunicativas, o falante pode passar a atribuir a um verbo um conceito mais abstrato ou utilizá-lo em contextos nos quais esse verbo perde determinadas características próprias da categoria. Assim, esse verbo, ao perder características lexicais, começa um processo de mudança gradual, a gramaticalização¹⁰⁸, e passa a exibir propriedades gramaticais. Dessa forma, certos verbos, além de serem utilizados como verbos lexicais ou verbos plenos, em alguns contextos, também seriam utilizados como verbos gramaticais, em outros.

Como notamos que o processo de abstratização crescente que se observa nos verbos durante o processo de auxiliarização já pode ser identificado nos usos de *chegar* quando ainda lexical, analisaremos, inicialmente, o verbo *chegar* como predicado simples, com a intenção de demonstrar que algumas características o fazem candidato à gramaticalização.

6.1. ANÁLISE DOS USOS DE *CHEGAR* COMO PREDICADO SIMPLES

Por meio de esquemas estruturais com a interpretação dos valores semânticos do verbo e dos argumentos associados ao verbo, observamos vários tipos de *chegar*¹⁰⁹. Tivemos a preocupação de ordenar os usos de *chegar* do [+ Concreto] para o [+Abstrato], tendo em vista que a abstratização é uma das características do processo de gramaticalização.

Considerando a origem latina e as acepções encontradas nos dicionários, tomamos como uso mais concreto, o *chegar* com acepção *vir*, e o descrevemos como possuidor do traço semântico [+ Deslocamento] e/ou [+Direção], indicando deslocamento de um ponto para outro.

¹⁰⁸ Conferir capítulo I.

¹⁰⁹ Cf. capítulo IV

Para esta análise, o uso mais concreto será considerado a *forma fonte*, já que *chegar* já é um uso figurado (metonímico) de *plicare*, “dobrar”¹¹⁰. Convém lembrar que um dos critérios para tomarmos a acepção *vir* como a forma fonte foi o fato de ela ser a mais freqüente, o que indica prototipia e resistência à mudança (cf. Bybee, 2005).

Como as propriedades semânticas do verbo permitem estabelecer regras de seleção, espera-se que, neste uso, o primeiro argumento caracterize-se pelos traços [+Concreto], [+Animado] e [+Humano]¹¹¹, e que o segundo argumento seja complemento direcional, Locativo¹¹², possuidor dos traços [+Concreto], [-Animado], [-Humano]. A ocorrência em (207) ilustra o que consideramos a forma fonte.

(207) A 24 de Março de 1552 partiu D. Pedro Fernandes Sardinha para a colônia “com grande séquito de sacerdotes, cônegos e dignidades para formar a Sé e a cathedral, vindo também armamentos, sinos, objectos de prata, alfaia, etc.” **Chegou** á Bahia antevéspera de São João no mesmo anno, o que quer dizer que em honra ás festas do Santo, accrescidas da chegada do illustre prelado, nunca se viu tanto fogo-de-vista nem tanta fogueira em Salvador. (CA)

Na forma fonte, *chegar* é caracterizado como um verbo de ação, mas, em outros usos, pode ser descrito como verbo de processo, ação-processo e estado, conforme a tipologia de Borba (2002). Na tabela 06, observamos os resultados obtidos na análise da classe sintático-semântica de *chegar* em predicado simples.

Tabela 06: Usos de *chegar* simples por século – Classe sintático-semântica

Séculos Classe	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
Ação	32 86%	31 77,5%	30 79%	38 83%	36 86%	21 50%	97 46%	129 57%	414 61%
Processo	5 14%	9 22,5%	8 21%	8 17%	5 12%	20 48%	93 45%	70 31%	218 32%
Estado	0	0	0	0	1 2%	1 2%	16 8%	25 11%	43 6%
Ação- processo	0	0	0	0	0	0	2 1%	1 1%	3 1%
TOTAL	37 100%	40 100%	38 100%	46 100%	42 100%	42 100%	208 100%	225 100%	678 100%

¹¹⁰ Cf. capítulo 4.

¹¹¹ Lembramos que, apesar de redundante – ([+Animado] implica [+Concreto], [+Humano] implica [+Animado]) – essa especificação é necessária para nossa análise, pois a detematização é gradual.

¹¹² O caso Locativo marca o lugar onde: Leo está *na igreja* (Dicionário de usos do português do Brasil, Borba, 2002)

De acordo com a leitura da tabela 06, *chegar* é mais usado como um verbo de ação, pois, das 678 ocorrências de *chegar* simples, 414, ou seja, 61%, apresentam a classe sintático-semântica de ação. Seguindo a tipologia de Borba (2002), consideramos que *chegar* designa ação, com acepção *vir*, com complemento de lugar e sujeito agente e Humano, tal como em (208); e quando pronominal significando *aproximar-se*, com sujeito agente e com complemento de direção (209).

(208) Sua Alteza Real chegou ao Rio de Janeiro na noite de 15 do mesmo mês, e apresentou-se imediatamente no Theatro com uma legenda no braço esquerdo, que dizia: _ Independência ou morte. (DS)

(209) Uma mulatinha de doze anos apareceu trazendo um enorme tição, e chegando-se à senhora pôs-se em posição de acender-lhe o cachimbo. A viúva depois desta importante operação tirou duas fumaças e continuou: (FB)

A segunda maior frequência foi o uso de *chegar* como processo, com 218 ocorrências, o que corresponde a 32% do total. Consideramos como processo, o uso do verbo *chegar* em construções com o significado de *sugir/aparecer/começar*, como em (210), *atingir*, com nome abstrato no complemento, como em (211); ou *vir*, com sujeito não-animado e complemento de direção, como em (212). Observamos que, nessas ocorrências, o A1 não apresenta o traço [+Controle], o que mostra que essas ocorrências ilustram usos mais abstratos de *chegar*.

(210) Chegou finalmente o dia 1º de Dezembro em que se celebrou o acto da Coroação, e desde este momento legitimou-se a Dynastia de Bragança no solo do Brasil (DS)

(211) Quando um homem chega a velho e já não pode andar por montes e vales, de espingarda às costas, para eles se encherem de medalhas, tratam-no como um pobre fugido à polícia (AO)

(212) Quase três quartos dos pais de hoje sonham com uma carreira mais arriscada e mais criativa para a próxima geração de brasileiros: 65% querem que os filhos sejam dono do próprio negócio e 9% desejam que eles se virem profissionalmente como autônomos. Não é que o neoliberalismo chegou aos lares? (CM)

A tabela 06 revela-nos que, desde o século XIII, *chegar* já era usado como verbo de ação e de processo, mas, só a partir do século XVII, encontramos registro de *chegar* como estado, com

43 ocorrências no total, ou seja, 6%. O uso do verbo *chegar* foi classificado como de estado quando apresentava o significado de *bastar*, como em (213).

(213) As Palavras, que Pena dizia Y.K. Centeno, no seu livro de 1973, a palavra degradada, repete no seu livro de 74, Irreflexões. E com ela estamos, mesmo quando ela parece querer dizer tanto com as palavras que as palavras que usa não chegam para dizer o que quer. (AH)

Como ação-processo, *chegar* não parece ser produtivo nos *corpora* em análise. Registramos apenas 03 (três) ocorrências, 1%. Consideramos ação-processo, o uso de *chegar* significando *aproximar*, com três argumentos, sendo o primeiro um sujeito agente, o segundo um nome concreto, e o terceiro, um complemento de direção, tal como em (214).

(214) E lá íamos provando de todos os vinhos. Eram verdadeiras especialidades. “Agora este porto, que tem 96 anos”. Destapava e chegava-me ao nariz o gargalo, donde saía um fino aroma. Eu devia estar convencido de que aquelas coisas de tão divino perfume não faziam mal, pelo contrário era absorver néctares do Paraíso. (AK)

Conforme explicitado por meio da análise apresentada, nossos *corpora* caracterizam-se pela alta frequência de predicados dinâmicos, télicos e com transitividade alta. Por ser um verbo, notadamente, de ação, *chegar* apresenta como traços sêmicos, conforme vimos anteriormente, os traços [+Deslocamento] (quer no espaço, quer no tempo), e [+Direção]. A ocorrência em (215) exemplifica esses traços.

(215) Lord Cockrane **chegou** ao Rio de Janeiro com alguns Officiaes no dia 21 de Março de 1823, e arvorou imediatamente o seu pavilhão de Almirante do Brasil a bordo da nau Pedro I. (DS)

A tabela 07 mostra que o traço [+Deslocamento] persiste, ao longo dos séculos pesquisados, em quase todas as ocorrências encontradas nos *corpora*, e que, somente a partir do século XVIII, o verbo *chegar* apresenta a perda desse traço sêmico em algumas ocorrências.

Tabela 07: Usos de *chegar* simples por século – Traço sêmico: Deslocamento

Séculos Traço	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
[+Deslocamento]	37 100%	40 100%	38 100%	46 100%	42 100%	41 98%	197 95%	214 95%	655 97%
[-Deslocamento]	-	-	-	-	-	1 2%	11 5%	11 5%	23 3%
TOTAL	37 100%	40 100%	38 100%	46 100%	42 100%	42 100%	208 100%	225 100%	678 100%

A manutenção do traço [+Deslocamento], nos usos de *chegar*, remete- nos ao princípio da persistência (Hopper, 1991), que prevê a conservação de alguns traços da forma fonte na forma em gramaticalização.

O traço [+Direção], também presente na forma fonte, mantém-se na maioria das ocorrências (73%, cf. tabela 08), mas já flagramos, ainda no século XIII, a perda desse traço.

Tabela 08: Usos de *chegar* simples por século – Traço sêmico: direção

Séculos Traço	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
[+Direção]	32 86%	31 77,5%	35 92%	33 72%	38 90%	26 62%	156 75%	154 68%	505 74%
[-Direção]	5 14%	9 22,5%	3 8%	13 28%	4 10%	16 38%	52 25%	71 32%	173 26%
TOTAL	37 100%	40 100%	38 100%	46 100%	42 100%	42 100%	208 100%	225 100%	678 100%

A ocorrência (216) ilustra um uso de *chegar* sem os traços [+Deslocamento] e [+Direção].

(216) *Chega* de idolatria. O verdadeiro e único senhor é Jesus Cristo. (CM)

A perda, ainda que modesta, desses traços sêmicos em *chegar* como predicado simples, indicia que o verbo pode estar passando por mudanças. Para uma análise mais bem detalhada, é necessário observarmos o comportamento de seus argumentos.

Como o esquema estrutural da forma fonte apresenta dois argumentos, pesquisamos a realização dos argumentos 1 e 2, bem como as propriedades léxico-semânticas de cada um deles. Em relação ao Argumento 1, os dados revelaram que ele se realiza na maioria das ocorrências, em todos os séculos pesquisados, conforme tabela 09.

Tabela 09: Usos de *chegar* simples por século – Realização do Argumento 1

Séculos Realização De A1	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
Realização	37 100%	39 97,5%	38 100%	42 91%	41 98%	42 100%	201 97%	213 95%	653 96%
Não-realização	-	1 2,5%	-	4 9%	1 2%	-	7 3%	12 5%	25 4%
TOTAL	37 100%	40 100%	38 100%	46 100%	42 100%	42 100%	208 100%	225 100%	678 100%

Há ocorrências em que o primeiro argumento conserva, da forma fonte, apenas o traço [+ Concreto], exemplificado em (217) por *uma esquadra portuguesa*; em (218), por *6.600 pares de meia*; e, em (219), por *A Nova Parati*. Percebemos, assim, o uso do verbo em constante abstratização. Antes é necessário frisar que tais usos são lexicais, ainda que o processo de abstratização que caracteriza a gramaticalização já se inicie.

(217) Uma esquadra portuguesa **chega** ao Rio de Janeiro. (DS)

(218) Meias – **chegaram** 6.600 pares. Seda preta e cores 2090 e 2390. A. Rodrigues, Rua do Ouro, 117. (AJ)

(219) Se você está de pé, é melhor sentar. Mas se estiver sentado e quiser levantar para aplaudir, tudo bem. **Chegou a** Nova Parati. Nova Parati. A geração III da *station* mais jovem do país. (CM)

Na ocorrência (220), percebemos que o primeiro argumento não guarda mais nenhum traço da forma fonte, abstratizou-se. Isso nos faz sugerir a ocorrência de um processo de transferência metafórica, em que argumentos com traços mais abstratos passam a preencher funções antes ocupadas por argumentos mais concretos.

(220) Não; todas as revoluções vêm de um motivo egoístico, que, suficientemente generalizado, torna-se social, e, com a base econômica, é que a revolução **chega** à transformação política, melhorando então condições de liberdade, de paz e de ordem da sociedade. (*Aplausos*) (EJ)

As propriedades léxico-semânticas de A1 de *chegar* lexical são apresentadas na tabela 10.

Tabela 10: Usos de *chegar* simples por século (%) – Propriedades léxico-semânticas de A1

Propriedades Séculos	C	A	T	Ct	NCt	T	An	NAn	T	H	NH	T	Ag	Ob	T
XIII	35 95%	02 5%	37 100%	35 95%	02 5%	37 100%	34 92%	03 8%	37 100%	34 92%	03 8%	37 100%	34 92%	03 8%	37 100%
XIV	38 97%	01 3%	39 100%	38 97%	01 3%	39 100%	31 79%	08 21%	39 100%	31 79%	08 21%	39 100%	31 79%	08 21%	39 100%
XV	36 95%	02 5%	38 100%	36 95%	02 5%	38 100%	32 84%	06 16%	38 100%	32 84%	06 16%	38 100%	32 84%	06 16%	38 100%
XVI	36 86%	06 14%	42 100%	35 87%	07 13%	42 100%	32 76%	10 24%	42 100%	31 74%	11 26%	42 100%	32 76%	10 24%	42 100%
XVII	38 93%	03 7%	41 100%	38 93%	03 7%	41 100%	34 83%	07 17%	41 100%	34 83%	07 17%	41 100%	34 83%	07 17%	41 100%
XVIII	26 62%	16 38%	42 100%	26 62%	16 38%	42 100%	15 36%	27 64%	42 100%	15 36%	27 64%	42 100%	15 36%	27 64%	42 100%
XIX	147 73%	54 27%	201 100%	137 68%	64 32%	201 100%	111 55%	90 45%	201 100%	109 54%	92 46%	201 100%	108 54%	93 46%	201 100%
XX	178 84%	35 16%	213 100%	169 79%	44 21%	213 100%	144 68%	69 32%	213 100%	139 65%	74 35%	213 100%	140 66%	73 34%	213 100%

Legenda:

C – [+Concreto]

A – [+abstrato]

T – Total

Ct – [+Contável]

NCt – [- Contável]

An – [+Animado]

NAn – [-Animado]

H – [+Humano]

NH – [-Humano]

Ag – [+Agentivo]

Ob – [+Objetivo]

Observamos que o Argumento 1, ao longo dos séculos, conserva, mais freqüentemente, os traços [+Concreto], [+Contável], [+Animado], [+Humano] e [+agentivo]. No entanto, ele apresenta, sobretudo a partir do século XVIII, uma abstratização crescente, quando o A1 passa, progressivamente, a ser preenchido por entidades que apresentam os traços [+ Concreto], [-Contável], [-Animado], [-Humano] e [+ Objetivo], conforme ocorrência (221).

(221) Aos poucos, o fogo chegou à fazenda, sem tempo para salvarmos o que restava do gado. (CK)

Isso significa que *chegar*, quando ainda lexical, detematiza-se, não apresenta mais restrição de argumento, ou seja, deixa de selecionar itens para seus argumentos, combinando-se com estes, sem restrição aos traços que eles apresentem.

O Argumento 2 é realizado em 514 ocorrências, e sua não-realização ocorre com mais freqüência, a partir do século XIX, de acordo com a tabela 11.

Tabela 11: Usos de *chegar* simples por século – Realização do Argumento 2

Séculos	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
Realização De A2									
Realização	32 86%	32 80%	35 92%	37 80%	38 90%	26 62%	158 76%	157 70%	514 76%
Não-realização	5 14%	8 20%	3 8%	9 20%	4 10%	16 38%	50 24%	68 30%	164 24%
TOTAL	37 100%	40 100%	38 100%	46 100%	42 100%	42 100%	208 100%	225 100%	678 100%

A abstratização que foi percebida no argumento 1 também se manifesta no argumento 2. Na forma fonte, o segundo argumento exibe o traço [+ Locativo], indicando espaço, mas observamos que em ocorrências como em (222) e (223), o argumento 2 perde esse traço e passa a indicar Tempo, como *ao terceiro ano da Universidade*, em (222), e Tempo e qualidade, em (223).

(222) __ Na segunda feira temos aí uns amigos de Coimbra e umas sócias, que é o fim do mundo! Conhece Coimbra? Pois claro! Quem é que não conhece Coimbra?!!! Até tive um cavalo que andou em Coimbra. Quando cheguei ao terceiro ano da Universidade compreendi que aquilo era para cavalos. (AK)

(223) RODRIGO __ É bom mudar de ares, e os daqui são bons, segundo dizem.
MARQUÊS __ Homem! Quando se chega à minha idade, não se precisa de bons ares, precisa-se de boas mulheres.
RODRIGO (*com indiferença*) __ Sempre conquistador! (AE)

Pela escala de abstratização crescente, proposta por Heine (1991)¹¹³, o Tempo é mais abstrato que o Espaço. Assim, consideramos (222) e (223) usos mais abstratos de *chegar*. Estes usos nos mostram a extensão metafórica do verbo *chegar*, que nos lembra o princípio da exploração de velhos meios para novas funções, citado por Werner e Kaplan (1963). Por meio deste princípio, domínios concretos são usados para descrever processos mais abstratos, o que caracterizaria, como já dissemos, a gramaticalização como um processo de base metafórica¹¹⁴.

A tabela 12 ilustra as propriedades léxico-semânticas de A2. As entidades com o traço [+Concreto] apresentam frequência maior, 409 no total. As entidades com o traço abstrato foram registradas em 106 ocorrências. Essa abstratização é observada, com maior frequência, a partir do século XIX.

¹¹³ PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

¹¹⁴ “A metáfora constitui um processo unidirecional de abstratização crescente, pelo qual conceitos que estão próximos são utilizados para expressar aquilo que é mais abstrato e, conseqüentemente, mais difícil de ser definido” (MARTELLOTA, 1996)

Tabela 12: Usos de *chegar* simples por século (%) – Propriedades léxico-semânticas de A2

Propriedades Séculos	C	A	T	Ct	NCt	T	An	NAn	T	H	NH	T	D	O	T
XIII	32 100%	00 0%	32 100%	32 100%	00 0%	32 100%	06 19%	26 81%	32 100%	06 19%	26 81%	32 100%	32 100%	00 0%	32 100%
XIV	30 94%	02 6%	32 100%	30 94%	02 6%	32 100%	02 6%	30 94%	32 100%	02 6%	30 94%	32 100%	31 97%	01 3%	32 100%
XV	34 97%	01 3%	35 100%	32 91%	03 9%	35 100%	09 26%	26 74%	35 100%	09 26%	26 74%	35 100%	35 100%	00 0%	35 100%
XVI	31 84%	06 16%	37 100%	30 81%	07 19%	37 100%	11 30%	26 70%	37 100%	11 30%	26 70%	37 100%	36 97%	01 3%	37 100%
XVII	33 87%	05 13%	38 100%	32 84%	06 16%	38 100%	03 8%	35 92%	38 100%	03 8%	35 92%	38 100%	35 92%	03 8%	38 100%
XVIII	25 96%	01 4%	26 100%	25 96%	01 4%	26 100%	07 27%	19 73%	26 100%	07 27%	19 73%	26 100%	24 92%	02 8%	26 100%
XIX	118 75%	40 25%	158 100%	117 74%	41 26%	158 100%	11 7%	147 93%	158 100%	11 7%	147 93%	158 100%	153 97%	05 3%	158 100%
XX	106 68%	51 32%	157 100%	104 66%	53 34%	157 100%	17 11%	140 89%	157 100%	17 11%	140 89%	157 100%	151 96%	06 4%	157 100%

Legenda:

C – [+Concreto]

A – [+Abstrato]

T – Total

Ct – [+Contável]

NCt – [- Contável]

An – [+Animado]

NAn – [-Animado]

H – [+Humano]

NH – [-Humano]

D – [+Direção]

O – [+Origem]

A tendência de A2 apresentar os traços [+Concreto], [+Contável], [-Animado], [-Humano], conforme explicita a tabela acima, deve-se ao fato de *chegar*, em predicado simples, selecionar o segundo argumento com o traço [+Locativo], dada a significação do verbo *X* desloca-se para algum lugar.

Para cumprir nossos propósitos de observar o comportamento do verbo *chegar*, utilizamos, também, de critérios sintáticos. Interessa-nos saber se *chegar* apresenta propriedades verbais plenas, isto é, se este item apresenta variabilidade de Tempo, Modo e Pessoa.

Para a análise da categoria Tempo, consideramos apenas o tempo gramatical marcado no verbo. Assim, das 678 ocorrências de *chegar* em predicado simples, foram consideradas válidas, para esta análise, 521 ocorrências.

A categoria Tempo é a responsável por localizar situações – compreendidas estas como eventos ou estados – expressas nas línguas por meio de enunciados. Essa localização é materializada por meio dos tempos verbais. Embora os advérbios ou expressões adverbiais de tempo e certas construções tenham a função de realizar a expressão temporal, a noção de Tempo parece estar mais associada à categoria verbo, por serem os verbos “elementos lingüísticos que mais de imediato situam a ação, estado, evento ou processo na sua relação temporal com a enunciação e o falante/ouvinte” (CORÔA, 1985, p.35).

Os tempos verbais em português, assim como em outras línguas, não veiculam unicamente informações temporais, mas também indicam noções aspectuais, sendo flagrante a relação entre Tempo e Aspecto. Ademais, Aspecto é também considerada uma noção temporal, à medida que se refere à constituição temporal interna de uma situação.

Como categorias gramaticais, Aspecto e Tempo parecem combinar-se nas línguas naturais, pois dizem respeito à compreensão do fluxo e refluxo dos eventos por meio do tempo, podendo uma categoria preceder ou suceder a outra. Nas línguas eslavas, por exemplo, o Aspecto precede o Tempo; no grego e no latim, ambas categorias ocorrem simultaneamente; no inglês, o Aspecto ocorre como “segunda perspectiva”; nas línguas românicas, ocorre depois do Tempo (COSERIU, s/d).

Para Comrie (1976), o Tempo está ligado ao tempo externo da situação, e o Aspecto está ligado ao tempo interno de uma situação. Enquanto o Tempo é um conceito relacional, pois envolve sempre a localização de uma eventualidade em relação a um determinado tempo de referência, o Aspecto diz respeito à perspetivação temporal do interior de uma dada

eventualidade, interessando-se, apenas, pelo intervalo de tempo em questão. Tanto Aspecto quanto Tempo dizem respeito a processo, mas o primeiro se refere a sua duração e seu desenvolvimento, e o segundo se refere a sua ordenação.

Considerando a divisão de Bühler (1934) dos campos lingüísticos em *simbólico* e *dêitico*, podemos dizer que o Aspecto, por sua propriedade simbólica, é autônomo em termos referenciais, ou seja, é não-dêitico, ao passo que o Tempo é uma categoria dêítica que expressa relações de anterioridade, simultaneidade ou posteridade entre três momentos – o da fala, o do evento e o da referência.

Nas palavras de Castilho (2002, p.85), *o tempo é uma propriedade da predicação cuja interpretação tem de ser remetida pela situação da fala*. Por isso, noções como anterioridade, simultaneidade e posterioridade podem ser representadas. Por depender da noção de intervalo ou de duração entre um ponto e outro, o Tempo, para Castilho (2002), pressupõe o Aspecto.

São três as divisões de tempo:

- A) Passado: um evento ou estado cujo tempo do evento *precede* o tempo da fala;
- B) Futuro: um evento ou estado cujo tempo do evento *segue* o tempo da fala;
- C) Presente: um evento ou estado cujo tempo do evento *coincide* com o tempo da fala

O tempo presente é considerado o tempo não-marcado ou forma zero, pois, além do Tempo simultâneo ao momento de fala (Eu *canto*, em oposição a *cantei* e *cantarei*), expressa também o futuro imediato (Flamengo *joga* amanhã); o passado, chamado “presente histórico” (Em 1500, Cabral *chega* ao Brasil); e situações genéricas (A terra *gira* em torno do sol) e habituais (Ele *caminha* todas as tardes).

O tempo presente é essencialmente um tempo de descrição, ou seja, é, diferentemente do pretérito, usado para descrever, expressa ações imperfectivas, ou contínuas ou habituais. Assim, segundo Comrie (1976), os verbos no presente denotam ações em progresso ou estados, enquanto que os verbos no passado são especialmente verbos não estativos, com significado perfectivo, usados em narrativas.

Nos nossos dados, o tempo gramatical mais freqüente nas ocorrências de *chegar* é o *passado*, sendo, portanto, este, em nossa análise, o tempo não-marcado, pois, como bem adverte Givón (1995), a marcação é um fenômeno dependente do contexto, devendo, portanto, ser explicada com base em fatores comunicativos, socioculturais, cognitivos e biológicos.

Conforme vimos repetindo ao longo desta tese, *chegar* é um verbo de movimento que indica que algo ou alguém se desloca de um ponto *x* para um ponto *y*. O ponto *y* é o ponto de chegada, o ponto *x* é o ponto de partida. No diagrama, podemos ver mais dois pontos, *a* e *b*, em que *b* é a ação expressa por *chegar*. Logo, a ação de *chegar* implica uma ação anterior representada por *a*. Quando dizemos que *chegar* parece exprimir a noção de “olhar para trás”, estamos-nos referindo ao fato de *chegar* marcar um ponto limite em relação a um evento já passado. Assim, em:

(224) Pedro chega à casa de Maria sempre às nove horas

chegar expressa uma ação última, que “olha” para eventos anteriores, como: Pedro saiu de um determinado lugar, deslocou-se e chegou à casa de Maria.

O conteúdo semântico de *chegar*, aliado ao contexto em que *chegar* é usado, parece ser o responsável pelo fato de alguns autores atribuírem a este verbo, o valor aspectual terminativo (ALMEIDA, 1980; TRAVAGLIA, 1994), resultativo (TRAVAGLIA, 2003) e, quando usado em construção com verbo no infinitivo, conclusivo (BORBA, 2002). Esses valores aspectuais dizem respeito ao momento de término de uma situação, à consequência ou resultado de uma ação, e à conclusão de uma ação, respectivamente. Não entendemos que *chegar* na construção *chegar a + INF* expresse noção aspectual, mas deixaremos essa discussão para o próximo capítulo (cf. seção 7.2).

A alta frequência do passado em nossos dados pode estar relacionada, dessa forma, à perfectividade da ação expressa por *chegar* e pelo caráter pontual deste verbo, corroborando, assim, a relação entre Tempo e Aspecto.

Outra categoria gramatical que observamos foi o modo verbal. O modo, segundo Bybee (1985, p.165), é um marcador verbal que assinala como o falante escolhe expressar a proposição dentro do contexto discursivo. Por essa definição é possível distinguir Modo das categorias gramaticais Tempo e Aspecto.

De acordo com Halliday (1974), o modo representa a gramática das funções da fala, pois diz respeito ao papel e às atitudes adotadas pelo falante. Assim, conforme a posição do falante em

face da relação entre a ação verbal e seu agente, são três os modos verbais em português: *indicativo, imperativo e subjuntivo (ou conjuntivo)*.

O indicativo é o modo *realis*¹¹⁵, que qualifica os fatos como verossímeis ou tidos como verossímeis, está associado ao domínio da certeza; o imperativo está relacionado com a ordem, pode expressar instruções, conselhos, convites, súplicas; o subjuntivo é o modo *irrealis*, que faz referência a fatos incertos, está associado ao domínio da incerteza, eventualidade e dúvida. O modo indicativo é usado, preferencialmente, em frases simples, em orações coordenadas e em orações principais de períodos compostos; o subjuntivo é usado, preferencialmente, em construções subordinadas (cf. OLIVEIRA, 2003).

O Modo está relacionado à modalidade. Segundo Bybee (1985) e Bybee *et alii* (1994), Modo e modalidade são termos usados para designar uma ampla variedade de funções lingüísticas. Para a autora, a categoria Modo é vista como um conjunto de funções relacionadas diacronicamente, e a modalidade emergiria de um estudo sobre essas relações diacrônicas.

Quando dizemos que Modo e Modalidade estão relacionados, o fazemos por considerar, por exemplo, que o imperativo relaciona-se com a modalidade deôntica, tendo-se, assim, especializado, sem outro significado além deste; e os outros modos relacionam-se com a modalidade epistêmica.

Em nossos *corpora*, encontramos o uso bastante freqüente do item *chegar* no modo indicativo, com 70% do total, conforme tabela 14, a seguir.

¹¹⁵ A distinção *realis/irrealis* diz respeito à distinção entre eventos reais, verdadeiros e eventos não reais, não verdadeiros. As formas *realis* descrevem eventos avaliados como reais; as formas *irrealis* descrevem situações que são irreais, têm usos considerados modais como a expressão hipotética, imperativa e de possibilidade. Sobre o assunto, sugerimos a leitura de Bybee *et alii* (1994) e Givón (2001).

Tabela 14: Usos de *chegar* simples por século – Modo verbal

Séculos Modo verbal	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
Indicativo	32 86%	33 82,5%	32 84%	31 67%	30 71%	27 64%	131 63%	156 69%	472 70%
Subjuntivo	0	1 2,5%	1 3%	0	2 5%	2 5%	16 7%	13 6%	35 5%
Imperativo	0	0	1 3%	0	0	3 7%	1 1%	2 1%	7 1%
Forma nominal	5 14%	6 15%	4 10%	15 33%	10 24%	10 24%	60 29%	54 24%	164 24%
TOTAL	37 100%	40 100%	38 100%	46 100%	42 100%	42 100%	208 100%	225 100%	678 100%

De acordo com a leitura da tabela 14, em nossos dados, o falante, ao escolher o modo de expressar a proposição no contexto discursivo, opta, preferencialmente, por marcar o verbo *chegar* no modo indicativo. Tal opção pode ser explicada pelo fato de o verbo *chegar* ser utilizado para narrar Estados de Coisas, eventos já realizados, ações já concluídas, como vimos ao apresentarmos os resultados relativos ao tempo verbal. Além disso, o falante, ao construir enunciados com o verbo *chegar*, parece ter por objetivo maior apenas descrever os Estados de Coisas, atribuindo-lhes alto grau de certeza.

Vale lembrar que o indicativo é o modo *realis* e diz respeito à função representacional dos Estados de Coisas. As ocorrências com *chegar*, portanto, apresentam-se no uso mais representacional da língua portuguesa, e servem mais à referência aos Estados de Coisas que a fatos possíveis, uma vez que o uso do subjuntivo é pouco freqüente, com apenas 5% do total, conforme a tabela 14. A referência a fatos possíveis caracterizaria a função interpessoal, conforme já mencionamos.

Assim, se o modo diz respeito à atitude adotada pelo falante, dizemos que, em nossos *corpora*, a atitude do falante é de maior certeza ao enunciar Estados de Coisas, e que os eventos descritos são considerados reais, visto que “a escolha do falante de um modo depende do julgamento acerca do valor de verdade da proposição” (Bybee *et alii*, 1994, p.239).

Para investigar se *chegar* apresenta propriedades verbais plenas, analisamos também a pessoa verbal, pois, segundo Benveniste (1995, p.247), “o verbo é, como o pronome, a única espécie de palavra submetida à categoria da pessoa”.

Também chamadas *peças do discurso*, as peças verbais podem ser assim divididas: duas peças determinadas do discurso, 1ª (*eu*) – correspondente ao falante – e 2ª (*tu*) – correspondente ao ouvinte; e uma peça indeterminada¹¹⁶, a 3ª (*ele/ela*), que aponta para outra peça em relação aos participantes da relação comunicativa (BECHARA, 2005).

Os pronomes pessoais *eu, tu, ele/ela* e suas formas correspondentes no plural *nós, vós, eles/elas* têm a capacidade de identificar a peça gramatical e tem natureza fórica¹¹⁷. Os pronomes de primeira e de segunda peças (*eu, tu, nós e vós*) têm apenas valor dêitico, ou seja, “apontam para”, funcionam como indicadores; enquanto o pronome de terceira peça (*ele/ela, eles/elas*) tem, além do valor dêitico, valor correferencial.

Segundo Neves (2000, p. 452), esses pronomes têm como funções básicas representar na sentença os papéis do discurso, ou seja, remeter à situação de fala, é a função interacional; e garantir a continuidade do texto, remetendo a elementos do próprio texto; é a função textual.

Em nossos *corpora*, a peça verbal mais freqüente foi a 3ª do singular, conforme atesta a tabela 15, a seguir:

¹¹⁶ É de Benveniste a noção de que a 3ª peça verbal é, na verdade, a não-peça. Diz ele “Nas duas primeiras peças, há ao mesmo tempo uma peça implicada e um discurso sobre essa peça. *Eu* designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre o ‘eu’: dizendo *eu*, não posso deixar de falar de mim. Na segunda peça, ‘tu’ é necessariamente designado por *eu* e não pode se pensado fora de uma situação proposta a partir do ‘eu’; e, ao mesmo tempo, *eu* enuncia algo como um predicado de ‘tu’. Da terceira peça, porém, um predicado é bem enunciado somente fora do ‘eu-tu’; essa forma é assim exceptuada pela relação pela qual ‘eu’ e ‘tu’ se especificam. Daí, ser questionável a legitimidade dessa forma como ‘peça’” (BENVENISTE, 1995, p. 250). Mais adiante, acrescenta “a ‘terceira peça’ não é uma ‘peça’; é inclusive a forma verbal que tem por função exprimir a ‘não-peça’”. (Idem, p.251)

¹¹⁷ Um elemento fórico é um elemento que tem como traço categorial a capacidade de fazer referência pessoal (NEVES, 2000, p.449)

Tabela 15: Usos de *chegar* simples por século – Pessoa verbal

Séculos Pessoa verbal	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
1ª singular	0	0	2 5%	5 11%	1 25%	0	16 8%	22 10%	46 7%
2ª singular	2 5%	0	1 3%	0	0	3 7%	5 2%	0	11 2%
3ª singular	24 65%	31 77,5%	21 55%	29 63%	22 53%	26 62%	153 74%	158 70%	464 68%
1ª plural	0	0	0	7 15%	9 21%	2 5%	2 1%	14 6%	34 5%
2ª plural	1 3%	1 2,5%	0	0	0	0	0	0	2 0%
3ª plural	10 27%	8 20%	14 37%	5 11%	10 24%	11 26%	32 15%	31 14%	121 18%
TOTAL	37 100%	40 100%	38 100%	46 100%	42 100%	42 100%	208 100%	225 100%	678 100%

A tabela nos mostra que das 678 ocorrências de *chegar*, 464 (quatrocentos e sessenta e quatro) apresentaram o verbo flexionado na 3ª pessoa do singular, ou seja, 68% do total. A segunda maior frequência foi a da 3ª pessoa do plural com 18%.

Esse resultado confirma que as ocorrências com o verbo *chegar* apresentam função representacional, como vimos anteriormente ao falarmos sobre a categoria modo. A 3ª pessoa está voltada para o referente, pertence ao eixo não-subjetivo, “que abriga as pessoas ou coisas não implicadas na interação verbal, que são as entidades a que se faz referência na fala” (NEVES, 2000, p.457).

O uso da 3ª pessoa é mais recorrente, talvez, porque *chegar*, sendo, predominantemente, um verbo de ação, é utilizado para narrar ou descrever eventos relacionados a um determinado referente. Adicione-se a isso o condicionamento dos gêneros investigados. Conforme esclarecemos no capítulo 3, serviu-nos de *corpora* textos compilados por agrupamento de gêneros, assim representados: gêneros da ordem do narrar (GON), gêneros da ordem do relatar (GOR), gêneros da ordem do argumentar (GOA), gêneros da ordem do expor (GOE), gêneros da ordem do instruir ou prescrever.

O verbo *chegar* foi mais recorrente em textos cujos gêneros foram identificados como da ordem do relatar (GOR) e do narrar (GON), com, respectivamente, 35% e 27% do total, como podemos observar nos dados atinentes à tabela 16, a seguir.

Tabela 16: Usos de *chegar* simples por século – Tipos de gêneros

Séculos Tipos de Gêneros	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
GON	20 54%	15 37,5%	11 29%	13 28%	5 12%	7 17%	64 30%	48 21%	183 27%
GOR	10 27%	22 55%	9 24%	19 41%	23 55%	16 38%	65 32%	74 33%	238 35%
GOE	7 19%	1 2,5%	6 16%	8 18%	5 12%	0	40 19%	25 25%	122 18%
GOA	0	1 2,5%	10 26%	5 11%	4 9%	11 26%	27 13%	39 17%	97 14%
GOP	0	1 2,5%	2 5%	1 2%	5 12%	8 19%	12 6%	9 4%	38 6%
TOTAL	37 100%	40 100%	38 100%	46 100%	42 100%	42 100%	208 100%	225 100%	678 100%

Pela leitura da tabela 16, podemos dizer que o verbo *chegar* ocorre com mais frequência em textos que representam, pelo discurso, experiências vividas e situadas no tempo, é o caso de diários, notícias, relatórios, crônicas jornalísticas entre outros, que são rotulados por GOR. Assim como é bastante utilizado em textos que recriam a realidade, por meio de uma intriga no domínio do verossímil, é o caso dos romances, contos, narrativas, novelas, etc., que são rotulados por GON¹¹⁸.

Talvez a natureza desses gêneros tenha condicionado o uso da terceira pessoa. As narrativas, por exemplo, não só favorecem verbos de ação e, por isso, encontramos com bastante frequência o uso de *chegar*, como veiculam provavelmente informações referentes a mais de um tópico agentivo, o que conseqüentemente oportuniza a introdução de protagonistas novos na narrativa, responsáveis pelo desenrolar da ação e pela utilização da terceira pessoa, que favorece a continuidade tópica (PENA-FERREIRA, 2002).

Em casos em que o texto é monotemático, porquanto discorre sobre um único objeto e, dessa forma, o tópico referente a esse objeto é retomado várias vezes no discurso, a terceira pessoa também é privilegiada.

Notamos, ao procedermos à análise das categorias Tempo, Modo e Pessoa, que *chegar*, em predicado simples, apresenta variabilidade verbal plena, pois se flexiona em todos os tempos, modos e pessoas, mas favorece, devido a sua natureza semântica, o tempo passado, o modo indicativo e a terceira pessoa (singular e plural). Provavelmente, esses resultados se prendem ao

¹¹⁸ Cf. capítulo 3 desta tese.

uso de *chegar* simples. Com a gramaticalização desse verbo na rotinização da construção *chegar a + INF*, a manifestação dessas categorias tende a se diversificar.

Objetivando a análise das categorias sintáticas que caracterizam as ocorrências de *chegar*, investigamos, inicialmente, as propriedades sintáticas do primeiro argumento (A1). Das 678 ocorrências registradas em nossos *corpora*, apenas 25 (vinte e cinco) não apresentam o A1. O primeiro argumento está presente em 653 (seiscentas e cinquenta e três) ocorrências em preenchimento lexical ou não.

Um argumento preenchido lexicalmente é aquele representado por um sintagma nominal (*uma rainha, Pedro*, por exemplo); um argumento não-preenchido lexicalmente é aquele representado por um pronome ou uma elipse. Assim, das ocorrências consideradas na análise, 368 apresentam A1 preenchido lexicalmente, ou seja, 56% do total, conforme atesta a tabela 17:

Tabela 17: Usos de *chegar* simples por século – Propriedades sintáticas de A1

Séculos	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
Propriedades sintáticas de A1									
Preenchido lexicalmente	14 38%	21 54%	17 45%	13 31%	17 42%	26 62%	134 67%	126 59%	368 56%
Não preenchido lexicalmente	23 62%	18 46%	21 55%	29 69%	24 58%	16 38%	67 33%	87 41%	285 44%
TOTAL	37 100%	39 100%	38 100%	42 100%	41 100%	42 100%	201 100%	213 100%	653 100%

Como notamos com a leitura da tabela 17, o verbo *chegar* favorece o preenchimento lexical de seu primeiro argumento. Talvez isso ocorra devido às funções discursivas exercidas por *chegar*, como a de *marcador de coesão temporal*, em que o A1, comumente, se apresenta como sintagma nominal. Visto ser esse tipo de construção usado para marcar uma fase da narrativa e, por isso, uma mudança na própria narrativa, o A1 mesmo que já tenha sido introduzido no discurso, e nem sempre se configure como um tópico a ser desenvolvido no texto, não deve vir sob forma pronominal ou elíptica sob pena de prejudicar a compreensão do enunciado. A ocorrência (225) ilustra o que dissemos.

(225) Mas nada de o fazerem embarcar definitivamente! Ia para bordo, às vezes, em exercício, remando no escaler, mas voltava logo com a turma dos outros aprendizes, triste por não ter ficado, sonhando histórias de viagens, cousas que havia de ver; quando pela primeira vez saísse barra fora...

Chegou afinal êsse dia. Bom-Crioulo estava nomeado para embarcar num velho transporte que seguia para o sul. (EC)

Notamos, ainda, que *chegar* é utilizado com predicado apresentacional, pois, em contextos como o ilustrado em (226), esse verbo tem por função introduzir, apresentar, referentes novos no universo discursivo, e, conforme a hipótese da Estrutura Argumental Preferida (EAP) (DU BOIS, 1985, 1987), referentes novos emergem no texto sob forma lexical.

(226) **Chegou** o Netcétera, o Acesso Internet de Telecel. Agora já pode aceder à Internet e consultar tudo sobre música, sem custos de activação e de assinatura mensal, pois com o Netcétera só paga o tempo que usa. (AI)

Devemos acrescentar que *chegar*, por ser, predominantemente, verbo de ação, aparece com frequência em textos narrativos, conforme aludimos ao apresentar a tabela 7, em que apresentamos a frequência de *chegar* em cada tipo de gênero. Em textos narrativos, é comum a introdução de protagonistas novos, favorecendo o preenchimento lexical do argumento que acompanha *chegar*.

Investigamos também as propriedades sintáticas do segundo argumento (A2) de *chegar*, considerando que este verbo é bivalente. Das 678 ocorrências registradas em nossos *corpora*, 512 apresentam o A2. O uso mais concreto de *chegar* tem por A2 um elemento Locativo e apresenta-se sob forma de sintagma preposicionado. Interessou-nos identificar se A2 possuía o esquema estrutural [*a* + *substantivo*], [*de* + *substantivo*], [*em* + *substantivo*], [*a* + *pronome*], ou se se apresentava sob forma de pronome advérbio. O resultado pode ser conferido na tabela 18, a seguir.

Tabela 18: Usos de *chegar* simples por século – Propriedades sintáticas de A2

Séculos Propriedades sintáticas de A2	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
A + substantivo	18 56%	26 81%	26 74%	26 70%	23 61%	18 69%	117 74%	98 63%	352 68%
De + substantivo	0	0	0	1 3%	3 8%	2 8%	7 4%	12 8%	25 5%
Em + substantivo	1 3%	0	0	0	0	0	4 3%	16 10%	21 4%
A + pronome	6 19%	4 13%	7 20%	8 22%	7 18%	4 15%	13 8%	15 9%	64 13%
Pronome advérbio	7 22%	2 6%	2 6%	2 5%	5 13%	2 8%	17 11%	15 9%	52 10%
TOTAL	32 100%	32 100%	35 100%	37 100%	38 100%	26 100%	158 100%	157 100%	514 100%

A tabela 18 revela que o segundo argumento apresenta-se mais frequentemente por meio do esquema estrutural [*a + substantivo*], com 68% do total. O uso significativo e recorrente de [*a + substantivo*] revela que:

- chegar* conserva o traço movimento, visto que a preposição *a* tem por uma de suas funções introduzir complemento de verbos dinâmicos que indicam movimento em direção a um lugar;
- chegar* conserva o traço direção, visto que os dados nos mostram que esse verbo é mais utilizado para indicar direção do que origem. Foram apenas 5% das ocorrências que apresentaram A2 como o esquema estrutural [*de + substantivo*].

Convém lembrar, ainda, que a preposição *a* é conservada na construção *chegar a + INF*, o que pode ser explicado pela alta frequência de uso da estrutura [*a + substantivo*] em relação às demais. A presença da preposição *a* em tal construção pode ajudar a atribuir, em nosso estudo sobre a gramaticalização de *chegar*, o princípio da persistência¹¹⁹ ao item *chegar*, pois os traços lexicais como *movimento* e *direção* que ainda permanecem nesse item são codificados pela preposição *a*.

¹¹⁹ Cf. os princípios de gramaticalização no capítulo 2.

6.2 ANÁLISE DOS USOS DE *CHEGAR A + INF*

Como vimos, os traços sêmicos são os responsáveis pelo significado lexical de um verbo. O verbo *chegar*, em sua forma fonte, apresenta os traços sêmicos de deslocamento e direção, que evidenciam uma mudança no espaço de um ponto X a um ponto Y. Foi o que observamos em (227).

(227) Lord Cockrane **chegou** ao Rio de Janeiro com alguns Officiaes no dia 21 de Março de 1823, e arvorou immediatamente o seu pavilhão de Almirante do Brasil a bordo da nau Pedro I. (DS)

A perda sêmica sinaliza que o verbo está perdendo propriedades lexicais, enfraquecendo-se semanticamente e, dessa forma, candidatando-se a verbo gramatical. As construções com *chegar a + INF* encontradas nos *corpora* evidenciam a ausência dos traços deslocamento e direção nesse uso de *chegar*.

Esse resultado indicia característica de auxiliaridade, visto que o verbo perdeu os traços que o qualificam como verbo lexical. As ocorrências (228) e (229) ilustram a ausência desses traços sêmicos.

(228) A Praça de Camões acordara mágica como uma folha de livros de horas. Livros de horas não, livro de formas e segredos: essa Lisboa que ninguém via, a não ser ela, e só de quando em quando, geralmente ao anoitecer, ou com o luar, ou a outra hora qualquer, às vezes, por acaso, em a luz lhe dando de certa maneira misteriosa; uma Lisboa de sonho – barroca, heráldica, quase aérea, cheia de signos cabalísticos, de azulejos, de fachadas cor-de-rosa, de árvores vivas como criaturas humanas, e com pégasos escondidos nas sombras, com sereias invisíveis nas fontes, prenúncios no ar, que **chegavam a doer**, mas tão docemente... (AZ)

(229) Ataliba prendeu mais um crioulo. Não aparentava os setenta que tinha. Passava mais na fazenda, campereando riço. O “Umbu” era pedaço duma sesmaria que veio e se dividindo naturalmente com as sucessões. O velho pé de umbu, que dera nome à estância, ainda estava lá, de pé, meio desganhado, mas guapeando. No verão, quando se enfolha, visto de longe, até nem parece tão velho. “A gente **chega a sentir inveja** dele.” “E quem não inveja o que remoça, seu Ataliba?” — retrucou dom Alberto...(CE)

Nas construções **chegavam a doer** (228) e **chega a sentir inveja** (229), observamos que os traços sêmicos que caracterizam *chegar* lexical estão ausentes. Não há idéia de deslocamento. Em (228) e (229) não nos é permitido interpretar que algo ou alguém sai de um ponto X, para atingir um ponto Y.

Pelo critério *perda sêmica*, podemos dizer que, em contextos como os mostrados, *chegar* apresenta o comportamento de auxiliar e, portanto, de verbo em gramaticalização.

Em relação aos traços de movimento e direção, notamos que, na construção *chegar a + INF*, esses traços estão ausentes, o que mostra que o comportamento de *chegar* em predicado

simples é diferente de *chegar* perifrástico. Convém analisar agora o comportamento dos argumentos que fazem parte da construção. Na tabela 19, estão os resultados concernentes à realização do A1.

Tabela 19 Usos de *chegar a + INF* por século – Realização do Argumento 1

Séculos	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVII I	XIX	XX	TOTAL
Realização De A1									
Realização	0	0	1 100%	2 100%	5 100%	8 100%	40 100%	57 93%	113 97%
Não-realização	0	0	0	0	0	0	0	4 7%	4 3%
TOTAL	0	0	1 100%	2 100%	5 100%	8 100%	40 100%	61 100%	117 100%

Constatamos que o número de ocorrências com a presença do A1 é, consideravelmente, superior ao das ocorrências com a ausência de A1. Das 117 ocorrências com a construção *chegar a + INF* extraída do COMTELPO, 113 apresentam A1 realizado, ou seja, 97% do total. Comparando esses dados com os de *chegar* simples, podemos dizer que o verbo *chegar* parece favorecer a realização do A1, tanto em predicado simples quanto da construção.

Ainda em relação ao primeiro argumento, vimos que, mesmo em contextos em que o verbo *chegar* é indiscutivelmente lexical, já ocorre a detematização, quando *chegar* não restringe mais a seleção de argumentos. Em ocorrências com a construção *chegar a + INF*, isso também se observa. Tomando como exemplo o primeiro argumento, temos casos em que A1 apresenta o traço [+Humano], como *o demente*, em (230); outros em que apresenta os traços [+Concreto] e [-Humano], como *tal obra* em (231); e, em (232), o A1 já apresenta o traço [+Abstrato], como *a fortuna*.

(230) § único. Os actos e contratos, celebrados pelo demente que nunca **chegou a ser** interditado, só podem anular-se no caso de se provar que, na data em que eles foram celebrados, existia e era notório, ou conhecido da outra parte, o estado de demência. (AJ)

(231) P. __ Apesar de tudo, muito e do mais representativo havia sido publicado em vida do poeta. Teve a intuição da sua genialidade, ou foi só depois de descoberto o tesouro da célebre arca?

R. __ Sabíamos que era um poeta, mas, naquela altura, imaginá-lo na extensão de sua grandeza era impossível. Aliás, nunca pensámos que tal obra **chegasse a ser publicada**. O Fernando andava sempre a adiar e quando lhe falávamos nisso, oferecendo até a nossa ajuda, invariavelmente dizia que estava a organizá-la. E realmente estava. Tenho porem a certeza de que por mais tempo que ele vivesse, acharia sempre que não era a altura. (AT)

(232) A fortuna porém sempre foi parte diversa, nunca unida, mas sempre separada, sem comércio meu, e sem chegar a mim, nem ainda passageira e nesta situação mal pode a fortuna ter lembrança de quem nunca se lembrou, e de quem nunca viu; e se agora me **chegasse a ver**, seria mais por cegueira sua, que por fortuna minha. Seria mostrar que foi injusta, buscando-me cansado, quem vigoroso me não quis. (FE)

Analizando atentamente cada ocorrência extraída de nossos *corpora*, concluímos que o verbo *chegar* não restringe argumentos, e que estes, com diferentes traços sêmicos, na verdade, não são mais selecionados pelo verbo *chegar*, mas pelo verbo no infinitivo.

A tabela 20 mostra as propriedades léxico-semânticas do A1 das construções com *chegar a + INF* encontradas nos *corpora*.

Tabela 20: Usos de *chegar a* + *INF* por século (%) – Propriedades léxico-semânticas de A1

Propriedades Séculos	C	A	T	Ct	NCt	T	An	NAn	T	H	NH	T	Ag	Ob	T
XIII	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
XIV	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
XV	01 100%	00 0%	01 100%	01 100%	00 0%	01 100%	01 100%	00 0%	01 100%	01 100%	00 0%	01 100%	01 100%	00 0%	01 100%
XVI	02 100%	00 0%	02 100%	02 100%	00 0%	02 100%	02 100%	00 0%	02 100%	02 100%	00 0%	02 100%	02 100%	00 0%	02 100%
XVII	03 60%	02 40%	05 100%	03 60%	02 40%	05 100%	03 60%	02 40%	05 100%	03 60%	02 40%	05 100%	03 60%	02 40%	05 100%
XVIII	5 62,5%	3 37,5%	8 100%	5 62,5%	3 37,5%	8 100%	5 62,5%	3 37,5%	8 100%	5 62,5%	3 37,5%	8 100%	5 62,5%	3 37,5%	8 100%
XIX	29 72,5%	11 27,5%	40 100%	28 70%	12 30%	40 100%	26 65%	14 35%	40 100%	26 65%	14 35%	40 100%	26 65%	14 35%	40 100%
XX	46 81%	11 19%	57 100%	46 81%	11 19%	57 100%	40 70%	17 30%	57 100%	40 70%	17 30%	57 100%	40 70%	17 30%	57 100%

Legenda:

C – [+Concreto]

A – [+Abstrato]

T – Total

Ct – [+Contável]

NCt – [- Contável]

An – [+Animado]

NAn – [-Animado]

H – [+Humano]

NH – [-Humano]

Ag – [Agentivo]

Ob – [Objetivo]

Os argumentos com os traços [+Concreto], [+Contável], [+Animado], [+Humano] e [+agentivo] aparecem com mais frequência em nossos dados, mas é importante lembrar que esses argumentos não são mais selecionados pelo *chegar*, mas, sim, pelo verbo no infinitivo.

Com a leitura da tabela 20, notamos que a diversificação desses traços aumenta nos séculos mais recentes. Com o aumento na frequência de uso, passa a ser mais freqüente, ao longo dos séculos, o emprego de A1 com traços que não são prototípicos.

Nossos dados apontam, a exemplo do A1, que a realização do segundo argumento apresenta frequência maior que sua não-realização. São 72 ocorrências com a presença de A2, o que significa 61% do total de 117 ocorrências, conforme tabela 21.

É interessante compararmos os dados da tabela 20 com os dados da tabela 10 (cf. pág.196). *Chegar* e *chegar a + inf* são utilizados com A1 com os mesmos traços. Os privilégios sintáticos mudam, mas as propriedades semânticas de A1 são conservadas, mesmo que selecionadas pelo infinitivo.

Tabela 21: Usos de *chegar a + INF* por século – Realização do Argumento 2

Séculos Realização De A2	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
Realização	0	0	1 100%	2 100%	3 60%	6 75%	26 65%	34 56%	72 61%
Não-realização	0	0	0	0	2 40%	2 25%	14 35%	27 44%	45 39%
TOTAL	0	0	1 100%	2 100%	5 100%	8 100%	40 100%	61 100%	117 100%

As propriedades léxico-semânticas do A2 em predicado simples, como vimos anteriormente, caracterizam-se pelos traços [+Concreto], [+Contável], [-Animado] e [-Humano]. Percebemos, nos dados atinentes às propriedades léxico-semânticas de A2 em *chegar a +INF*, que argumentos com os traços [+Abstrato] e [-Contável] já são selecionados com mais frequência, chegando a apresentar uma relativa superioridade numérica, conforme nos revela a tabela 22.

Tabela 22: Usos de *chegar a* + *INF* por séculos (%) – Propriedades léxico-semânticas de A2

Propriedades Séculos	C	A	T	Ct	NCt	T	An	NAn	T	H	NH	T	D	O	T
XIII	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
XIV	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
XV	00 0%	01 100%	01 100%	00 0%	01 100%	01 100%	00 0%	01 100%	01 100%	00 0%	01 100%	01 100%	0	0	0
XVI	2 100%	00 0%	02 100%	01 50%	01 50%	02 100%	2 100%	00 0%	02 100%	2 100%	00 0%	02 100%	0	0	0
XVII	1 33%	2 67%	3 100%	1 33%	2 67%	3 100%	1 33%	2 67%	3 100%	1 33%	2 67%	3 100%	0	0	0
XVIII	4 67%	2 33%	06 100%	4 67%	2 33%	06 100%	4 67%	2 33%	06 100%	4 67%	2 33%	06 100%	0	0	0
XIX	09 35%	17 65%	26 100%	06 23%	20 77%	26 100%	01 4%	25 96%	26 100%	01 4%	25 96%	26 100%	01 100%	00 0%	1 100%
XX	17 50%	17 50%	34 100%	18 53%	16 47%	34 100%	05 15%	29 85%	34 100%	05 15%	29 85%	34 100%	02 100%	00 0%	02 100%

Legenda:

C – [+Concreto]

A – [+abstrato]

T – Total

Ct – [+Contável]

NCt – [- Contável]

An – [+Animado]

NAn – [-Animado]

H – [+Humano]

NH – [-Humano]

D – [+Direção]

O – [Origem]

Notamos que um aumento significativo da frequência de uso de argumentos com o traço [+Abstrato] é registrado a partir do século XIX, talvez porque *chegar* passe a combinar-se, cada vez mais, com verbos que selecionam esse tipo de argumento, distanciando-se de sua peculiar seleção.

Sabemos que verbos auxiliares não selecionam sujeito, não lhe impondo restrição de seleção semântica. Podemos observar, também, que os auxiliares não selecionam o verbo sob forma não finita com o qual se combinam. Notamos, nos dados com o verbo *chegar*, que este se combina, indistintamente, com verbos de diferentes classes sintático-semânticas, como atesta a tabela 23.

Tabela 23: Usos de *chegar a + INF* por século – Classe sintático-semântica

Séculos	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
Classe									
Ação	0	0	0	1 50%	2 40%	5 62,5%	7 17,5%	13 21%	28 24%
Processo	0	0	0	1 50%	1 20%	0	8 20%	12 20%	22 19%
Ação- processo	0	0	0	0	1 20%	2 25%	17 42,5%	19 31%	39 33%
Estado	0	0	1 100%	0	1 20%	1 12,5%	8 20%	17 28%	28 24%
TOTAL	0	0	1 100%	2 100%	5 100%	8 100%	40 100%	61 100%	117 100%

A leitura da tabela 23 revela que, nas ocorrências analisadas, *chegar* combina-se, com um pouco mais de frequência, com verbos de ação-processo (39 ocorrências no total), e combina-se, sem diferença significativa, com verbos de ação (28 ocorrências), estado (28 ocorrências) e processo (22 ocorrências). A não-seleção de verbos com o qual se combina é um indício de que *chegar* está em processo de auxiliarização, pois, como exposto no capítulo 3, verbos auxiliares não impõem restrições na seleção do sujeito, tampouco na seleção do verbo principal.

A exemplo do que fizemos com *chegar* em predicado simples, utilizamos critérios sintáticos para observar o comportamento de *chegar* na construção verbal, com o propósito de observar sua variabilidade em tempo, modo e pessoa.

Novamente enfatizamos que levamos em conta o tempo gramatical apresentado pela forma de *chegar* e, assim, consideramos 103 ocorrências. De modo similar ao que observamos nas ocorrências de *chegar* simples, o tempo pretérito foi o mais utilizado, com 66% do total, nas ocorrências de *chegar a + INF*, conforme ilustra a tabela 24, a seguir.

Tabela 24: Usos de *chegar a + INF* por século – Tempo verbal

Séculos Tempo verbal	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
Pretérito	0	0	0	1 100%	3 75%	5 71%	21 55%	38 73%	68 66%
Presente	0	0	1 100%	0	1 25%	2 29%	15 39%	12 23%	31 30%
Futuro	0	0	0	0	0	0	2 6%	4 4%	4 4%
TOTAL	0	0	1 100%	1 100%	4 100%	7 100%	38 100%	52 100%	103 100%

Os dados apresentados na tabela 24 confirmam que *chegar*, também em construção *chegar a + INF*, é usado, preferencialmente, no tempo passado. Encontramos 66% das ocorrências no pretérito, 30% no presente e apenas 4% no futuro. As ocorrências no tempo futuro, que diminuíram do uso simples (7%) para o da construção (4%), só foram registradas nos séculos XIX e XX.

Esse resultado pode indicar que *chegar* conserva, mesmo na construção *chegar a + INF*, as características semânticas de marcar o ponto limite de Estados de Coisas aludidos anteriormente. O verbo no infinitivo que segue *chegar* se vale das características desse verbo, para expressar eventos ou situações já terminados. Talvez isso explique a preferência pelo tempo pretérito que descreve ações anteriores ao momento da fala. Além disso, o tempo pretérito está relacionado a noções aspectuais de término, resultado e conclusão, atribuídas, como já aludimos, a *chegar*. Essa relação entre Tempo e Aspecto pode explicar o uso de *chegar*, preferencialmente, no tempo passado, a ponto de, no futuro, por exemplo, aparecer em apenas 4% das ocorrências.

Em relação ao modo verbal, notamos que o indicativo é o preferido pelo falante nas construções com *chegar a + INF*. Das 117 ocorrências registradas, 83% apresentam-se no indicativo, como descreve a tabela 25:

Tabela 25: Usos de *chegar a + INF* por século – Modo verbal

Séculos Modo Verbal	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
Indicativo	0	0	0	1 50%	4 80%	7 87,5%	34 85%	51 84%	97 83%
Subjuntivo	0	0	1 100%	0	0	0	2 5%	4 6%	7 6%
Imperativo	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Forma nominal	0	0	0	1 50%	1 20%	1 12,5%	4 10%	6 10%	13 11%
TOTAL	0	0	1 100%	2 100%	5 100%	8 100%	40 100%	61 100%	117 100%

A leitura da tabela 25 mostra que os dados revelam a atitude do falante em relação ao grau de certeza do enunciado. A frequência significativa do modo indicativo leva-nos a concluir que os Estados de Coisas descritos são considerados reais, e que a presença de *chegar* na construção é importante para selecionar o modo verbal e expressar a função representacional da linguagem.

É interessante, ainda, mencionar que não encontramos nenhuma ocorrência no modo imperativo. Tal resultado já era previsto, pois o imperativo é o modo *irrealis* incompatível com o uso de *chegar*. Além disso, uma das características de verbo em processo de auxiliarização é a defectividade, ou seja, a impossibilidade de ser expresso em algumas formas.

Cumpramos lembrar, ainda, que uma das funções de *chegar a + INF* é a de marcar contra-expectativa, que é *realis* (a expectativa caracteriza o modo *irrealis*). O modo *realis*, portanto, é o mais usado tanto na construção *chegar a + INF*, como em predicado simples.

Ainda interessados em observar a variabilidade de *chegar* quando usado na construção, investigamos a pessoa verbal. A análise dos dados permitiu-nos concluir que a 3ª pessoa do singular ainda é a mais frequente em nossos *corpora*, com 66% do total de 117 ocorrências, conforme atesta a tabela 26.

Tabela 26: Usos de *chegar a + INF* por século – Pessoa verbal

Séculos Pessoa Verbal	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
1ª singular	0	0	0	0	1 20%	2 25%	4 10%	8 13%	15 13%
2ª singular	0	0	0	0	0	1 12,5%	2 5%	4 7%	7 6%
3ª singular	0	0	1 100%	2 100%	2 40%	5 62,5%	29 72,5%	38 62%	77 66%
1ª plural	0	0	0	0	0	0	2 5%	5 8%	7 6%
2ª plural	0	0	0	0	0	0	0	0	0
3ª plural	0	0	0	0	2 40%	0	3 7,5%	6 10%	11 9%
TOTAL	0	0	1 100%	2 100%	5 100%	8 100%	40 100%	61 100%	117 100%

Como a 3ª pessoa verbal está voltada para o referente, conforme já fizemos alusão, sua alta frequência pode confirmar a função, predominantemente, representacional da linguagem envolvida em *chegar*. Mesmo na função interpessoal (de modalizador), o uso da 3ª pessoa é preferido por expressar, em geral, desaprovação em relação a algo.

Notamos que os tipos de gêneros condicionam o uso da 3ª pessoa que, mais uma vez repetimos, está voltada para o referente. Dos tipos de gêneros analisados, o que se configura com maior frequência é o gênero da ordem do expor – GOE, com 33% das ocorrências, seguido dos textos da ordem do narrar – GON, com 26%. A tabela 27 ilustra o percentual de frequência dos tipos de gêneros.

Tabela 27: Usos de *chegar a + INF* por século – Tipos de gêneros

Séculos Tipos de Gêneros	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
GON	0	0	0	1 50%	3 60%	3 37,5%	7 17,5%	16 26%	30 26%
GOR	0	0	0	1 50%	0	0	9 23%	12 20%	22 19%
GOE	0	0	1 100%	0	1 20%	4 50%	13 32,5%	20 33%	39 33%
GOA	0	0	0	0	1 20%	1 12,5%	6 15%	4 6%	12 10%
GOP	0	0	0	0	0	0	5 12%	9 15%	14 12%
TOTAL	0	0	1 100%	2 100%	5 100%	8 100%	40 100%	61 100%	117 100%

Vale lembrar que textos de gêneros da ordem do expor – GOE – veiculam conhecimentos sistematizados transmitidos culturalmente, como é o caso do conhecimento científico. Podemos citar, como exemplo, as conferências, palestras, resenhas, colóquios etc. Como esses textos versam sobre um tema específico e procuram ser menos subjetivos, a seleção da 3ª pessoa, no modo indicativo e no tempo pretérito, serve a esse propósito comunicativo, o que explica a maior frequência dessas categorias gramaticais em nossos *corpora*.

Para observar se *chegar* muda o comportamento quando em construção com o infinitivo, analisamos as propriedades sintáticas do A1 presente nessa construção. Já sabemos que esse tipo de construção em nossos *corpora* favorece a realização do primeiro argumento, visto que das 117 ocorrências, 113 apresentam A1 (cf. seção 6.2, tabela 19). Investigamos, então, se A1 aparece preenchido lexicalmente por meio de um SN, ou se sua retomada é feita por meio de pronomes ou elipses.

Os dados revelaram que o A1, na construção *chegar a + INF*, apresenta-se, com maior frequência, não preenchido lexicalmente, com 72% do total, conforme atesta a tabela 28, a seguir:

Tabela 28: Usos de *chegar a + INF* por século – Propriedades sintáticas de A1

Séculos Propriedades sintáticas de A1	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
Preenchido lexicalmente	0	0	0	1 50%	2 40%	2 25%	11 27,5%	15 26%	31 27%
Não-preenchido lexicalmente	0	0	1 100%	1 50%	3 60%	6 75%	29 72,5%	42 74%	82 73%
TOTAL	0	0	1 100%	2 100%	5 100%	8 100%	40 100%	57 100%	113 100%

A leitura da tabela 28 permite-nos observar um comportamento diferenciado de A1 em *chegar a + INF*, em comparação à sua realização em predicado simples, em que o único verbo da predicação é *chegar*. Conforme notamos na tabela 17 (página 217), em predicados simples, a preferência do falante é preencher lexicalmente o A1. Esse preenchimento foi explicado pela natureza do verbo *chegar*, relacionada às funções que esse item exerce, como a de marcar mudança de eventos na narrativa e a de apresentar argumentos.

Na construção, os argumentos são selecionados pelo verbo principal, não sendo papel do auxiliar restringir os elementos que formam a construção. A preferência pelo não preenchimento de A1 pode ser explicada pela natureza do verbo no infinitivo, que, provavelmente, seleciona *chegar* para seqüencializar eventos, sem a responsabilidade de introduzir protagonistas novos no discurso e, dessa forma, não preencher lexicalmente o argumento que o acompanha.

O não preenchimento de A1 pode ser explicado, também, pelas funções de *chegar*, como as de marcador de limite e de contra-expectativa, pois a continuidade tópica que caracteriza uma seqüência de eventos, como as exemplificadas nos esquemas das páginas 184 a 191, favorece o apagamento do A1, que costuma ser correferencial ao A1 das predicações anteriores ao uso da construção, como ilustrado nas ocorrências (197) e (196).

(197) E, incansavelmente, foi urdindo uma teia de resistência que, segundo ele, deveria necessariamente conduzir à acção armada. Tudo fez para desmascarar a farsa da “primavera marcelista”, **chegou mesmo a vir** clandestinamente a Portugal e voltou a incompatibilizar-se com o Partido Comunista. (AH)

(196) É pelas concessões d’esta ordem, que, de grau em grau, o homem simula, exagera e **chega até a caluniar**. (DI)

O segundo argumento também mereceu pesquisa em relação às suas propriedades sintáticas. Vimos que o A2 de *chegar*, em predicado simples, apresenta-se, mais freqüentemente, sob estrutura [*a + substantivo*], o que enfatiza o traço [+Locativo] desse argumento e os traços [+Movimento] e [+Direção] de *chegar*, devido à natureza da preposição *a* (cf. tabela 18).

Contrariamente a esse resultado, o A2 que acompanha *chegar a + INF* pouco apareceu na estrutura [*a + substantivo*]. Das 72 ocorrências com esse argumento, somente 4% foram registradas com essa forma. A tabela 29, a seguir, mostra que, quando o segundo argumento aparece na construção, o falante opta pela estrutura [*substantivo*].

Tabela 29: Usos de *chegar a + INF* por século – Propriedades sintáticas de A2

Séculos Propriedades sintáticas de A2	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
A + substantivo	0	0	0	1 50%	0	0	0	2 6%	3 4%
Substantivo	0	0	1 100%	1 50%	3 100%	2 33%	20 77%	24 71%	51 71%
Pronome advérbio	0	0	0	0	0	4 67%	6 23%	8 23%	18 25%
TOTAL	0	0	1 100%	2 100%	3 100%	6 100%	26 100%	34 100%	72 100%

Em conformidade com a tabela 29, registramos 71% das ocorrências em que A2 apresenta-se sob forma nominal. Esse resultado indica mudança no comportamento de *chegar*, pois já não podemos considerá-lo como verbo de movimento que indica o deslocamento de X a um lugar Y. O fato de A2 se configurar um nome prescindindo da presença de preposição, na maioria das ocorrências, explicita que esse argumento não apresenta características de Locativo, não faz referência nem à direção nem à origem, portanto, não foi selecionado por *chegar*, mas pelo verbo no infinitivo.

Esse resultado fornece evidência empírica de que *chegar* sofre mudança categorial, pois migra de um ponto a outro na cadeia de mudanças sofridas por itens lexicais em processo de gramaticalização. Esse comportamento o faz candidato a verbo auxiliar, já que *chegar* funciona apenas como apoio de um outro verbo. Além disso, é importante lembrar que *chegar* na construção *chegar a + INF* assume funções textual-discursivas, como a de *marcador temporal*,

marcador de limite, marcador de contra-expectativa restritiva, marcador de contra-expectativa ampliativa e marcador de consequência, o que evidencia a mudança desse item.

SÍNTESE CONCLUSIVA

Neste capítulo, analisamos as ocorrências de *chegar*, em predicado simples e em construção com o infinitivo, utilizando-nos de critérios semânticos e sintáticos, que nos auxiliaram na investigação da classe sintático-semântica de *chegar*, seus traços sêmicos, e suas propriedades verbais, como tempo, modo e pessoa.

Observamos que, em predicado simples, *chegar* é, preferencialmente, usado como verbo de ação e conserva os traços [+Deslocamento] e [+Direção], ausentes na construção *chegar a + INF*. Investigamos, ainda, os argumentos de *chegar*, que foram analisados considerando sua realização e suas propriedades léxico-semânticas e sintáticas. O A1 apareceu, com mais frequência, preenchido lexicalmente e com os traços [+Concreto], [+Contável], [+Animado], [+Humano] e [+Agentivo], que vão, gradativamente, abstratizando-se. O A2 apresentou os traços [+Concreto] e [+Locativo].

Em relação às propriedades verbais, *chegar*, tanto em predicado simples, quanto na construção, é preferencialmente usado no tempo passado, no modo indicativo e na 3ª pessoa do singular. Em relação ao tempo, procuramos explicar o resultado considerando que *chegar* marca, semanticamente, o ponto limite de uma ação anterior, com valor anafórico em relação a Estados de Coisas referidos anteriormente. A preferência pelo modo Indicativo sinaliza que os usos de *chegar* cumprem a função representacional na língua portuguesa, o que foi confirmado pelo emprego preferencial da 3ª pessoa do singular.

Na construção *chegar a + INF*, notamos que os argumentos são selecionados pelo verbo no infinitivo. Confirmamos, assim, nossa hipótese de que *chegar* sofre a perda da propriedade de atribuir papéis semânticos aos argumentos com que se combina, não lhes impondo restrição. Notamos que, em alguns casos, algumas características de *chegar* simples permanecem em uso na construção e respondem pelas funções textual-discursivas a ele atribuídas.

7. O ESTATUTO DE AUXILIARIDADE E GRAMATICALIZAÇÃO DE *CHEGAR*

Uma das hipóteses que consideramos, nesta tese, é a de que *chegar* na construção *chegar a + INF* está em um contínuo de mudança, a que chamamos *gramaticalização*, pois seu comportamento assemelha-se ao de itens rotulados, na literatura, de *auxiliares*. Com objetivo de identificarmos em que medida *chegar* apresenta comportamento de auxiliar, discutimos, no capítulo 3, critérios de identificação de auxiliares, que serão retomados neste capítulo, para avaliarmos o comportamento de *chegar*.

Imbuídos desse propósito, apresentamos, a seguir, o resultado dos testes de auxiliaridade e a análise de nossas ocorrências, que nos permitiram esboçar algumas conclusões referentes ao estágio de auxiliaridade em que *chegar* se encontra, bem como o grau de gramaticalização do item que é nosso objeto de estudo.

7.1. Avaliação dos testes de auxiliaridade

Os resultados apresentados, no capítulo anterior, sugerem que o verbo *chegar* está em processo de gramaticalização, e que o seu comportamento na construção *chegar a + INF*, o qualifica como verbo auxiliar. Para sabermos em que medida *chegar* comporta-se como verbo auxiliar, é necessário detectarmos o grau de auxiliaridade do verbo. Com esse propósito, e levando em conta o contexto em que a construção se apresenta, aplicamos, considerando os critérios de identificação de verbos auxiliares já discutidos, alguns testes de auxiliaridade, como: *existência de material entre chegar e o verbo no infinitivo, tipo de material entre chegar e verbo no infinitivo, ocorrência de negação com escopo só no infinitivo, possibilidade de ocorrência de completiva oracional finita, correferencialidade de sujeito, possibilidade de substituição do infinitivo por pronome “isso” ou “tanto”, a correspondência semântica entre ativa e passiva, integridade sintática e recursividade*.

Convém lembrar que a perífrase verbal deve ser um complexo único e inseparável. O grau de coesão entre os verbos auxiliar e principal é um importante indício para observarmos o grau de

gramaticalização de perífrases. Lembramos que a gramaticalização é da construção, não do item, pois o processo ocorre em um contexto de uma construção particular (cf. Bybee, 2003a).

Quanto mais aderidos estiverem os verbos, mais rotinizada é a construção; se houver a possibilidade de um outro item ocorrer entre os dois verbos, é porque a integração entre eles não é tão forte, o que revelaria um baixo grau de coesão. Em referência à construção em análise *chegar a + INF*, é importante esclarecer que não vamos considerar a preposição **a** como uma inserção que separa *chegar* do verbo no infinitivo, pois entendemos, utilizando-nos do princípio da reanálise (cf. capítulo 2, p.57), que a preposição faz parte do auxiliar e o ajuda no exercício de sua função gramatical. Da mesma forma, a presença de pronomes clíticos na construção não será considerada como inserção entre os elementos da construção, dada a mobilidade que os clíticos apresentam em relação ao verbo principal. Tal possibilidade é também verificada em outras perífrases já reconhecidas por gramáticos e linguistas.

Analisando nossos *corpora*, e aplicando o primeiro teste de auxiliaridade, observamos que, das 117 ocorrências da construção *chegar a + INF* registradas no COMTELPO, em apenas 17 delas, ou seja, 15%, verificamos a intercalação de material entre *chegar* e o verbo no infinitivo, como atesta a tabela 30.

Tabela 30: Teste de auxiliaridade de *chegar* – Existência de material entre *chegar* e verbo no infinitivo.

Séculos Existência de material	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
Com material	0	0	0	0	1 20%	1 12,5%	8 20%	7 11%	17 15%
Sem material	0	0	1 100%	2 100%	4 80%	7 87,5%	32 80%	54 89%	100 85 %
TOTAL	0	0	1 100%	2 100%	5 100%	8 100%	40 100%	61 100%	117 100%

Nossos dados revelaram um alto grau de integração entre *chegar* e o verbo no infinitivo, pois 85% das ocorrências não apresentam nenhum material entre os verbos da construção, conforme mostra leitura da tabela 30. Um exemplo é a ocorrência (233).

(233) P. __ Apesar de tudo, muito e do mais representativo havia sido publicado em vida do poeta. Teve a intuição da sua genialidade, ou foi só depois de descoberto o tesouro da célebre arca?

R. __ Sabíamos que era um poeta, mas, naquela altura, imaginá-lo na extensão de sua grandeza era impossível. Aliás, nunca pensámos que tal obra **chegasse a ser publicada**. O Fernando andava sempre a adiar e quando lhe falávamos nisso, oferecendo até a nossa ajuda, invariavelmente dizia que estava a organizá-la. E realmente estava. Tenho porem a certeza de que por mais tempo que ele vivesse, acharia sempre que não era a altura. (AT)

Considerando as 17 ocorrências em que atestamos a presença de elemento(s) entre *chegar* e verbo no infinitivo, pesquisamos o tipo de material encontrado e, conforme a tabela 31, verificamos a intercalação de advérbio em 47% dos casos, como em (234), e de construções (frase, oração, sintagmas etc.) em 47%, como em (235). O adjetivo foi verificado em apenas uma ocorrência (236).

Tabela 31: Teste de auxiliaridade de *chegar* – Tipo de material existente entre *chegar* e verbo no infinitivo.

Séculos Tipo de material	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
Advérbio	0	0	0	0	1 100%	1 100%	2 25%	4 57%	8 47%
Conjunção	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Adjetivo	0	0	0	0	0	0	0	1 14%	1 6%
Construções	0	0	0	0	0	0	6 75%	2 29%	8 47%
TOTAL	0	0	0	0	1 100%	1 100%	8 100%	7 100%	17 100%

(234) Tu, senhora, tu, me deste o valor que me faltava para **chegar dignamente a ser** de ti conhecido, que só em ti podia achar-se; e esta liberdade, do muito que tu eras, não era eu poderoso para diminuirte, nem recebendo o grande ser que me deste; porque elle em ti foy tão grande, que nem quando me enriquecias de merecimentos, ficaste delles menos rica. (FN)

(235) O homem deve fazer o firme propósito de não faltar á verdade, para que não se deixe avassallar pelo tristissimo habito de a abandonar. N'este ponto não deve fazer uma excepção, para que não possa fazer duas e para que não possa fazê-las infinitas. É pelas concessões d'esta ordem, que, de grau em grau, o homem **chega, em prejuízo da verdade, a similar, a exaggerar e até a calumniar**. (DA)

(236) Graça – Tu foste o único culpado de não termos casado. Se com clareza me tivesse confessado que me querias para tua mulher, nunca teria consentido na combinação do meu casamento. Mas não me dizias nada de definitivo... Via meus pais cada mais arruinados, a pobreza sentia-se já em tudo! Minha mãe **chegou, coitada, a fingir-se** doente, para não ir a festas onde se gastasse! Depara-se-me um casamento rico, um meio de ajudar, que querias que eu fizesse?! (AE)

A presença de advérbio (*dignamente* em 234), da construção (*em prejuízo da verdade* em 235) e do adjetivo (*coitada* em 236) entre o verbo *chegar* e os no infinitivo evidencia a possibilidade de inserção de material entre esses verbos, o que demonstra não haver, ainda, um

forte vínculo entre eles, embora percebamos que a frequência de construções em que o material se apresenta é bem menor.

Considerar a existência de uma perífrase verbal é considerar a existência de um grupo tão coeso que pode ser analisado como uma unidade de comportamento sintático-semântico. Dessa forma, qualquer elemento adverbial colocado na construção deve incidir sobre todo o grupo. A presença de uma expressão negativa não deve separar os elementos da sequência em auxiliação e o escopo da negação deve recair sobre a perífrase como um todo, não apenas sobre o segundo verbo da sequência; se isto ocorrer, há um forte indício de que os dois verbos, podendo ser negados separadamente, não formam uma sequência integrada, coesa.

Conforme a tabela 32 demonstra, não encontramos nenhuma ocorrência que tenha apresentado expressão negativa incidindo apenas no domínio finito nas 117 ocorrências com a construção *chegar a + INF* nos *corpora* escritos.

Tabela 32: Teste de auxiliaridade de *chegar* – Ocorrência de negação só no infinitivo

Séculos Ocorrência de negação	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
Com negação	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Sem negação	0	0	1 100%	2 100%	5 100%	8 100%	40 100%	61 100%	117 100%
TOTAL	0	0	1 100%	2 100%	5 100%	8 100%	40 100%	61 100%	117 100%

Para apresentarmos resultados mais precisos, aplicamos também esse teste no *corpus* oral, e das 120 ocorrências utilizadas na análise, registramos apenas 4 ocorrências com expressão negativa entre *chegar* e verbo no infinitivo; apenas 3%, no total, conforme tabela 33.

Tabela 33: Teste de auxiliaridade de *chegar* – *Corpus* oral – Ocorrência de negação só no infinitivo.

Inquéritos Negação	DID	D2	EF	TOTAL
Com negação	2 5%	2 4%	0 0%	4 3%
Sem negação	42 95%	43 96%	31 100%	116 97%
TOTAL	44 100%	45 100%	31 100%	120 100%

Em todas as ocorrências, essa expressão negativa é interpretada como um focalizador que reforça a negação que se faz, anteriormente, da construção, como observamos em (237).

(237) Loc. – (...) essa Transamazônica... etc... gere uma nova civilização... uma coisa assim... Belém-Brasília tem dez anos... né? eu sei que já tem uma população enorme em torno dela... mas não chega a ser... assim... se você passar de avião e assim... quer dizer... ela não **chega nem a ferir**... até aí já estou falando fisicamente... né? seria se a gente pudesse botar aqui um... um... nessa mesa... (OA)

Como não encontramos nenhuma outra ocorrência em nossos *corpora* em que a negação estivesse entre *chegar* e o verbo no infinitivo, e dissesse respeito a somente este último, consultamos o CETEMPúblico da Linguateca¹²⁰, e lá encontramos apenas duas ocorrências, apresentadas a seguir.

(238) Ext **501380** (clt, 91a): Nesse sentido, as estratégias de uns foram-se confundindo com as estratégias de todos, até se **chegar a não** distinguir mais aquele que faz os trabalhos, daquele que os vende.

(239) Ext **1198625** (pol, 91b): E se a atitude da Letónia for seguida por parlamentares de outras repúblicas que proclamaram a independência, o Congresso poderá **chegar a não** ter sequer «quorum» para deliberar.

Os exemplos (238) e (239) são evidências de que, ainda, é possível negar apenas o infinitivo, o que vai de encontro ao estatuto de auxiliaridade do item.

¹²⁰ CETEMPúblico é o *Corpus* de Extracto de Textos Electrónicos MCT/Público de aproximadamente 180 milhões de palavras em português europeu criado pelo Projecto de Processamento Computacional do Português, que deu origem à Linguateca, centro de recursos – distribuído – para o processamento computacional da Língua Portuguesa. Endereço para acesso: <http://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/>

Sabemos que os candidatos a verbo auxiliar exibem, no estágio **C** da cadeia de gramaticalização, uma característica importante: seu complemento é sempre expresso por uma forma nominal, não admitindo mais uma oração completiva. Os verbos auxiliares, assim, não subcategorizam domínios frásicos, não sendo possível o desdobramento da forma infinitiva em uma oração com verbo finito.

Utilizando a ocorrência (240), na qual o verbo *chegar* se combina como o verbo *comentar* no infinitivo, podemos comprovar não ser possível o desdobramento da oração finita em outra desenvolvida.

(240) Alceu Amoroso Lima **chegou a comentar** comigo a perfeição desse comentário difícil, que Manuel Bandeira soube tornar fácil, agradável, atraente, gracioso. Tinha mesmo o dom de tornar leves as coisas mais pesadas. Por que sabia abandonar o supérfluo, o ornamental, e ir direto ao seminal, ao íntimo de tudo. (**CP**)

(240a) * Alceu Amoroso Lima **chegou a [que comentou]** comigo a perfeição desse comentário difícil, que Manuel Bandeira soube tornar fácil, agradável, atraente, gracioso.

A agramaticalidade de (240a) é explicada pelo uso de uma oração desenvolvida que não cabe no contexto, por haver um forte vínculo entre os verbos que formam a perífrase. A exemplo dos outros critérios, este também evidencia que, na construção *chegar a + INF*, *chegar* apresenta um comportamento de verbo auxiliar.

Nos *corpora* analisados, não encontramos nenhum registro de construção com o verbo *chegar*, em que seja possível a ocorrência de completiva oracional finita.

Sendo a perífrase um complexo único, coeso semântica e sintaticamente, os dois verbos que a constituem devem ter sujeitos correferenciais. A identidade de sujeito é um dos critérios importantes para testarmos o grau de auxiliaridade do *chegar* na construção *chegar a + INF* e da própria construção. Heine (1993) aponta que a sequência verbal que, obrigatoriamente, exhibe o mesmo sujeito, encontra-se no estágio **C** de gramaticalização.

Em relação ao teste *correferencialidade de sujeito*, as ocorrências encontradas nos *corpora* mostram que, na construção *chegar a + INF*, o sujeito é o mesmo para os dois verbos, não sendo possível a existência de um sujeito diferente sem causar prejuízo à interpretação do enunciado. É o que observamos em (241).

(241) Tal acontece com Moisés no Monte Sinai, e, verdadeiramente, a sua carreira no mundo é aí suspensa. Cessa o combate interior pela fé, cessam as pequenas diferenças emotivas entre liberdade problemática e liberdade depositária do Espírito. Moisés não **chega a transpor** as fronteiras do país de Canaan, e morre solitário no cimo do Monte Nebo, donde ele pode ver a região da terra prometida. (**AM**)

Fica claro que *Moisés* é o sujeito tanto de *chegar* quanto de *transpor*, não havendo possibilidade de introduzirmos um outro sujeito para o verbo *transpor*, sem que a construção não se torne agramatical.

(241a) * *Moisés* chega a [Josué] *transpor* as fronteiras do país de Canaan, e morre solitário no cimo...

Pelo teste da correferencialidade de sujeito, podemos atribuir o caráter auxiliar ao verbo *chegar*, pois, conforme o exemplo (241a) ilustra, não há possibilidade da existência de sujeitos diferentes aos verbos que formam a construção. A correferencialidade entre sujeitos sugere a impossibilidade de desdobramento em dois núcleos oracionais, o que evidencia um alto nível de integração entre *chegar* e o verbo no infinitivo *transpor*. Considerando os parâmetros de Lehmann (1988) na escala de gramaticalização entre orações, podemos dizer que *chegar* e o verbo no infinitivo estão entrelaçados, a ponto de, semanticamente, compartilharem os mesmos traços de significado e, sintaticamente, de não poderem ser separados.

Um outro teste foi aplicado para verificar a possibilidade de substituição do infinitivo pelos pronomes *isso* ou *tanto*. Verbos auxiliares, como vimos repetindo, formam um grupo coeso com o verbo em forma nominal, não podendo este ser substituído por um desses pronomes. Para melhor ilustrar o que dizemos, chamo à luz o verbo *ter*, prototipicamente considerado auxiliar, em construções como (242):

(242) Ele tinha prometido não mais tocar neste assunto. (GT)

Se substituirmos o item *prometido* pelos pronomes *isso* ou *tanto*, verificamos que o resultado é uma construção agramatical, como exemplificado em (242a):

(242a) *Ele tinha isso/tanto não mais tocar neste assunto. (GT)

Esse resultado sugere que, em construções com verbos auxiliares, os pronomes *isso* ou *tanto* não podem substituir o verbo na forma nominal, porque o domínio, conforme já discutimos no capítulo 3, que inclui a forma não finita não é de natureza frásica, sendo impossível substituí-lo por pronomes. No caso da ocorrência (242a), a impossibilidade de substituição pelos pronomes

ocorreu, porque *isso* e *tanto* não são compatíveis com as propriedades de subcategorização do verbo *ter*.

Em todas as ocorrências com *chegar a + INF*, observamos a possibilidade de substituição do verbo no infinitivo, com seu complemento, por pronomes *isso* ou *tanto*, tal como exemplificado em (243):

(243a) Os mortos têm uma paz que **chega a ser** inveja dos vivos! (AT)

(243b) Os mortos têm uma paz que **chega a isso**!

Por esse critério, *chegar* seria excluído da classe de auxiliares.

Outro teste de auxiliaridade aplicado foi o da correspondência semântica entre ativa e passiva. Em caso de verbo transitivo, o significado da oração na voz passiva corresponde ao significado na voz ativa. Em perífrases, os dois verbos são vistos como um único núcleo oracional, portanto, a transformação na voz passiva não deve alterar o significado básico que a oração possui ao se apresentar na ativa. Ressalvados os casos em que o próprio verbo principal não admita voz passiva. Caso ocorra alguma alteração, os dois verbos não podem ser considerados como pertencentes ao mesmo domínio frásico. Havendo, portanto, dois núcleos verbais, não há auxiliaridade. Vamos à análise.

(244) Todo grande artista não usa a arte apenas como veículo de suas idéias, vá lá, humanistas, e suas idéias estéticas. Assim um poema é muito mais que um libelo ou um discurso. É uma alquimia onde a posição do homem se identifica com a posição do artista, a tal ponto que, em João Cabral, sua poesia **chega a usar** as vestes da pobreza, no caso da objetividade com que trata seus assuntos-poemas. (CF)

Em (244), encontramos a ocorrência de uma construção na voz ativa: *sua poesia chega a usar as vestes da pobreza*. Se transformarmos essa construção na voz passiva, teremos: *as vestes da pobreza chegam a ser usadas pela sua poesia*. Como verificamos, o significado básico se mantém. Passiva e ativa apresentam correspondência semântica. Isso significa que *chegar* e *usar* pertencem ao mesmo domínio frásico, formam um complexo verbal único, em que *chegar* é o verbo auxiliar e *usar*, o verbo lexical.

A título de exemplificação, apresentamos um caso em que os verbos em sequência não podem ser considerados como pertencentes ao mesmo domínio, visto que não há correspondência semântica entre suas construções ativa e passiva.

(245) a. As crianças querem comer os ovos de chocolate.

b. *Os ovos de chocolate querem ser comidos pelas crianças.

Fica claro que o sentido da passiva não corresponde ao sentido da ativa. A diferença entre (244) e (245) é que *chegar* perdeu a propriedade de selecionar os seus argumentos, ficando a seleção a critério do verbo principal, em (244) o verbo *usar*. Além disso, os dois verbos apresentam um forte vínculo sintático e semântico, apresentando alto grau de integridade. Ao contrário, o verbo *querer* ainda mantém a restrição argumental, pois não parece ser compatível com sujeitos não-animados, e não possui forte aderência ao verbo seguinte.

Como vimos dizendo ao longo deste capítulo, a integridade entre os verbos que formam a perífrase é um critério importante para medirmos o grau de gramaticalidade de um verbo e da construção. Entendemos que os verbos estão integrados sintaticamente quando formam, juntos, apenas um predicado, não admitindo, como vimos anteriormente, a existência de outro núcleo oracional. Para que dois verbos formem um predicado é necessário que um dos verbos perca suas propriedades lexicais, funcionando apenas como marcador gramatical e reservando, ao outro verbo, o papel de núcleo da predicação.

Para testarmos a integridade sintática da construção *chegar a + INF*, vamos propor o uso do advérbio *aqui* entre os dois verbos, considerando que o segundo argumento de *chegar* lexical apresenta o traço [+Locativo]. Se for possível resgataremos, na construção em análise, a idéia de local, relativa ao verbo *chegar*, como complemento dele, sem alterarmos o sentido original da sentença, a integridade sintática é baixa, e o verbo *chegar* pode estar exercendo, ainda, uma função lexical, pois uma fraca integridade pode indiciar que os verbos representam duas orações; caso contrário, se a construção não admitir um elemento com noção locativa, os verbos apresentam forte coesão sintática, e *chegar* assume função gramatical. Vejamos a ocorrência (246).

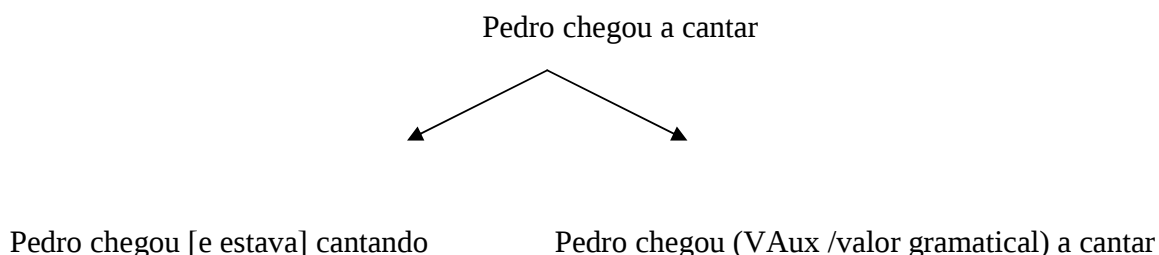
(246). No verão, quando se enfolha, visto de longe, até nem parece tão velho. “A gente **chega a sentir** inveja dele.” “E quem não inveja o que remoça, seu Ataliba?” __ retrucou dom Alberto(...)(CE)

Não nos parece que, em (246), seja possível introduzir o advérbio *aqui*, sem que se altere o significado do enunciado. O falante, em nossa interpretação, quis utilizar a construção *chega a sentir* como uma forma única. O verbo *chegar* foi usado para dar realce, ênfase à noção de limite que constitui o processo expresso pelo verbo *sentir*, e não aceita o resgate à idéia de

deslocamento para um Locativo direcional. O uso de *chegar* em (247) não corresponde ao uso de (246).

(247) (...) “A gente **chega aqui** e **sente** inveja dele”.

Para mostrarmos a diferença entre *chegar a + INF*, com *chegar* na função gramatical (doravante *chegar a + INF 1*), e *chegar a + INF*, com *chegar* na função lexical, em que o infinitivo corresponde a uma oração reduzida (doravante *chegar a + INF 2*), procuramos, em nossos *corpora*, ocorrências que nos auxiliassem na comparação dos dois usos. Para melhor esclarecer as diferenças entre eles, é importante ressaltarmos que *chegar a + INF 2* equivale a *chegar + gerúndio*. No português brasileiro, cuja tendência é o uso, preferencialmente, do gerúndio, é possível interpretarmos que, na sequência *chegar a + INF*, *chegar* não é usado com função de verbo pleno, mas que expressa uma das funções textual-discursivas já discutidas. No português europeu, tal construção pode gerar ambigüidade sintática, visto que os portugueses, preferencialmente, fazem uso do infinitivo em detrimento da forma no gerúndio. Assim, a construção *Pedro chegou a cantar*, dita por um brasileiro, leva-nos à interpretação: a ação de cantar é valorizada e, por isso, posta em um ponto culminativo por meio do uso do *chegar + preposição a*. Neste caso, verificamos o uso de *chegar* em uma de suas funções textual-discursivas já discutidas. Assim, a frase *Pedro chegou a cantar* pode ser duplamente interpretada. Veja o esquema:



Não encontramos nos nossos *corpora*, nenhuma ocorrência que nos auxiliasse na distinção entre *chegar a + INF 1* e *chegar a + INF 2*. Recorremos, então, a outros *corpora* e encontramos, na linguatca, uma ocorrência interessante do português europeu. Um mesmo informante, no mesmo inquérito, usa *chegar a + INF*, ora com valor 1, ora com valor 2.

(248) “No ano passado cheguei aqui a jogar bem e depois quis acabar os pontos muito cedo. Quando jogo mal, como aconteceu nas últimas semanas, tenho mais paciência” (CNS)

(249) “O prof. Neca telefonou-me a perguntar se eu queria jogar e respondi-lhe imediatamente que sim. Depois, nem cheguei a jogar, porque no dia anterior ao jogo minha filha foi atropelada e tive de regressar à pressa a Portugal”. (CNS)

Em (248), temos dois núcleos verbais, representados pelos verbos *chegar* e *jogar*. O verbo *chegar*, neste caso, exerce função lexical, e o uso do advérbio *aqui* comprova a existência de seus traços sêmicos [+Movimento] e [+Direção], além de tornar evidente a baixíssima integridade entre os verbos. Já em (249), a integridade é alta, pois há um único núcleo verbal formado pela perífrase *cheguei a jogar*, em que *chegar* é usado com valor gramatical¹²¹.

No português brasileiro, os dados do *corpus* NILC/São Carlos – Linguatca¹²² mostram-nos que, quando o falante constrói uma seqüência *chegar* + *verbo*, a forma nominal do segundo verbo será selecionada de acordo com o valor do verbo *chegar*. Se o falante usa *chegar* com valor lexical, a forma nominal gerúndio é selecionada, conforme as ocorrências (250) e (251) extraídas do NILC/São Carlos. Se o falante usa *chegar* com valor gramatical, o infinitivo é selecionado, de forma a desfazer qualquer possível ambigüidade, conforme as ocorrências (252) e (253) do COMTELPO.

(250) par Revista-94b-nd-1: Depois de ser considerado sapato de perua por todas as modernas que não tiram o botina do pé, o scarpin **chega matando** caretices em canto de parede, com grande estilo.

(251) par Cotidiano-94a-soc-1: «Eles já **chegaram dizendo** que matariam quem tentasse correr.

(252) Durar cem anos com paninhos quentes, para quê, se desse modo não se **chegava a gozar** um só minuto? Não: ele, em tendo fome, comia: em tendo sede, bebia. (AZ)

(253) Portanto, encampado o que se há feito, já seguindo linhas gerais, já transcrevendo trechos e definições, já **chegando mesmo a fazer** compilações, embora seja nosso plano desta obra e nossa a sua delineação, consumação e execução. (CH)

¹²¹ É importante ressaltar que as ocorrências (248) e (249) foram produzidas por um mesmo informante, durante uma entrevista. A possível ambigüidade na interpretação de (248) é desfeita pelo contexto de uso.

¹²² NILC/São Carlos é um *corpus*, pertencente à Linguatca, de aproximadamente 40 milhões de palavras extraídas de textos em prosa em português brasileiro. Disponível em <http://acdc.linguatca.pt/acesso/>

O último critério aplicado foi o da recursividade. Se uma construção perifrástica for constituída por verbos idênticos, significa que o falante não os percebe mais como verbos sinônimos. Este é o mais alto grau de gramaticalização, pois já não há mais dúvidas de que o primeiro verbo é auxiliar e de que todas as informações lexicais encontram-se no verbo seguinte.

Nas amostras de *chegar* extraídas do COMTELPO, não registramos nenhuma ocorrência que ilustrasse caso de recursividade. Esse resultado já era esperado, pois esse é um *corpus* de textos escritos, e o uso recursivo (*chegar a chegar*) é condenado pelas normas gramaticais.

No *corpus* oral que apóia esta pesquisa, também não foi registrada nenhuma ocorrência, mas Pena-Ferreira (2007) registra um caso de recursividade de *chegar* em uma narrativa oral do português brasileiro contemporâneo:

(254) [...] ele ficou tão... atarantado... que **chegou a chegar** atrasado:... no primeiro dia de trabalho

Esse exemplo mostra que o falante não considera os dois verbos sinônimos, por isso utiliza os verbos em seqüência, evidenciando o comportamento auxiliar do item *chegar*. Observamos que, em (254), *chegar* exerce a função de marcador de consequência, pois marca um Estado de Coisas (*chegar atrasado*) que resulta de um anterior (*ele ficou atarantado*), considerado causa.

Embora não tenhamos encontrado, nos textos orais do NURC, ocorrências que exemplifiquem casos de recursividade, queremos destacar uma ocorrência, que julgamos interessante e que acreditamos deixar evidente o caráter auxiliar do verbo *chegar*.

(255) Loc. – ah... bom... o curso de economia ((risos)) só serviu porque a universidade abre um pouco os horizontes da gente... né? eu eu queria me empregar... empregar e estudar... então meu cunhado virou pra mim... porque eu queria fazer... queria fazer junto com o quinto ano... fazer o curso pra... pra fazer... sei lá... inclusive grupos de colegas lá que estudavam tinha esses cursos... até **cheguei a ir** num curso desses... né... lá na cidade... (OA)

Os verbos *chegar* e *ir* são verbos de movimento, que possuem os traços deslocamento e direção. Utilizados em seqüência, como em (255), mostram que o falante não considera o verbo *chegar* como o possuidor desses traços sêmicos, que ficam restritos ao verbo *ir*. Sem esses traços, que caracterizam o significado lexical de um verbo, *chegar* encontra-se esvaziado semanticamente, sem papel lexical, mas com importante contribuição discursiva no contexto. Conforme nossa classificação apresentada no capítulo 5, *chegar* exerce, na ocorrência (255), a função de *marcador de contra-expectativa ampliativa*, pois notamos a inclusão de um evento

como uma contra-expectativa que excede o limite do contexto discursivo anterior a *até cheguei a ir num curso desses*.

De acordo com a nossa pesquisa, no português atual, tanto europeu quanto brasileiro, a construção *chegar a + INF* é bastante produtiva, e aparece com frequência, indistintamente, nas modalidades de língua oral ou escrita. Foi esse uso que instigou a curiosidade de investigarmos se o verbo *chegar*, nessa construção, pode ser classificado como verbo auxiliar.

Como esclarecemos no capítulo 3, no qual apresentamos o fenômeno da auxiliariade, a lista de verbos auxiliares na língua portuguesa é bastante controversa. Diversos gramáticos apresentam, sem critérios rigorosos de análise, um rol de verbos que integram essa categoria. Entretanto, muitas divergências são percebidas, até em obras diferentes de um mesmo autor. Para investigarmos a auxiliariade do verbo *chegar*, consultamos, inicialmente, as gramáticas tradicionais de língua portuguesa. Entre os autores pesquisados (Soares Barbosa, 1822; Said Ali, 1908, 1927 e 1971; Epiphanyo, 1917; Cunha & Cintra, 1984; Bechara, 1999), somente Bechara (1999) apresenta o verbo *chegar* no elenco dos verbos auxiliares.

Pontes (1973) e Lobato (1975), cujos trabalhos sobre verbos auxiliares são referência em língua portuguesa, apresentam critérios que descartam grande parte dos verbos listados pela maioria das gramáticas tradicionais e concordam ao considerar que *ter* é o verbo auxiliar prototípico. O verbo *chegar*, não citado por Pontes, é apresentado por Lobato (1975, p.53) como um verbo excluído da classe de auxiliares por apresentar restrições combinatórias ligadas ao auxiliado. Gonçalves (1991) e Gonçalves e Costa (2002) consideram auxiliares puros os verbos *ter* e *haver* e apresentam o *chegar (a)* como pertencente à classe de verbos que exibem apenas algumas propriedades dos auxiliares.

Tendo os nossos *corpora* como suporte, analisamos, atentamente, as 117 ocorrências com *chegar a + INF*¹²³, e os submetemos a testes de auxiliariade, considerando os critérios semânticos e sintáticos discutidos no capítulo 3. Como pudemos observar, a maioria desses critérios aponta o uso de *chegar* como auxiliar. Se considerarmos apenas os critérios semânticos, como a *perda sêmica e a detematização*, podemos dizer que *chegar* integra a classe de auxiliares, pois apresenta todas as características dessa classe. Pelos critérios sintáticos, o verbo em análise não integra completamente a classe de auxiliares, pois o comportamento de *chegar* não obedeceu

¹²³ Além dessas 117 ocorrências, serviram-nos de material de análise, 120 ocorrências do NURC e 50 ocorrências que compõem o que chamo de *Corpus Não Sistematizado* (CNS). São ocorrências extraídas de jornais, revistas, telejornais, novelas, conversas espontâneas, coletadas no período de outubro de 2006 a abril de 2007.

a todos os critérios. Os critérios *impossibilidade de inserção de material entre auxiliar e verbo principal*, *impossibilidade de negação frásica do domínio finito*, *impossibilidade de substituição do infinitivo por “isso” ou “tanto”* distanciam o verbo *chegar* do elenco dos verbos auxiliares prototípicos.

Como consideramos verbo uma categoria escalar, gradiente, acreditamos que existam graus de auxiliaridade. Para testarmos o grau de auxiliaridade de *chegar a*, propusemos um ponto para cada critério. A soma dos critérios, 11 no total, indicará se o grau de auxiliaridade é baixo, médio ou alto. Abaixo de 5, o grau é baixo; igual a 5, o grau é médio; e acima de 5, consideramos alto grau de auxiliaridade. O quadro 10, a seguir, indica o grau de auxiliaridade do verbo *chegar*.

QUADRO 10: Grau de auxiliaridade do verbo *chegar*

CRITÉRIOS DE AUXILIARIDADE	VERBO <i>CHEGAR</i>
Perda Sêmica	01
Detematização	01
Coesão Semântica	01
Impossibilidade de inserção de material entre auxiliar e verbo principal	00
Impossibilidade de negação frásica do domínio finito	00
Correferencialidade de sujeito	01
Impossibilidade de substituição do infinitivo pelos pronomes <i>isso</i> ou <i>tanto</i>	00
Impossibilidade de ocorrência de complemento oracional finito	01
Correspondência semântica entre passiva e ativa	01
Integridade Sintática	01
Recursividade	01
TOTAL	08

A leitura do quadro 10 nos permite considerar alto o grau de auxiliaridade do verbo *chegar*, pois a soma dos critérios obedecidos é igual a 08. Os critérios sintáticos não verificados impedem a atribuição do estatuto de auxiliar prototípico ao verbo *chegar*. Mas não resta dúvidas de que *chegar* apresenta, como o teste de auxiliaridade mostrou, um comportamento de item gramatical.

É interessante observarmos que os usos de *chegar a + INF* repercutem primeiro nas propriedades semânticas (veículo de mudanças) e só depois atingem a codificação sintática, que é mais interna à gramática, mais padronizada.

7. 2. Estágios de auxiliaridade e gramaticalização de *chegar*

Vimos que, na literatura sobre auxiliaridade, verbos auxiliares são aqueles que perderam suas propriedades lexicais, apresentam características gramaticais e servem para expressar categorias como Tempo, Aspecto e Modo. Os verbos que apresentam algumas, mas não todas as características dos auxiliares, ou seja, apresentam um comportamento híbrido, ou, no dizer de Heine (1993), “anfíbio”, são chamados de *semi-auxiliares*, *quase auxiliares* ou ainda, na terminologia de Travaglia, *auxiliares semânticos*. Assim sendo, podemos classificar o verbo *chegar* como um semi-auxiliar, pois obedeceu a alguns, mas não a todos os critérios de auxiliaridade.

Mesmo sem a explicitação dos critérios utilizados, alguns trabalhos já apresentam o verbo *chegar* na lista dos auxiliares. Almeida (1980) apresenta *chegar* como um auxiliar que indica aspecto terminativo. Neves (2000) o apresenta como verbo que não constitui predicado, e o cita como aspectual de consecução. Borba (2002) refere-se a *chegar a* como verbo que indica aspecto conclusivo.

Barroso (1994), em seu trabalho sobre aspecto verbal perifrástico, considera perifrástica a construção *chegar a + INF*. Para Barroso (1994), que, para estudar aspecto verbal, seguiu o modelo teórico de Coseriu, enriquecido por Wolf Dietrich, essa perífrase é utilizada, na norma lingüística portuguesa contemporânea, para representar a *disposição resultante*, uma subcategoria da categoria aspectual *colocação*. Barroso (1994) apresenta sete categorias aspectuais, a saber: Visão, Fase, Colocação, Repetição, Duração, Resultado, Cumprimento. Segundo o autor, a relação de uma ação com outra ou outras ações no contexto, visto como um segundo plano em relação ao qual se “coloca” a ação explícita, é assinalada pela categoria aspectual da colocação, que nada informa sobre o desenvolvimento da ação verbal. A colocação, por sua vez, é subcategorizada em: *alinhamento* (ou *ordem*), *disposição resultante* e *demarcação*.

Por *disposição resultante* considera-se a subcategoria aspectual que indica que a ação verbal se apresenta como um resultado relativamente às ações não consideradas, ou não explicitadas, anteriormente. Barroso indica que as perífrases *vir a + INF* e *chegar a + INF* realizam essa significação gramatical, e apresenta os seguintes exemplos:

- (256) É tempo de explicar que quando aqui se diz ou *venha a dizer* é verdade pura e pode ser comprovado em qualquer mapa.

- (257) E aquela confiança tão nobre de Afonso Maia no orgulho patricio, nos brios de raça de seu filho, *chegava a tranquilizar* Vilaça.¹²⁴

Barroso (1994) ainda acrescenta que *chegar a + INF* diferencia-se de *vir a + INF* por deixar subentendido uma espécie de alinhamento. Vale informar que a subcategoria aspectual alinhamento significa a ordem de ocorrência da ação verbal, começo, meio ou fim.

Cumpramos lembrar que o verbo *chegar*, segundo os dados de nossa pesquisa, não se acomoda nas funções gramaticais prototípicas como Tempo, Aspecto, Voz e Modo, não podendo, por isso, ser considerado um auxiliar típico.

Parece ficar claro que, de acordo com as ocorrências registradas, tal como a que se encontra em (258), *chegar* não é metaforizado para expressar as noções de Tempo, Modo ou Voz, embora abrigue as desinências verbais como qualquer auxiliar:

(258) Damião ficou frio... Cruel instante! Uma nuvem passou-lhe pelos olhos. Sim, tinha jurado apadrinhar a pequena, que por causa dele, atrasara o trabalho...

— Dê-me a vara, Sr. Damião!

Damião **chegou a caminhar** na direção da marquesa. A negrinha pediu-lhe então por tudo o que houvesse mais sagrado, pela mãe, pelo pai, por Nosso Senhor...

— Me acuda, meu sinhô moço! (DU)

Também não nos parece que *chegar* expresse valor aspectual, pois a categoria Aspecto, segundo Comrie (1976, p.3), é considerada como “diferentes meios de ver a constituição temporal interna de uma situação”¹²⁵. Para Castilho (1967, p.14), Aspecto é uma categoria que atualiza o processo, definindo-lhe a duração; é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração ou desenvolvimento, ou ainda, a representação espacial do processo. Em Castilho (2002b, p.83), o Aspecto é visto como uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do Estado de Coisas aí codificado, ou, em outras palavras, as fases que ele pode compreender.

Travaglia (1994, p.41) resume as diversas conceituações de Aspecto em língua portuguesa e em outras línguas, apresenta pontos mais ou menos em comum entre as diferentes conceituações:

- 1) Aspecto seria “a maneira de ser da ação”;
- 2) Aspecto é a indicação da duração do processo, de sua estrutura interna temporal;

¹²⁴ Cf. Barroso (1994, p. 137-147).

¹²⁵ *As the general definition of aspect, we may take the formulation that aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation.* (COMRIE, 1976, p.3)

- 3) Aspecto é a indicação dos graus de desenvolvimento, de realização do processo, o modo de conceber o desenvolvimento do processo em si;
- 4) Aspecto envolve Tempo;
- 5) Aspecto é definido como marcador de oposições entre certas noções ou de noções simples: término/não-término, início, resultado, etc.

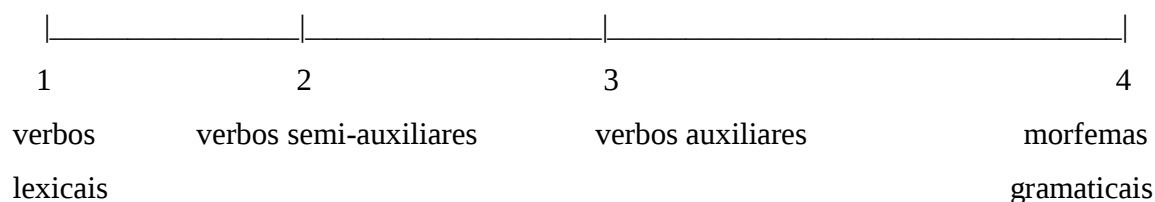
Considerando os conceitos de Aspecto, não nos parece que a perífrase *chegar a caminhar* em (258), expresse tal noção, pois não há indicativo do tempo interno da ação, nem o seu início, nem sua duração ou seu término. O item *chegar*, portanto, não marca a duração interna do processo descrito pelo verbo no infinitivo.

Rodrigues (2006), em seu estudo sobre as *Construções do Tipo Foi Fez* (CFFs), concluiu que o verbo *chegar*, neste contexto de uso, assim como os verbos *ir* e *pegar*, percorre os mesmos estágios previstos nos processos de gramaticalização, sem que tenha adquirido uma função gramatical prototípica, mas, sim, uma função pragmática. Bertucci (2007), que também investiga a construção *chegar a + INF*, considera *chegar* um operador de escala. No capítulo 4, apresentamos os valores que julgamos serem expressos por *chegar a + INF*, o de marcar mudança temporal, limite, contra-expectativa e consequência. Isso implica dizer que o verbo *chegar* quando se auxiliariza, o faz para marcar outras funções diferentes das categorias gramaticais Tempo, Aspecto, Voz e Modo. Dessa forma, podemos também dizer que *chegar* apresenta comportamento diferente de outros verbos de movimento que, como já apresentamos nesta tese, ao citarmos Cuenca e Hilferty (1999)¹²⁶, quando passam de pleno a auxiliares deixam de expressar a idéia de deslocamento no espaço para expressarem a categoria gramatical de tempo, tal o caso do verbo *ir*.

Lembrando a figura 02, apresentada no início capítulo 5, que mostrava a natureza escalar da categoria verbo, podemos tentar visualizar na cadeia o ponto em que se encontra o verbo *chegar*, considerando que o uso *chegar a + INF* permite que o verbo migre do ponto 1, dos verbos lexicais, para o ponto 3, dos verbos auxiliares.

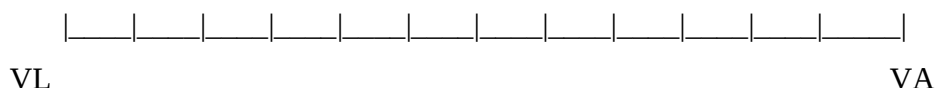
¹²⁶ Cf. capítulo 4 desta tese, p. 136.

Figura 02: Natureza Escalar da Categoria Verbo



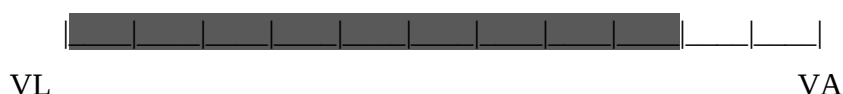
Para atingirmos o nosso propósito, vamos supor que, entre o ponto 1 e o ponto 3, existem outros 11 semipontos, que correspondem aos 11 critérios de auxiliaridade apresentados anteriormente. Dividimos assim a cadeia de auxiliaridade, onde VL representa os verbos lexicais e VA os verbos auxiliares:

Figura 03: Cadeia de auxiliaridade



Proposta a cadeia de auxiliaridade, vamos identificar o ponto em que podemos encontrar *chegar a*. Os pontos sombreados correspondem aos 08 critérios de auxiliaridade obedecidos por esse verbo.

Figura 04: Cadeia de auxiliaridade do verbo *chegar*



A Figura 04 permite-nos concluir que o verbo *chegar*, na construção *chegar a + INF*, avança na cadeia de auxiliaridade, estando bem mais próximo do ponto dos verbos auxiliares que dos verbos lexicais.

Resta-nos, agora, identificar, considerando os estágios propostos por Heine (1993), em que estágio de gramaticalização *chegar a* se encontra. Relembramos que Heine (1993) propõe 07 estágios de gramaticalização de verbos¹²⁷, os quais tentou relacionar às mudanças que

¹²⁷ Cf. capítulo 3 desta tese.

caracterizam o processo de gramaticalização, como *dessemantização*, *de categorização*, *cliticização* e *erosão*. Retomaremos as principais características dos estágios, para tentarmos inserir o verbo *chegar a* em um deles, e, na medida do possível, procuraremos exemplificá-lo com ocorrências extraídas de nossos *corpora*.

No primeiro estágio, que Heine (1993) denomina de **Estágio A**, os verbos apresentam significado lexical pleno, e seus complementos são representados por entidades concretas.

(259) Aos quinze anos entra no Seminário de Olinda e nele, a 16 de dezembro de 1860, D. João Marques Perdigão cinge-lhe a veste talar e abre-lhe a tonsura e, terminado o curso de Filosofia e o primeiro ano de Teologia, Antônio parte para a França. **Chega** a Paris a 21 de outubro de 1862, e ingressa com seus dezoito anos no Colégio de São Suplício. (CB)

Em (259), notamos o uso concreto do verbo *chegar*. O contexto anterior ao excerto nos permite identificar *Vital* o sujeito das seqüências presentes em (259), o sujeito, portanto, apresenta o traço [+Humano]. O complemento, *a Paris*, apresenta o traço [+Locativo]. O verbo *chegar* carrega os traços *movimento* e *direção*, pois, claramente, percebemos que o uso de *chegar* remete-nos à idéia de deslocamento. Temos, então, um contexto em que o verbo apresenta suas propriedades plenas e um uso concreto, o que caracteriza o estágio inicial de mudança.

No **Estágio B**, o uso verbal começa a abstratizar-se. É esse estágio que Heine afirma ser o início da auxiliarização. O complemento do verbo é representado por uma situação dinâmica e não mais por objetos concretos, como no estágio A. Arriscamo-nos a apresentar (260) e (261) como exemplos desse segundo estágio de mudança.

(260) Meillet insiste, ao contrário, na significação imanente do gênero neutro nas línguas indo-européias antigas, para **chegar** à conclusão de que a classificação tripartida, tal como aí encontramos, mascara a existência de duas classificações indo-européias, feitas por critério diferente e de importância desigual. (BL)

(261) Fora um agente de vendas, um aldrabão nato, com sonhos grandiosos, mitômano no mais alto grau, mas persistente nas suas “conquistas”, fora essa bela prenda quem a “desmoralizara” (a expressão era da própria Glória). Iludira-a, **chegara** ao ponto de prometer-lhe casamento, o pulha: ao fim e ao cabo levava-a para o Porto, para casa da mulher legítima (mais uma tarada, ou uma vítima) e ainda a misturava com outra amante[...] (AZ)

Notamos uma abstratização no uso do verbo *chegar*, em que os complementos do verbo – *a conclusão*, em (260) e *o ponto de prometer-lhe casamento*, em (261) – já não podem ser

considerados objetos concretos, o que exclui esse uso de *chegar* do primeiro estágio da cadeia de mudança. O uso de *chegar* em (261), *chegara ao ponto de*, pode ser considerado o que originou o uso *chegar a + INF*, se levarmos em conta que, em ocorrências com essa construção, podemos resgatar a expressão *a ponto de*. É o que verificamos em (262).

(262) Artista e inteligente como és, estou certo, Octávio, de que serias o querido das mulheres, mas havias de dedicar-te um pouco mais ao seu cultivo. Quase lhes não falas, e quando o fazes, **chegas a ser** até, por vezes, desagradável, sacrificando-lhes a vaidade a um dito de espírito. As mulheres nunca perdoam o espírito! É mais fácil perdoarem...(AE)

Podemos acrescentar, em (263), a expressão *a ponto de*, sem alterar o sentido do enunciado.

(263) (...) Quase lhes não fala, e quando o fazes, **chegas a ponto de ser** até, por vezes, desagradável.

No terceiro estágio, o **Estágio C**, o verbo já não seleciona seus argumentos, combina-se com uma das formas nominais e apresenta o mesmo sujeito que o verbo na forma nominal. Para Heine (1993), os verbos semi-auxiliares estão incluídos neste estágio, mas ainda não são auxiliares prototípicos. Portanto, incluiremos o verbo *chegar* neste estágio, uma vez que, pelos testes de auxiliidade, concluímos que *chegar a* não é auxiliar prototípico, mas apresenta muitas características dos auxiliares, como em (264).

(264) O seu discreto temperamento ajudava-nos pouco o desejo de lhe fazer qualquer pergunta mais familiar, mais íntima. Como inquirir-lhe da saúde, sem ter medo de magoá-lo em qualquer parte da alma? Era difícil, sabe? Quanto mais perguntar-lhe: Que fez esta noite? Aparece amanhã? **Chegava a ter** a impressão de devassar-lhe a intimidade, quando o encontrava, às vezes, na rua... (AT)

No **Estágio D**, encontram-se os verbos que sofreram decategorização, isto é, perderam características sintáticas próprias de verbos plenos, como a possibilidade de formar imperativos, de ser nominalizados e de se apassivar. Neste estágio, o verbo associa-se apenas a uma forma nominal. Para Heine (1993), é nesse estágio que os verbos auxiliares prototípicos começam a ser encontrados.

Pelas ocorrências que observamos em nossos *corpora*, como a (264) apresentada anteriormente, podemos dizer que *chegar a* também apresenta características desse estágio, uma vez que só se combina com uma forma nominal, o infinitivo. Em contextos em que *chegar* associa-se ao gerúndio, por exemplo, não temos mais um caso de uso gramatical do verbo, o seu

comportamento é lexical, como constatamos ao apresentar o critério 10 de auxiliaridade, a *integridade sintática*.

No **Estágio E**, o verbo torna-se um auxiliar propriamente dito. Muitas de suas propriedades verbais foram perdidas, a ponto de, nesse estágio, os processos de cliticização e erosão serem iniciados. No **Estágio F**, o verbo transforma-se de clítico para afixo e, no último estágio, **Estágio G**, o verbo reduz-se a um afixo monossilábico.

Para visualizarmos, mais uma vez, as mudanças ocorridas por *chegar a*, apresentamos o quadro 10, no qual, a exemplo de Heine, correlacionamos as características do processo de gramaticalização com os estágios propostos por Heine (1993).

QUADRO 11: Estágios de gramaticalização de *chegar a*

Estágio Geral	Estágios						
	A	B	C	D	E	F	G
Dessemantização	X	X	X	X			
Decategorização	X	X	X	X			
Cliticização							
Erosão							

Queremos mostrar, com o quadro 11, que as mudanças ocorridas por *chegar*, em contextos em que esse verbo aparece na construção *chegar a + INF*, apresentam características do processo de gramaticalização, como a dessemantização e a decategorização, e que podemos incluir *chegar a* no **Estágio D** de gramaticalização. A cor que representa os primeiros três primeiros estágios, Estágios **A**, **B** e **C**, é mais forte, porque acreditamos que *chegar* apresenta todas as características desses estágios. O **Estágio D** é representado por uma cor mais suave, porque julgamos que *chegar* está entrando nesse estágio, mas, por não ser um verbo auxiliar prototípico, não apresenta, ainda, todas as características dessa etapa de mudança.

No capítulo 2, em que discutimos conceitos, características e princípios de gramaticalização, apresentamos os princípios propostos por Lehmann (1982), Hopper (1991) e Castilho (1997). Ao estabelecer os princípios de gramaticalização, Hopper (1991) preocupa-se com os estágios iniciais desse processo de mudança, e mostra que itens gramaticais e lexicais apresentam limites muito tênues.

Como acreditamos que a mudança que ocorre com *chegar* caracteriza estágios iniciais de gramaticalização, retomaremos os princípios de *estratificação*, *divergência*, *especialização*, *persistência* e *deategorização*, propostos por Hopper (1991), na tentativa de verificar se estes princípios podem ser aplicados aos casos de *chegar*.

Lembramos que o princípio de *estratificação* (*layering*) diz respeito à coexistência de diferentes formas que codificam uma mesma função, isto porque, ao emergirem novas formas dentro de um domínio funcional, as formas antigas que expressavam essa função não desaparecem imediatamente, podendo mesmo nem chegar a desaparecer, o que resulta em diversas “camadas” que codificam funções idênticas ou semelhantes.

Se considerarmos os diferentes usos de *chegar* que apresentamos ao longo desta tese, podemos reconhecer o princípio de estratificação. Os usos de *chegar* emergem na língua para codificar diferentes funções, como a de marcar mudança de tempo, encadear discurso, marcar contra-expectativa, limite e consequência.

O uso de *chegar*, em predicado simples, com acepção de *bastar*, por exemplo, exerce a função de marcador de modalidade atitudinal, na estrutura V1 (e) V2, em que preenche a posição de V1 e serve à função de encadeamento dos eventos no texto. Assim, dizemos que *chegar* soma-se a outras formas na língua que também exercem essas funções. No último caso, por exemplo, *chegar* pertence ao mesmo grupo de *pegar* e *ir*, que também servem à função de encadear discursos. Retomamos as ocorrências (177) e (182), para ilustração.

(177) a custo, renascer das cinzas! Quanto não daria Acácio para saber escrever destas! Bem, **chega de Eça**; vamos ao Camilo: Este episódio ocorreu já ao princípio da noite de ontem representando uma inesperada reviravolta. (AG)

(182) Nem todos merecem confiança. Alguns ajudam, não reclamam, não alardeiam, vão fazendo o trabalho, se forem escolhidos, entendem. Outros não. Se a empresa não os admitir, ficam ressentidos, esperam o melhor momento pra dar o troco. **Chegam e te apunhalam** pelas costas. (CM)

Em se tratando da perífrase *chegar a + INF*, a emergência de *chegar* para a marcação de tempo, limite, contra-expectativa e consequência, compete com outras formas mais antigas na língua que pertencem a esse mesmo domínio funcional. É o caso do par correlato *tão /tanto que* coexiste com *chegar* na marcação de consequência e da preposição *até*, na marcação de limite. As ocorrências (203) e (255), já apresentadas nesta tese, ilustram a coocorrência de *chegar* com outros marcadores de consequência e limite, respectivamente.

(203) Era **tão** profunda a segurança com que pintava seus quadros, **tão** naturais as cores das perspectivas debuxadas **que**, às vezes, **chega a ser** quase um photographo consciencioso e paciente. (EU)

(255) Loc. – ah... bom... o curso de economia ((risos)) só serviu porque a universidade abre um pouco os horizontes da gente... né? eu eu queria me empregar... empregar e estudar... então meu cunhado virou pra mim... porque eu queria fazer... queria fazer junto com o quinto ano... fazer o curso pra... pra fazer... sei lá... inclusive grupos de colegas lá que estudavam tinha esses cursos... **até cheguei a ir** num curso desses... né... lá na cidade... (OA)

A coexistência dessas formas comprova que, pelo princípio da estratificação, as velhas formas não precisam ser substituídas pelas novas formas, mas podem conviver, com diferenças sutis de significado, a serviço de uma mesma função, nas palavras de Hopper (1991).

O princípio da *divergência* em muito se parece com o da *estratificação*, a ponto de Hopper dizer que aquele é um tipo deste. Enquanto a estratificação envolve graus de gramaticalização, a divergência envolve itens gramaticais que se gramaticalizam em um contexto, mas não se gramaticalizam em outros. Isso implica que um item, ao sofrer gramaticalização, pode permanecer, em outros contextos, como item lexical, conservando, assim, sua forma de origem.

Esse princípio pode ser aplicado aos casos de *chegar*, pois, comprovadamente polissêmico, *chegar* conserva seu uso mais concreto (com a acepção de *vir*) ao lado de usos mais abstratos (com a acepção de *bastar*, por exemplo), com ampliação funcional mesmo em predicados simples. Embora desde o século XV já se registre o uso de *chegar a + INF*, em que *chegar* exerce o papel de semi-auxiliar, conforme demonstramos anteriormente, esse item não deixou de ser usado em predicados simples e seus diferentes usos permaneceram ao longo dos séculos.

Do uso concreto de *chegar* surgiram outros usos com diferentes funções, que coexistem e explicam o princípio da divergência. As ocorrências apresentadas no capítulo 5 ilustram esse princípio.

(a) *vir* (ir/ atingir um lugar);

(163) O Novo Embaixador do Brasil – **chegou** ontem a Lisboa um diplomata que é também um festejado poeta. (AJ)

(b) *surgir* (aparecer, começar);

(164) Mas como sempre faço, quando tenho a idéia dum poema, tomo nota em caderno (aliás, não sei se lhe contei, foi uma nota dessa, tomada em 1936, descoberta agora que provocou a nascença da Lira Paulistana) tomo nota e fico esperando que a coisa venha. Posso até “forçar” que o poema chegue, pelos processos psicológicos e físicos existentes pra isso, mas sou incapaz de sentar e escrever coisa nenhuma (em poesia) sem já estar fatalizado pra isso. (BE)

(c) *aproximar* (ir ou induzir para perto de algo ou alguém);

(165) Os amigos de Piteira **chegaram-se à porta de entrada do imponente prédio**, para ler o comunicado que ali se encontrava. (AI)

(d) *alcançar* (atingir um ponto alvo, conseguir);

(166) _ o grande vulto Olympio da Pátria Brasileira, o genial artista, honra e orgulho de toda uma Nacionalidade, e de um continente inteiro, o sempre *sonhador*, o *simples*, o *ingênuo*, o bom Carlos Gomes – que, apesar de toda a opulência do seu talento, teve, para **chegar ao alto do Capitólio**, de atravessar, primeiramente, sombrios tunnels, abertos dentro de Golgothas. (BI)

(e) *bastar* (ser suficiente).

(167) Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação da alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me **chegue**. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. (CO)

O princípio da *especialização* refere-se à progressiva obrigatoriedade no uso da forma gramaticalizada, que passa a ser uma escolha para codificar uma determinada função. Analisando os usos de *chegar*, percebemos que a sua emergência está relacionada ao cumprimento de funções textual-discursivas, sobretudo as que dizem respeito à marcação de limite, de contra-expectativa e de consequência. Em contextos de interação, principalmente os mediados pela linguagem oral, o uso de *chegar* parece ser uma forma mais usual do que os meios de expressão mais gramaticalizados disponíveis, como a preposição *até* e a conjunção consecutiva *que*.

(265) Loc. – (...) a gente... quando não tem tempo... pode comer sanduíche... né... a gente come sanduíche... eu também quando como em lanchonete eu não... não observo assim muito as outras pe/ quer dizer... observar a gente até **chega a observar**... e eu sinto que normalmente o que se come mais é sanduíche... né? (OAA)

(266) Inf. – bom... o clima mais frio que eu já peguei foi em Londres... eh... mês de novembro... aí... é tão frio eh.. que... **chega a arder**... ((rindo)) principalmente... a... as extremidades... nariz... o... orelhas... unhas... compreendeu... lábios... (OAD)

O quarto princípio, *persistência*, diz respeito à permanência de traços do significado da forma original, o que implica dizer que, embora a forma em gramaticalização sofra mudanças e adquira novos significados, vestígios da forma antiga tendem a permanecer.

No caso de *chegar*, como vimos sinalizando ao longo desta pesquisa, algumas propriedades do uso concreto de *chegar* persistem no uso perifrástico. Podemos tomar como exemplo a variabilidade verbal. Na análise de nossos dados, constatamos que o semi-auxiliar

chegar encontrou-se flexionado, com exceção do imperativo, em todos os modos, tempos e pessoas verbais, e que a preferência pelo tempo pretérito, pelo modo indicativo e pela 3ª pessoa encontrada em *chegar* lexical é conservada em *chegar* semi-auxiliar.

Notamos, ainda, que, em alguns casos, no uso de *chegar a + INF*, a idéia de limite presente na interpretação das ocorrências lembra o uso de *chegar* com acepção *alcançar*, em predicado simples. O que indicia que a noção de *alcançar um ponto*, sendo esse ponto concreto ou abstrato, presente nos usos concretos ou abstratos de *chegar* permanece quando este item é considerado semi-auxiliar. A ocorrência (267) ilustra que, como semi-auxiliar, *chegar* conserva a noção de *alcançar algo* presente nas ocorrências (268) e (269) em que *chegar* está em predicado simples.

(267) Aos quinze anos entrou para o seminário, (...) era um bom aluno, **chegou a ser** padre, mas anos depois contraiu tuberculose e se afastou da paróquia. (CA)

(268) Passamos por cima de outros boatos idiotas para **chegarmos** ao último... Chegou há pouco da Itália nosso amigo Vincenzo Giocoli, o pomposo Giocoli, que todo mundo conhece. (BT)

(269) andarás a correr montes e valles por todo este Brasil, sujeito aos caprichos de quanto potentado e mandão há por ahi, e sempre com a sella na barriga! Quando **chegares** a desembargador, estarás velho, pobre, cheio de achaques, e sem esperança de subir ao Supremo Tribunal de Justiça. (ER)

De todos os usos de *chegar*, registrados em nossos *corpora*, o único que parece não conservar traços da forma mais concreta é o uso de *chegar* na acepção *bastar*, na função marcador de modalidade atitudinal, indicando desaprovação, protesto. Neste uso, *chegar* não apresenta argumentos, e parece não admitir flexão.

(270) **Chega!** Não estão a lidar com miúdos, mas com gajos de verdade! (CNS)

O princípio da *decategorização* diz respeito à perda ou diminuição do estatuto categorial dos itens em gramaticalização. Os verbos, por exemplo, quando se gramaticalizam, além de perderem em flexão, perdem certas propriedades como a de selecionar argumentos com os quais se combinam.

Mas essa “perda” provocada pela gramaticalização é compensada por outros ganhos. A forma em gramaticalização perde características de sua antiga classe, mas ganha novas

características, agora da classe a que pertence. Os auxiliares, por exemplo, perdem propriedades verbais plenas, mas ganham funções gramaticais, como a de expressar Tempo, Modo e Aspecto.

Em relação a *chegar*, já arrolamos ao longo deste trabalho, muitas evidências empíricas que comprovam a decategorização. Ainda em predicado simples, apontamos a mudança de significado mais concreto para mais abstrato, bem como a não-restrição de argumentos. Apontamos, também, a mudança categorial que ocorre com *chegar*, pois de núcleo da predicação este item passa a ser usado como semi-auxiliar.

Considerando os ganhos advindos da mudança categorial, dizemos que *chegar* ganhou em funções textual-discursivas, pois, como vimos repetindo, o semi-auxiliar *chegar* não utilizado para noções gramaticais de Tempo, Modo e Aspecto, cumpre, no entanto, funções de marcador temporal, de limite, de contra-expectativa e de consequência.

SÍNTESE CONCLUSIVA

Discutimos, neste capítulo, o grau de auxiliaridade de *chegar*, com o objetivo de, com a análise das ocorrências dos *corpora*, verificar se o verbo *chegar* pode ser incluído na classe de auxiliares da língua portuguesa. Avaliados os testes de auxiliaridade, concluímos que *chegar* apresenta características de *verbo semi-auxiliar*.

Utilizamos o termo *semi-auxiliar*, terminologia já empregada na literatura da área (cf. CRISTAL (1985), HEINE (1993), GONÇALVES E COSTA (2002), TRAVAGLIA (2003)), por considerarmos que *chegar* apresenta algumas, mas não todas, características de verbo auxiliar. Em alusão aos estágios de gramaticalização apresentados por Heine (1993), verificamos que *chegar* está iniciando o **Estágio D** de gramaticalização.

Para análise da gramaticalização de *chegar*, aplicamos os princípios de Hopper (1991), que dão conta dos estágios iniciais desse processo de mudança lingüística. Os cinco princípios propostos por Hopper – *estratificação*, *divergência*, *persistência*, *especialização* e *decategorização* – podem ser aplicados aos usos de *chegar*, confirmando, assim, nossa hipótese de que *chegar* está em processo de gramaticalização.

Cumpramos lembrar que, por não ser auxiliar prototípico, *chegar* não expressa funções gramaticais próprias dos verbos auxiliares, como Tempo, Aspecto e Modo, mas, sim, funções textual-discursivas de marcador temporal, de limite, de contra-expectativa e de consequência.

CONCLUSÕES

Este trabalho investigou os diferentes usos de *chegar* em registros do português arcaico, moderno e contemporâneo do Brasil e de Portugal, com o propósito de verificar se esse verbo, quando usado na construção *chegar a + INF*, está passando pelo processo de gramaticalização, compreendido como o processo por meio do qual itens e construções lexicais tornam-se gramaticais. Segundo estudos sobre esse tema, são fatores tanto cognitivos quanto discursivos que motivam a gramaticalização.

Fizemos a opção teórica pelo funcionalismo lingüístico, por concordarmos com as concepções de linguagem e gramática postuladas por esse paradigma de investigação, segundo o qual a estrutura gramatical é motivada pela situação comunicativa, e os fenômenos lingüísticos devem ser estudados considerando-se os componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos. O funcionalismo, portanto, fornece um corpo de doutrina oportuno para abrigar diferentes estudos, sobretudo os que tomam como objeto os processos de inovação lingüística.

Em busca de fundamentos teóricos, fizemos incursões nos postulados funcionalistas, no que concerne à concepção de linguagem e de gramática, apresentamos os principais modelos funcionalistas, como os de Halliday (1985), Dik (1989) e Hengeveld (2000). Sobre gramaticalização, seus conceitos, características e princípios, consultamos os trabalhos de Givón (1979), Lehmann (1982), Hopper (1991), Hopper e Traugott (1993), Heine (1993), Castilho (1997) e outros.

Para pesquisar se nosso objeto de estudo sofre mudança de estatuto categorial, o que configura um processo de gramaticalização, investigamos o fenômeno lingüístico da auxiliaridade. Para compreensão global de tal fenômeno, consultamos não apenas lingüistas de filiação no funcionalismo lingüístico, mas também gerativistas e cognitivistas que, com enfoque e tratamento diferenciado, deram relevante contribuição para esta pesquisa. Destacamos, entre os autores consultados, Pontes (1973), Lobato (1975), Heine (1993), Gonçalves (1995), Neves (2000), Gonçalves e Costa (2002), Longo e Campos (2002) e Travaglia (2003).

Convém lembrar que a auxiliaridade é considerada como resultado do processo de gramaticalização, por meio do qual verbos passam a expressar certos domínios gramaticais. Concebemos verbo como uma categoria de natureza escalar; os usos plenos, conceituais,

localizam-se à esquerda da escala; os usos gramaticais localizam-se à direita, sendo que inúmeras mudanças ocorrem, em processo contínuo, e vão transformando os usos mais concretos em usos mais abstratos.

Por meio de uma investigação de natureza pancrônica, analisamos 795 ocorrências de *chegar*, extraídas de textos escritos dos séculos XIII a XVIII, do português de Portugal, e dos séculos XIX e XX do português de Portugal e do Brasil. Esses textos, organizados em diferentes gêneros, como os da ordem do narrar (GON), do relatar (GOR), do argumentar (GOA), do expor (GOE), e do prescrever (GOP), constituem o *Corpus Mínimo de Textos Escritos da Língua Portuguesa – COMTELPO*, organizado por Figueiredo-Gomes e Pena-Ferreira (2006), durante Estágio de Doutorado na Universidade de Lisboa.

A análise dos dados mostrou que há um aumento significativo do uso de *chegar*, tanto em predicado simples, quanto na perífrase verbal, a partir do século XIX (cf. gráficos 01 e 02, páginas 157 e 159), o que sinaliza uma tendência à gramaticalização segundo Bybee (2003), para quem a frequência de uso é um importante fator nesse processo de mudança lingüística.

Considerando que um de nossos objetivos era identificar diferentes usos de *chegar* ao longo dos séculos, analisamos os documentos escritos do COMTELPO e encontramos, nesses corpora, 05 (cinco) acepções do verbo *chegar* em predicado simples: a) *vir*; b) *surgir*; c) *aproximar*; d) *alcançar*; e) *bastar*. As quatro primeiras acepções aparecem registradas em documentos do século XIII. Somente no século XVIII, registramos a entrada da acepção *bastar*. A entrada tardia de *chegar* com essa acepção explica-se por ser um uso mais abstrato, com traços bem diferentes das outras quatro acepções encontradas.

Embora as acepções *a*, *b*, *c* e *d* tenham sido registradas no século XIII, e algumas delas em um mesmo documento, consideramos o uso mais à esquerda da escala como o emprego mais concreto de *chegar*, aquele que apresenta a acepção de *vir*, com a presença dos traços sêmicos [+Deslocamento], [+Direção] associados ao verbo; e aos traços [+ Concreto]; [+ Animado]; [+ Humano]; [+Agentivo] do A1; e [+ Concreto] e [+ Locativo] do A2. Além disso, a frequência dessa acepção é significativamente superior em relação a todas as outras.

Notamos que a polissemia de *chegar* obedece às necessidades comunicativas e cognitivas do falante, o que faz *chegar* assumir novas funções no discurso. O uso da mesma forma com novas funções permitiu-nos registrar a ampliação funcional de *chegar* simples, e concluir que *chegar* é usado para expressar as seguintes funções: a) marcador de limite numérico (escala); b)

marcador de coesão temporal; c) marcador de modalidade atitudinal; e d) marcador de encadeamento textual-discursivo.

A construção *chegar a + INF* é registrada pela primeira vez, em nossos *corpora*, no século XV, com apenas uma ocorrência, no livro *Vita Christi*, de 1495. O aumento gradativo ocorre nos séculos posteriores, mas é a partir do século XIX que esse uso torna-se mais significativo (cf. tabela 03, página 158), tal como ocorre com *chegar* em predicado simples.

Como resposta ao nosso questionamento a respeito das funções que a construção *chegar a + INF* exerce, concluímos, por meio da análise das 117 ocorrências registradas nos documentos do COMTELPO, que tal construção é usada pelo falante com o propósito de marcar mudança temporal na narração de eventos, limite, contra-expectativa e consequência. Para marcar contra-expectativa, ainda nos foi possível reconhecer *chegar* como marcador de contra-expectativa ampliativa e contra-expectativa restritiva, considerando a realização de uma sequência de Estados de Coisas.

Com o propósito de observar como se manifesta o processo de auxiliarização de *chegar*, analisamos, inicialmente, *chegar* em predicado simples, considerando os critérios semânticos e sintáticos. Em análise da classe sintático-semântica do verbo, os dados revelaram que *chegar* é usado, preferencialmente, como verbo de ação, com 61% do total (cf. tabela 6, página 191). Vale lembrar que consideramos *chegar* ação, quando este verbo, na acepção *vir*, tem complemento de lugar e sujeito agente e humano, e quando pronominal, na acepção *aproximar*, tem sujeito agente e complemento de direção.

Em relação aos traços sêmicos, notamos que *chegar* em predicado simples apresenta, significativamente, os traços [+Deslocamento], como 97% do total, e [+Direção], com 74% do total. Os argumentos de *chegar* também foram investigados e constatamos que, quando em predicado simples, o A1 é realizado em 96% das ocorrências, e A2 é realizado em 76%. Com relação às propriedades léxico-semânticas, notamos que persistem, no A1, os traços [+Concreto], [+Contável], [+Animado], [+Humano], [+agentivo], embora já se verifique uma abstratização crescente desses traços, a partir do século XVIII. O A2, devido à significação lexical de *chegar*, apresenta com frequência mais alta os traços [+Concreto], [+Contável], [-Animado], [-Humano] e [+Direção].

Ressaltamos a perda progressiva desses traços, o que revelou abstratização crescente do item *chegar*, como mostram algumas ocorrências de nossos *corpora*:

(271) *Doc.* porque de drama já **chega a vida** tá? ((risos)) então:... agora eu gostaria de saber que tipo de filme além da comédia quando a senhora quer assistir alguma coisa mais séria...(OSB)

(272) Este movimento nasceu antes da publicação do livro do general Spínola... simplesmente, **chegamos às mesmas conclusões** do general .(AH)

(273) Se deveras **chegara nessa idade** sem contacto com mulher, porém os sonhos o atiçavam, vivia mordido de impaciências curtas (BF).

Sintaticamente, analisamos o comportamento de *chegar* em relação às suas propriedades verbais plenas, isto é, a variabilidade de tempo, modo e pessoa. Constatamos que o tempo gramatical mais freqüente nas ocorrências de *chegar* é o *passado*, desde o século XIII até o século XX. Das 521 (quinhentas e vinte uma) ocorrências consideradas para a análise do tempo, *chegar* flexiona-se no pretérito em 386 (trezentas e oitenta e seis), o equivalente a 74% do total. Esse resultado talvez possa ser explicado pelo fato de *chegar*, semanticamente, marcar o ponto limite de uma ação anterior, com valor anafórico em relação a Estados de Coisas referidos anteriormente.

O modo verbal mais freqüente, com 70% do total, foi o Indicativo, que é o modo *realis* na língua portuguesa. A escolha do falante por esse modo leva-nos a concluir que as ocorrências com *chegar* cumprem antes uma função representacional na língua portuguesa, servindo mais à referência a eventos e situações do que a fatos possíveis, ou seja, conteúdos proposicionais.

Os dados nos revelaram que *chegar* é, preferencialmente, flexionado na 3ª pessoa do singular, com 68% do total. Esse resultado confirma que as ocorrências com o verbo *chegar* apresentam função representacional, pois a 3ª pessoa está voltada para o referente e pertence ao eixo não-subjetivo.

A análise sintática também permitiu observar o comportamento dos argumentos que acompanham *chegar*. Em relação às propriedades sintáticas, notamos que o A1 aparece preenchido lexicalmente em 56% das ocorrências. Explicamos essa freqüência por meio das funções discursivas exercidas por *chegar*, como a de introduzir referentes novos no universo discursivo e a de marcar mudança temporal na narração de eventos, em que o A1 comumente se apresenta como sintagma nominal.

Em relação ao comportamento de A2, observamos que esse argumento aparece com freqüência mais significativa por meio do esquema estrutural [*a + substantivo*], com 68% do

total. A presença da preposição *a* nos leva a concluir que os traços [+Deslocamento] e [+Direção], mantidos nos usos de *chegar*, devem-se a essa preposição, cuja função é introduzir complementos Locativos direcionais de verbos de movimento.

Para analisar as 117 ocorrências de *chegar a + INF*, utilizamos, também, critérios semânticos e sintáticos. Os critérios semânticos permitiram-nos observar que os traços sêmicos [+Deslocamento] e [+Direção] estão ausentes quando o item *chegar* forma a perífrase.

A análise dos dados nos revelou que o A1 realiza-se em 97% das ocorrências e que, com frequência maior (cf. tabela 21, página 216), apresenta os traços [+Concreto], [+Contável], [+Animado], [+Humano] e [+agentivo]. A2 é realizado em 61% das ocorrências. Notamos uma relativa frequência dos traços [+abstrato], [-Contável], e uma significativa frequência dos traços [-Animado], [-Humano] (cf. tabela 23, página 218). Lembramos que, nesses contextos, não é *chegar* que seleciona os argumentos, mas, sim, o verbo no infinitivo. Assim como *chegar* não impõe restrição de seleção semântica aos argumentos, também não restringe o verbo no infinitivo com qual se combina. Em nossos *corpora*, notamos que *chegar* combina-se, sem diferença significativa, com verbos de ação, processo, ação-processo e estado.

Critérios sintáticos usados na análise dos dados, para verificar a variabilidade de *chegar* na construção *chegar a + INF*, permitiram-nos constatar que o tempo verbal mais utilizado é o pretérito, com 66% do total; o modo preferencial é o Indicativo, com 83% das ocorrências; e a pessoa do discurso mais freqüente é a 3ª pessoa do singular, com 66% do total. Esses resultados lembram os que encontramos na análise de *chegar* em predicado simples, o que mostra a persistência das características de *chegar* em construções perifrásticas.

Vale dizer que os argumentos da construção *chegar a + INF* têm comportamento diferente dos encontrados em predicado simples. Em relação às propriedades sintáticas, notamos que, em 73% das ocorrências, o A1 não é preenchido lexicalmente, o que sugere que a construção *chegar a + INF* é utilizada na seqüenciação de eventos.

O A2 apresenta-se sob forma nominal em 71% das ocorrências, o que sinaliza que esse argumento não pode ser caracterizado como Locativo, pois não faz referência nem à direção, nem à origem, diferente do que ocorre em predicado simples. Podemos concluir, dessa forma, que, na construção *chegar a + INF*, *chegar* perdeu propriedades da categoria verbal.

Para testarmos o grau de auxiliaridade e de gramaticalização de *chegar*, avaliamos os seguintes critérios de auxiliaridade: *perda sêmica*, *detematização*, *coesão semântica*,

impossibilidade de inserção de material entre auxiliar e verbo principal, impossibilidade de negação frásica do domínio finito, correferencialidade de sujeito, impossibilidade de substituição do infinitivo pelos pronomes “isso” ou “tanto”, impossibilidade de ocorrência de complemento oracional finito, correspondência semântica entre passiva e ativa, integridade sintática e recursividade.

Os resultados atinentes ao critério *impossibilidade de inserção de material entre auxiliar e verbo principal* mostraram que, na perífrase *chegar a + INF*, é possível a existência de material interveniente, mas apenas 15% das ocorrências caracterizaram-se pela presença de material entre *chegar* e o verbo no infinitivo. Pesquisamos que tipo de material aparece com mais frequência e constatamos que tanto os *advérbios* quanto as seqüências de textos, que rotulamos por *construções*, são inseridos na construção *chegar a + INF* em 47% das ocorrências.

Em relação à ocorrência da negação só do infinitivo, notamos que, nos *corpora* escritos, a negação, quando ocorre, incide sobre toda a perífrase e não apenas sobre um elemento. Recorremos ao *corpus* oral, para observarmos se *chegar a + INF* apresenta comportamento diferente. Em apenas 3% das ocorrências do *corpus* oral, encontramos um elemento de negação incidindo sobre o verbo no infinitivo. A baixa frequência da negação no domínio finito revela-nos o início de um forte vínculo entre os elementos da perífrase *chegar a + INF*.

Avaliados os critérios da *impossibilidade de ocorrência de complemento oracional finito* e da *correferencialidade de sujeito*, notamos que *chegar* comporta-se como verbo auxiliar, pois não há ocorrência em que seja possível, gramaticalmente, nem o desdobramento da oração finita em desenvolvida, nem a existência de sujeitos não correferenciais.

Já o critério *impossibilidade de substituição do infinitivo pelos pronomes “isso” ou “tanto”* revela que *chegar* apresenta um comportamento diferente dos auxiliares prototípicos, que não admitem a substituição da forma nominal pelos pronomes *isso* e *tanto*. Nas ocorrências com *chegar a + INF*, entretanto, o verbo no infinitivo é facilmente substituído por esses pronomes, o que indica que, por esse critério, *chegar* é excluído da classe dos auxiliares.

Por outro lado, os critérios como *perda sêmica, detematização, coesão semântica, integridade sintática e recursividade* qualificam *chegar* como auxiliar. Por considerarmos verbo uma categoria escalar, e por concluirmos, depois de avaliados os critérios de identificação de auxiliares, que *chegar* obedece a 08 (oito) dos 11 (onze) critérios de auxiliaridade, entendemos

que *chegar*, devido ao seu comportamento híbrido, é um verbo semi-auxiliar e que seu grau de auxiliaridade e de gramaticalização deve ser considerado alto.

Em relação aos estágios de auxiliaridade, propostos por Heine (1993), a análise de diferentes usos de *chegar* permitiu-nos concluir que *chegar* atinge o estágio **D** de gramaticalização, pois é nesse estágio em que se encontram verbos que sofreram decategorização e associam-se a apenas uma forma nominal.

Retomamos, para análise de *chegar*, os princípios de gramaticalização, apresentados por Hopper (1991) para flagrar estágios ainda não consolidados desse processo (*estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização*), e observamos que todos os princípios podem ser aplicados aos casos de *chegar*, o que comprova a nossa hipótese de que *chegar* é um item em gramaticalização na língua portuguesa.

O estudo de um item, relativamente aos processos de variação e mudança, oportuniza a reflexão sobre temas que são, mais comumente, abrigados no paradigma funcionalista. A investigação do item *chegar*, por exemplo, oportunizou o estudo sobre o processo de gramaticalização, permitindo-nos rediscutir esse processo. Nosso interesse não foi apenas identificar a função que esse item exerce, mas, sim, saber como esse item veio a exercer tal função. Esperamos que este estudo sobre *chegar* abra espaço para pesquisas de outros itens particulares que possam oferecer comprovação empírica aos postulados funcionalistas.

REFERÊNCIAS

AKMAJIAN, A. et al. *The category AUX in universal grammar*. Linguistic Inquiry, 1979.

ALMEIDA, J. de. *Introdução ao estudo das perífrases verbais do infinitivo*. Assis-SP: ILHPA – Hucitec, 1980.

AURÉLIO. *Novo dicionário Aurélio de língua portuguesa*. 7^a. ed. São Paulo: Ática, 1986.

BARROSO, H. *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: visão funciona/sincrônica*. Dissertação de Doutorado. Porto, 1994.

BEAUGRANDE, R.A. *Functionality and textuality*. Wien: Universitäts Verlag, 1993.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37^a ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

_____. *Moderna gramática portuguesa*. 37^a ed. rev. e ampl. 15^a reimp. - Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BENVENISTE, E. Mutations of linguistic categories. In: LEHMANN, W. P. & MALKIEL, Y. (eds) *Directions for historical linguistics*. A symposium. Austin & London: University of Texas Press, 1968, 83-94.

BENVENISTE, E. *Princípios de lingüística geral*. V.I. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 4^a ed. São Paulo: Pontes, 1995.

BENVENISTE, E. *Princípios de lingüística geral*. V.II. Trad. Eduardo Guimarães et al. São Paulo: Pontes, 1989.

BERTUCCI, R. A. *Proposta de análise para o auxiliar chegar em PB*. Disponível em: http://www.pgletas.ufpr.br/eventos/docs_eventos/Roberlei_Bertucci.pdf. Acesso em: 24 de jul.2007.

BOLINGER, D. *The form of language*. London: Longmans, 1977.

_____. Wanna and the gradience of auxiliaries. In: Brettscheider, G.; Lehmann, C. (eds.), 1980, p.292-99.

BORBA, F.S. Uma gramática de valências para o português. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Dicionários de usos da língua portuguesa*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BRONCKART, J – P. *Atividade de linguagem, textos e discurso: por um interacionismo socio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.

BYBEE, J. *Morphology*. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

BYBEE, J.; PERKINS, R. D; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the language of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

BYBEE, J.; THOMPSON, S. Three frequency effects in syntax. *Berkeley Linguistics Society* 23, 1997, p. 378-88.

BYBEE, J.; HOPPER, P. (orgs.). *Frequency and emergency linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JANDRA, R.; BRIAN, J. (orgs.). *Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003a, p. 602-623.

_____. Cognitive processes in grammaticalization. In: TOMASELLO, M. (ed.) *The new psychology of language*, vol.2. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2003b, p. 145-67

_____. From usage to grammar: the mind's response to repetition. *Project MUSE – Scholarly journals* online, 2005, p. 711-30.

CAPELL, A. *Simple and compound verbs: conjugation by auxiliaries in Australian verbal systems*. Rapporteur's introduction and summary. In: R.M.W. Dixon (ed.), 1976.

CASTILHO, A. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. *ALFA*, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Marília, v.12, p.7-135, 1967.

_____. A gramaticalização. In: *Revista de estudos lingüísticos e literários*. Salvador: UFBA, 25-64. 1997.

_____. *Unidirectionality or multidirectionality?* São Paulo. Comunicação ao XII Seminário of Functional Syntax, USP. Digitado, 2002a.

_____. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE; RODRIGUES (orgs.). *Gramática do português falado.v.VIII: novos estudos descritivos*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2002b.

CHEVALIER, J. La notion d'auxiliaire verbal: origine et développement. In: SHYLDKROT, H.B. *et alii*. Les auxiliaires : délimitation, grammaticalisation et analyse. *Langages*, nº 135,1999. p. 22-32.

CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. The Hague: Mouton, 1957.

COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CORÔA, M. L. *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. Brasília: Thesaurus, 1985.

COSERIU, E. Aspect verbal ou aspects verbaux? Quelques questions de théorie et méthode. In: *La Notion d'Aspect*, p.13-25. s/d.

_____. *Gramática, Semántica, Universales* (Estudos de Lingüística Funcional). Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1978.

CRYSTAL, D. *A dictionary of linguistics and phonetics*. 2ª ed. Oxford: Basil Blackwell, 1985.

CUENCA, M.J. & HILFERTY, J. *Introducción a la lingüística cognitiva*. Barcelona: Editora Ariel, S.A, 1997.

CUNHA, C.; CINTRA, L.F.L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa, 1984.

CUNHA, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

DANĚŠ, F. On Prague School functionalism in linguistics. In: R. DIRVEN & FRIED (eds). *Functionalism in linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1987, p.3-38.

DeLANCEY, S. *On functionalism*. Lecture. LSA Summer Institute. Santa Bárbara, 2001. Disponível em: www.uoregon.edu/~delancey/sb/LECT01.htm. Acesso em: 07 set. 2005.

DIETRICH, W. *Der periphrastische Verbalaspekt in den romanischen Spraech*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1973. [versión española de Marcos Martínez Hernández (revisada por el autor): *El aspecto verbal perifrástico en las lenguas románicas*. (Estudios sobre el actual sistema verbal das lenguas románicas y sobre el problema del origen del aspecto verbal perifrástico). Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1983].

DIK, S. C. *Functional grammar*. Dordrecht-Holland/ Cinnaminson: Foris Publications, 1979.

_____. Formal and semantic adjustment of derived constructions. In: BOLKESTEIN, A.M.; GROOT, C.; MACKENZIE, J.L. (eds.). *Predicates and terms in functional grammar*. Dordrecht-Holland/ Cinnaminson: Foris Publications, 1985.

_____. *Studies in functional grammar*. London/New York: Academic Press, 1980.

_____. *The theory of functional grammar*. vols 1 e 2. ed, by HENGVELD (Kees). Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.

DOLZ; SCHNEUWLY. *Genres et progression en expression orale et écrite: Élément de réflexions à propos d'une expérience romande*. Enjeux, 37-8, p.49-75. Namur: Facultes Universitaires Notre-dame de la Paix, Bélgica, 1996.

DU BOIS, J. Competing motivations. In: R. Tomlin. *Coherence and Grounding in discourse*. Amsterdam: Benjamins, [1985].1987.

_____. *Discourse and the ecology of grammar: strategy, grammaticization, and the locus*. Rice Symposium, ms, University of California: Santa Barbara, 1993.

DUARTE, I.; BRITO, A.M. Predicação e classes de predicadores verbais. In: MATEUS, M.H. *et al. Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Caminho, 2003.p.181-203.

DUCROT, O. *Provar e dizer: linguagem e lógica*. São Paulo: Global Editora, 1981.

EPIPHANIO, A. (1917). *Syntaxe histórica portuguesa*. 3ª ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1970.

FAUCONNIER, G. Pragmatics and escales and logical structure. *Linguistic Inquiry*, v. VI, n. 3, 1975, p. 353-375.

FENTE, R; FERNÁNDEZ, J; FEIJÓO, L.G. *Perífrasis verbales*. Madrid: Edi 6, 1983.

FIGUEIREDO-GOMES, J.B.; PENA-FERREIRA, E. (orgs.) *Corpus mínimo de textos escritos em língua portuguesa*. Lisboa, 2006. (no prelo)

FILLMORE, C. J. Case for caso reopened. In: COLE, P.; SADOCK, J. (eds.). *Syntax and semantics*. Vol. 8 Relações gramaticais. London: Academic Press, 1977.

FONTAINE. *O círculo lingüístico de Praga*. São Paulo: Cultrix, 1978.

FURTADO DA CUNHA, M.A. A negação do português: uma perspectiva pancrônica. In: FURTADO DA CUNHA (org.) *Procedimentos discursivos na fala de Natal: uma abordagem funcionalista*. Natal (RN), EDUFRN, 2000.

GALVÃO, V. C.C. *O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

_____. *Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil: os usos da expressão ‘diz que’*. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2001.

GARCIA, E. Auxiliaries an the criterion of simplicity. *Language* 43, 4: 853-70, 1967.

GIVÓN, T. Historical syntax and synchronic morphology: an archaeologist ‘ field trip. *Chicago Lingusitic Society* 7: 394 –415, 1971.

_____. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In: GIVÓN, T. *Syntax and semantics: discourse and syntax*, v.12. Nova York: Academic Press, 1979.

_____. T. *Syntax I*. Nova York: Academic Press, 1984.

_____. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamin's, 1995.

_____. *Syntax. An introduction*. Vol.1. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 2001.

GONÇALVES, A. Aspectos da sintaxe dos verbos auxiliares do português europeu. In: GONÇALVES, A. *et al. Quatro estudos em sintaxe do português*. Lisboa: Edições Colibri, 1995, pp.7-50.

GONÇALVES, A.; COSTA, T. *(Auxiliar a) Compreender os verbos auxiliares: descrição e implicações para o ensino do português como língua materna*. Lisboa: Edições Colibri. Cadernos de Língua Portuguesa, 2002. v. 3.

GONÇALVES, S.C.L. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

GONÇALVES, V. *Aspectos da gramaticalização no português*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

_____. Gramaticalização: conceito, causas e processos. In: *Caderno de Letras*. Belo Horizonte: 1994. vol.1

HAIMAN, J. The iconicity of grammar: isomorphism and motivation. *Language*, 1980.

HALLIDAY, M. Notes on transitivity and theme in English. *Journal of Linguistic*, v. 3, Parte I: p.37-81, 1967.

_____. Language structure and language function. In: LYONS, J. (ed.) *New horizons in linguistics*. Harmondsworth: Penguin, 1970.

_____. The functional basis of language. In: BERNSTEIN, B. (ed.). *Class, codes and control*. London: Routledge and Kegan Paul, 1973.

_____. The place of functional sentence perspective in the system of linguistic description. In: DĀNES, F. (ed.). *Papers on functional sentence perspective*. Prague: Academia Publishing House of the Czechoslovak Academy of Sciences, 1974.

_____. *An introduction of functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

_____. *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. Oxford University Press, New York, 1993.

HEINE, B.; RECH, M. *Grammatical categories in African languages*. Hamburgo: Helmut Buske, 1984.

HENGVELD, K. (ed.). *Dik: the theory of functional grammar 2*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.

_____. Layers and operators in Functional Grammar. *J. Linguistics*, n.25, p. 127-157, 1989.

_____. *The architecture of a functional discourse grammar*. Preliminary version. Amsterdam, 2000.

HOPPER, P & THOMPSON, S.A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*. V. 56(2), Baltimore, 251-99, 1980.

_____. The discourse basis for lexical categories in universal grammar. *Language* 60: 703-83, 1984.

HOPPER, P. *Emergent grammar*. In Jon Aske, Natasha Beery, Laura Michaelis and Hana Filip, eds. Berkeley Linguistic Society 13, 1987.

_____. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E & HEINE, B. *A approaches to grammaticalization*, v.1 Amsterdam: Benjamins, 17-37, 1991.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E.C. *Grammaticalization*. Cambridge University Press, 1993.

ILARI, R. *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

JAKOBSON, R.; HALLE, M. *Fundamentals of language*. Haia: Mouton, 1956.

JAKOBSON, R. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.

KURYLOWICZ, J. The evolution of grammatical categories. *Diogenes* 51:55-71. Reprint: KURYLOWICZ, J. . *Esquisses linguistiques II*. München:W. Fink (International Library of General Linguistics,37), 1975. p.38-54.

_____, J. *The Inflectional Categories of Indo-European*. Heidelberg: Winter, 1964.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors; we live by*. Chicago an London: The University of Chicago Press, 1980.

LAMIROY, B. Auxiliaires, langues romanes et grammaticalisation. In: SHYLDKROT, H.B. *et alii*. Les auxiliaires : délimitation, grammaticalisation et analyse. *Langages*, nº 135,1999.p. 33-45.

LEECH, G. *Principles of pragmatics*. London: Longmans, 1983.

LEHMANN, C. *Thoughts on grammaticalization: a programmatic sketch*. Colônia: Arbeirendes Kölner Universalien – Projekts 48, 1982.

_____. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdan/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1988, p.181-225.

LOBATO, L. Os verbos auxiliares em português contemporâneo. In: LOBATO, L. *et al.(orgs.)*. *Análises lingüísticas*. Petrópolis: Vozes, 1975.

LONGO B. O. & CAMPOS, O. S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE M. B. & RODRIGUES, A. C.S.(orgs.) *Gramática do português falado*. Vol. VIII: novos estudos descritivos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

LUFT, C.P. *Dicionário prático de regência verbal*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MACKENZIE, J. L. *What is functional grammar?* Comunicação apresentada no xx Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes. Zurique, Suíça, MS, 1992.

MARTELOTTA, M.E. ; VOTRE, S. ; CESÁRIO, M. M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1996.

MARTELOTTA, E. M.; AREAS, E.K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. IN: FURTADO DA CUNHA, M.A.; OLIVEIRA, M.R.de.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 17-28.

MARTINET, A. Qu'est-ce que la linguistique fonctionnelle? *ALFA*, V.38, P.11-18, 1994.

MATTOS E SILVA, R. M. V. *Gramaticalização numa perspectiva diacrônica : contribuições baianas*. Comunicação ao GT de Sociolinguística do Encontro Nacional da ANPOLL, 2002.

MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. In: MEILLET. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1912.

MICHAELIS. *Moderno dicionário de língua portuguesa*. São Paulo: Companhia de Melhoramentos, 1998.

NARO, A.; BRAGA, M.L. A interface sociolinguística/gramaticalização. *Gragoatá*, 9. p. 125-134, 2000.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. *A gramática funcional*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

NICHOLS, J. Functional theories of grammar and discourse. In: *Annual Review of Anthropology*. v.43, 1984, p.97-117.

NOGUEIRA, M. T. As expressões *isto é*, *ou seja* e *quer dizer*. In: NEVES, M. H. M. (org.). *Descrição do português: definindo rumos de pesquisa*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001. p. 37-47.

_____. Considerações sobre o funcionalismo lingüístico: principais vertentes. In: FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). X SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA: Lingüística funcional: a interface linguagem e ensino. Natal: Editora UFRN, 2006.

OLBERTZ, H. *Periphrastic aspect in Spanish*. Working papers in functional grammar. University of Amsterdam, 1989.

OLIVEIRA, F. Tempo e aspecto. In: MATEUS, M.H. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Caminho, 2003.

PALMER, F.R. Why auxiliaries are not main verbs. *Lingua* 47: 1-25, 1979.

_____. *Mood and modality*. Cambrigde: Cambrigde University Press, 1986.

PAUL, H. *Princípios fundamentais da história da língua*. 2ª ed. Trad. de Maria Luísa Schemann. Lisboa: Calouste Gulbenkian. 1983. ed.1870.

PENA-FERREIRA, E. *Padrões funcionais da língua portuguesa: aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos*. Dissertação de Mestrado. Belém: UFPA, 2002.

_____. A auxiliarização de *chegar*. In: NOGUEIRA, M. T. (org.) *Estudos lingüísticos de orientação funcionalista*. Fortaleza: Edições UFC/GEF, 2007, p. 532-542.

PEZATTI, E. G. O funcionalismo em lingüística. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A.C. (orgs). *Introdução à Lingüística – Fundamentos Epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.

POGGIO, R. M.G.F. *Relações expressas por preposições no período arcaico do português em confronto com o latim*. Tese de Doutorado. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 1999.

_____. Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista. Salvador: EDUFBA, 2002.

PONTES, E. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis: Vozes, 1973.

POTTIER, B. Sobre el concepto de verbo auxiliar. In: *Lingüística Moderna y Filología Hispánica*. Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editora Gredos, 1976. pp. 194-202.

PRIDEAUX, G.D. Processing strategies: a psycholinguistic neofunctionalism? In: R. DIRVEN & FRIED (eds). *Functionalism in linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1987, p.297-308.

RAMAT, P. Introductory paper. In: HARRIS, M.; RAMAT, P. (eds). *Historical development of auxiliaries*. Berlin/New York/Amsterdam: Mouton de Gruyter, 1987.

RAVIN, Y.; LEACOCK, C. Polysemy: an overview. In: RAVIN, Y.; LEACOCK, C. (eds.) *Polysemy: theoretical and computational approaches*. Oxford University Press, 2002.

RODRIGUES, A. “*Eu fui e fiz essa tese*”: as construções do tipo *foi-fez* no português do Brasil. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2006.

ROSS, J.R. Auxiliaries as main verbs. In: Todd (ed), 1969.

SAID ALI (1908). *Dificuldades da língua portuguesa*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1965.

_____ (1927). *Gramática secundária da língua portuguesa*. 6ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

_____ (1931). *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. 19 ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

SHYLDKROT, H. B. Présentation les auxiliaires: délimitation grammaticalisation et analyse. In: SHYLDKROT, H.B. *et alii*. Les auxiliaires : délimitation, grammaticalisation et analyse. *Langages*, nº 135,1999. p. 3-7.

SILVA, M.A. *O processo de gramaticalização do verbo ir*. Dissertação de Mestrado – UFRN, Natal, 2000.

STEELE, S. *The category AUX is a language universal*. In: Greemberg (ed), 1978.

STEELE, S. *et al*. *An encyclopedia of AUX : a study in cross-linguistic equivalence*. (Linguistic Inquiry Monographs, 5.) Cambridge, Mass./London : MIT Press, 1981.

SOARES BARBOSA, J. (1822). *Grammatica Philosophica da lingua portugueza ou principios da grammatica geral applicados à nossa linguagem*. 5ª ed. Lisboa : Typographia da Academia Real de Ciências. 1871.

TAVARES, M.A. *Transitividade em construções como o verbo “pegar”*. (no prelo).

TESNIÈRE, L. *Eléments de syntaxe structurale*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1959.

THOMPSON, S. A. *A discourse explanation for the cross-linguistic difference in the grammar of interrogation and negation*. Santa Barbara : UCSB, 1995.

TRAUGOTT, E & HEINE, B. *A approaches to grammaticalization*, v.1 Amsterdan: Benjamins, 1991.

TRAUGOTT, E. Pragmatics strengthening and grammaticalization. *Berkeley Linguistics Society*, v.14, 1988.

TRAUGOTT, E.; KÖNIG, E. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization. V.1: Focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin's, 1991.

TRAVAGLIA, L.C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 3ª ed. Universidade Federal de Uberlândia, 1994.

_____. A gramaticalização de verbos. In: HENRIQUES, C.C. (org.). *Linguagem, conhecimento e aplicação – estudos de língua e lingüística*. Rio de Janeiro. Editora Europa, 2003a. p. 306-321.

_____. Verbos gramaticais – verbos em processo de gramaticalização. In: FIGUEIREDO, C. A.; MARTINS, E.; TRAVAGLIA, L.C.; MORAES FILHO, W. B. (orgs.) *Língua(gem): reflexões e perspectivas*. Uberlândia: EDUFU, 2003b. p. 97-157.

VOTRE, S. Um paradigma para a lingüística funcional. In: MARTELOTTA, M.E. et al. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1996. p.27 – 43.

WERNER; KAPLAN. *Symbol formation: an organismic-developmental approach to language and the expression of thought*. New York/ London/ Sidney: Wiley and Sons, 1963.